

484



REG: 3889

PÁG: 00022

LIV: 0002

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

TÍTULO DA PEÇA : "O COELHINHO PITOMBA"

	DISTRIBUIÇÃO
AUTOR : "MILTON LUIZ"	
PROCESSO:	
20534/71-DFSP	
10188/71-SRA	
25615/71-DFSP	
52752/71-SRA	
00400/76-SRA-Cópia	
09348/76-SRA-Cópia	
26709/76-SRA	
09209/76-SR/BA	
35067/76-SRA	
26540/77-SRA	
28699/77-SRA	
10733/76-SRA	
11543/78-SRA	
11259/78-SRA	
14357/78-SRA	
09516/79-SRA	
11566/80-DCDP	



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
SERVIÇO DE TEATRO

D. F. S. P.
020534 -7 JUN 71

2

Belém, 31 de maio de 1971

OF. ST - 86/71

Do: Coordenador do Serviço de Teatro da Universidade Federal do Pará

Ao: Delegado da Policia Federal em Brasilia.

Assunto: Solicitação (faz)

Prezado Senhor:

A Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará prepara-se para montar a peça "O COELHINHO PITOMBA", de Milton Luiz, no Teatro da Paz, em Belém, como parte das atividades do Grupo de Teatro Infantil.

2. Por essa razão estamos encaminhando a V.Sa. o mencionado texto em três (3) vias, a fim de que sob sua superior apreciação nos seja fornecido o competente certificado de censura.

3. Segue, em anexo, também a autorização da SBAT, referente a liberação mediante paga dos direitos do autor da mencionada peça.

4. Comunicamos a V.Sa. que essa montagem já foi iniciada razão porque solicitamos a V.Sa. a maior brevidade no envio do Certificado de Censura.

5. Aproveito o ensejo para reiterar a V.Sa. protestos de consideração e elevado apreço.

.....
Dr. Luiz Martins de Aragão.

Resp.p.Coordenadoria do

S.T.U.F.P.

Ilmo. Sr.
Delegado da Policia Federal em Brasilia
Edificio do B.N.D.E. - 4º ANDAR
BRASILIA - DISTRITO FEDERAL

DPF
7 9 73
Recebido

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920. —



Afilada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

3

Direitos de Representação Autorização Nº 159131

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: **O COELHINHO PITOMBA ******

Original de **Milton Luiz ******
Música de
Tradução de
No Teatro ********* Cidade **Belém - Pará**
Emprêsa **Teatro da Univ. Fed. do Pará** Pela Cia. *********
nos dias ***** mês de julho de 1971 ******

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de **10 % (dez por cento)** da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ **30,00 ******* por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Belém, 26 de **maio** de **1971**

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946

Peça infantil, prólogo e 2 atos.

MILTON LUIZ

CENÁRIO ÚNICO: Trecho de floresta

Papeis:

COELHINHO PITOMBA

DONA ONÇA MATILDA

URSO RICARDO

PAPAGAIO OTAVINHO

CENÁRIO - Três entradas para coxia. Uma com detalhes da casa* de coelho, à esquerda, Cutra com detalhes da casa* da onça, à direita. Ao centro, no fundo, fuga para* o interior da floresta. No meio do palco uma espó-* cie de praça na floresta, vendo-se em primeiro pla- no, a boca de um poço, com telhadinho, roldano com* lata para apanhar água, cordinha, etc. algumas ár-* vores, plantas rasteiras.

PRÓLOGO

Ouve-se música de roda, em gravação, ou cantada ao vivo pelos atores, fora de cena. Para de repente. Entram, o coelho, vindo de sua casa, o papagaio e o urso que surgem da fuga que dá para o interior* da floresta. Cantam e dançam, fazendo ritmo com pl- mas. A música é à vontade do diretor.

- COELHO - Eu gosto de couve - De mim ninguém zomba - Você que me cou-
ve, Me diga depressa: Qual é o meu nome?
- OS OUTROS - Coelhinho Pitomba?
- COELHO - Como é que eu me chamo?
- OS OUTROS - Coelhinho Pitomba!
- COELHO - Sou muito esperto, Da onça eu fujo, quando ela aparece, *
não fico por perto. Qual é o meu nome?
- OS OUTROS - Coelhinho Pitomba!
- COELHO - Como é que me chamo?
- OS OUTROS - Coelhinho Pitomba!
- COELHO - Os dois amiguinhos, que trago comigo, se a onça aproxima,
me dizem depressa:
- URSO - Coelhinho sai dessa!
- PAPAGAIO - Lá vem o perigo!
- COELHO - Qual é o meu nome?

- COELHO - Como é que eu me chamo?
- OS URSOS - Coelhoinho Pitomba!
- COELHO - (À platéia, cumprimentando).
- Alô, crianças! Como é mesmo o meu nome? (Espera resposta)
(Urso começa a a chupar um imenso pirulito colorido e o * Papagaio descasca uma banana) Pois é, o meu nome é Coelhoinho Pitomba. Muito prazer em conhecer vocês todos. Sabem * de uma coisa? Eu nasci aqui nesta pracinha da floresta. * Aqui eu almoço, janto, vou à escola, porque eu sou muito estudioso também brinco com dois amiguinhos que eu tenho e... (reflete) puxa vida! Vocês viram como eu sou avoado?. Can- * tei, dansei, pulei, disse um montão de vezes o meu nome, * felei nos meus dois amiguinhos e me esqueci de apresentá- * los à vocês. Me desculpen, está bem? Então vamos começar. (indica o Urso) Este gordão muito guloso que está chupando um pirulito, é o meu bom amigo o Urso Ricardão.
- URSO - (cantando e dansando)
Sou gordinho e durmo demais, mas no fundo sou um bom rei
(bis)
- COELHO - (Indica o Papagaio) E este, é o bom Otavinho, o amiguinho do papagaio.
- PAPAGAIO - (idem) - Gosto de cantar e de falar também, não troco o * meu puleiro, nem por um vintém! (bis)
- COELHO - (à platéia) - Vocês gostaram dos meus amiguinhos? !
Muito bem, agora nos vamos brincar de roda com todos vocês, que tal? Vamos cantar " Atirei o apu no gato", está bem?
(começam à cantar em volta do poço) (Quando vão repetir a música, a Onça urra ao fundo de dentro da sua casa) (Pânico).
- COELHO - Vocês ouviram esse urro?! ... Cruzes! É a dona onça Matilda! (outro urro) Ela hoje está mais furiosa do que nunca, tenho que fugir! (outro urro) Até logo, meus amiguinhos!
(sai correndo e entra em casa; Urso e Papagaio ficam em * cena e se esgueiram num canto do palco).
- ONÇA - (Sai de sua casa. Entra pulando e cantando) (furiosa)
- Quem viu? Quem viu? Quem viu?
Um coelhinho que é uma bomba! (bis)
Um coelhinho chamado Pitomba?!
- URSO - Pitomba?
- PAPAGAIO - Coelhinho?
- ONÇA - (urra) - Quem viu?
- OS DOIS - (com medo) - Pitomba ... Coelhinho ...? ...

- ONÇA - (urra) - Sim, quem viu?
- OS DOIS - (saindo) - Nós não ... vimos! ... (saem correndo)
- ONÇA - (Só enrgica) - Não importa! Eu hei de encontrar o le-
vado! E quando isso acontecer ... (Mímica) ... nhéco!
... Ah, que delícia! Vou transformá-lo em guisado! (Par-
te em direção à sua casa) (Pano Rápido ou Escuro)

FIM DO PRÓLOGO

PRIMEIRO ATO

(Abre-se o pano. A cena fica vazia por uns segundos. Aparece o urso, pé ante pé, examina tudo como quem procura algo. Um tempo. Chama o papagaio)

- URSO - Otavinho! Otavinho, pode vir, a dona onça já foi embora!
- PAPAGAIO - (de dentro) - Tem certeza, Ricardão? Procura mais um*
pouquinho, tá? Depois eu vou.
- URSO - (grita para dentro) - Está bem, eu vou procurar mais.
(procura atrás do poço) Atraz do poço não está! (Olha
comicamente dentro da latinha, Bate várias vezes no *
fundo da mesma) Dentro da lata também não está! (gri-*
tando) Pode vir, Otavinho, ela foi embora sim.
- PAPAGAIO - (Entra olhando em redor) - Ué, cadê o Pitomba?
- URSO - Sei lá. Ele saiu na disparada assim que a dona onça *
chegou. Você sabe, o maior sonho da dona onça é fazer*
um guisado do Pitomba!
- PAPAGAIO - Pois é, você não acha isso uma bobagem?
- URSO - Eu acho. Mas você sabe como ela é teimosa.
- PAPAGAIO - Agora, uma coisa eu também sei: o coelhinho é muito *
mais esperto do que ela.
- URSO - É por isso que a dona onça fica cada dia mais furiosa.
- PAPAGAIO - Ainda bem que ela nunca cismou de fazer guisado da gen-
te ...
- URSO - A implicância dela é com o Pitomba.
- PAPAGAIO - Deve ser porque ela não consegue pegá-lo nunca.
- URSO - É, você tem razão. A dona onça pense que é inteligente,
mas o coelhinho é muito mais.
- PAPAGAIO - Se é! (riem às gargalhadas) Ricardão, que tal a gente
dar uma corrida até o outro lado da floresta? ...
- URSO - Ótimo! Estou louco para fazer exercício! (faz movimento)

dois, etc.)

- PAPAGAIO - Ah, eu também quero brincar! Vamos pular carniça?
- URSO - Ótimo! Vamos sim, abaixe aí, (o papagaio se abaixa. O urso toma distancia e faz a primeira tentativa prá pular o * papagaio. Não consegue. Faz a segunda. Idem. Na terceira, os dois se esbarracham no chão, exaustos.)
- URSO - Puxa, como estou cansado! É melhor a gente dar um passeio pela floresta.
- PAPAGAIO - Vamos convidar o Pitomba?
- URSO - Vamos, sim. Vou bater na porta dele. chamando e batendo * palmas) Coelhoinho Pitomba! (silêncio) Coelhoinho Pitomba! (silêncio) Acho que ele não está!
- PAPAGAIO - (Tomando a frente) - Está sim. Duvido que ele saia de casa sem a gente. (vai chamar) Coelhoinho Pitomba? Coelhoinho Pitomba? ... (pausa) Será que não está mesmo?! ... (os * dois ficam distraídos)
- COELHO - (Pula em cena, saindo de casa, gritando ao mesmo tempo - Quem é que está me chamndo?! (os dois se assustam).
- OS OUTROS - (voltam-se. depois do susto)
- Nós, você não ouviu?
- PAPAGAIO - Por que não respondeu?
- COELHO - (Tomando cena) - Vocês pensam que eu sou bôbo, é? Se a dona onça estivesse por perto, ouvisse minha voz e soubesse* que eu estava em casa, pronto! adeus sossego! Ela ia ficar me vigiando o tempo todo!
- URSO - Ela foi embora. Não tem perigo!
- PAPAGAIO - Coelhoinho, quer passear com a gente? Vamos dar uma corrida até o outro lado da floresta, é mais difícil eu fugir dela. Não vou, não.
- URSO - Puxa vida, Pitomba, você nem parece nosso amigo. Nós não * dissemos que ela foi embora?!
- PAPAGAIO - Foi, sim. Olha aqui, eu juro! (gesto de juramento).
- URSO - Eu também juro. (gesto igual),
- COELHO - Está bem, eu vou com vocês. Mas se ela não aparecer, eu fico de mal por toda vida.
- OS OUTROS - Certo. Então vamos.
- COELHO - Esperem um pouquinho. Vou aproveitar e encher o meu baldinho no poço da floresta. Assim, se ela aparecer de repente, eu tenho bastante água guardada. Vou buscar o baldinho. (sai).

- PAPAGAIO (Gritando prá dentro) - Não demore, sim, Pitomba?
- URSO - Queremos passar bastante.
- COELHO - (De dentro) - Eu volto logo. Esperem um pouquinho!
- PAPAGAIO - (À sós com o urso) - Ricardão, quem sabe, um dia, a gente podia fazer uma coisa muito boa?
- URSO - Que coisa muito boa? (pensa) Ah, já sei. Comprar um montão de doces e comer tudo!
- PAPAGAIO - Não!
- URSO - Ou então, 50 litros de mel bem docinho. Eu adoro mel! mastiga* em seco).
- PAPAGAIO - Não é nada disso, seu guloso! (pausado e explicado) Quem sabe se a gente podia fazer a dona onça e o coelhinho ficarem bons* amigos?!
- URSO - Ah, duvido muito. Você sabe que ... (interrompendo ao ouvir o urro da onça dentro de casa) (os dois se colocam de costas em frente à casa do coelho, tentando avisá-lo, com mímicas exageradas, da possível aparição da onça) Ao mesmo tempo, o coelho e a onça aparecem em suas respectivas portas, os dois continuam o jogo de mímica. A onça não vê o coelho nem ele a ela. O coelho no entanto é visto pela plateia).
- COELHO - (Entra rápido na casa) - Ah, esqueci o balde! (desaparece).
- ONÇA - (Que ficou em cena espantada. Sem entender as gesticulações* do urso e do papagaio) - Ah, vocês estão aí? (reparando mais) mais o que é isso? Nunca ví coisa mais estranha! Vocês enloqueceram?! ...
- URSO - (gesticulando e tentando disfarçar) - Não é nada, dona oncinha . É que eu e Otavinho estamos brincando de surdo - mudo!... (exagera mais nos gestos) .
- ONÇA - Surdo-mudo? Então como é que você está falando ...
- URSO - (Guaguejando) - é que ... é que... eu ... eu... sou ... * sou ... o surdo. O Otavinho é que é o mudo ... não é, Otavinho ?..
- PAPAGAIO - (resmungando, imitando o mudo) - Hum! hum! hum!
- URSO - (rápido) - Viu? viu?
- ONÇA - Pois sim, vocês não me enganam . Tenho certeza de que estão * me escondendo alguma coisa. Ah, mas eu vou descobrir. Vou sim. (Saída falsa)
- COELHO - (sem ver a onça, nem os sinais dos dois , aparece na porta e grita) - Pessoal !!!! (dá com a onça que ainda não acabou de sair, esconde-se atrás do papagaio).

- Quem gritou? Eu ouvi alguém gritar!
- URSO - (Tremendo de medo) - A senhora está cismada, dona * oncinha. Ninguém gritou.
- ONÇA - Eu ouvi muito bem alguém gritar assim: "Pessoal"!
- URSO - A senhora ouviu mesmo?
- ONÇA - Claro. E não vou embora enquanto não descobrir quem * gritou.
- URSO - (Como quem teve uma idéia) - Ah, dona oncinha, já sei * quem gritou!
- ONÇA - Quem foi?
- URSO - (depressa) - O papagaio, o papagaio, Foi êle quem gri-
tou! (Reações do papagaio)
- ONÇA - Foi, é? Muito bom. Então eu quero ouvi êle gritar de
nôvo.
- URSO - Mas dona onça (A platéia) Ih! e agora, como é *
que vai ser?! ...
- ONÇA - Ande, vamos, seu urso espertinho, estou esperando!
- URSO - Está esperando, é? Está bem. (medroso) Otavinho, Grita
ta "pessoal" de nôvo pra dona onça ouvi! ...
- PAPAGAIO - (resmunga nervoso, sem saber o que fazer) - Hum!, hum!
...
- ONÇA - (furiosa) Já estou perdendo a paciência!
- PAPAGAIO - (respira fundo, resmunga alto como quem vai falar)
- COELHO - (Atrás do papagaio, grita ao mesmo tempo) - Pessoal!
...
- URSO - (Feliz) - Está vendo como foi êle que gritou?! ... *
(Papagaio abre os braços e balança o corpo procurando
do esconder mais o coelho)
- ONÇA - (Que esteve o tempo todo olhando o papagaio) - Vocês
pensam que me engana, é?
- URSO - Mas quem está querendo enganar a senhora?
- ONÇA - (premeditada) - Foi êle quem gritou, não foi?
- URSO - Foi. A senhora mesma ouviu.
- ONÇA - Ah, que gracinhas! ... muito bem. Então, se foi mesmo
o papagaio quem gritou, como é que êle não mexeu com *
boca?
- URSO - (Pensa rápido) - E porque êle é mudo!
- ONÇA - Mudo? Então como é que eu ouvi a voz dele?

- URSO -- (Pensa rápido) - É porque é mudo, ventriloquo!
- ONÇA -- Ventriloquo? ... O que é isso? ...
- URSO -- Ventriloquo é uma pessoa que fala pelo peito com a boca fechada.
- ONÇA -- Ah é? (repara) e porque é que ele está de braços abertos?
- URSO -- E porque nos estamos brincando de surdo-mudo e ele é um mudo que pensa que é um passarinho!
- ONÇA -- Eu, hein? ... Que brincadeira mais boba! Vou embora!
- URSO -- Adeusinho, dona onça! (Onça sai) pode se mexer, Pitomba, * ela já foi embora! (Papagaio e Coelho se movimentam)
- COELHO -- Meninos, que susto! que onça mais teimosa, não queria acreditar em vocês, não foi mesmo?
- PAPAGAIO -- Você nos deu um trabalhão!
- COELHO -- É, mas o susto que levei não foi pequeno. Bem, deixem eu encher o meu baldinho!
- PAPAGAIO -- Depressa, coelhinho!
- ONÇA -- (voz de dentro) - Vocês me enganaram seus moleques! (pânico. O Coelho, sem saber o que fazer, mete o balde na cabeça e se agacha atrás do poço, protegido pelo urso que tapa a visão da onça) (entra a onça)
- URSO -- (ao vê-lo, fingindo) - Olá, dono oncinha, ...
- PAPAGAIO -- (idem) - Há quanto tempo! ...
- URSO -- Já estávamos morrendo de saudade! ...
- ONÇA -- (estranhando) - Eu vi vocês dois conversando com mais alguém!
- URSO -- Nós? Não é possível! Pode ver se tem mais alguém aqui!
- ONÇA -- Vou ver mesmo! (começa a procurar em volta do poço, enquanto o papagaio e o urso acompanham os seus movimentos e o urso * sempre tendo o coelho sobre sua proteção. Quando estão voltando a posição inicial, o balde cai na frente do poço. Coelho * continuou escondido) É, não tem mais ninguém mesmo! (Vê o * balde caído) Achei!!!
- URSO E PAPA -- (Sem perceber que ela se refere ao balde) - Nossa!!!
GAIO
- ONÇA -- Vocês, hein?!
- URSO E PA -- Nós, o que?!
PAGAIO
- ONÇA -- Espertinho! Sabiam que o meu balde estava aqui e não me disseram nada!

- URSO E PAPAGAIO - (Alívio - Ah ...
- ONÇA - (Parte em direção ao balde) - Vou correndo guardar o por-
brezinho!
- URSO - (Temendo que lea veja o coelho, corta) - Não, não dona *
onça. A senhora está enganada! Esse balde é meu!
- PAPAGAIO - É, sim, dona onça, eu sou testemunha!
- ONÇA - Então, onde é que está o meu? Já o procurei por toda par-
te.
- URSO - Vai ver, a senhora o esqueceu na floresta. (os dois fa-
zem marcas em volta da onça tentando impedir que ela se *
aproxime do balde que caiu perto do coelho).
- PAPAGAIO - Ah! Agora me lembro! ... Onte, a senhora foi com ele na *
casa da dona girafa!
- ONÇA - Mas esse aí é igualzinho ao meu. Eu conheço pela alça. *
Vou ver. (parte)
- URSO - (Cortando) - Dona onça! (ela pára) Que côr é a alça do
seu?
- ONÇA - (Diz uma côr que não seja do baldinho que está no chão)
(anda mais em direção do balde).
- URSO - A dêsse aí é ... (diz a côr verdadeira (ela pára).
- ONÇA - (Enpurrando o urso) - Deixa eu ver, saia da frente! (pe-
ga o balde rápido e conclui) É, a alça dêste é de, outra
côr! (entrega o balde ao urso que o recoloca no chão) *
(onça toma cena, de costa para os dois, falando distroí-
da) Mas que coisa gozada, é tão parecido! (aos dois, *
sem olhar) De quem é mesmo esse balde?
- COELHO - (Grita de trás do poço) disfarça a voz) - Meu!
- ONÇA - Volta-se furiosa) Quem falou?
- OS DOIS - Ninguém, dona onça!
- ONÇA - Vocês estão zombando de mim? Quem falou?
- URSO - Mas quem está zombando da senhora? Ninguém falou.
- ONÇA - Bem, por esta vez passa. (Vai saindo pela platéia).
- COELHO - (Põe a cabeça acima do poço e grita com voz disfarçada)
- Dona onça malhada! (esconde de novo) os dois fazem *
"psiu")
- ONÇA - Volta furiosa) (aos dois) - Quem me chamou de onça ma-
lhada? Eu detesto apelidos!
- URSO - (Riso amarelo) - E a senhora não é uma onça malhada?!

- ONÇA - Não senhor, seu bôlo-Fôfo! (dá-lhe uma palma na barriga) *
Eu sou uma onça pintada! Há muita diferença! ... (desfila *
vaidosa)
- URSO E PA-
PAPAGALIO - (Aproveitam que ela conversou e gritam batendo palmas) - *
Muito bem! Já ganhou! Rainha da floresta!
- ONÇA - (grita furiosa) - Não disfarcom, não! Eu quero saber quem *
me chamou de onça malhada?!
- URSO - Ninguém, dona onça, puxa, como a senhora é desconfiada!
- PAPAGALIO - É sim, dona onça, e eu acho que a senhora está ficando malu-
ca! o que, seu atrvido?! ... (Corre atrás do papagaio, em *
círculo. O urso por sua vez, corre atrás da onça gritando *
" perdoa êle, dona onça" - falas livres. Tudo em volta do *
poço. O coelho, para não ficar a descoberto corre atrás do *
urso, meio agachado. Quando completam a primeira volta em *
torno do poço, o coelho consegue dar uma paumada na onça. Ela
pensa que foi o urso. Se volta e muda a direção da corrida.*
Desta vez o coelho se agarra nas costas do urso e êle é obri-
gado a correr de costas. Em dado momento o papagaio e o urso
desse para a plateia. O coelho consegue se esconder de novo*
atrás do poço. A onça prefere descer também, agora perseguin-
do sempre o urso. O coelho, ao se ver sozinho sai do escon-
derijo e fica torcendo do meio do palco. Grita pelo urso e
pelo papagaio para que voltem. Coelho ajuda o papagaio su-*
bir. Urso não consegue subir e cai. A onça sempre perseguindo
os dois. Forma-se a maior confusão no palco. Por fôrça da *
marca, há um momento em que o coelho e onça se encontram cara
a cara).
- ONÇA - (Ao deparar com o coelho, dramática) - Coelhoinho Pitomba!!!
- COELHO - (idem) - Dona onça maldita! (onça avança. O coelho dribla*
onça em volta do poço. Fazem êsse jogo enquanto funcionar. *
Derrepente, o coelho tropeça e a onça finalmente consegue *
agarra-lo)
- ONÇA - Peguei !!! (canta enquanto amarra o coelho no poço)
O coelho é esperto - Mas eu sou muito mais. (bis), samba,
samba, samba, coelho na panela da Matildinha! ... (bis)
música de samba lélé) (apanha rápido um caderninho com lá-
pis) Bem, vejamos agora uma receita de guisado de coelho! ... *
(anotando) Um caldeirão bem cheio de de água fervendo ...
- COELHO - Água fervendo não, dona onça. Água morna é melhor! (urso
e papagaio estão planejando alguma coisa. marcas).
- ONÇA - Não me interrompa!

- COELHO .. - Então põe água gelada! Assim eu bebo a água!
- ONÇA - (Continua) - Cinco latinhas de pimenta do reino ...
- COELHO - Pimenta não, dona onça, me dá alergia ...
- ONÇA - E daí?
- COELHO - Eu vou ficar espirrando dentro da panela!
- ONÇA - Eu tampo a panela!
- COELHO - Eu viro "pipoca"!
- ONÇA - Cale-se! (continua) Cinco latinhas de pimenta do reino ...
- COELHO - (Espirra forte) - Atchim!!!
- URSO E PAPA-
GAIO - Saúde!
- COELHO - Obrigado!
- ONÇA - (Conclusiva) - ... três comprimidos contra espirro!
(continua) Sete colheres de sal grosso ...
- COELHO - Sal grosso? Por que a senhora não põe açúcar? Eu gosto *
mais de açúcar? Eu gosto mais de açúcar!
- ONÇA - (Distraída) Ah, é! Eu também gosto mais de açúcar! ...
(tom) (caiem si) Não me confunda, açúcar é para sobre
mesa! (continua) Duas xícaras de vinagre, alho pimentão,
tomate, salsa ... (pensa) Acho que é só!
- URSO - (Que já chegou a um acôrdo com o papagaio) - Dona onça,
a senhora esqueceu a cebola!
- ONÇA - (Vai ao urso que está longe do local onde está o coe-*
lho) - Ah, é mesmo! Quatro cebolas grandes ... em rode-*
las ou picadinhas? ... (enquanto isso o papagaio vai de
mensinho e desamarra o coelho e volta para o seu lugar)
- URSO - (continuando) - Azeitonas ... (Olha prá ver se o coe-
lho já fugiu).
- ONÇA - (Anota) - Quatro latas de azeitonas ...
- URSO - (Vê que o coelho já foi desamarrado) - Agora já está*
bom, dona onça!
- ONÇA - Ótimo! Vamos ao guisado! (vira-se).
- COELHO - (À porta de sua casa) - Dona onça Matilda, uh! uh! *
(foge)
- ONÇA - (Parte na direção do coelho, mas o urso e o papagaio.*
lhe barram o caminho. Onça sai furiosa para sua casa).

SEGUNDO ATO

Mesmo cenário. Abre-se o pano. O papagaio está em cena, dormindo ao lado do poço. Ronca alto e se mexe como quem está tendo um pesadelo.

- URSO - (Entra tristonho e cabisbaixo. Vê o papagaio) - Otavinho! Otavinho, acorde Otavinho!
- PAPAGAIO - (fala dormindo) - Não, não, seu lobo, a corda, não!
- URSO - (Sacode o papagaio) - Acorde, Otavinho! Acorde!
- PAPAGAIO - (Fala dormindo) - Não, não, seu lobo, a corda, não!
- URSO - (Sacode o papagaio) - Acorde, Otavinho! Acorde!
- PAPAGAIO - (Sobressaltado) - Ai, que susto! Que pesadelo horrível!
- URSO - Você já pensou, Otavinho?! ... Ninguém vai resistir! ... Três meses é muito tempo.
- PAPAGAIO - É sim. O Coelhoinho Pitomba nem ligou! Disse que sabia como resolveu o problema! É o que ele pensa!
- ONÇA - (Aparece feliz, cantarolando. Traz dois pedaços de táboas, martelinho, pregos, veste um avental com bolsos) * (finge que não vê os dois) (cantarola) Oh, que dia tão feliz! Trá-lá - lá - lá - lá - lá! ... Trá-lá -lá-lá-lá-lá lá ... etc. (aos dois, como que risse agora) Olá, queri dinhos, que lindo dia, não é? (canta baixo).
- URSO - É, mas isso agora não importa. Estamos muito preocupados.
- ONÇA - Preocupados com o quê, meus amorzinhos?
- PAPAGAIO - Então a senhora ainda não sabe?
- ONÇA - O que é que eu não sei?
- URSO - Da seca, da seca, dona onça. O professor coruja disse * que durante três meses não vai chover nadinha. E todos * os rios vão secar.
- ONÇA - É verdade? Ora, não faz mal.
- PAPAGAIO - Não faz mal?! E onde nós vamos beber água?
- ONÇA - Vocês, não sei. Quanto à mim sou a única na floresta que tenho poço em casa. E ele é bem grande e bem fundo! Com * licença, tenho muito o que fazer. (Começa a pregar as * táboas na boca do poço)
- URSO - Prá que essas táboas, dona onça?
- ONÇA - Porque de hoje em diante, ninguém mais vai apanhar água * no poço da onça Matilda. & Bem, com licença, preciso trabalhar (Cantarola alto, Os dois saem cabisbaixos)
- ONÇA - (Continua fazendo cena. Para súbito. Pensativa) Espe-*

rem! ... Mas que estúpida que eu sou! ... Se proibir*
de apanharem água no meu poço, jamais conseguirei exe-
cutar o meu plano: pegar o coelhinho Pitomba! lógico!
Os rios já estão quase sem água e eu sou a única pes-
soa na floresta que tem um poço ... (pausa) Mas es-
perem ... ah, é isso mesmo! onça Matilda, você é for-
midável! ... (chama musical) meus amiguinhos, onde *
estão vocês?! ... Ricardão! Otavinho! ... venham aqui
um instante! ... tenho uma grande notícia: para to-
dos! ...

- URSO - (Entrando com o papagaio) - A senhora chamou a gente?
- ONÇA - Sabem? estive pensando bem: se vocês não tiverem en-
de beber água, naturalmente irão embora para outra *
floresta.
- OS DOIS - Claro!
- ONÇA - Pois é, então, o que me adianta ter um poço tão gran-
de, tão fundo, e só para mim?!
- URSO - Mas a senhora disse que ninguém ...
- ONÇA - Eu disse, mas agora não digo mais. (Tirando as tá-
boas) Estão vando? Vou fazer umas boas fogueiras com *
essas táboas. O poço da onça Matilda agora é de todo
mundo!
- URSO - Que bom! Otavinho, vamos apanhar nossos baldes. (Sa-*
em correndo)
- ONÇA - Cantarola misteriosa, fazendo caras). (Os dois voltam
com os baldes. A onça ajuda os dois. Vão saindo) - *
É, e por favor, digam ao Pitomba que venha apanhar *
água também. Não precisa ter medo.
- URSO - Está bem, dona onça. Nos diremos sim. E muito obriga-
dos.
- PAPAGAIO - Nós vamos agora na casa do Pitomba prá avisar a ele.
Até logo, dona onça. (Os dois entram na casa do coe-
lho. O urso tem dificuldade porque é gordo. Balança, *
mas entra).
- ONÇA - (Só) - E agora... uma surpresa para o nosso coelhinho!
Esperem só! (Saem) (aparece o urso, o papagaio e o
coelho)
- URSO - (Vem puzando o coelho que está com medo) - Pode vir,
- PITOMBA - Não tem ninguém.
- COELHO - Eu ainda não estou convencido. Conheço bem a dona onça.

- URSO - Olha só como ela até retirou as táboas que estavam tampando o pocinho!
- JOELHO - (Observa) - Ah, é verdade! Será que ela mudou mesmo?
- URSO - Nem tenha dúvidas! Sabe por que? A dona onça ficou com medo de nós todos irmos embora e ela ficar sozinha aqui na floresta!
- PAPAGAIO - Ela agora está tão boazinha, que até nos ajudou a encher os nossos baldes.
- COELHO - Então ela mudou mesmo! ...
- URSO - Estamos dizendo!
- COELHO - Parece mentira ... (Onça aparece, vê os três e se esconde)
- URSO - Eu e Otavinho vamos contar prá todo mundo a boa nova. Assim ninguém precisa ficar com medo da seca.
- COELHO - Isso mesmo. Assim que eu encher o meu balde, vou encontrar com vocês (os dois saem em direção à floresta e o coelho prá sua casa).
- ONÇA - (Aparece. Cantarola e dá pulinhos de alegria) - Ah, enfim o grande momento! Mãos à obra! (Tira do bolso duas enormes cenouras e um longo fio de Nylon er-vólto em folhas. Amarra as cenouras numa ponta, prêsas a um ganchinho de arame, segura na outra ponta e vai correndo se esconder em sua casa, ao ouvir um ruído qualquer vindo da casa do coelhinho. Antes colocou a ponta com as cenouras no meio da praça, perto do pocinho).
- COELHO - (Entra feliz trazendo o baldinho) - Ainda bem que a dona onça resolveu ficar boazinha. Tenho certeza que assim ela vai conseguir arranjar muitos amiguinhos. O pessoal da floresta nem vai acreditar. (Vai encher o balde e depara com as cenouras) Ora, vejam só que lindas cenouras! (Vai abaixar, recua para outro lado) Será que não pertence a alguém? (Nesse momento, do seu esconderijo, a onça dá um puxão no fio sem que o coelho veja) Mas quem deixaria duas cenouras tão lindas aqui no meio da praça? Ninguém, é claro. (Mesmo jôgo) Bem, se o dono aparecer de repente, eu devolvo as cenouras, não é mesmo? (Onça dá mais um puxão) Ah, elas estão com fôlha e tudo. Devem ter nascido aqui por engano! (Mesmo jôgo. Onça idem) Esperem, será que tem alguém olhando?
- COELHO - (Olha em volta) - Não, ninguém! (Vai decidido apanhar as cenouras) (nisso, a onça se atrapalha nos seus movimentos e continua puxando lentamente o fio, crente que o coelho não está vendo. Coelho observa espantado) - Ué a cenoura está andando sozinha?! Será que a cenoura é mági

- a dona onça!) Coelho faz mímica de quem percebeu que*
as cenouras mudaram de lugar e conclui que é mais*
um truque da onça. Gesto de silêncio prá criança. *
Fazendo caras de suspense, retira as cenouras do gan-
chinho e sai pé ante pé prá sua casa).
- ONÇA - (Alheia ao que se passou, dá mais um puxão. Outro. *
Percebe o silencio. Puxa com força e surge em cena ao
mesmo tempo que deu o puxão para abocanhar o coelho
que lea supõe estar tentando apanhar as cenouras. *
Constata que as cenouras desapareceram. Sapateia fu-
riosa) - Esse coelho me paga !!! (Sai bufando prá *
casa).
- URSO - (Com o papagaio, voltando, do passio) - Você viu, *
Otavinho? A dona Girafa ficou tão contente com a no-*
tícia que até resolveu fazer um vestido novo, só prá*
vir apanhar água no poço da dona onça.
- PAPAGAIO - É, mas só à muito custo que a lebre Vandeca acredi-*
tou na estória!
- URSO - Ora, porque ela é prima do Pitomba! (entra a onça *
bufando e trazendo uma enorme espingarda).
- ONÇA - (aos dois) - Saiam da frente, não quero ver ninguém!
Estou de mal humor! (coloca-se em guarda na frente
do poço).
- URSO - Ué, que foi que houve dona onça?
- ONÇA - (furiosa) - Já disse que estou de mal humor!
- PAPAGAIO - Estamos vendo ...
- URSO - E para que esta espingarda?
- ONÇA - Prá que? Ah, foi bom (Dá com a espingarda na cabeça
do urso) você perguntar!
- PAPAGAIO - Calma, dona onça
- ONÇA - Essa espingarda é o meu primeiro aviso!
- URSO - Aviso de que? (O coelho aparece, sem ser visto, e *
se esconde para ouvir)
- ONÇA - Aviso de que ninguém mais vai apanhar água no meu po-
ço! quem aparecer leva chumbo! ... (coelho sai).
- PAPAGAIO - Mas a senhora tinha dito ...
- ONÇA - Tinha dito, mas agora não estou dizendo mais!
- URSO - E qual vai ser o segundo aviso?
- ONÇA - (urando) - Um canhão !!!
- PAPAGAIO - Por favor, Ricardão, não pergunta qual vai ser o ter-

URSO

- (Saindo com o papagaio) - E agora o que vai ser de nós

ONÇA

- (só, triunfante) - Agora o Pitomba vai ver! Vou me vangloriar de tudo! de tudo! (ouve-se, fora de cena, um * cantarolar estranho. A onça fica apostos) que será isso? Que voz mais esquisita? (ouve) não consigo reconhecer essa voz ... de quem será? .

COELHO

- (entra " vestido de arvore. Roupão de morim ou luizi-me marron escuro, cortado inteiro da cabeça aos pés. * Mangas compridas. Buracos para sairem as orelhas, os * olhos e a boca. Folhas verdes (pencas de samambaia ** funcionam) costuradas na cabeça, nos braços e até a metade do tonco. Tráz o balde meio encoberto de folhas. Solfeja com a voz estranhissima . Vai direto ao poço. A roupa de arvore encobre totalmente o coelho, ficando apenas as orelhas de fora) (Coelho entra fingindo * que não vê a onça. Canta com a música de "eu fui no * tororó", dança espalhafatosamente forçando a onça a correr pelo palco.)

Eu venho da floresta
 Estou cansada de andar
 Procuro um pocinho
 Prá minha sede matar
 Onde é que tem?
 Onde é que tem?
 Um pouquinho d'água
 Prá mim da meu bem!

Ah, eu estou tão cansadinha, estou andando há três dias e três noites procurando um pocinho e nada de encontrar. (Repet o fim da música) Acho que vou me sentar um pouquinho prá descansar... (Com meneios de velho, senta-se junto ao público).

ONÇA

- Ei, quem é você?

COELHO

- Vem à cla) - Eu sou uma pobre árvore cheia de sede.

ONÇA

- Árvore?! Eu nunca vi árvore andar e falar.

COELHO

- A senhora desculpe a falta de modéstia, mas é que eu * sou uma árvore muito inteligente.

ONÇA

- Ah, é? Meus parabéns! Com licença, estou muito ocupada.

COELHO

- Acho melhor eu ir embora. Já perdi a esperança de encontrar um poço nesta floresta. (Finge que só agora * vê o poço! Que sorte! Um poço bem perto de mim e eu * nem tinha visto! Será que não é uma miragem?

ONÇA

- Não é o meu poço

... licença, minha gentil senhora, posso encher o meu

- ONÇA - (Dá com a espingarda) - Alto lá! Ninguém, nem mesmo uma árvore, pode apanhar água no poço da onça Matilda!
- COELHO - Não! A senhora se chama Matilda? Que lindo nome! (Estende a mão) Muito prazer, dona Matilda.
- ONÇA - (Aponta a espingarda) - Não quero intimidades!
- COELHO - Desculpe a pergunta, mas por que é que a senhora está tão zangada?
- ONÇA - Zangada? Eu estou mais do que zangada!
- COELHO - Talvez eu possa ajudar ... Quer que eu segure a espingarda para a senhora?
- ONÇA - Nada disso! Afaste-se!
- COELHO - Mas a senhora está zangada com quem?
- ONÇA - Com todo mundo! Principalmente com esse pestinha do Pitomba.
- COELHO - (Disfarça). - Pitomba - Que nome gozado! Não conheço ninguém com esse nome. Quem é Pitomba?
- ONÇA - É um coelho que vive me fazendo de bôba, mas hoje eu vou acabar com a farra dele!
- COELHO - Dona Matilda, eu tive uma idéia: eu fico aqui tomando conta do seu poço, enquanto isso, a senhora vai procurar esse tal de Pitomba e se vinga de tudo. Em troca, a senhora deixa eu apanhar água. Que tal?
- ONÇA - Nada feito. Eu mesma quero ficar vigiando o meu poço.
- COELHO - Mas a senhora vai ficar muito cansada.
- ONÇA - Não faz mal. (Intrigada) Mas por que é que a senhora está tão interessada em me ajudar?
- COELHO - É porque eu não posso voltar prá casa sem levar água para outras árvores. E a senhora sabe o que vai acontecer se nós, as árvores, não tivermos água para beber?
- ONÇA - Sei, sim. Vocês vão ficar com mais sede ainda.
- COELHO - Não é só isso. Nós vamos ficar tão fraquinhas que nem vamos poder produzir frutas gostosas prá alimentar os bichos da floresta!
- ONÇA - Não vai ter mais fruta nenhuma?
- COELHO - Nenhuma!
- ONÇA - Nem jabuticabas?
- COELHO - Nem jabuticabas, nem melancias!
- ONÇA - Que pena, eu sou louca por jabuticabas.

- COELHO - Pois é, até as jabuticabeiras vão secar se não tiverem* água prá beber! (Onça vai ficando preocupada) E ainda* tem mais: as nossas fôlhas vão cair todinhas, uma por * uma. E aí quando a senhora estiver debaixo do sol, suan- do de calor, bufando com a língua de fora, nós vamos po- der fazer nem uma sombrinhas prá proteger a senhora.
- ONÇA - (Mais preocupada) - Ih, é tão bom comer jabuticabas... debaixo de uma sombra bem grande, então, nem se fala. Puxa, eu nem tinha pensado nisso. Água faz mesmo muito* falta, não é? Então está bem, dona árvore, a senhora * venceu! Pode vir apanhar água todos os dias. Mas só a* senhora, está bem? E não conte a ninguém, ouviu?
- COELHO - Pode confiar em mim, dona Matilda! (Enche o balde).
- ONÇA - E se a senhora quiser, pode trazer umas jabuticabas prá mim ...
- COELHO - Umas não, amanhã a senhora vai ganhar uma cesta cheia de jabuticabas bem fresquinhas.
- ONÇA - A senhora é muito bondosa!
- COELHO - (Saindo) - Até amanhã, dona onça, muito obrigadinha.
- ONÇA - (Dando "Adeusinhos") - Não se esqueça das jabuticabas! (Coelho saiu. Ouve-se fortes ruidos na cochia) (Grito prá dentro) Cuidado prá senhora não cair!?
- COELHO - (De dentro) - Agora é tarde, querida, já me esborra-** chei toda!
- ONÇA - (Ri. À plateia) - É sempre bom a gente ter uma árvore por perto nos dias de calor. E aquela foi muito gen-* til ... (Pausa Sorri) Agora estou me lembrando ... * (Começa a rir) ... ela tinha umas orelhas tão engraça- da ... (Ri mais) (pára espantada) Eu disse orelhas? * (Frisa) Eu disse orelhas?! ... (Desesperada) Não !!! Era o coelhinho Pitomba! (Chora. Nesse momento, apare- cem o urso e o papagaio que se escondem prá observar a cena) (a onça fala lenta e tristemente) Matilda, minha pobrezinha, tenho a impressão de que você vai passar a vida inteira perseguindo o coelhinho Pitomba! (Outro * tom) É mesmo? (Tom) Claro! E nunca, nunquinha, você * vai conseguir fazer aquele tão sonhado guisado! Buááá- ááá ... Buááááá (Sai chorando) (o urso e o papagaio * tomam a cena).
- URSO - Você ouviu isso?
- PAPAGAIO - Claro que ouvi, não sou surdo. (Choro do coelhinho na* cochia. Os dois se escondem).

Mas no fundo, no fundo, é um bobão muito grande! (Outro * tom) E você é um atrevido muito grande! (Tom) Atrevido, eu? Mas eu sou você viu como você é bobão? (Tom) Então eu * sou mesmo bobão! ... (Tom) Coelhoinho Pitomba, você acha * que é divertido não fazer outra coisa a não ser viver fugin do da onça Matilda? (Tom) Eu não acho divertido não, mas se eu não fugir da dona onça, eu viro guisado! (Pensa) Ah! tive uma idéia! ... Vou me mudar para uma floresta bem lon ge daqui, convido os meus dois amiguinhos, aí fico livre * da dona onça por tôda vida! Vou arrumar minha malinha! ... (Sai) .

- URSO - (Volta com o papagaio) - Você ouviu isso, também?
E agora?
- PAPAGAIO - E agora? Você se lembra quando eu disse uma vez que nós * dois podíamos fazer um negócio muito bom?
- URSO - Deixa eu pensar. (pausa) Ah, me lembro sim! Você disse que a dona onça e o coelho deviam ser amigos!
- PAPAGAIO - Isso mesmo ! Você notou os dois estãp preocupados?
- URSO - É claro que notei! (Dotoral) Otavinho, você é um gênio! Vamos acabar com a briga dos dois! (A platéia) querem * ver? Vocês querem que eles dois fiquem amiguinhos?! (Espe- ra a resposta) Atenção! (Chamndo) Dona onça Matilda?!
- ONÇA - (De dentro) - Quem ousa interromper a minha tristeza?
- URSO - Venha cá um instantinho... por favor ...
- ONÇA - (Entra, chorosa) - Eu não quero viver a vida inteira perse guindo o coelho Pitomba! (Chora mais)
- URSO - Calma, dona onça, não precisa chorar tanto. Nós já resol- vemos tudo!
- ONÇA - Resolveram tudo, como?
- URSO - Que tal a senhora e o coelho, se tornarem bons amigui- * nhos? !
- ONÇA - Eu, amiga do coelho? e o meu guisado?
- URSO - Ora, dona onça, existe uma porção de guisado muito gostosos, sem ser de coelho! Escuta: todo mundo sabe que guisado de * cenoura com carne sêca é o melhor que existe.
- PAPAGAIO - É sim, dona onça, eu já provei. É tão gostoso!
- ONÇA - É mesmo?
- PAPAGAIO - Depois nós damos a receita para a senhora .
- ONÇA - (A platéia) - Então, todos nós vamos chamar o coelho Pi tomba! Já! (Dando ritmo a criançada) Coelhoinho Pitomba! *

- COELHO - Coelhinho Pitomba! Etc. (Forma-se enorme gritaria).
(Pula em cena) - Que gritaria é essa na minha porta?
- PAPAGAIO - Nós queremos brincar com você.
- COELHO - Nossa! Pensei que fôsse um terremoto! ... (Outro ** tom) Como é que vocês podem pensar em brincar, quando eu, pobre de mim! - Só tenho que viver fugindo e fugindo da onça Matilda. (Chora).
- URSO - Ora, Pitomba, não chores mais. Se você quiser, não * precisa mais fugir da dona onça, e vamos brincar todos juntos, se a dona onça não descansa enquanto não comer um guisado do coelho Pitomba?!
- PAPAGAIO - Seu bôbo, ela está louca prá ser sua amiguinha!
- COELHO - Dona onça quer ser minha amiguinha?
- URSO - É, sim. Quer que eu te dê uma prova?
- COELHO - Que prova?
- URSO - Eu vou chamar a dona onça, preste atenção.
- COELHO - Vai chamar a dona onça? Então, deixa eu me escond- * der atrás de você? (Esconde-se atrás do urso)
- URSO - Atenção! (Chama) Dona onça Matilda! Qual é o prato * que a senhora gosta mais?
- ONÇA - (Dê trás do poço) - Guisado de cenoura com arne sê ca !
- COELHO - Será que eu ouvir direito?
- ONÇA - (idem) - Ouviu sim!
- PAPAGAIO - Então, Pitomba, Podemos trazer a dona onça?
- COELHO - Não sei, não. (Pergunta a platéia) Que é que vo- * cês acham? Eu e a dona onça devemos ser amiguinhos? Vocês acham que sim? Então, está bom, podem trazer a donã Onça.
- PAPAGAIO - Dona onça, podem vir ! (A onça vem fazendo " charro" pisca pisca para o coelho. Ele respinde igual).
- COELHO - Hum, ela está tão esquisita!
- ONÇA - Seu coelhinho Pitomba ! Uh! ... Uh! ... (Faz um tra- jeito de bailarina).
- COELHO - Eu acho que ela vai dansar ballet!
- PAPAGAIO - (Corrigindo) - Não, coelhinho, ela está de bota !
- COELHO - É mesmo. Faz a pose de novo, dona onça.
- ONÇA - Seu coelhinho Pitomba! Uh! ... Uh! ... (exagera os * trejeitos).

- COELHO - Ah, é yê-yê-yê! (Faz passos de dança, galanteador) **
 Dona onça Matilda, uh! ... uh! ... (Ela aproxima, os
 dois dão as mãos e falam ao mesmo tempo:)
- ONÇA E COELHO - Vamos ser amiguinhos? 23
- URSO - (Tomando cena) - E assim termina!
- PAPAGAIO - (Idem) - A história engraçada!
- COELHO - (Aponta a onça) - É da oncinha pintada! (Os personagens
 dão as mãos e se inclinam em agradecimento). Um *
 momento! Dona oncinha, que tal se nós todos cantássemos
 a musiquinha do Coelhoinho Pitomba? (Todos pulam e
 batem palmas).
- ONÇA - Que bom! Que bom (Reflete) Mas acontece que eu não *
 sei a letra e nem a música!
- COELHO - Não tem importância. Nós cantamos uma vez sòzinhos, de
 pois a senhora acompanha a gente está bem?
- ONÇA - Ótimo! Podem começar vou prestar atenção.
- COELHO - (Canta com o urso e o papagaio a música do coelhinho)
 - E então, dona onça já aprendeu?
- ONÇA - Já, escute só. (Canta sòzinha os dois primeiros versos
 em seguida, todos cantam, com ritmo de palmas) (No *
 momento em que a letra é: " Como é meu nome? Coelhoinho
 Pitomba! Como é que eu me chamo? Coelhoinho Pitomba!" *
 A onça se destaca do grupo e sapateia enfurecida no *
 proscênio)
- OS OUTROS - (Ficam assustados e se afastam)
- ONÇA - (Autoritária) Que negócio é êsse?!
- COELHO - (Sem compreender) - Que foi que houve, dona onça?
- ONÇA - (Explicativa) - Como é que eu me chamo?
- TODOS - Ah, é! Fazem reverencia em volta da Dona onça) Matilda!
 (Saem de cena de mão dadas cantando a música do prolo
 go).

FIM DA PEÇA



24

TÍTULO O COELHINHO PITOMBA-De Milton Luiz

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA- LIVRE

Peça infantil narrando as peripécias do coelhinho Pitomba e seus companheiros de folguedos, o urso e o papagaio, sempre tramando alguma artimanha contra a zangada onça.

Concluo pela liberação sem restrições da presente peça.

Do Técnico de Censura,

Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes

Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes-Cart.020

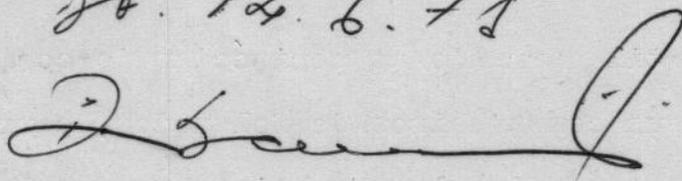
Brasília, 13 de Junho de 1971

13.06.71
Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes

Sr: Chef:

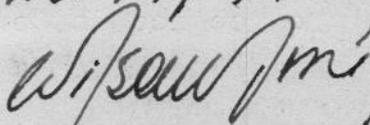
TRATA-SE DE PEÇA
INFANTIL já censurada
anteriormente: LIVRE

14.6.71



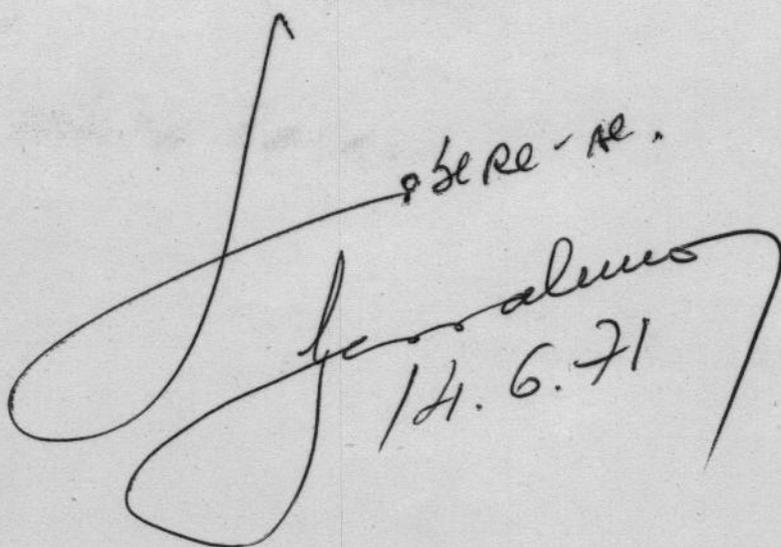
De acordo.

Em: 14/6/71.



WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe da Seção de Censura

Receber
14.6.71





BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0036, p. 27

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3889/71

PEÇA * O COELHINHO PITOMBA *

ORIGINAL DE MILTON LUIZ

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 17 de JUNHO de 19 76

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

Brasília, 17 de JUNHO de 19 71

Chefe do S. C. D. P.

Geovaldo
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 22, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada * O COELHINHO PITOMBA *

Original de MILTON LUIZ

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de ESCOLA DE TEATRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - BELÉM-PA

Tendo sido censurada em 13 de JUNHO de 19 71 e recebido

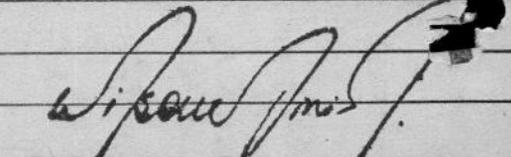
a seguinte classificação: L I V R E (NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE) ::::::::::

::::::::: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO

SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP ::::::::::::::::::::

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL ::::::::::::::::::::

Brasília, 17 de JUNHO de 19 71



WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congeneres
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

MEMORANDO Nº 441/71

Em, 18 junho 1971

26 ✓

Do: Chefe da Seção de Censura do SGDP
Ao: Sr. Chefe da TCDP-DR/DPP- PA
Ass: Providencias (solicita)

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SGDP esteja de acordo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: **O COELHINHO PITOMBA**
Autor: **MILTON LUZ**
Intr: **UNIV. FEDERAL DO PARÁ-**
Endr: **UNIV. FEDERAL DO PARÁ-SERVIÇO DE TEATRO.**

Atenciosamente,

Wilson de Queiroz Garcia
Chefe da Seção de Censura

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO

23 MAR 11 42 AM 10188

ILMO.SR. CHEFE DA CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS DO DFSP

RECEBIDO POR: *CP*

BRASILIA - DF -

28

Sauadações, ■

O abaixo assinado, responsável pelo grupo de amadores PITOMBA, tem a honra de encaminhar a V.S. para fins de revalidação de CENSURA, 3 copias da peça infantil O COELHINHO PITOMBA, de Milton Luiz, para apresentação no Teatro de Arena da Guanabara, no dia 15 de ~~Março~~ ^{Março} de 1971, para tanto anexamos o certificado anterior expedido em 14 de Setembro de 1967.

Sem outro assunto, subscrevo-me com a maior consideração.

Rio, 22 de Março de 1971

Milton Luiz



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

119-GB

TEATRO

N.º DE REGISTRO

TÍTULO DO FILME: YXXX PEÇA - O GOELHINHO PITOMBA

PRODUTOR: YXXX AUTOR - MILTON LUIZ

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, e Decreto 1.134, de 4-6-62)



Válido até 14 de SETEMBRO de 19 68

Brasília, 14 de SETEMBRO de 19 67



A. Romero Lago

Chefe do S. C. D. P.

A. ROMERO LAGO

CERTIFICADO N.º 119/GB

PEÇAS TEATRAIS

Certifico que, revendo os livros de registro de ~~filmes cinematográficos~~, encontrei sob o n.º 119/GB, livro ~~C-118~~, o registro da ~~filme~~ PEÇA denominada " O COELHINHO PITOMBO "

~~propriedade de~~ X AUTOR: MILTON LUIZ

domiciliado à
produzido pela fábrica
com metros e 01 cópias, censurado em 11 de SETEMBRO de 19 67.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que a referida ~~filme~~ PEÇA de acôrdo com o ~~§ 1.º do art.º 7.º de Decreto 20.495 de 24/1/46~~ modificado pelo Decreto ~~57.008 de 8/3/55~~ fosse ITEM 7, PARÁGRAFO 1º DA PORTARIA SCDP 11/67, FOSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO L I V R E.

SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL
DFSP - DR/CP

Protocolo N.º *119/67*

Recibido em ESTADO DA GUANABARA Brasília, 11 de SETEMBRO de 19 67

Taxa recolhida R\$
(.....)

Departamento de Imprensa Nacional - 21.955
Em
GUILHERME LIMA
Chefe da Seção

Joseleite Otati

SECRETÁRIO
JOSÉ LEITE OTIATI
CHEFE DA SCF/DR/GB/DPF



7º

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 22 de Março de 1971

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Brasília - DF-

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S.,
para fins de CENSURA, ~~duas~~ ^{TRES} cópias da peça:

O COELHINHO PITOMBA, de Milton Luiz

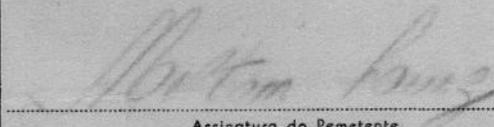
próxima apresentação do Grupo PITOMBA -

no Teatro Arena da Guanabara

com estreia marcada para o dia 15 de Abril de 1971-

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior
consideração,

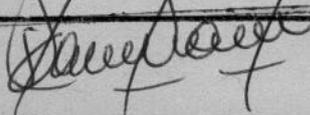
pelo
Djalma Bittencourt
Superintendente

AEREO - RÁPIDO TRANSPORTES LTDA. Rua da Quitanda, 199 — Tels: 223-0877, 243-8468 232-6003 e 232-6026 End. Teleg. TREGAJATO — Rio de Janeiro — GB. Inscr. C.G.C. 33.227.729 Inscr. Estadual 078.745.01			CONHECIMENTO Nº 29942		
Remetente Soc. Bras. de Autores Teatrais Endereço Av. Almirante Barroso, 97-3º Tel. _____ Localidade Rio de Janeiro-GB					
Destinatário Chefe de Censuras de Diver. Publ. do DFSP Endereço Edif. do Bco. Nac. de Desenv. Ec. Setor Bancário Tel. _____ Cidade Brasília Estado DF					
Volumes	Espécie	Pêso	Natureza da Mercadoria (diz conter)		
1	pct	0,200	Impressos		
Nota Fiscal N.º			 Assinatura do Remetente		
Valor Cr\$					
Cópia não negociável					
Obs.			CALCULO		
			Frete	6,00	
Rio 22/03/ de 19 71 Localidade Data			Domicilio		
			Red. Rod. / Fer.		
Por Aéreo Rápido Transportes Ltda.			Ad. valorem		
			TOTAL	6,00	
Preenchido em 6 vias à pedido do expedidor					
O remetente declara estar de pleno acordo com todas as condições constantes no verso deste (conhecimento)					
Não se trata de "CORRESPONDÊNCIA"					

Mod. 12-A 5/70

5.ª VIA - Destinatário

23/03/71



O COELHINHO PITOMBA



Peça infantil,
prólogo e 2 atos,
de MILTON LUIZ

MILTON LUIZ

Estreou como ator profissional em 1954 na Cia. Dercy Gonçalves, onde permaneceu 7 anos. Em seguida, atuou em outros elencos, aparecendo em: "A Escada", "Plantão 21", "Os direitos da mulher", "Antígona", "Os filhos terríveis", "A respeitosa", "A noite de 16 de janeiro", "A megera domada", "Negra meobem", "O segundo tiro", "Sa-

lomé", "Arena contra Tiradentes", "A raposa e as uvas", "Irma la doce". No cinema, participou dos filmes: "A sfalto selvagem", "Carnaval barra limpa", "Engraçadinha depois dos trinta", "Juventude e Ternura", "Massacre no super-mercado", "Antes o verão". Em televisão destacou-se em vários tele-teatros na Tupi e na Globo.

Como autor, "O COELHI-

NHO PITOMBA" é a sua primeira experiência. Escreveu recentemente outra peça infantil "A bruxinha jovem-guarda", ainda inédita.

Sobre "O Coelhoinho Pitomba", assim se expressou o consagrado jornalista Attilio Cerino: "Meu filho de 6 anos já assistiu a pecinha seis vezes, por vontade própria. E se tal não acontecesse, eu o levaria à força, pois me desumbrei com o espetáculo!"

CENÁRIO ÚNICO: Trecho de floresta

PERSONAGENS E INTÉRPRETES ORIGINAIS:

Coelho Pitomba	MILTON LUIZ
Dona Onça Matilda	CORDÉLIA SANTOS
Urso Ricardão	ANTÔNIO MIRANDA
Papagaio Otavinho	WALNEY VIANNA

Direção, cenários e figurinos: ROBERTO DE CLETO

1.^a representação: 27 de setembro de 1967 no **TEATRO JOVEM**
Rio de Janeiro

O COELHINHO PITOMBA

(peça infantil de MILTON LUIZ)

Cenário — Três entradas para a coxia. *uma com detalhes da casa do coelho, à esquerda. Outra com detalhes da casa da onça, à direita. Ao centro, no fundo, fuga para o interior da floresta. No meio do palco, uma espécie de praça na floresta, vendo-se em primeiro plano, a boca de um poço, com telhadinho, roldana com lata para apanhar água, cordinha, etc. algumas árvores, plantas rasteiras.*

PRÓLOGO

Ouve-se música de roda, em gravação, ou cantada ao vivo pelos atores, fora de cena. Pára de repente. Entram, o coelho, vindo de sua casa, o papagaio e o urso que surgem da fuga que dá para o interior da floresta. Cantam e dansam, fazendo ritmo com palmas. A música é à vontade do diretor.

COELHO — Eu gosto de couve
- De mim ninguém zomba -
Você que me ouve,
Me diga depressa:
Qual é o meu nome?

OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba?

COELHO — Como é que eu me chamo?

OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!

COELHO — Sou muito esperto,
Da onça eu fujo,
Quando ela aparece,
Não fico por perto.
Qual é o meu nome?

OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!

COELHO — Como é que eu me chamo?

OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!

COELHO — Os dois amiguinhos,
Que trago comigo,
Se a onça aproxima,

COELHO — Me dizem depressa:
URSO — Coelhoinho, sai dessa!

PAPAGAIO — Lá vem o perigo!

COELHO — Qual é o meu nome?

OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!

COELHO — Como é que eu me chamo?

OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!

COELHO — (À platéia, cumprimentando)
— alô, criançada! Como é mesmo o meu nome? (Espera resposta) (Urso começa a a chupar um imenso pirulito colorido e o Papagaio descasca uma banana) Pois é, o meu nome é Coelhoinho Pitomba. Muito prazer em conhecer vocês todos. Sabem de uma coisa? Eu nasci aqui

nesta pracinha da floresta. Aqui eu almoço, janto, vou à escola, porque eu sou muito estudioso também, brinco com dois amiguinhos que eu tenho e... (reflete) Puxa vida! Vocês viram como eu sou avoado?. Cantei, dansei, pullei, disse um montão de vezes o meu nome, falei nos meus dois amiguinhos e me esqueci de apresentá-los à vocês. Me desculpem, está bem? Então, vamos começar. (indica o Urso) Este gordão muito guloso que está chupando um pirulito, é o meu bom amigo o Urso Ricardão.

URSO — (cantando e dansando)
Sou gordinho e durmo demais,
Mas, no fundo, sou um bom rapaz! (bis)

COELHO — (Indica o Papagaio) — E este, é o bom Otavinho, o amiguinho do papagaio.

PAPAGAIO — (idem) — Gosto de cantar e de falar também,
não troco o meu pileiro,
nem por um vintém! (bis)

COELHO — (à platéia) — Vocês gostaram dos meus amiguinhos?! Muito bem, agora nós vamos vamos brincar de roda com todos vocês, que tal? Vamos cantar "Atirei o pau no gato", está bem? (começam a cantar em volta do poço) (Quando vão repetir a música, a Onça urra ao fundo, de dentro da sua casa) (Pânico)

COELHO — Vocês ouviram esse urro?!... Cruzes! E a dona onça Matilda! (outro urro) Ela hoje está mais furiosa do que nun-

ONÇA

ca, tenho que fugir! (outro urro) Até logo, meus amiguinhos! (sai correndo e entra em casa. Urso e Papagaio ficam em cena e se esgueiram num canto do palco).

(Sai de sua casa. Entra pulando e cantando) (furiosa)

— Quem viu? Quem viu? Quem viu?

Um coelhinho que é uma bomba! (bis)

Um coelhinho chamado Pitomba?!
— Pitomba?

URSO

PAPAGAIO
ONÇA
OS DOIS

ONÇA
OS DOIS

ONÇA

— Coelhinho?

(urra) — Quem viu?

(com medo) — Pitomba...

Coelhinho...?...

(urra) — Sim, quem viu?

(saindo) — Nós não... vi-mos!... (saem correndo)

(Só. Enérgica) — Não importa! Eu hei de encontrar o levado! E quando isso acontecer... (Mímica) ... nhé-co!... Ah, que delícia! Vou transformá-lo em guisado!

(Parte em direção à sua casa)

(Pano Rápido ou Escuro)

FIM DO PRÓLOGO

PRIMEIRO ATO

(Abre-se o pano. A cena fica vazia por uns segundos. Aparece o urso, pé ante pé, examina tudo como quem procura algo. Um tempo. Chama o papagaio)

URSO — Otavinho! Otavinho, pode vir, a dona onça já foi embora!

PAPAGAIO (de dentro) — Tem certeza, Ricardão? Procura mais um pouquinho, tá? Depois eu vou.

URSO (grita para dentro) — Está bem, eu vou procurar mais. (procura atrás do poço) Atraz do poço não está! (Olha cômicamente dentro da latinha. Bate várias vezes no fundo da mesma) Dentro da lata também não está! (gritando) Pode vir, Otavinho, ela foi embora sim.

PAPAGAIO (Entra olhando em redor) — Ué, cadê o Pitomba?

URSO — Sei lá. Ele saiu na disparada assim que a dona onça chegou. Você sabe, o maior sonho da dona onça é fazer um guisado do Pitomba!

PAPAGAIO — Pois é, você não acha isso uma bobagem?

URSO — Eu acho. Mas você sabe como ela é teimosa.

PAPAGAIO — Agora, uma coisa eu também sei: o coelhinho é muito mais esperto do que ela.

URSO — É por isso que a dona onça fica cada dia mais furiosa.

PAPAGAIO — Ainda bem que ela nunca cismou de fazer guisado da gente...

URSO — A implicância dela é com o Pitomba.

PAPAGAIO — Deve ser porque ela não

consegue pegá-lo nunca.

URSO — É, você tem razão. A dona onça pensa que é inteligente, mas o coelhinho é muito mais.

PAPAGAIO — Se é! (riem às gargalhadas) Ricardão, que tal a gente dar uma corrida até o outro lado da floresta?...

URSO — Ótimo! Estou louco para fazer exercício! (faz movimentos exagerados à guisa de ginástica, contando: Um, dois, etc.)

PAPAGAIO — Ah, eu também quero brincar! Vamos pular carniça?

URSO — Ótimo! Vamos, sim, Abaixo aí. (o papagaio se abaixa. O urso toma distância e faz a primeira tentativa pra pular o papagaio. Não consegue. Faz a segunda. Idem. Na terceira, os dois se esbarracham no chão. exaustos).

URSO — Puxa, como estou cansado! É melhor a gente dar um passeio pela floresta.

PAPAGAIO — Vamos convidar o Pitomba?

URSO — Vamos, sim. Vou bater na porta dele. (chamando e batendo palmas) Coelhinho Pitomba! (silêncio) Coelhinho Pitomba! (silêncio) Acho que ele não está!

PAPAGAIO (Tomando a frente) — Está sim. Duvido que ele saia de casa sem a gente. (vai chamar) Coelhinho Pitomba? Coelhinho Pitomba?... (pausa) Será que não está mesmo?!... (os dois ficam distraídos)

COELHO (Pula em cena, saindo de casa, gritando ao mesmo tempo) — Quem é que está me chamando?! (os dois se assustam).

OS OUTROS (Voltam-se. depois do susto) — Nós, você não ouviu?

PAPAGAIO — Por que não respondeu?

COELHO (*Tomando cena*) — Vocês pensam que eu sou bôbo, é? Se a dona onça estivesse por perto, ouvisse a minha voz e soubesse que eu estava em casa, pronto! adeus sossêgo! Ela ia ficar me vigiando o tempo todo!

URSO — Ela foi embora. Não tem perigo!

PAPAGAIO — Coelhinho, quer passear com a gente? Vamos dar uma corrida até o outro lado da floresta!...

COELHO — E se a dona onça aparecer? Lá longe, no meio da floresta, é mais difícil eu fugir dela. Não vou, não.

URSO — Puxa vida, Pitomba, você nem parece nosso amigo. Nós não dissemos que ela foi embora?!

PAPAGAIO — Foi, sim. Olha aqui, eu juro! (*gesto de juramento*).

URSO — Eu também juro. (*gesto igual*).

COELHO — Está bem, eu vou com vocês. Mas se ela aparecer, eu fico de mal por toda a vida.

OS OUTROS — Certo. Então vamos.

COELHO — Esperem um pouquinho. Vou aproveitar e encher o meu baldinho no poço da dona onça. Assim, se ela aparecer de repente, eu tenho bastante água guardada. Vou buscar o baldinho. (*sai*).

PAPAGAIO (*Gritando prá dentro*) — Não demore, sim, Pitomba?

URSO — Queremos passear bastante.

COELHO (*De dentro*) — Eu volto logo. Esperem um pouquinho!

PAPAGAIO (*À sós com o urso*) — Ricardão, quem sabe, um dia, a gente podia fazer uma coisa muito boa?

URSO — Que coisa muito boa? (*pensa*) Ah, já sei. Comprar um montão de doces e comer todo!

PAPAGAIO — Não!

URSO — Ou então, 50 litros de mel bem docinho. Eu adoro mel! (*mastiga em seco*).

PAPAGAIO — Não é nada disso, seu guloso! (*pausado e explicado*) Quem sabe se a gente podia fazer a dona onça e o coelhinho ficarem bons amigos?!

URSO — Ah, duvido muito. Você sabe que... (*interrompendo ao ouvir o urro da onça dentro de casa*) (*os dois se colocam de costas em frente à casa do coelho, tentando avisá-lo, com mímicas exageradas, da possível aparição da onça*) Ao mesmo tempo, o coelho e a onça aparecem em suas respectivas portas. os dois continuam o jogo de mímica. A onça não vê o coelho nem ele a ela. O coelho, no entanto, é visto pela platéia).

COELHO (*Entra rápido na casa*) — Ah, esqueci o balde! (*desaparece*).

ONÇA — (*Que ficou em cena espantada,*

sem entender as gesticulações do urso e do papagaio) — Ah, vocês estão aí? (*reparando mais*) Mais o que é isso? Nunca vi coisa mais estranha! Vocês enloqueceram?!...

URSO (*Gesticulando e tentando disfarçar*) — Não é nada, dona oncinha. É que eu e o Otavinho estamos brincando de surdo-mudo!... (*exagera mais nos gestos*).

ONÇA — Surdo-mudo? Então como é que você está falando?

URSO (*Gaguejando*) — É que... é que... eu... eu... sou... sou o surdo. O Otavinho é que é o mudo... não é, Otavinho?

PAPAGAIO (*Resmungando, imitando mudo*) — Hum! hum! hum!

URSO (*Rápido*) — Viu? Viu?

ONÇA — Pois sim, vocês não me enganaram. Tenho certeza de que estão me escondendo alguma coisa. Ah, mas eu vou descobrir. Vou sim. (*saída falsa*)

COELHO (*Sem ver a onça, nem os sinais dos dois, aparece na porta e grita*) — Pessoal!!! (*dá com a onça que ainda não acabou de sair, esconde-se atrás do papagaio*).

ONÇA (*Volta-se furiosa aos dois, estranhando aquele grito*) — Quem gritou? Eu ouvi alguém gritar!

URSO (*Tremendo de medo*) — A senhora está cismada, dona oncinha. Ninguém gritou.

ONÇA — Eu ouvi muito bem alguém gritar assim: "pessoal"!

URSO — A senhora ouviu mesmo?

ONÇA — Claro. E não vou embora enquanto não descobrir quem gritou.

URSO (*Como quem teve uma idéia*) — Ah, dona oncinha, já sei quem gritou!

ONÇA Quem foi?

URSO (*Depressa*) — O papagaio, o papagaio. Foi ele quem gritou! (*reações do papagaio*).

ONÇA — Foi, é? Muito bem. Então eu quero ouvir ele gritar de novo.

URSO — Mas dona onça... (*à platéia*) Ih! E agora, como é que vai ser?!...

ONÇA — Ande, vamos, seu urso espertinho, estou esperando!

URSO — Está esperando, é? Está bem. (*medroso*) Otavinho. grita "pessoal" de novo prá dona onça ouvir!...

PAPAGAIO (*Resmungando nervoso, sem saber o que fazer*) — Hum! Hum!...

ONÇA (*Furiosa*) — Já estou perdendo a paciência!

PAPAGAIO (*Respira fundo, resmungando alto como quem vai falar*)

COELHO (*Atrás do papagaio, grita ao mesmo tempo*) — Pessoal!...

URSO (*Feliz*) — Está vendo como foi ele quem gritou?!... (*Papagaio abre os braços*)

e balança o corpo procurando esconder mais o coelho)

ONÇA (Que esteve o tempo todo olhando o papagaio) — Vocês pensam que me enganam, é?

URSO — Mas quem está querendo enganar a senhora?

ONÇA (Premeditada) — Foi êle quem gritou, não foi?

URSO — Foi. A senhora mesma ouviu.

ONÇA — Ah, que gracinhas!... Muito bem. Então, se foi mesmo o papagaio quem gritou, como é que êle não mexeu com a bôca?

URSO (Pensa rápido) — E porque êle é mudo!

ONÇA — Mudo? Então como é que eu ouvi a voz dele?

URSO (Pensa rápido) — É porque é mudo ventríloquo!

ONÇA — Ventriloquo?... O que é isso?...

URSO — Ventriloquo é uma pessoa que fala pelo peito com a bôca fechada.

ONÇA — Ah é? (repara) E por que é que êle está com os braços abertos?

URSO — É porque nós estamos brincando de surdo-mudo e êle é um mudo que pensa que é um passarinho!

ONÇA — Eu, hein?!... Que brincadeira mais bôba! Vou embora!

URSO — Adeusinho, dona onça! (onça sai) Pode se mexer, Pitomba, ela já foi embora! (Papagaio e coelho se movimentam).

COELHO — Meninos, que susto! Que onça mais teimosa, não queria acreditar em vocês, não foi mesmo?

PAPAGAIO — Você nos deu um trabalho!

COELHO É, mas o susto que eu levei não foi pequeno. Bem, deixem eu encher o meu baldinho!

PAPAGAIO — Depressa, coelhinho!

ONÇA (Voz de dentro) — Vocês me enganaram, seus moleques! (pânico. O coelho, sem saber o que fazer, mete o balde na cabeça e se agacha atrás do poço, protegido pelo urso que tapa a visão da onça) (entra a onça).

URSO (Ao vê-la, fingindo) — Olá, dona oncinha!...

PAPAGAIO (Idem) — Há quanto tempo!...

URSO — Já estávamos morrendo de saudades!...

ONÇA (Estranhando) — Eu ví vocês dois conversando com mais alguém!

URSO — Nós? Não é possível! Pode ver se tem mais alguém aqui!

ONÇA — Vou ver mesmo! (começa a procurar em volta do poço, enquanto o papagaio e o urso acompanham os seus movimen-

tos e o urso sempre tendo o coelho sob sua proteção. Quando estão voltando à posição inicial, o balde cai na frente do poço. Coelho continua escondido) É, não tem mais ninguém mesmo! (Vê o balde caído) Achei!!!

URSO E PAPAGAIO (Sem perceber que ela se refere ao balde) — Nossa!!!

ONÇA — Vocês, hein?!

URSO E PAPAGAIO — Nós, o que?!

ONÇA — Espertinhos! Sabiam que o meu balde estava aqui e não me disseram nada!

URSO E PAPAGAIO (Alívio — Ah....

ONÇA (Parte em direção ao balde) — Vou correndo guardar o pobrezinho!

URSO (Temendo que ela veja o coelho, corta) — Não, não dona onça. A senhora está enganada! Esse balde é meu!

PAPAGAIO — É, sim, dona onça, eu sou testemunha!

ONÇA — Então, onde é que está o meu? Já o procurei por tôda parte.

URSO — Vai ver, a senhora o esqueceu na floresta. (os dois fazem marcas em volta da onça tentando impedir que ela se aproxime do balde, que caiu perto do coelho).

PAPAGAIO — Ah! Agora me lembro!... Ontem, a senhora foi com êle na casa da dona girafa!

ONÇA — Mas êsse aí é igualzinho ao meu. Eu conheço pela alça Vou ver. (parte)

URSO (Cortando) — Dona onça! (ela pára) Que côr é a alça do seu?

ONÇA (Diz uma côr que não seja a do baldinho que está no chão) (anda mais em direção ao balde).

URSO — A dêsse aí é... (diz a côr verdadeira) (ela pára).

ONÇA (Empurrando o urso) — Deixa eu ver, saia da frente! (pega o balde rápido e conclui) É, a alça dêste é de outra côr! (entrega o balde ao urso que o recoloca no chão) (onça toma cena, de costas para os dois, falando distraída) Mas que coisa gozada, é tão parecido! (aos dois, sem os olhar) De quem é mesmo êsse balde?

COELHO (Grita de trás do poço) (disfarça a voz) — Meu!

ONÇA (Volta-se furiosa) — Quem falou?

OS DOIS — Ninguém, dona onça!

ONÇA — Vocês estão zombando de mim? Quem falou?

URSO — Mas quem está zombando da senhora? Ninguém falou.

ONÇA — Bem, por esta vez passa. (Vai saindo pela platéia).

COELHO (Põe a cabeça acima do poço e grita com voz disfarçada) — Dona onça maldada! (esconde de novo) (os dois fazem "psiu")

ONÇA (*Volta furiosa*) (aos dois) -- Quem me chamou de onça malhada? Eu detesto apelidos!

URSO (*Riso amarelo*) — E a senhora não é uma onça malhada?!

ONÇA — Não senhor, seu bôlo-fôfo! (*dá-lhe uma palmada na barriga*) Eu sou uma onça pintada! Há muita diferença!... (*desfila vaidosa*)

URSO E PAPAGAIO (*Aproveitam que ela conversou e gritam batendo palmas*) — Muito bem! Já ganhou! Rainha da Floresta!

ONÇA (*Grita furiosa*) — Não disfarcem, não! Eu quero saber quem me chamou de onça malhada?!

URSO — Ninguém, dona onça. Puxa, como a senhora é desconfiada!

PAPAGAIO — É sim, dona onça, e eu acho que a senhora está ficando maluca!

ONÇA — O que, seu atrevido?!... (*Corre atrás do papagaio, em círculos. O urso por sua vez, corre atrás da onça gritando "perdôa êle, dona onça" — falas livres. Tudo em volta do poço. O coelho, para não ficar à descoberto, corre atrás do urso, meio agachado. Quando completam a primeira volta em torno do poço, o coelho consegue dar uma palmada na onça. Ela pensa que foi o urso. Se volta e muda a direção da corrida. Desta vez o coelho se agarra nas costas do urso e êle e obrigado a correr de costas. Em dado momento, o papagaio e o urso descem para a platéia. O coelho consegue se escon-*

der de nôvo atrás do poço. A onça prefere descer também, agora perseguindo sempre o urso. O coelho, ao se ver sôzinho sai do esconderijo e fica torcendo do meio do palco. Grita pelo urso e pelo papagaio para que voltem. Coelho ajuda papagaio a subir. Urso não consegue subir e cai. A onça sempre perseguindo os dois. Forma-se a mator confusão no palco. Por força da "marca", há um momento em que o coelho e a onça se encontram cara à cara).

ONÇA (*Ao deparar com o coelho, dramática*) — Coelhinho Pitomba!!!

COELHO (*Idem*) — Dona onça Matilda! (*onça avança. O coelho dribla onça em volta do poço. Fazem êsse jôgo enquanto funcionar. De repente, o coelho tropeça e a onça finalmente consegue agarrá-lo*)

ONÇA — Peguei!!! (*canta enquanto amarra o coelho no poço*)

O coelhinho é esperto —

Mas eu sou muito mais. (*bis*)

Samba, samba, samba, coelhinho

Na panela da Matildinha!... (*bis*) música de samba lêlê) (*apanha rápido um caderninho com lápis*) Bem, vejamos agora uma receita de guisado de coelho! (*anotando*) Um caldeirão bem cheio de água fervendo...

COELHO — Água fervendo não, dona onça. Água morna é melhor! (*urso e papagaio estão planejando alguma coisa. Marcas*).

ONÇA — Não me interrompa!



Cena de O
COELHINHO
PITOMBA, de Milton
Luiz, vendo-se Walney
Vianna, Antonio
Miranda, Cordelia
Santos e o próprio
autor.

COELHO — Então põe água gelada! Assim, eu bebo a água!

ONÇA (Continua) — Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO — Pimenta não, dona onça, me dá alergia...

ONÇA — E daí?

COELHO — Eu vou ficar espirrando dentro da panela!

ONÇA — Eu tampo a panela!

COELHO — Eu viro "pipoca"!

ONÇA — Cale-se! (continua) Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO (Espirra forte) — Atchim!!!

URSO E PAPAGAIO — Saúde!

COELHO — Obrigado!

ONÇA (Conclusiva) — ... três comprimidos contra espirro! (continua) Sete colheres de sal grosso...

COELHO — Sal grosso? Por que a senhora não põe açúcar? Eu gosto mais de açúcar!

ONÇA (Distraída) — Ah, é! Eu também gosto mais de açúcar!... (tom) (caiem si) Não me confunda, açúcar é para sobremesa!

(continua) Duas xícaras de vinagre, alho, pimentão, tomate, salsa... (pensa) Acho que é só!

URSO (Que já chegou a um acôrdo com o papagaio) — Dona onça, a senhora esqueceu a cebola!

ONÇA (Vai ao urso que está longe do local onde está o coelho) — Ah, é mesmo! Quatro cebolas grandes... em rodelas ou picadinhas?... (enquanto isso, o papagaio vai de mansinho e desamarra o coelho e volta para o seu lugar)

URSO (Continuando) — Azeitonas... (Olha prá ver se o coelho já fugiu).

ONÇA (Anota) — Quatro latas de azeitonas...

URSO (Vê que o coelho já foi desamarado) — Agora já está bom, dona onça!

ONÇA — Ótimo! Vamos ao guisado! (vira-se).

COELHO (À porta de sua casa) — Dona onça Matilda, uh! uh! (foge).

ONÇA (Parte na direção do coelho, mas o urso e o papagaio lhe barram o caminho.. Onça sai furiosa para sua casa).

PANO RÁPIDO

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Mesmo cenário. Abre-se o pano. O papagaio está em cena, dormindo ao lado do poço. Ronca alto e se mexe como quem está tendo um pesadêlo.

URSO (Entra tristonho e cabisbaixo. Vê o papagaio) — Otavinho! Otavinho, acorde Otavinho!

PAPAGAIO (Fala dormindo) — Não, não, seu lôbo, a corda, não!

URSO (Sacode o papagaio) — Acorde, Otavinho! Acorde!

PAPAGAIO (Sobressaltado) — Ai, que susto! Que pesadêlo horrível!

URSO — Você já pensou, Otavinho?!... Ninguém vai resistir!... Três meses é muito tempo.

PAPAGAIO — É sim. O Coelhinho Pitomba nem ligou! Disse que sabia como resolver o problema! É o que ele pensa!

ONÇA (Aparece feliz, cantarolando. Traz dois pedaços de táboas, martelinho, pregos, veste um avental com bolsos) (finge que não vê os dois) (cantarola) Oh, que dia tão feliz! Trá-lá-lá-lá-lá-lá-lá! Trá-lá-lá-lá-lá-lá!... etc. (aos dois, como se os visse agora) Olá, queridinhos, que lindo dia, não é? (canta baixo).

URSO — É, mas isso agora não importa. Estamos muito preocupados.

ONÇA — Preocupados com o quê, meus amorezinhos?

PAPAGAIO — Então, a senhora ainda não sabe?

ONÇA — O que é que eu ainda não sei?

URSO — Da sêca, da sêca, dona onça. O professor Coruja disse que durante três meses não vai chover nadinha. E todos os rios vão secar.

ONÇA — É verdade? Ora, não faz mal.

PAPAGAIO — Não faz mal?! E onde nós vamos beber água?

ONÇA — Vocês, não sei. Quanto à mim, sou a única na floresta que tenho poço em casa. E êle é bem grande e bem fundo! Com licença, tenho muito o que fazer. (Começa a pregar as táboas na boca do poço)

URSO — Prá que essas táboas, dona onça?

ONÇA — Porque de hoje em diante, ninguém mais vai apanhar água no poço da onça Matilda & Bem, com licença, preciso trabalhar. (Cantarola alto. Os dois saem cabisbaixos).

ONÇA (Continua fazendo cena. Para sú-

bito. Pensativa) — Esperem!... Mas que estúpida que eu sou!... Se proibir de apanharem água no meu poço, jamais conseguirei executar o meu plano: pegar o Coelhozinho Pitomba! Lógico! Os rios já estão quase sem água e eu sou a única pessoa na floresta que tem um poço... *(pausa)* Mas esperem... Ah, é isso mesmo! Onça Matilda, você é formidável!... *(chama musical)* Meus amiguinhos, onde estão vocês?!... Ricardão! Otavinho!... Venham aqui um instante!... Tenho uma grande notícia para todos!...

URSO *(Entrando com o papagaio)* — A senhora chamou a gente?

ONÇA — Chamei sim.

PAPAGAIO — O que é que a senhora quer?

ONÇA — Sabem? Estive pensando bem: se vocês não tiverem onde beber água, naturalmente irão embora para outra floresta.

OS DOIS — Claro!

ONÇA — Pois é. Então, o que me adianta ter um poço tão grande, tão fundo, e só para mim?!

URSO — Mas a senhora disse que ninguém...

ONÇA — Eu disse, mas agora não digo mais. *(Tirando as táboas)* Estão vendo? Vou fazer uma boa fogueira com essas táboas. O poço da onça Matilda agora é de todo mundo!

URSO — Que bom! Otavinho, vamos apanhar nossos baldes. *(saem correndo)*.

ONÇA *(Cantarola misteriosa, fazendo caras)* *(os dois voltam com os baldes. A onça ajuda os dois. Vão saindo)* — E, por favor, digam ao Pitomba que venha apanhar água também. Não precisa ter medo.

URSO — Está bem, dona onça. Nós diremos sim. E muito obrigados.

PAPAGAIO — Nós vamos agora na casa do Pitomba prá avisar a ele. Até logo, dona onça. *(Os dois entram na casa do coelho. O urso tem dificuldades porque é gordo. Balança, mas entra)*.

ONÇA *(Só)* — E agora... uma surpresa para o nosso coelhinho! Esperem só! *(saí)* *(aparecem o urso, o papagaio e o coelho)*.

URSO *(Vem puxando o coelho que está com medo)* — Pode vir, Pitomba. Não tem ninguém.

COELHO — Eu ainda não estou convencido. Conheço bem a dona onça.

URSO — Olha só como ela até retirou as táboas que estavam tampando o pocinho!

COELHO *(Observa)* — Ah, é verdade! Será que ela mudou mesmo?

URSO — Nem tenha dúvidas! Sabe por que? A dona onça ficou com medo de nós

todos irmos embora e ela ficar sozinha aqui na floresta!

PAPAGAIO — Ela agora está tão boazinha, que até nos ajudou a encher os nossos baldes.

COELHO — Então ela mudou mesmo!...

URSO — Estamos dizendo!

COELHO — Parece mentira... *(Onça aparece, vê os três e se esconde)*.

URSO — Eu e Otavinho vamos contar prá todo mundo a boa nova. Assim, ninguém precisa ficar com medo da seca.

COELHO — Isso mesmo. Assim que eu encher o meu balde, vou encontrar com vocês. *(Os dois saem em direção à floresta e o coelho prá sua casa)*.

ONÇA *(Aparece. Cantarola e dá pulinhos de alegria)* — Ah, enfim o grande momento! Mãos à obra! *(Tira do bolso duas enormes cenouras e um longo fio de Nylon envolto em folhas. Amarra as cenouras numa ponta, prêsas a um ganchinho de arame, segura na outra ponta e vai correndo se esconder em sua casa, ao ouvir um ruído qualquer vindo da casa do coelhinho. Antes colocou a ponta com as cenouras no meio da praça, perto do pocinho)*.

COELHO *(Entra feliz trazendo o baldinho)* — Ainda bem que a dona onça resolveu ficar boazinha. Tenho certeza que assim ela vai conseguir arranjar muitos amiguinhos. O pessoal da floresta nem vai acreditar. *(Vai encher o balde e depara com as cenouras)* Ora, vejam só que lindas cenouras! *(Vai abaixar, recua para o outro lado)* Será que não pertencem a alguém? *(Nesse momento, do seu esconderijo, a onça dá um puxão no fio sem que o coelho veja)* Mas quem deixaria duas cenouras tão lindas aqui no meio da praça?! Ninguém, é claro. *(Mesmo jogo)* Bem, se o dono aparecer de repente, eu devolvo as cenouras, não é mesmo? *(Onça dá mais um puxão)* Ah, elas estão com folha e tudo. Devem ter nascido aqui por engano! *(Mesmo jogo. Onça idem)* Esperem, será que tem alguém olhando?

COELHO *(Olha em volta)* — Não, ninguém! *(Vai decidido apanhar as cenouras)* *(nisso, a onça se atrapalha nos seus movimentos e continua puxando lentamente o fio, crente que o coelho não está vendo. Coelho observa espantado)* — Ué, a cenoura está andando sozinha?! Será que é cenoura mágica?!... *(Onça pára de puxar)* *(Reação da platéia: "é a dona onça! é a dona onça!")* Coelho faz mímica de quem percebeu que as cenouras mudaram de lugar e conclui que é mais um truque da onça. Gesto de silêncio prá criançada. Fazendo caras de suspense,

retira as cenouras do ganchinho e sai pé ante pé prá sua casa).

ONÇA (Alheia ao que se passou, dá mais um puxão. Outro. percebe o silêncio. Puxa com força e surge em cena ao mesmo tempo que deu o puxão para abocanhar o coelho que ela supõe estar tentando apanhar as cenouras. Constata que as cenouras desapareceram. Sapateia furiosa) — Esse coelho me paga!!! (Sai bufando prá casa).

URSO (Com o papagaio, voltando do passeio) — Você viu, Otavinho? A dona Girafa ficou tão contente com a notícia que até resolveu fazer um vestido nôvo, só prá vir apanhar água no poço da dona onça.

PAPAGAIO — É, mas só à muito custo que a lebre Vandéca acreditou na história!

URSO — Ora, porque ela é prima do Pitomba! (Entra a onça bufando e trazendo uma enorme espingarda).

ONÇA (Aos dois) — Saíam da frente, não quero ver ninguém! Estou de mau humor! (Coloca-se em guarda na frente do poço).

URSO — Ué, que foi que houve, dona onça?

ONÇA (Furiosa) — Já disse que estou de mau humor!

PAPAGAIO — Estamos vendo...

URSO — E prá que essa espingarda?

ONÇA — Prá que? Ah, foi bom (Dá com a espingarda na cabeça do urso) você perguntar!

PAPAGAIO — Calma, dona onça.

ONÇA — Essa espingarda é o meu primeiro aviso!

URSO — Aviso de que? (O coelho aparece, sem ser visto, e se esconde para ouvir)

ONÇA — Aviso de que ninguém mais vai apanhar água no meu poço! Quem aparecer leva chumbo!... (Coelho sai).

PAPAGAIO — Mas a senhora tinha dito...

ONÇA — Tinha dito, mas agora não estou dizendo mais!

URSO — E qual vai ser o segundo aviso?

ONÇA (Urrando) — Um canhão!!!

PAPAGAIO — Por favor, Ricardão, não pergunta qual vai ser o terceiro.

URSO (Saindo com o papagaio) — E agora, o que vai ser de nós?

ONÇA (Só. Triunfante) — Agora o Pitomba vai ver! Vou me vingar de tudo! De tudo! (Ouve-se, fora de cena, um cantarolar estranho. A onça fica a postos) Que será isso? Que voz mais esquisita? (Ouve) Não consigo reconhecer essa voz... De quem será?

COELHO (Entra "vestido" de árvore. Roupão de morim ou luizine marron escuro,

cordado inteiro da cabeça aos pés. Mangas compridas. Buracos para saírem as orelhas, os olhos e a boca. Fôlhas verdes (pencas de samambáia funcionam) costuradas na cabeça, nos braços e até a metade do tronco. Traz o balde meio encoberto de fôlhas. Solfeja com a voz estranhíssima. Vai direto ao poço. A roupa de árvore encobre totalmente o coelho, ficando apenas as orelhas de fora) (coelho entra fingindo que não vê a onça. Canta com a música de "Eu fui no tororó", dança espalhafatosamente forçando a onça a correr pelo palco).

Eu venho da floresta

Estou cansada de andar

Procuro um pocinho

Prá minha sêde matar

Onde é que tem?

Onde é que tem?

Um pouquinho d'água

Prá mim dar meu bem!

Ah, eu estou tão cansadinha, estou andando há três dias e três noites procurando um pocinho e nada de encontrar. (Repete o fim da música) Acho que vou me sentar um pouquinho prá descansar... (Com meneios de velha, senta-se junto ao público).

ONÇA — Ei, quem é você?

COELHO (Vem à ela) — Eu sou uma pobre árvore cheia de sêde.

ONÇA — Árvore?! Eu nunca ví árvore andar e falar.

COELHO — A senhora desculpe a falta de modéstia, mas é que eu sou uma árvore muito inteligente.

ONÇA — Ah, é? Meus parabéns! Com licença, estou muito ocupada.

COELHO — Acho melhor eu ir embora. Já perdi a esperança de encontrar um poço nesta floresta. (Finge que só agora vê o poço da onça) Oh, um poço! Oh, um poço! Que sorte! Um poço bem perto de mim e eu nem tinha visto! Será que não á uma miragem?

ONÇA — Não, é o meu poço!

COELHO — Com licença, minha gentil senhora, posso encher o meu balde? (Avança, pegando a cordinha com a lata).

ONÇA (Dá com a espingarda) — Alto lá! Ninguém, nem mesmo uma árvore, pode apanhar água no poço da onça Matilda!

COELHO — Não! A senhora se chama Matilda? Que lindo nome! (Estende a mão) Muito prazer, dona Matilda.

ONÇA (Aponta a espingarda) — Não quero intimidades!

COELHO — Desculpe a pergunta, mas por que é que a senhora está tão zangada?

ONÇA — Zangada? Eu estou mais do zangada!

COELHO — Talvez eu possa ajudar... Quer que eu segure a espingarda para a senhora?

ONÇA — Nada disso! Afaste-se!

COELHO — Mas a senhora está zangada com quem?

ONÇA — Com todo mundo! Principalmente com esse pestinha do Pitomba.

COELHO (*Disfarça*) — Pitomba- Que nome gozado! Não conheço ninguém com esse nome. Quem é Pitomba?

ONÇA — É um coelho que vive me fazendo de bôba, mas hoje eu vou acabar com a farra dele!

COELHO — Dona Matilda, eu tive uma idéia: eu fico aqui tomando conta do seu poço, enquanto isso, a senhora vai procurar esse tal de Pitomba e se vingá de tudo. Em troca, a senhora deixa eu apanhar água. Que tal?

ONÇA — Nada feito. Eu mesma quero ficar vigiando o meu poço.

COELHO — Mas a senhora vai ficar muito cansada.

ONÇA — Não faz mal. (*Intrigada*) Mas por que é que a senhora está tão interessada em me ajudar?

COELHO — É porque eu não posso voltar prá casa sem levar água para as outras árvores. E a senhora sabe o que vai acontecer se nós, as árvores, não tivermos água para beber?

ONÇA — Sei, sim. Vocês vão ficar com mais sede ainda.

COELHO — Não é só isso. Nós vamos ficar tão fraquinhas que nem vamos poder produzir frutas gostosas prá alimentar os bichos da floresta.

ONÇA — Não vai ter mais fruta nenhuma?

COELHO — Nenhuma!

ONÇA — Nem jabuticabas?

COELHO — Nem jabuticabas, nem melancias!

ONÇA — Que pena, eu sou louca por jabuticabas.

COELHO — Pois é, até as jabuticabeiras vão secar se não tiverem água prá beber! (*Onça vai ficando preocupada*) E ainda tem mais: as nossas fôlhas vão cair todinhas, uma por uma. E aí, quando a senhora estiver debaixo do sol, suando de calor, bufando com a língua de fóra, nós não vamos poder fazer nem uma sombrinha prá proteger a senhora.

ONÇA (*Mais preocupada*) — Ih, é tão bom comer jabuticabas... debaixo de uma sombra bem grande, então, nem se fala. Puxa, eu nem tinha pensado nisso. Água faz

mesmo muita falta, não é? Então está bem, dona árvore, a senhora venceu! Pode vir apanhar água todos os dias. Mas só a senhora, está bem? E não conte a ninguém, ouviu?

COELHO — Pode confiar em mim, dona Matilda! (*Enche o balde*).

ONÇA E se a senhora quiser, pode trazer umas jabuticabas prá mim...

COELHO — Umas não, amanhã a senhora vai ganhar uma cesta cheia de jabuticabas bem fresquinhas.

ONÇA — A senhora é muito bondosa!

COELHO (*Saindo*) — Até amanhã, dona onça, muito obrigadinha.

ONÇA (*Dando "Adeusinhos"*) — Não se esqueça das jabuticabas! (*Coelho saiu. Ouve-se fortes ruídos na cochia*) (*Grito prá dentro*) Cuidado prá senhora não cair!?

COELHO (*De dentro*) — Agora é tarde, querida, já me esborrachei tôda!

ONÇA (*Ri. À platéia*) — É sempre bom a gente ter uma árvore por perto nos dias de calor. E aquela foi muito gentil... (*Pausa. Sorri*) Agora estou me lembrando... (*Começa a rir*)... ela tinha umas orelhas tão engraçadas... (*Ri mais*) (*pára espantada*) Eu disse orelhas? (*Frisa*) Eu disse orelhas?!... (*Desesperada*) Não!!! Era o coelhinho Pitomba! (*Chora. Nesse momento, aparecem o urso e o papagaio que se escondem prá observar a cena*) (*a onça fala lenta e tristemente*) Matilda, minha pobrezinha, tenho a impressão de que você vai passar a vida inteira perseguindo o coelhinho Pitomba! (*Outro tom*) É mesmo? (*Tom*) Claro! E nunca, nunquinha, você vai conseguir fazer aquele tão sonhado guisado! Buáááá... Buááááá (*Sai chorando*) (*o urso e o papagaio tomam a cena*).

URSO — Você ouviu isso?

PAPAGAIO — Claro que ouvi, não sou surdo. (*Chôro do coelhinho na coxia. Os dois se escondem*).

COELHO (*Entrando*) — Coelhinho Pitomba, você é muito esperto! Mas no fundo, no fundo, é um bobão muito grande! (*Outro tom*) E você é um atrevido muito grande! (*Tom*) Atrevido, eu? Mas eu sou você! Viu como você é bobão? (*Tom*) Então eu sou mesmo bobão!... (*Tom*) Coelhinho Pitomba, você acha que é divertido não fazer outra coisa a não ser viver fugindo e fugindo da onça Matilda? (*Tom*) Eu não acho divertido, não, mas se eu não fugir da dona onça, eu viro guisado! (*Pensa*) Ah, tive uma idéia!... Vou me mudar prá uma floresta bem longe daqui, convido os meus dois amiguinhos, aí fico livre da dona onça por tôda a vida! Vou arrumar minha malinha!... (*Sai*).

URSO (*Volta com o papagaio*) — Você ouviu isso, também?

URSO — E agora?

PAPAGAIO — E agora? Você se lembra quando eu disse uma vez que nós dois podíamos fazer um negócio muito bom?

URSO — Deixa eu pensar. (*Pausa*) Ah, me lembro sim! Você disse que a dona onça e o coelhinho deviam ser amigos!

PAPAGAIO — Isso mesmo! Você notou os dois estão preocupados?

URSO — É claro que notei! (*Doutoral*) Otavinho, você é um gênio! Vamos acabar com a briga dos dois! (*À platéia*) Querem ver? Vocês querem que eles dois fiquem amiguinhos?! (*Espera resposta*) Atenção! (*Chamando*) Dona onça Matilda?!

ONÇA (*De dentro*) — Quem ousa interromper a minha tristeza?

URSO — Venha cá um instantinho... por favor...

ONÇA (*Entra, chorosa*) — Eu não quero viver a vida inteira perseguindo o Coelhinho Pitomba! (*Chora mais*).

URSO — Calma, dona onça, não precisa chorar tanto. Nós já resolvemos tudo!

ONÇA — Resolveram tudo, como?

URSO — Que tal a senhora e o coelhinho se tornarem bons amiguinhos?!

ONÇA — Eu, amiga do coelhinho? E o meu guisado?

URSO — Ora, dona onça, existe uma porção de guisados muito gostosos, sem ser de coelho! Escuta: todo mundo sabe que guisado de cenoura com carne seca é o melhor quitute que existe.

PAPAGAIO — É sim, dona onça, eu já provei. É tão gostoso!

ONÇA — É mesmo?

PAPAGAIO — Depois nós damos a receita para a senhora.

ONÇA — Então eu vou experimentar! (*Tristonha*) Mas como é que o Coelhinho vai acreditar que eu quero ser amiguinha dele?

URSO — Deixe por nossa conta. Fique escondida atrás do poço. (*Onça obedece*).

PAPAGAIO — Posso chamar o coelhinho?

URSO — Pode, pode.

PAPAGAIO (*À platéia*) — Então, todos nós vamos chamar o coelhinho Pitomba! Já! (*Dando ritmo à criançada*) Coelhinho Pitomba! Coelhinho Pitomba! Etc. (*Forma-se enorme gritaria*).

COELHO (*Pula em cena*) — Que gritaria é essa na minha porta?

PAPAGAIO — Nós queremos brincar com você.

COELHO — Nossa! Pensei que fôsse um terremoto!... (*Outro tom*) Como é que vo-

cês podem pensar em brincar, quando eu, pobre de mim! — só tenho que viver fugindo e fugindo da onça Matilda. (*Chora*).

URSO — Ora, Pitomba, não chore mais. Se você quiser, não precisa mais fugir da dona onça, e vamos brincar todos juntos!

COELHO — Você é muito gozado, Ricardão. Como é que nós vamos brincar todos juntos, se a dona onça não descansa enquanto não comer um guisado do coelho Pitomba?!

PAPAGAIO — Seu bôbo, ela está louca prá ser sua amiguinha!

COELHO — Dona onça quer ser minha amiguinha?

URSO — É, sim. Quer que eu te dê uma prova?

COELHO — Que prova?

URSO — Eu vou chamar a dona onça, preste atenção.

COELHO — Vai chamar a dona onça? Então, deixe eu me esconder atrás de você? (*Esconde-se atrás do urso*).

URSO — Atenção! (*Chama*) Dona onça Matilda! Qual é o prato que a senhora gosta mais?

ONÇA (*De trás do poço*) — Guisado de cenoura com carne seca!

COELHO — Será que eu ouvi direito?

ONÇA (*Idem*) — Ouviu sim!

PAPAGAIO — Então, Pitomba, podemos trazer a dona onça?

COELHO — Não sei, não. (*Pergunta à platéia*) Que é que vocês acham? Eu e a dona onça devemos ser amiguinhos? Vocês acham que sim? Então, está bem podem trazer a dona onça.

PAPAGAIO — Dona onça, pode vir! (*A onça vem fazendo "charme". Pisca-pisca para o coelho. Ele responde igual*).

COELHO — Hum, ela está tão esquisita!

ONÇA — Seu Coelhinho Pitomba! Uh!... Uh!... (*Faz um trejeito de bailarina*).

COELHO — Eu acho que ela vai dançar ballet!

PAPAGAIO (*Corrigindo*) — Não, coelhinho, ela está de botas!

COELHO — É mesmo. Faz a pôse de nôvo, dona onça.

ONÇA — Seu coelhinho Pitomba! Uh!... Uh!... (*Exagera os trejeitos*).

COELHO — Ah, é yê-yê-yê! (*Faz passos de dança, galanteador*) Dona onça Matilda, uh!... uh!... (*Ela aproxima, os dois dão as mãos e falam ao mesmo tempo*:)

ONÇA E COELHO — Vamos ser amiguinhos?

URSO (*Tomando cena*) — E assim termina!

32

PAPAGAIO (*Idem*) — A história engraçada!

ONÇA (*Aponta o coelho*) — Do coelhinho Pitomba!

COELHO (*Aponta a onça*) — E da oncinha pintada! (*Os personagens dão as mãos e se inclinam em agradecimento*). Um momento! Dona oncinha, que tal se nós todos cantássemos a musiquinha do Coelhinho Pitomba? (*Todos pulam e batem palmas*).

ONÇA — Que bom! Que bom! (*Reflete*) Mas acontece que eu não sei a letra nem a música!

COELHO — Não tem importância. Nós cantamos uma vez sôzinhos, depois a senhora acompanha a gente, está bem?

ONÇA — Ótimo! Podem começar. Vou prestar atenção.

COELHO (*Canta com o urso e o papagaio a música do coelhinho*) — E então, dona onça,

já aprendeu?

ONÇA — Já, Escute só. (*Canta sôzinha os dois primeiros versos em seguida, todos cantam, com ritmo de palmas*) (*No momento em que a letra é: "Como é o meu nome? Coelhinho Pitomba! Como é que eu me chamo? Coelhinho Pitomba!" A onça se destaca do grupo e sapateia enfurecida no procênio*)

OS OUTROS (*Ficam assustados e se afastam*)

ONÇA (*Autoritária*) — Que negócio é êsse?!

COELHO (*Sem compreender*) — Que foi que houve, dona onça?

ONÇA (*Explicativa*) — Como é que eu me chamo?

TODOS — Ah, é! (*Fazem reverência em volta da dona onça*) Dona onça Matilda! (*Saem de cena de mão dadas cantando a música do prólogo*).

FIM DA PEÇA

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo fôr, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

38

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O COELHINHO PITOMBA

b) Título original: _____

c) Autor: MILTON LUIZ

d) Tradutor: _____

e) Diretor: _____

f) Produtor: _____

g) Companhia: _____

h) Classificação da Censura: LIVRE

II) Análise

a) Gênero: COMÉDIA INFANTIL

b) Argumento: O coelhinho Pitomba sempre fugindo de dona Onça que o queria para preparar um suculento guizado. Mas o urso e o papagaio amigos do coelhinho impedem que D. Onça seja bem sucedida.

c) 1 - Mensagem: Positiva, entreterimento infantil.

2 - Impression final: BOA.

d) Diálogos: NORMAIS

e) Cenas: ENSAIO GERAL

f) Personagens: VARIADOS

g) Valor educativo: RELATIVO.

III) Conclusão Nada há opôr para que seja liberada LIVRE.

Josepe - R.
1.04.71

Brasília, 1 de abril de 19 71

Técnico de Censura - Cart. nº 62

Carlos Alberto Braz de Souza

CARLOS ALBERTO BRAZ DE SOUZA

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA CARLOS ALBERTO BRAZ DE SOUZA, QUE A EXAMINOU.

TÍTULO- Ø COELHINHO PITOMBA

AUTOR - MILTON LUIZ

RESTR- L I V R E

OBS.- PEÇA INFANTIL

EM 01 DE ABRIL DE 1971

Plawalk
ANTÔNIO DE P.C. ALVES
T.C.T.C.

DE ACÓRDO.
Em: 1º/4/71.
WipseuAmi



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 3594/71

PEÇA ==== " O COELHINHO PITOMBA " ====

ORIGINAL DE MILTON LUIZ

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 05 de ABRIL de 19 76

Brasília, 05 de ABRIL de 19 71

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

Genaleno
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 13, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O COELHINHO PITOMBA "

Original de MILTON LUIZ

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO DE AMADORES PITOMBA - RIO /GB

Tendo sido censurada em 01 de ABRIL de 71 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
-chefe da seção de censura

Brasília, 05 de ABRIL de 1971

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Chefe da Turma de Censura
de Teatro e Espectáculos
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

20



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 204

Data 7.4.71

Chefe da Seção de Censura do SCDP

Para **Sr. Chefe da TCDP/DR/GB**

Assunto: **Providências (Solicita)**

Sr. Chefe,

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue ao interessado toda a documentação, caso a classificação estabelecida por este Serviço esteja de acordo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatório.

TÍTULO: "O COELHINHO PITOMBA"

AUTOR : MILTON LUIZ

INTER.: GRUPO DE AMADORES PITOMBA

ENDER.: RIO DE JANEIRO/GB

Atenciosamente,

Wilson de Queiroz Garcia

Chefe da Seção de Censura do SCDP

D. F. S. P.	
025615	-8 JUL 71

ILMO. SR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL. BRASÍLIA. *U2*

FRANCISCO DE ASSIS GUIMARÃES, empresário teatral, vem requerer se digne V.S. mandar proceder a Censura do texto anexo, para que junta três cópias do mesmo e os documentos de lei.

NOME: O COELHINHO PITOMBA.

AUTOR: MILTON LUIZ

GÊNERO: INFANTIL EM DOIS ATOS

LÔCAL DE REPRESENTAÇÃO: SÃO PAULO.

Nestes Termos.

P. Deferimento.

[Handwritten Signature]
São Paulo, 24 de Junho de 1971.

DPF - DA - SRA
Recebido <i>S.F. 41</i>

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

u3

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP Nº 17488

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral:

O COELHINHO
PITOMBA
MILTON LUIZ

Original de

Música de

Tradução de

No Teatro F.A. GUIMARÃES Cidade

Empresa F.A. GUIMARÃES Pela Cia.

nos dias CENSURA 20 TEXTO

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de%

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Saturo 24 de Junho de 1971

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[Signature]
(pela SBAT)

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, a qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

O COELHINHO PITOMBA

Peça infantil,
prólogo e 2 atos,
de MILTON LUIZ



MILTON LUIZ

Estreou como ator profissional em 1954 na Cia. Dercy Gonçalves, onde permaneceu 7 anos. Em seguida, atuou em outros elencos, aparecendo em: "A Escada", "Plantão 21", "Os direitos da mulher", "Antígona", "Os filhos terríveis", "A respeitosa", "A noite de 16 de janeiro", "A megera domada", "Negra meobem", "O segundo tiro", "Sa-

lomé", "Arena contra Tiradentes", "A raposa e as uvas", "Irma la douce". No cinema, participou dos filmes: "Asfalto selvagem", "Carnaval barra limpa", "Engraçadinha depois dos trinta", "Juventude e Ternura", "Massacre no super-mercado", "Antes o verão". Em televisão destacou-se em vários tele-teatros na Tupi e na Globo.

Como autor, "O COELHI-

NHO PITOMBA" é a sua primeira experiência. Escreveu recentemente outra peça infantil "A bruxinha jovem-guarda", ainda inédita.

Sobre "O Coelhoinho Pitomba", assim se expressou o consagrado jornalista Attilio Cerino: "Meu filho de 6 anos já assistiu a pecinha seis vezes, por vontade própria. E se tal não acontecesse, eu o levaria à força, pois me desumbrei com o espetáculo!"

CENÁRIO ÚNICO: Trecho de floresta

PERSONAGENS E INTÉRPRETES ORIGINAIS:

Coelhinho Pitomba	MILTON LUIZ
Dona Onça Matilda	CORDÉLIA SANTOS
Urso Ricardão	ANTÔNIO MIRANDA
Papagaio Otavinho	WALNEY VIANNA

Direção, cenários e figurinos: ROBERTO DE CLETO

1.^a representação: 27 de setembro de 1967 no **TEATRO JOVEM**
Rio de Janeiro

O COELHINHO PITOMBA

(peça infantil de MILTON LUIZ)

Cenário — Três entradas para a coxia. Uma com detalhes da casa do coelho, à esquerda. Outra com detalhes da casa da onça, à direita. Ao centro, no fundo, fuga para o interior da floresta. No meio do palco, uma es-

pécie de praça na floresta, vendo-se em primeiro plano, a boca de um poço, com telhadinho, roldana com lata para apanhar água, cordinha, etc. algumas árvores, plantas rasteiras.

PRÓLOGO

Ouve-se música de roda, em gravação, ou cantada ao vivo pelos atores, fora de cena. Pára de repente. Entram, o coelho, vindo de sua casa, o papagaio e o urso que surgem da fuga que dá para o interior da floresta. Cantam e dansam, fazendo ritmo com palmas. A música é à vontade do diretor.

COELHO — Eu gosto de couve
- De mim ninguém zomba -
Você que me ouve,
Me diga depressa:
Qual é o meu nome?
OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
COELHO — Como é que eu me chamo?
OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
COELHO — Sou muito esperto,
Da onça eu fujo,
Quando ela aparece,
Não fico por perto.
Qual é o meu nome?
OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
COELHO — Como é que eu me chamo?
OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
COELHO — Os dois amiguinhos,
Que trago comigo,
Se a onça aproxima,
COELHO — Me dizem depressa:
URSO — Coelhoinho, sai dessa!
PAPAGAIO — Lá vem o perigo!
COELHO — Qual é o meu nome?
OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
COELHO — Como é que eu me chamo?
OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
COELHO (À platéia, cumprimentando)
— alô, criançada! Como é
mesmo o meu nome? (Espera
resposta) (Urso começa a
a chupar um imenso pirulito
colorido e o Papagaio descasca
uma banana) Pois é, o
meu nome é Coelhoinho Pi-
tomba. Muito prazer em co-
nhecer vocês todos. Sabem de
uma coisa? Eu nasci aqui

nesta pracinha da floresta. Aqui eu almoço, janto, vou à escola, porque eu sou muito estudioso também, brinco com dois amiguinhos que eu tenho e... (reflete) Puxa vida! Vocês viram como eu sou avoado?. Cantei, dansei, pulei, disse um montão de vezes o meu nome, falei nos meus dois amiguinhos e me esqueci de apresentá-los à vocês. Me desculpem, está bem? Então, vamos começar. (indica o Urso) Este gordão muito fofo que está chupando um pirulito, é o meu bom amigo o Urso Ricardão.

URSO — (cantando e dansando)
Sou gordinho e durmo demais,
Mas, no fundo, sou um bom rapaz! (bis)

COELHO (Indica o Papagaio) — E este, é o bom Otavinho, o amiguinho do papagaio.

PAPAGAIO (idem) — Gosto de cantar e de falar também,
não troco o meu puleiro,
nem por um vintém! (bis)

COELHO (à platéia) — Vocês gostaram dos meus amiguinhos?! Muito bem, agora nós vamos vamos brincar de roda com todos vocês, que tal? Vamos cantar "Atirei o pau no gato", está bem? (começam a cantar em volta do poço) (Quando vão repetir a música, a Onça urra ao fundo, de dentro da sua casa) (Pânico)

COELHO — Vocês ouviram esse urro?!... Cruzes! E a dona onça Matilda! (outro urro) Ela hoje está mais furiosa do que nun-

ca, tenho que fugir! (*outro urro*) Até logo, meus amiguinhos! (*sai correndo e entra em casa. Urso e Papagaio ficam em cena e se esgueiram num canto do palco.*)

ONÇA (*Sai de sua casa. Entra pulando e cantando*) (*furiosa*) — Quem viu? Quem viu? Quem viu?
Um coelhinho que é uma bomba! (*bis*)
Um coelhinho chamado Pitomba?!

URSO — Pitomba?

PAPAGAIO — Coelhinho?
ONÇA (*urra*) — Quem viu?
OS DOIS (*com medo*) — Pitomba... Coelhinho...?...

ONÇA (*urra*) — Sim, quem viu?
OS DOIS (*saindo*) — Nós não... vimos!... (*saem correndo*)
ONÇA (*Só. Enérgica*) — Não importa! Eu hei de encontrar o levado! E quando isso acontecer... (*Mímica*) ... nhêco!... Ah, que delícia! Vou transformá-lo em guisado! (*Parte em direção à sua casa*)
(*Pano Rápido ou Escuro*)

FIM DO PRÓLOGO

PRIMEIRO ATO

(*Abre-se o pano. A cena fica vazia por uns segundos. Aparece o urso, pé ante pé, examina tudo como quem procura algo. Um tempo. Chama o papagaio*)

URSO — Otavinho! Otavinho, pode vir, a dona onça já foi embora!

PAPAGAIO (*de dentro*) — Tem certeza, Ricardão? Procura mais um pouquinho, tá? Depois eu vou.

URSO (*grita para dentro*) — Está bem, eu vou procurar mais. (*procura atrás do poço*) Atraz do poço não está! (*Olha cômicamente dentro da latinha. Bate várias vezes no fundo da mesma*) Dentro da lata também não está! (*gritando*) Pode vir, Otavinho, ela foi embora sim.

PAPAGAIO (*Entra olhando em redor*) — Ué, cadê o Pitomba?

URSO — Sei lá. Ele saiu na disparada assim que a dona onça chegou. Você sabe, o maior sonho da dona onça é fazer um guisado do Pitomba!

PAPAGAIO — Pois é, você não acha isso uma bobagem?

URSO — Eu acho. Mas você sabe como ela é teimosa.

PAPAGAIO — Agora, uma coisa eu também sei: o coelhinho é muito mais esperto do que ela.

URSO — É por isso que a dona onça fica cada dia mais furiosa.

PAPAGAIO — Ainda bem que ela nunca cismou de fazer guisado da gente...

URSO — A implicância dela é com o Pitomba.

PAPAGAIO — Deve ser porque ela não

consegue pegá-lo nunca.

URSO — É, você tem razão. A dona onça pensa que é inteligente, mas o coelhinho é muito mais.

PAPAGAIO — Se é! (*riem às gargalhadas*) Ricardão, que tal a gente dar uma corrida até o outro lado da floresta?...

URSO — Ótimo! Estou louco para fazer exercício! (*faz movimentos exagerados à guisa de ginástica, contando: Um, dois, etc.*)

PAPAGAIO — Ah, eu também quero brincar! Vamos pular carniça?

URSO — Ótimo! Vamos, sim, Abaixo aí. (*o papagaio se abaixa. O urso toma distância e faz a primeira tentativa pra pular o papagaio. Não consegue. Faz a segunda. Idem. Na terceira, os dois se esborracham no chão. exaustos.*)

URSO — Puxa, como estou cansado! É melhor a gente dar um passeio pela floresta.

PAPAGAIO — Vamos convidar o Pitomba?

URSO — Vamos, sim. Vou bater na porta dele. (*chamando e batendo palmas*) Coelhinho Pitomba! (*silêncio*) Coelhinho Pitomba! (*silêncio*) Acho que ele não está!

PAPAGAIO (*Tomando a frente*) — Está sim. Duvido que ele saia de casa sem a gente. (*vai chamar*) Coelhinho Pitomba? Coelhinho Pitomba?... (*pausa*) Será que não está mesmo?!... (*os dois ficam distraídos*)

COELHO (*Pula em cena, saindo de casa, gritando ao mesmo tempo*) — Quem é que está me chamando?! (*os dois se assustam*).

OS OUTROS (*Voltam-se, depois do susto*) — Nós, você não ouviu?

PAPAGAIO — Por que não respondeu?

COELHO (*Tomando cena*) — Vocês pensam que eu sou bôbo, é? Se a dona onça estivesse por perto, ouvisse a minha voz e soubesse que eu estava em casa, pronto! adeus sossêgo! Ela ia ficar me vigiando o tempo todo!

URSO — Ela foi embora. Não tem perigo!

PAPAGAIO — Coelhinho, quer passear com a gente? Vamos dar uma corrida até o outro lado da floresta!...

COELHO — E se a dona onça aparecer? Lá longe, no meio da floresta, é mais difícil eu fugir dela. Não vou, não.

URSO — Puxa vida, Pitomba, você nem parece nosso amigo. Nós não dissemos que ela foi embora?!

PAPAGAIO — Foi, sim. Olha aqui, eu juro! (*gesto de juramento*).

URSO — Eu também juro. (*gesto igual*).

COELHO — Está bem, eu vou com vocês. Mas se ela aparecer, eu fico de mal por toda a vida.

OS OUTROS — Certo. Então vamos.

COELHO — Esperem um pouquinho. Vou aproveitar e encher o meu baldinho no poço da dona onça. Assim, se ela aparecer de repente, eu tenho bastante água guardada. Vou buscar o baldinho. (*sai*).

PAPAGAIO (*Gritando prá dentro*) — Não demore, sim, Pitomba?

URSO — Queremos passear bastante.

COELHO (*De dentro*) — Eu volto logo. Esperem um pouquinho!

PAPAGAIO (*À sós com o urso*) — Ricardão, quem sabe, um dia, a gente podia fazer uma coisa muito boa?

URSO — Que coisa muito boa? (*pensa*) Ah, já sei. Comprar um montão de doces e comer todo!

PAPAGAIO — Não!

URSO — Ou então, 50 litros de mel bem docinho. Eu adoro mel! (*mastiga em seco*).

PAPAGAIO — Não é nada disso, seu guloso! (*pausado e explicado*) Quem sabe se a gente podia fazer a dona onça e o coelhinho ficarem bons amigos?!

URSO — Ah, duvido muito. Você sabe que... (*interrompendo ao ouvir o urro da onça dentro de casa*) (*os dois se colocam de costas em frente à casa do coelho, tentando avisá-lo, com mímicas exageradas, da possível aparição da onça*) Ao mesmo tempo, o coelho e a onça aparecem em suas respectivas portas. os dois continuam o jôgo de mímica. A onça não vê o coelho nem êle a ela. O coelho, no entanto, é visto pela platéia).

COELHO (*Entra rápido na casa*) — Ah, esqueci o balde! (*desaparece*).

ONÇA — (*Que ficou em cena espantada,*

sem entender as gesticulações do urso e do papagaio) — Ah, vocês estão aí? (*reparando mais*) Mais o que é isso? Nunca vi coisa mais estranha! Vocês enloqueceram?!...

URSO (*Gesticulando e tentando disfarçar*) — Não é nada, dona oncinha. É que eu e o Otavinho estamos brincando de surdo-mudo!... (*exagera mais nos gestos*).

ONÇA — Surdo-mudo? Então como é que você está falando?

URSO (*Gaguejando*) — É que... é que... eu... eu... sou... sou o surdo. O Otavinho é que é o mudo... não é, Otavinho?

PAPAGAIO (*Resmungando, imitando mudo*) — Hum! hum! hum!

URSO (*Rápido*) — Viu? Viu?

ONÇA — Pois sim, vocês não me enganaram. Tenho certeza de que estão me escondendo alguma coisa. Ah, mas eu vou descobrir. Vou sim. (*saida falsa*)

COELHO (*Sem ver a onça, nem os sinais dos dois, aparece na porta e grita*) — Pessoal!!! (*dá com a onça que ainda não acabou de sair, esconde-se atrás do papagaio*).

ONÇA (*Volta-se furiosa aos dois, estranhando aquele grito*) — Quem gritou? Eu ouvi alguém gritar!

URSO (*Tremendo de medo*) — A senhora está cismada, dona oncinha. Ninguém gritou.

ONÇA — Eu ouvi muito bem alguém gritar assim: "pessoal"!

URSO — A senhora ouviu mesmo?

ONÇA — Claro. E não vou embora enquanto não descobrir quem gritou.

URSO (*Como quem teve uma idéia*) — Ah, dona oncinha, já sei quem gritou!

ONÇA Quem foi?

URSO (*Depressa*) — O papagaio, o papagaio. Foi êle quem gritou! (*reações do papagaio*).

ONÇA — Foi, é? Muito bem. Então eu quero ouvir êle gritar de nôvo.

URSO — Mas dona onça... (*à platéia*) Ih! E agora, como é que vai ser?!...

ONÇA — Ande, vamos, seu urso espertinho, estou esperando!

URSO — Está esperando, é? Está bem. (*medroso*) Otavinho, grita "pessoal" de nôvo prá dona onça ouvir!...

PAPAGAIO (*Resmungando nervoso, sem saber o que fazer*) — Hum! Hum!...

ONÇA (*Furiosa*) — Já estou perdendo a paciência!

PAPAGAIO (*Respira fundo, resmungando alto como quem vai falar*)

COELHO (*Atrás do papagaio, grita ao mesmo tempo*) — Pessoal!...

URSO (*Feliz*) — Está vendo como foi êle quem gritou?!... (*Papagaio abre os braços*

e balança o corpo procurando esconder mais o coelho)

ONÇA (Que esteve o tempo todo olhando o papagaio) — Vocês pensam que me enganam, é?

URSO — Mas quem está querendo enganar a senhora?

ONÇA (Premeditada) — Foi êle quem gritou, não foi?

URSO — Foi. A senhora mesma ouviu.

ONÇA — Ah, que gracinhas!... Muito bem. Então, se foi mesmo o papagaio quem gritou, como é que êle não mexeu com a bôca?

URSO (Pensa rápido) — E porque êle é mudo!

ONÇA — Mudo? Então como é que eu ouvi a voz dele?

URSO (Pensa rápido) — É porque é mudo ventriloquo!

ONÇA — Ventriloquo?... O que é isso?...

URSO — Ventriloquo é uma pessoa que fala pelo peito com a bôca fechada.

ONÇA — Ah é? (repara) E por que é que êle está com os braços abertos?

URSO — É porque nós estamos brincando de surdo-mudo e êle é um mudo que pensa que é um passarinho!

ONÇA — Eu, hein?!... Que brincadeira bôba! Vou embora!

URSO — Adeusinho, dona onça! (onça sai) Pode se mexer, Pitomba, ela já foi embora! (Papagaio e coelho se movimentam).

COELHO — Meninos, que susto! Que onça mais teimosa, não queria acreditar em vocês, não foi mesmo?

PAPAGAIO — Você nos deu um trabalho!

COELHO É, mas o susto que eu levei não foi pequeno. Bem, deixem eu encher o meu baldinho!

PAPAGAIO — Depressa, coelhinho!

ONÇA (Voz de dentro) — Vocês me enganaram, seus moleques! (pânico. O coelho, sem saber o que fazer, mete o balde na cabeça e se agacha atrás do poço, protegido pelo urso que tapa a visão da onça) (entra a onça).

URSO (Ao vê-la, fingindo) — Olá, dona oncinha!...

PAPAGAIO (Idem) — Há quanto tempo...

URSO — Já estávamos morrendo de saudades!...

ONÇA (Estranhando) — Eu ví vocês dois conversando com mais alguém!

URSO — Nós? Não é possível! Pode ver se tem mais alguém aqui!

ONÇA — Vou ver mesmo! (começa a procurar em volta do poço, enquanto o papagaio e o urso acompanham os seus movimen-

tos e o urso sempre tendo o coelho sob sua proteção. Quando estão voltando à posição inicial, o balde cai na frente do poço. Coelho continua escondido) É, não tem mais ninguém mesmo! (Vê o balde caído) Achei!!!

URSO E PAPAGAIO (Sem perceber que ela se refere ao balde) — Nossa!!!

ONÇA — Vocês, hein?!

URSO E PAPAGAIO — Nós, o que?!

ONÇA — Espertinhos! Sabiam que o meu balde estava aqui e não me disseram nada!

URSO E PAPAGAIO (Alívio — Ah.....

ONÇA (Parte em direção ao balde) — Vou correndo guardar o pobrezinho!

URSO (Temendo que ela veja o coelho, corta) — Não, não dona onça. A senhora está enganada! Esse balde é meu!

PAPAGAIO — É, sim, dona onça, eu sou testemunha!

ONÇA — Então, onde é que está o meu? Já o procurei por tôda parte.

URSO — Vai ver, a senhora o esqueceu na floresta. (os dois fazem marcas em volta da onça tentando impedir que ela se aproxime do balde, que caiu perto do coelho).

PAPAGAIO — Ah! Agora me lembro!... Ontem, a senhora foi com êle na casa da dona girafa!

ONÇA — Mas êsse aí é igualzinho ao meu. Eu conheço pela alça Vou ver. (parte)

URSO (Cortando) — Dona onça! (ela pára) Que côr é a alça do seu?

ONÇA (Diz uma côr que não seja a do baldinho que está no chão) (anda mais em direção ao balde).

URSO — A dêsse aí é... (diz a côr verdadeira) (ela pára).

ONÇA (Empurrando o urso) — Deixa eu ver, sáia da frente! (pega o balde rápido e conclui) É, a alça dêste é de outra côr! (entrega o balde ao urso que o recoloca no chão) (onça toma cena, de costas para os dois, falando distraída) Mas que coisa gozada, é tão parecido! (aos dois, sem os olhar) De quem é mesmo êsse balde?

COELHO (Grita de trás do poço) (disfarça a voz) — Meu!

ONÇA (Volta-se furiosa) — Quem falou?

OS DOIS — Ninguém, dona onça!

ONÇA — Vocês estão zombando de mim? Quem falou?

URSO — Mas quem está zombando da senhora? Ninguém falou.

ONÇA — Bem, por esta vez passa. (Vai saindo pela platéia).

COELHO (Põe a cabeça acima do poço e grita com voz disfarçada) — Dona onça maldada! (esconde de novo) (os dois fazem "psiu")

ONÇA (*Volta furiosa*) (aos dois) -- Quem me chamou de onça malhada? Eu detesto apelidos!

URSO (*Riso amarelo*) — E a senhora não é uma onça malhada?!

ONÇA — Não senhor, seu bôlo-fôfo! (*dá-lhe uma palmada na barriga*) Eu sou uma onça pintada! Há muita diferença!... (*desfila vaidosa*)

URSO E PAPAGAIO (*Aproveitam que ela conversou e gritam batendo palmas*) — Muito bem! Já ganhou! Rainha da Floresta!

ONÇA (*Grita furiosa*) — Não disfarcem, não! Eu quero saber quem me chamou de onça malhada?!

URSO — Ninguém, dona onça. Puxa, como a senhora é desconfiada!

PAPAGAIO — É sim, dona onça, e eu acho que a senhora está ficando maluca!

ONÇA — O que, seu atrevido?!... (*Corre atrás do papagaio, em círculos. O urso por sua vez, corre atrás da onça gritando "perdôa êle, dona onça" — falas livres. Tudo em volta do poço. O coelho, para não ficar à descoberto, corre atrás do urso, meio agachado. Quando completam a primeira volta em torno do poço, o coelho consegue dar uma palmada na onça. Ela pensa que foi o urso. Se volta e muda a direção da corrida. Desta vez o coelho se agarra nas costas do urso e êle e obrigado a correr de costas. Em dado momento, o papagaio e o urso descem para a platéia. O coelho consegue se escond*

der de nôvo atrás do poço. A onça prefere descer também, agora perseguindo sempre o urso. O coelho, ao se ver sozinho sai do esconderijo e fica torcendo do meio do palco. Grita pelo urso e pelo papagaio para que voltem. Coelho ajuda papagaio a subir. Urso não consegue subir e cai. A onça sempre perseguindo os dois. Forma-se a maior confusão no palco. Por força da "marca", há um momento em que o coelho e a onça se encontram cara à cara).

ONÇA (*Ao deparar com o coelho, dramática*) — Coelhinho Pitomba!!!

COELHO (*Idem*) — Dona onça Matilda! (*onça avança. O coelho dribla onça em volta do poço. Fazem êsse jôgo enquanto funcionam. De repente, o coelho tropeça e a onça finalmente consegue agarrá-lo*)

ONÇA — Peguei!!! (*canta enquanto amarra o coelho no poço*)

O coelhinho é esperto —

Mas eu sou muito mais. (*bis*)

Samba, samba, samba, coelhinho

Na panela da Matildinha!... (*bis*) *música de samba lêlê*) (*apanha rápido um caderninho com lápis*) Bem, vejamos agora uma receita de guisado de coelho! (*anotando*) Um caldeirão bem cheio de água fervendo...

COELHO — Água fervendo não, dona onça. Água morna é melhor! (*urso e papagaio estão planejando alguma coisa. Marcas*).

ONÇA — Não me interrompa!



Cena de O COELHINHO PITOMBA, de Milton Luiz, vendo-se Walney Vianna, Antonio Miranda, Cordelia Santos e o próprio autor.

COELHO — Então põe água gelada! Assim, eu bebo a água!

ONÇA (*Continua*) — Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO — Pimenta não, dona onça, me dá alergia...

ONÇA — E daí?

COELHO — Eu vou ficar espirrando dentro da panela!

ONÇA — Eu tampo a panela!

COELHO — Eu viro "pipoca"!

ONÇA — Cale-se! (*continua*) Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO (*Espirra forte*) — Atchim!!!

URSO E PAPAGAIO — Saúde!

COELHO — Obrigado!

ONÇA (*Conclusiva*) — ... três comprimidos contra espirro! (*continua*) Sete colheres de sal grosso...

COELHO — Sal grosso? Por que a senhora não põe açúcar? Eu gosto mais de açúcar!

ONÇA (*Distraída*) — Ah, é! Eu também gosto mais de açúcar!... (*tom*) (*caem si*) Não me confunda, açúcar é para sobremesa!

(*continua*) Duas xícaras de vinagre, alho, pimentão, tomate, salsa... (*pensa*) Acho que é só!

URSO (*Que já chegou a um acôrdo com o papagaio*) — Dona onça, a senhora esqueceu a cebola!

ONÇA (*Vai ao urso que está longe do local onde está o coelho*) — Ah, é mesmo! Quatro cebolas grandes... em rodela ou picadinhas?... (*enquanto isso, o papagaio vai de mansinho e desamarra o coelho e volta para o seu lugar*)

URSO (*Continuando*) — Azeitonas... (*Olha prá ver se o coelho já fugiu*).

ONÇA (*Anota*) — Quatro latas de azeitonas...

URSO (*Vê que o coelho já foi desamarado*) — Agora já está bom, dona onça!

ONÇA — Ótimo! Vamos ao guisado! (*vira-se*).

COELHO (*À porta de sua casa*) — Dona onça Matilda, uh! uh! (*foge*).

ONÇA (*Parte na direção do coelho, mas o urso e o papagaio lhe barram o caminho. Onça sai furiosa para sua casa*).

PANO RÁPIDO

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Mesmo cenário. Abre-se o pano. O papagaio está em cena, dormindo ao lado do poço. Ronca alto e se mexe como quem está tendo um pesadêlo.

URSO (*Entra tristonho e cabisbaixo. Vê o papagaio*) — Otavinho! Otavinho, acorde Otavinho!

PAPAGAIO (*Fala dormindo*) — Não, não, seu lóbo, a corda, não!

URSO (*Sacode o papagaio*) — Acorde, Otavinho! Acorde!

PAPAGAIO (*Sobressaltado*) — Ai, que susto! Que pesadêlo horrível!

URSO — Você já pensou, Otavinho?!... Ninguém vai resistir!... Três meses é muito tempo.

PAPAGAIO — É sim. O Coelhoinho Pitomba nem ligou! Disse que sabia como resolver o problema! É o que ele pensa!

ONÇA (*Aparece feliz, cantarolando. Traz dois pedaços de táboas, martelinho, pregos, veste um avental com bolsos*) (*fingê que não vê os dois*) (*cantarola*) Oh, que dia tão feliz! Trá-lá-lá-lá-lá-lá! Trá-lá-lá-lá-lá!... e t.c. (*aos dois, como se os visse agora*) Olá, queridinhos, que lindo dia, não é? (*canta baixo*).

URSO — É, mas isso agora não importa. Estamos muito preocupados.

ONÇA — Preocupados com o quê, meus amorzinhos?

PAPAGAIO — Então, a senhora ainda não sabe?

ONÇA — O que é que eu ainda não sei?

URSO — Da sêca, da sêca, dona onça. O professor Coruja disse que durante três meses não vai chover nadinha. E todos os rios vão secar.

ONÇA — É verdade? Ora, não faz mal.

PAPAGAIO — Não faz mal?! E onde nós vamos beber água?

ONÇA — Vocês, não sei. Quanto à mim, sou a única na floresta que tenho poço em casa. E êle é bem grande e bem fundo! Com licença, tenho muito o que fazer. (*Começa a pregar as táboas na boca do poço*)

URSO — Prá que essas táboas, dona onça?

ONÇA — Porque de hoje em diante, ninguém mais vai apanhar água no poço da onça Matilda & Bem, com licença, preciso trabalhar. (*Cantarola alto. Os dois saem cabisbaixos*).

ONÇA (*Continua fazendo cena. Para sú-*

bito. *Pensativa*) — Esperem!... Mas que estúpida que eu sou!... Se proibir de apanharem água no meu poço, jamais conseguirei executar o meu plano: pegar o Coelhozinho Pitomba! Lógico! Os rios já estão quase sem água e eu sou a única pessoa na floresta que tem um poço... (*pausa*) Mas esperem... Ah, é isso mesmo! Onça Matilda, você é formidável!... (*chama musical*) Meus amiguinhos, onde estão vocês?!... Ricardão! Otavinho!... Venham aqui um instante!... Tenho uma grande notícia para todos!...

URSO (*Entrando com o papagaio*) — A senhora chamou a gente?

ONÇA — Chamei sim.

PAPAGAIO — O que é que a senhora quer?

ONÇA — Sabem? Estive pensando bem: se vocês não tiverem onde beber água, naturalmente irão embora para outra floresta.

OS DOIS — Claro!

ONÇA — Pois é. Então, o que me adianta ter um poço tão grande, tão fundo, e só para mim?!

URSO — Mas a senhora disse que ninguém...

ONÇA — Eu disse, mas agora não digo mais. (*Tirando as táboas*) Estão vendo? Vou fazer uma boa fogueira com essas táboas. O poço da onça Matilda agora é de todo mundo!

URSO — Que bom! Otavinho, vamos apanhar nossos baldes. (*saem correndo*).

ONÇA (*Cantarola misteriosa, fazendo caras*) (*os dois voltam com os baldes. A onça ajuda os dois. Vão saindo*) — E, por favor, digam ao Pitomba que venha apanhar água também. Não precisa ter medo.

URSO — Está bem, dona onça. Nós diremos sim. E muito obrigados.

PAPAGAIO — Nós vamos agora na casa do Pitomba prá avisar a êle. Até logo, dona onça. (*Os dois entram na casa do coelho. O urso tem dificuldades porque é gordo. Balança, mas entra*).

ONÇA (*Só*) — E agora... uma surpresa para o nosso coelhinho! Esperem só! (*sai*) (*aparecem o urso, o papagaio e o coelho*).

URSO (*Vem puxando o coelho que está com medo*) — Pode vir, Pitomba. Não tem ninguém.

COELHO — Eu ainda não estou convencido. Conheço bem a dona onça.

URSO — Olha só como ela até retirou as táboas que estavam tampando o pocinho!

COELHO (*Observa*) — Ah, é verdade! Será que ela mudou mesmo?

URSO — Nem tenha dúvidas! Sabe por que? A dona onça ficou com medo de nós

todos irmos embora e ela ficar sôzinha aqui na floresta!

PAPAGAIO — Ela agora está tão boazinha, que até nos ajudou a encher os nossos baldes.

COELHO — Então ela mudou mesmo!...

URSO — Estamos dizendo!

COELHO — Parece mentira... (*Onça aparece, vê os três e se esconde*).

URSO — Eu e Otavinho vamos contar prá todo mundo a boa nova. Assim, ninguém precisa ficar com medo da sêca.

COELHO — Isso mesmo. Assim que eu encher o meu balde, vou encontrar com vocês. (*Os dois saem em direção à floresta e o coelho prá sua casa*).

ONÇA (*Aparece. Cantarola e dá pulinhos de alegria*) — Ah, enfim o grande momento! Mãos à obra! (*Tira do bolso duas enormes cenouras e um longo fio de Nylon envólto em folhas. Amarra as cenouras numa ponta, présas a um ganchinho de arame, segura na outra ponta e vai correndo se esconder em sua casa, ao ouvir um ruído qualquer vindo da casa do coelhinho. Antes colocou a ponta com as cenouras no meio da praça, perto do pocinho*).

COELHO (*Entra feliz trazendo o baldinho*) — Ainda bem que a dona onça veio ficar boazinha. Tenho certeza que assim ela vai conseguir arranjar muitos amiguinhos. O pessoal da floresta nem vai acreditar. (*Vai encher o balde e depara com as cenouras*) Ora, vejam só que lindas cenouras! (*Vai abaixar, recua para o outro lado*) Será que não pertencem à alguém? (*Nesse momento, do seu esconderijo, a onça dá um puxão no fio sem que o coelho veja*) Mas quem deixaria duas cenouras tão lindas aqui no meio da praça?! Ninguém, é claro. (*Mesmo jôgo*) Bem, se o dono aparecer de repente, eu devolvo as cenouras, não é mesmo? (*Onça dá mais um puxão*) Ah, elas estão com fôlha e tudo. Devem ter nascido aqui por engano! (*Mesmo jôgo. Onça idem*) Esperem, será que tem alguém olhando?

COELHO (*Olha em volta*) — Não, ninguém! (*Vai decidido apanhar as cenouras*) (*nisso, a onça se atrapalha nos seus movimentos e continua puxando lentamente o fio, crente que o coelho não está vendo. Coelho observa espantado*) — Ué, a cenoura está andando sôzinha?! Será que é cenoura mágica?!... (*Onça pára de puxar*) (*Reação da platéia: "é a dona onça! é a dona onça!"*) Coelho faz mímica de quem percebeu que as cenouras mudaram de lugar e conclui que é mais um truque da onça. Gesto de silêncio prá criançada. Fazendo caras de suspense,

retira as cenouras do ganchinho e sai pé ante pé prá sua casa).

ONÇA (Alheia ao que se passou, dá mais um puxão. Outro percebe o silêncio. Puxa com força e surge em cena ao mesmo tempo que deu o puxão para abocanhar o coelho que ela supõe estar tentando apanhar as cenouras. Constatada que as cenouras desapareceram. Sapateia furiosa) — Esse coelho me paga!!! (Sai bufando prá casa).

URSO (Com o papagaio, voltando do passeio) — Você viu, Otavinho? A dona Girafa ficou tão contente com a notícia que até resolveu fazer um vestido novo, só prá vir apanhar água no poço da dona onça.

PAPAGAIO — É, mas só à muito custo que a lebre Vandéca acreditou na história!

URSO — Ora, porque ela é prima do Pitomba! (Entra a onça bufando e trazendo uma enorme espingarda).

ONÇA (Aos dois) — Saíam da frente, não quero ver ninguém! Estou de mau humor! (Coloca-se em guarda na frente do poço).

URSO — Ué, que foi que houve, dona onça?

ONÇA (Furiosa) — Já disse que estou de mau humor!

PAPAGAIO — Estamos vendo...

URSO — E prá que essa espingarda?

ONÇA — Prá que? Ah, foi bom (Dá com a espingarda na cabeça do urso) você perguntar!

PAPAGAIO — Calma, dona onça.

ONÇA — Essa espingarda é o meu primeiro aviso!

URSO — Aviso de que? (O coelho aparece, sem ser visto, e se esconde para ouvir)

ONÇA — Aviso de que ninguém mais vai apanhar água no meu poço! Quem aparecer leva chumbo!... (Coelho sai).

PAPAGAIO — Mas a senhora tinha dito...

ONÇA — Tinha dito, mas agora não estou dizendo mais!

URSO — E qual vai ser o segundo aviso?

ONÇA (Urrando) — Um canhão!!!

PAPAGAIO — Por favor, Ricardão, não pergunta qual vai ser o terceiro.

URSO (Saindo com o papagaio) — E agora, o que vai ser de nós?

ONÇA (Só. Triunfante) — Agora o Pitomba vai ver! Vou me vingar de tudo! De tudo! (Ouve-se, fora de cena, um cantarolar estranho. A onça fica a postos) Que será isso? Que voz mais esquisita? (Ouve) Não consigo reconhecer essa voz... De quem será?

COELHO (Entra "vestido" de árvore. Roupão de morim ou luizine marron escuro,

49
cortado inteiro da cabeça aos pés. Mangas compridas. Buracos para saírem as orelhas, os olhos e a boca. Fôlhas verdes (pencas de samambáia funcionam) costuradas na cabeça, nos braços e até a metade do tronco. Traz o balde meio encoberto de fôlhas. Solfeja com a voz estranhíssima. Vai direto ao poço. A roupa de árvore encobre totalmente o coelho, ficando apenas as orelhas de fora) (coelho entra fingindo que não vê a onça. Canta com a música de "Eu fui no tororó", dansa espalhafatosamente forçando a onça a correr pelo palco).

Eu venho da floresta

Estou cansada de andar

Procuro um pocinho

Prá minha sede matar

Onde é que tem?

Onde é que tem?

Um pouquinho d'água

Prá mim dar meu bem!

Ah, eu estou tão cansadinha, estou andando há três dias e três noites procurando um pocinho e nada de encontrar. (Repete o fim da música) Acho que vou me sentar um pouquinho prá descansar... (Com meneios de velha, senta-se junto ao público).

ONÇA — Ei, quem é você?

COELHO (Vem à ela) — Eu sou uma pobre árvore cheia de sede.

ONÇA — Árvore?! Eu nunca vi árvore andar e falar.

COELHO — A senhora desculpe a falta de modéstia, mas é que eu sou uma árvore muito inteligente.

ONÇA — Ah, é? Meus parabéns! Com licença, estou muito ocupada.

COELHO — Acho melhor eu ir embora. Já perdi a esperança de encontrar um poço nesta floresta. (Finge que só agora vê o poço da onça) Oh, um poço! Oh, um poço! Que sorte! Um poço bem perto de mim e eu nem tinha visto! Será que não á uma miragem?

ONÇA — Não, é o meu poço!

COELHO — Com licença, minha gentil senhora, posso encher o meu balde? (Avança, pegando a cordinha com a lata).

ONÇA (Dá com a espingarda) — Alto lá! Ninguém, nem mesmo uma árvore, pode apanhar água no poço da onça Matilda!

COELHO — Não! A senhora se chama Matilda? Que lindo nome! (Estende a mão) Muito prazer, dona Matilda.

ONÇA (Avonta a espingarda) — Não quero intimidades!

COELHO — Desculpe a pergunta, mas por que é que a senhora está tão zangada?

ONÇA — Zangada? Eu estou mais do zangada!

COELHO — Talvez eu possa ajudar... Quer que eu segure a espingarda para a senhora?

ONÇA — Nada disso! Afaste-se!

COELHO — Mas a senhora está zangada com quem?

ONÇA — Com todo mundo! Principalmente com esse pestinha do Pitomba.

COELHO (*Disfarça*) — Pitomba- Que nome gozado! Não conheço ninguém com esse nome. Quem é Pitomba?

ONÇA — É um coelho que vive me fazendo de bôba, mas hoje eu vou acabar com a farra dele!

COELHO — Dona Matilda, eu tive uma idéia: eu fico aqui tomando conta do seu poço, enquanto issa, a senhora vai procurar esse tal de Pitomba e se vingá de tudo. Em troca, a senhora deixa eu apanhar água. Que tal?

ONÇA — Nada feito. Eu mesma quero ficar vigiando o meu poço.

COELHO — Mas a senhora vai ficar muito cansada.

ONÇA — Não faz mal. (*Intrigada*) Mas por que é que a senhora está tão interessada em me ajudar?

COELHO — É porque eu não posso voltar prá casa sem levar água para as outras árvores. E a senhora sabe o que vai acontecer se nós, as árvores, não tivermos água para beber?

ONÇA — Sei, sim. Vocês vão ficar com mais sede ainda.

COELHO — Não é só isso. Nós vamos ficar tão fraquinhas que nem vamos poder produzir frutas gostosas prá alimentar os bichos da floresta.

ONÇA — Não vai ter mais fruta nenhuma?

COELHO — Nenhuma!

ONÇA — Nem jabuticabas?

COELHO — Nem jabuticabas, nem melancias!

ONÇA — Que pena, eu sou louca por jabuticabas.

COELHO — Pois é, até as jabuticabeiras vão secar se não tiverem água prá beber! (*Onça vai ficando preocupada*) E ainda tem mais: as nossas fôlhas vão cair todinhas, uma por uma. E aí, quando a senhora estiver debaixo do sol, suando de calor, bufando com a língua de fóra, nós não vamos poder fazer nem uma sombrinha prá proteger a senhora.

ONÇA (*Mais preocupada*) — Ih, é tão bom comer jabuticabas... debaixo de uma sombra bem grande, então, nem se fala. Puxa, eu nem tinha pensado nisso. Água faz

mesmo muita falta, não é? Então está bem, dona árvore, a senhora venceu! Pode vir apanhar água todos os dias. Mas só a senhora, está bem? E não conte a ninguém, ouviu?

COELHO — Pode confiar em mim, dona Matilda! (*Enche o balde*).

ONÇA E se a senhora quiser, pode trazer umas jabuticabas prá mim...

COELHO — Umas não, amanhã a senhora vai ganhar uma cesta cheia de jabuticabas bem fresquinhas.

ONÇA — A senhora é muito bondosa!

COELHO (*Saindo*) — Até amanhã, dona onça, muito obrigadinha.

ONÇA (*Dando "Adeusinhos"*) — Não se esqueça das jabuticabas! (*Coelho saiu. Ouve-se fortes ruídos na cochia*) (*Grito prá dentro*) Cuidado prá senhora não cair!?

COELHO (*De dentro*) — Agora é tarde, querida, já me esborrachei tôda!

ONÇA (*Ri. À platéia*) — É sempre bom a gente ter uma árvore por perto nos dias de calor. E aquela foi muito gentil... (*Pausa. Sorri*) Agora estou me lembrando... (*Começa a rir*)... ela tinha umas orelhas tão engraçadas... (*Ri mais*) (*pára espantada*) Eu disse orelhas? (*Frisa*) Eu disse orelhas?!... (*Desesperada*) Não!!! Era o coelhinho Pitomba! (*Chora. Nesse momento, aparecem o urso e o papagaio que se escondem prá observar a cena*) (*a onça fala lenta e tristemente*) Matilda, minha pobrezinha, tenho a impressão de que você vai passar a vida inteira perseguindo o coelhinho Pitomba! (*Outro tom*) É mesmo? (*Tom*) Claro! E nunca, nunquinha, você vai conseguir fazer aquele tão sonhado guisado! Buáááá... Buáááá (*Sai chorando*) (*o urso e o papagaio tomam a cena*).

URSO — Você ouviu isso?

PAPAGAIO — Claro que ouvi, não sou surdo. (*Chôro do coelhinho na coxia. Os dois se escondem*).

COELHO (*Entrando*) — Coelhinho Pitomba, você é muito esperto! Mas no fundo, no fundo, é um bobão muito grande! (*Outro tom*) E você é um atrevido muito grande! (*Tom*) Atrevido, eu? Mas eu sou você! Viu como você é bobão? (*Tom*) Então eu sou mesmo bobão!... (*Tom*) Coelhinho Pitomba, você acha que é divertido não fazer outra coisa a não ser viver fugindo e fugindo da onça Matilda? (*Tom*) Eu não acho divertido, não, mas se eu não fugir da dona onça, eu viro guisado! (*Pensa*) Ah, tive uma idéia!... Vou me mudar prá uma floresta bem longe daqui, convido os meus dois amiguinhos, aí fico livre da dona onça por tôda a vida! Vou arrumar minha malinha!... (*Sai*).

URSO (*Volta com o papagaio*) — Você ouviu isso, também?

URSO — E agora?

PAPAGAIO — E agora? Você se lembra quando eu disse uma vez que nós dois podíamos fazer um negócio muito bom?

URSO — Deixa eu pensar. (*Pausa*) Ah, me lembro sim! Você disse que a dona onça e o coelhuho deviam ser amigos!

PAPAGAIO — Isso mesmo! Você notou os dois estão preocupados?

URSO — É claro que notei! (*Doutoral*) Otavinho, você é um gênio! Vamos acabar com a briga dos dois! (*À platéia*) Querem ver? Vocês querem que eles dois fiquem amiguinhos?! (*Espera resposta*) Atenção! (*Chamando*) Dona onça Matilda?!

ONÇA (*De dentro*) — Quem ousa interromper a minha tristeza?

URSO — Venha cá um instantinho... por favor...

ONÇA (*Entra, chorosa*) — Eu não quero viver a vida inteira perseguindo o Coelhoinho Pitomba! (*Chora mais*).

URSO — Calma, dona onça, não precisa chorar tanto. Nós já resolvemos tudo!

ONÇA — Resolveram tudo, como?

URSO — Que tal a senhora e o coelho se tornarem bons amiguinhos?!

ONÇA — Eu, amiga do coelho? E o meu guisado?

URSO — Ora, dona onça, existe uma porção de guisados muito gostosos, sem ser de coelho! Escuta: todo mundo sabe que guisado de cenoura com carne seca é o melhor quitute que existe.

PAPAGAIO — É sim, dona onça, eu já provei. É tão gostoso!

ONÇA — É mesmo?

PAPAGAIO — Depois nós damos a receita para a senhora.

ONÇA — Então eu vou experimentar! (*Tristonha*) Mas como é que o Coelhoinho vai acreditar que eu quero ser amiguinha dele?

URSO — Deixe por nossa conta. Fique escondida atrás do poço. (*Onça obedece*).

PAPAGAIO — Posso chamar o coelho?

URSO — Pode, pode.

PAPAGAIO (*À platéia*) — Então, todos nós vamos chamar o coelho Pitomba! Já! (*Dando ritmo à criançada*) Coelhoinho Pitomba! Coelhoinho Pitomba! Etc. (*Forma-se enorme gritaria*).

COELHO (*Pula em cena*) — Que gritaria é essa na minha porta?

PAPAGAIO — Nós queremos brincar com você.

COELHO — Nossa! Pensei que fosse um terremoto!... (*Outro tom*) Como é que vo-

ces podem pensar em brincar, quando eu, pobre de mim! — só tenho que viver fugindo e fugindo da onça Matilda. (*Chora*).

URSO — Ora, Pitomba, não chore mais! Se você quiser, não precisa mais fugir da dona onça, e vamos brincar todos juntos!

COELHO — Você é muito gozado, Ricardão. Como é que nós vamos brincar todos juntos, se a dona onça não descansa enquanto não comer um guisado do coelho Pitomba?!

PAPAGAIO — Seu bôbo, ela está louca prá ser sua amiguinha!

COELHO — Dona onça quer ser minha amiguinha?

URSO — É, sim. Quer que eu te dê uma prova?

COELHO — Que pro.a?

URSO — Eu vou chamar a dona onça, preste atenção.

COELHO — Vai chamar a dona onça? Então, deixe eu me esconder atrás de você! (*Esconde-se atrás do urso*).

URSO — Atenção! (*Chama*) Dona onça Matilda! Qual é o prato que a senhora gosta mais?

ONÇA (*De trás do poço*) — Guisado de cenoura com carne seca!

COELHO — Será que eu ouvi direito?

ONÇA (*Idem*) — Ouviu sim!

PAPAGAIO — Então, Pitomba, podemos trazer a dona onça?

COELHO — Não sei, não. (*Pergunta à platéia*) Que é que vocês acham? Eu e a dona onça devemos ser amiguinhos? Vocês acham que sim? Então, está bem podem trazer a dona onça.

PAPAGAIO — Dona onça, pode vir! (*A onça vem fazendo "charme". Pisca-pisca para o coelho. Ele responde igual*).

COELHO — Hum, ela está tão esquisita!

ONÇA — Seu Coelhoinho Pitomba! Uh!... Uh!... (*Faz um trejeito de bailarina*).

COELHO — Eu acho que ela vai dançar ballet!

PAPAGAIO (*Corrigindo*) — Não, coelho, ela está de botas!

COELHO — É mesmo. Faz a pôse de nôvo, dona onça.

ONÇA — Seu coelho Pitomba! Uh!... Uh!... (*Exagera os trejeitos*).

COELHO — Ah, é yê-yê-yê! (*Faz passos de dança, galanteador*) Dona onça Matilda, uh!... uh!... (*Ela aproxima, os dois dão as mãos e falam ao mesmo tempo*:)

ONÇA E COELHO — Vamos ser amiguinhos?

URSO (*Tomando cena*) — E assim termina!

PAPAGAIO (*Idem*) — A história engraçada!

ONÇA (*Aponta o coelho*) — Do coelhinho Pitomba!

COELHO (*Aponta a onça*) — E da oncinha pintada! (*Os personagens dão as mãos e se inclinam em agradecimento*). Um momento! Dona oncinha, que tal se nós todos cantássemos a musiquinha do Coelhinho Pitomba? (*Todos pulam e batem palmas*).

ONÇA — Que bom! Que bom! (*Reflete*) Mas acontece que eu não sei a letra nem a música!

COELHO — Não tem importância. Nós cantamos uma vez sôzinhos, depois a senhora acompanha a gente, está bem?

ONÇA — Ótimo! Podem começar. Vou prestar atenção.

COELHO (*Canta com o urso e o papagaio a música do coelhinho*) — E então, dona onça,

já aprendeu?

ONÇA — Já, Escute só. (*Canta sôzinhos os dois primeiros versos em seguida, todos cantam, com ritmo de palmas*) (*No momento em que a letra é: "Como é o meu nome? Coelhinho Pitomba! Como é que eu me chamo? Coelhinho Pitomba!" A onça se destaca do grupo e sapateia enfurecida no procênio*)

OS OUTROS (*Ficam assustados e se afastam*)

ONÇA (*Autoritária*) — Que negócio é esse?!

COELHO (*Sem compreender*) — Que foi que houve, dona onça?

ONÇA (*Explicativa*) — Como é que eu me chamo?

TODOS — Ah, é! *Fazem reverência em volta da dona onça*) Dona onça Matilda! (*Saem de cena de mão dadas cantando a música do prólogo*).

FIM DA PEÇA

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo fôr, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.



51

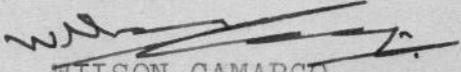
TÍTULO O COELHINHO PITOMBA

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA- LIVRE

A peça infantil Coelhinho Pitomba já foi anteriormente liberada pelo Serviço de Censura nada tendo a presente que não possa ser liberada com a classificação "LIVRE"

Brasilia, 23 de julho de 1971


WILSON CAMARGO

Tec.Cens.008

Sr. Chefe:

Trata-se de peça já censurada por êste SCDP,
mantendo-se a mesma classificação anterior -LIVRE.

DF. 28.7.71.
p/ *[Signature]*
TCTC

we acordos
em 29.7.71

[Signature]
7/1
SC

Libere-se.
[Signature]
29.07.71



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036 1p.69

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4 009/71

PEÇA * O COBLINHO PITOMBA *

ORIGINAL DE MILTON LUIZ

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 29 de JULHO de 19 76

Brasília, 29 de JULHO de 19 71

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

Generalino
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

52

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 26, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada

O COELHINHO PITOMBA

Original de MILTON LUIZ

Tradução de

Adaptação de

Produção de EMPRESA FRANCISCO DE ASSIS GUIMARÃES * SÃO PAULO = SP

Tendo sido censurada em 23 de JULHO de 19 71 e recebido

a seguinte classificação: PROIBIDA PARA MENORES, ALIÁS, SEM RESTRIÇÕES ETÁRIAS LIBERADA PARA QUALQUER PÚBLICO * LIVRE

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 29 de JULHO de 19 71

WILSON DE QUEIROZ GARCIA CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

XXXXXX

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

53

MEMORANDO Nº 595 /71

Em, 5 / agosto / 71

Do: Chefe da Seção de Censura do SCDP
Ao: Sr. Chefe da TCDP-DR-DPF/ SP
As: Providências (solicita)

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: O CORLHINHO PITOMBA

Autor: Milton Luiz

Intrs: EMPRESA FRANCISCO DE ASSIS GUIMARÃES

Endrç: SÃO PAULO - SP.

Atenciosamente,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA.

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.P.F.
BRASÍLIA - D.F.

55



O TEATRO AMADOR DA ASSOCIAÇÃO DA JUVENTUDE FEIRENSE, (TEAM), pelo seu Diretor Geral, infra firmado, Sr. Hermínio Lemos / Rodrigues, brasileiro, maior, solteiro, residente à Rua Dr. Macário Cerqueira, 88, na cidade de Feira de Santana, Estado da Bahia, vem/ mui respeitosamente requerer a V.Sa. que se digne censurar a peça / "O COELHINHO PITOMBA" de autoria de Milton Luiz, texto infantil, em 1 prólogo e dois atos, de acôrdo com o que dispõe a Lei nº 5.536 de/ 21 de novembro de 1968.

Anexo estamos remetendo três (3) "scripts" da refe - rida peça infantil, assim como autorização da Sociedade Brasileira/ de Autores Teatrais (SBAT), conforme carimbo apôsto nos textos.

N.Têrmos
P.Deferimento

Feira de Santana, 30 de abril de 1970.

Hermínio Lemos Rodrigues

DIRETOR GERAL DO TEAM

A TCTC, para providenciar

Ferralves
7.5.70

56

O COELHINHO PITOMBA

PEÇA INFANTIL

DE

MILTON LUIZ

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
(SBAT)
Agência de Feira de Santana
Rua Mal. Deodoro, 161 - Edf. Mercês, Sala 102
AGENTE

1 prólogo e 2 atos

Cenário.....único
Personagens.....COELHINHO PITOMBA
DONA ONÇA MATILDA
URSO RICARDÃO
PAPAGAIO OTAVINHO

1ª representação no TEATRO JOVEM em setembro de 1967.

----- X -----

ESTA PEÇA SÓ PODERÁ SER ENCENADA COM AUTORIZAÇÃO PRÉVIA DA SBAT

"Sociedade Brasileira de Autores Teatrais".

5x

"O COELHINHO PITOMBA"

(Peça infantil de MILTON LUIZ)

- CENÁRIO** - DUAS ENTRADAS PARA A COXIA, UMA COM DETALHES DA CASA DO COELHO E OUTRA COM DETALHES DA CASA DA ONÇA. NO MEIO DO PALCO, UMA ESPECIE DE PRAÇA NA FLORESTA; VENDO-SE AO CENTRO, EM PRIMEIRO PLANO, A BÓCA DE UM PÓÇO, COM TELHA DINHO ROLDANA COM LATA PARA APANHAR ÁGUA ETC. ALGUMAS ÁRVORES.
- PRÓLOGO** - OUVEM-SE MUSICA DE RODA, EM GRAVAÇÃO, OU CANTADA AO VIVO PELOS ATÓRES, FORA DE CENA. PÁRA DE REPENTE. ENTRAM, O COELHO, O PAPAGAIO E O URSO. CANTAM E DANÇAM (FAZEM RITMO COM PALMAS. MUSICA À VONTADE).
- Coelho** - Eu gosto de couve
- de mim ninguém zomba -
Você que me ouve,
me diga depressa:
Qual é o meu nome?
- Outros** - Coelhoinho Pitomba!
- Outros** - Como é que eu me chamo?
- Coelho** - Coelhoinho Pitomba!
- Sou muito esperto,
De onça eu fujo,
Quando ela aparece,
Nao fico por perto.
Qual é o meu nome?
- Outros** - Coelhoinho Pitomba!
- Coelho** - Como é que eu me chamo?
- Outros** - Coelhoinho Pitomba!
- Coelho** - Os dois amiguinhos
Que trago comigo,
Se a onça aproxima,
Me dizem depressa:
- Coelhoinho, sai dessa!
- Urso** - Lá vem o perigo!
- Papagaio** - Qual é o meu nome?
- Coelho** - Coelhoinho Pitomba!
- Outros** - Coelhoinho Pitomba!
- Coelho** - Como é que eu me chamo?
- Outros** - Coelhoinho Pitomba!
- Coelho** - (À PLATEIA) Alô, criançada! Como é mesmo o meu nome? /
(ESPERA RESPOSTA)(URSO COMEÇA A CHUPAR UM IMENSO PIRULITO COLORIDO).
(O PAPAGAIO COME UMA BANANA) Pois é, o meu nome é Coelhoinho Pitomba. Muito prazer em conhecer vocês todos. Eu nasci aqui nesta floresta. Aqui eu almoço, janto, vou à escola, brinco com dois amiguinhos que eu tenho e... /
(REFLETE) Puxa vida! Vocês viram como eu sou avoado? /
Cantei, pulei, dansei, disse uma porção de vezes o meu nome, falei nos meus dois amiguinhos e me esqueci de apresentá-los à vocês. Me desculpem, está bem? Então, vamos começar. (INDICA O URSO) Este gordao que está chupando pirulito, é o meu bom amigo o Urso Ricardao!
- Urso** - (CANTANDO E DANSANDO) Sou gordinho e durmo demais,
Mas no fundo, sou um bom rapaz. (BIS)
- Coelho** - (INDICA O PAPAGAIO) E este, o bom Otavinho, o amiguinho papagaio.
- PAPAGAIO** - (IDEM) Gosto de cantar e de falar também,
quando estou alegre,
nao troco o meu puleiro,
nem por um vintém. (BIS)

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
(SBAT)
Agência de Feira de Santana
Rua Mal. Deodoro, 164 - Edif. Maricás, Sala 102
AGENTE

COELHO - Vocês gostaram dos meus amiguinhos? Agora, nós vamos brincar de roda. (CANTAM "ATIREI O PAU NO GATO" EM VOLTA DO POÇO) (DE REPENTE A ONÇA URRRA NO FUNDO) Ela hoje está mais furiosa do que nunca. Até logo, meus amiguinhos! (SAI CORRENDO) (URSO E PAPAGAIO SE ESCONDEM NO PALCO).

ONÇA - (ENTRA PULANDO E CANTANDO) Quem viu? Quem viu? Quem viu?
Um coelhinho que é uma bomba, (BIS)
Um coelhinho chamado Pitomba?

URSO - Pitomba?

PAPAGAIO - Coelhinho?

ONÇA - Quem viu? (URRA)

OS DOIS - (COM MÊDO) Pitomba... Coelhinho...

ONÇA - (URRA) Sim, quem viu?

OS DOIS - Nós... (saindo)... não vimos! (SAEM CORRENDO)

ONÇA - Não importa, eu vou encontrar o levado. E quando isso acontecer... nhêco... Ah!, que delícia! Vou transformá-lo em guisado! (ESCURO OU CORTINA)

FIM DO PRÓLOGO

P R I M E I R O A T O

(AO ABRIR O PANO, OUVI-SE MÚSICA DE RODA. APARECE URSO, PÉ ANTE PÉ, EXAMINA A CENA. UM TEMPO. CHAMA O PAPAGAIO)

URSO - Otavinho, pode vir, a dona onça já foi embora.

PAPAGAIO - (de dentro) Tem certeza, Ricardão? Procura mais um pouquinho, tá? Depois eu vou.

URSO - Pode vir. Deixa de ser medroso. Ela foi embora sim.

PAPAGAIO - (ENTRA OLHANDO EM REDOR) Ué, cadê o Pitomba?

URSO - Sei lá. Ele saiu na disparada assim que a dona onça chegou. Você sabe, o maior sonho da dona onça é fazer um guisado do Pitomba.

PAPAGAIO - Pois é. Você não acha isso uma bobagem?

URSO - Eu acho. Mas você sabe como ela é teimosa.

PAPAGAIO - Agora, uma coisa eu sei. O coelhinho é muito mais esperto do que ela.

URSO - É por isso que a dona onça fica cada dia mais furiosa.

PAPAGAIO - Ainda bem que ela nunca cismou de fazer guisado da gente.

URSO - A implicância dela é com o Pitomba.

PAPAGAIO - Deve ser porque ela não consegue pegá-lo nunca.

URSO - É, você tem razão. A onça pensa que é inteligente, mas o coelhinho é muito mais.

PAPAGAIO - Se é! (RIEM) Ricardão, que tal a gente dar um passeio pela floresta?

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
(SEAT)
Agência de Feira de Santana
Rua Mal. Deodoro, 161 - Edf. Mercão, Sala 102
AGENTE

URSO - Ótimo. Estou louco para fazer exercicios. (FAZ GINASTICA EXAGERADA)
Um, dois, um dois, um dois...

PAPAGAIO - Então vamos pular carniça?

URSO - Vamos, sim. Abaixei aí. (O PAPAGAIO SE ABAIXA. O URSO TOMA DISTÂNCIA E FAZ DUAS TENTATIVAS PRÁ PULAR O PAPAGAIO, NA TERCEIRA OS DOIS SE ESBORRACHAM NO CHÃO) (EXAUSTO) Puxá, como estou cansado. É melhor a gente ir passear na floresta.

PAPAGAIO - Vamos convidar o Pitomba?

URSO - Vamos sim. Duvido que ele saia de casa sem a gente. (VAI CHAMAR) Coelhinho Pitomba? Coelhinho Pitomba?... (SILÊNCIO) Acho que ele não está.

PAPAGAIO - Está sim. Será que ele não está mesmo? (OS DOIS FICAM DE COSTAS PARA A CASA)

COELHO - (PÕE A CABEÇA DE FORA E MURMURA) Quem está me chamando?

OS DOIS - (Voltam-se) Nós. Você não ouviu?

PAPAGAIO - POR que não respondeu? (O COELHO VAI AO MEIO DO PALCO)

COELHO - Vocês pensam que eu sou bôbo? Se a dona onça estivesse por perto e soubesse que eu estava em casa, pronto, adeus sossêgo. Ela ia me vigiar o tempo todo.

URSO - Ela foi embora. Não tem perigo!

PAPAGAIO - Coelhinho, quer passear com a gente?

COELHO - E se a dona onça aparecer? Lá longe, no meio da floresta, é mais difícil eu fugir dela.

URSO - Puxa vida, Pitomba, você nem parece nosso amigo. Nós não dissemos que ela foi embora?!

PAPAGAIO - Foi, sim. Olha aqui, eu juro! (GESTOS DE JURAMENTO)

- OS DOIS - Per que não respondeu? (OCOELHO VAI AO MEIO DO PALCO)
- COELHO - Vocês pensam que eu sou bôbo? Se a dona onça estivesse por perto e soubesse que estava em casa, pronto adeus sosseho! Ela ia me vigiar o tempo todo.
- URSO - Ela foi embora. Não tem perigo!
- PAPAGAIO - Coelhinho, quer passear com a gente?
- COELHO - E se a dona onça aparecer? Lá longe, no meio da floresta, é mais difícil eu fugir dela.
- URSO - Puxa vida, Pitomba, você nem parece nossa maigo. Nós não dissemos que ela foi embora?!
- PAPAGAIO - Foi, sim. Olha aqui, eu juro! (GESTOS DE JURAMENTO)
- COELHO - Está bem. Vamos passear. Mas se ela aparecer, eu fico de mal com vocês.
- OS DOIS - Certo. Então vamos.
- COELHO - Esperem um pouquinho. Vou aproveitar e encher o meu baldinho no poço da dona onça. Assim, se ela aparecer de repente, eu tenho bastante água guardada. Vou buscar o baldinho. (SAI)
- PAPAGAIO - Não demore, sim Pitomba?
- URSO - Queremos passear bastante.
- COELHO - (DE DENTRO) Eu volto logo. Esperem um pouquinho!
- PAPAGAIO - Ricardão, quem sabe, um dia, a gente podia fazer uma coisa muito boa?
- URSO - Que coisa muito boa? (PAUSA) Ah, já sei. Comprar um montão de doces e comer tudo.
- PAPAGAIO - Não.
- URSO - ~~XXXXXXXXXXXX~~
- URSO - Ou então, 50 litros de mel bem docinho! Eu adoro mel!
- PAPAGAIO - Não é nada disso, seu guloso! Quem sabe se a gente podia fazer a dona/onça e o coelhinho ficarem amigos?
- URSO - Ah, duvido muito. Você não sabe que... (ONÇA URRRA DENTRO)
- ONÇA - Ah, vocês estão aí? (O COELHO APARECE EUFORICO NA PORTA! ARRUMANDO QUALQUER COISA. NÃO VE A ONÇA, NEM ELA A ELE. OS OUTROS FICAM FAZENDO MIMICA, TENTANDO AVISAR O COELHO. A ONÇA REPARA NEOS GESTOS DOS DOIS) Mas o que é isso? Nunca vi coisa mais estranha! Vocês enloqueceram?
- URSO - (DISPARÇANDO) Não é nada, dona oncinha, é que eu e o Otavinho estamos brincando de surdo-mudo. (CONTINUA O JOGO)
- ONÇA - Surdo-mudo? Então como é que você está falando?
- URSO - É que... eu... sou... eu ... sou... o surdo. O Otavinho é que é o mudo... não é Otavinho? (O OUTRO IMITA UM MUDO) Viu? Viu?
- ONÇA - Pois sim. Vocês não me enganam! Tenho certeza de que estão me escondendo alguma coisa. Ah, mas eu vou descobrir. Vou sim. (SAIDA FALSA) (OS DOIS CONTINUAM TENTANDO AVISAR O COELHO)
- COELHO - (SEM VER A ONÇA, NEM OS SINAIS DOS DOIS, GRITA NA PORTA) Pessoal!!! (DA COM A ONÇA E PARA COMO ESTATUA, ESCONDE-SE ATRAS DO PAPAGAIO, QUE TREME DA CABEÇA AOS PÉS, A ONÇA QUE JÁ ESTAVA SAINDO, NÃO PERCEBE QUE FOI O COELHO QUE GRITOU)
- ONÇA - (VOLTA-SE FURIOSA) Quem gritou? (OLHA OS DOIS) Eu ouvi alguém gritar!
- URSO - A senhora está cismada, dona oncinha. Ninguém gritou.
- ONÇA - Eu ouvi muito bem alguém gritar assim: "pessoal"!
- URSO - A senhora ouviu mesmo?
- ONÇA - Claro. E não vou embora enquanto não descobrir quem gritou!
- URSO - Ah, dona oncinha, já sei quem gritou!
- ONÇA - Quem foi?
- URSO - (DEPRESSA) O papagaio, o papagaio. Foi ele quem gritou! (REAÇÃO DO PAPAGAIO)
- ONÇA - Foi, é? Muito bem. Então eu quero ouvir ele gritar de novo.
- URSO - Mas dona onça... (PARA A CRIANÇA) Ih! Agora como é que vai ser?!
- ONÇA - Anda, vamos, seu urso espartinho, estou esperando!
- URSO - Está esperando, é? Está bem. (GUAGUEJANDO) Otavinho, grita "Pessoal" de

- URSO - novo para a onça ouvir.
- PAPAGAIO - (RESMUNGA NERVOSO, SEM SABER O QUE FAZER) Hum! Hum!...
- ONÇA - Já estou perdendo a paciência!
- PAPAGAIO - (RESPIRA FUNDO, RESMUNGA MAIS ALTO, COMO QUEM VAI FALAR)
- COELHO - (GRITA ATRÁS DELE, AO MESMO TEMPO) Pessoal!!!
- URSO - Está vendo como foi ele que gritou, dona oncinha?
- ONÇA - Vocês pensam que me enganam, é?
- URSO - Mas quem está querendo enganar a senhora?
- ONÇA - Foi ele que gritou, não foi?
- URSO - Foi, a senhora mesma ouviu.
- ONÇA - Ah, que gracinhas!... Muito bem. Então se foi mesmo o papagaio que gritou, como é que ele não mexeu com a boca?
- URSO - E porque ele é mudo.
- ONÇA - Mudo? Então como é que eu ouvi a voz dele?
- URSO - E porque ele é mudo ventriloquê!
- ONÇA - Ventriloquo? Que é isso?
- URSO - Ventriloquo é uma pessoa que fala pelo peito, com a boca fechada!
- ONÇA - Ah, é? E porque é que ele está com os braços abertos?
- URSO - E porque não estamos brincando de surdo-mudo é ele é um mudo que pensa / que é um passarinho!
- ONÇA - Eu, hein? Que brincadeira mais bôba! Vou embora!...
- URSO - Adeusinho, dona onça! (SAI A ONÇA) Pode sair Pitomba, ela foi embora. / (PAPAGAIO E O COELHO SE MOVIMENTAM)
- COELHO - Meninos, que susto! Que onça mais teimosa! Não queria acreditar em vocês não foi mesmo?
- PAPAGAIO - Você nos deu um trabalhão!
- COELHO - E, mas o susto que eu levei, não foi pequeno. Bem, deixa eu encher o meu baldinho!...
- PAPAGAIO - Anda depressa coelhinho.
- ONÇA - (VOZ DE DEVERO) Vocês me enganaram, seus moleques! (PÂNICO. COELHO, SEM / SABER O QUE FAZER, NETE O BALDE NA CABEÇA E SE ACACHA ATRÁS DO POÇO)
- COELHO - Que luta! Essa onça não me dá uma fôlga!
- PAPAGAIO - (FRÁ FORA) Olá, dona oncinha!... (ONÇA ENTRA)
- URSO - Há quanto tempo!...
- PAPAGAIO - Já estávamos morrendo de saudades!...
- ONÇA - (A PARTE PARA A PLATEIA) Esses dois são falsos!... (TOM) Eu ouvi vocês // dois conversando com mais alguém.
- URSO - Nós não é possível! Poderver se tem mais alguém aqui.
- ONÇA - (PROCURA EM VOLTA) Vou ver! (CONFORME ONÇA CONTORNA O POÇO, URSO E PAPA- / GAIO LHE TAPAM A VISTO E O COELHO VAI MUDANDO DE ESCONDERILJO) E, não tem / mais ninguém mesmo. (VE O BALDE SOBRE A CABEÇA DO COELHO) Achei!!!
- OS DOIS - Nossa!...
- ONÇA - Vocês, hein?!...
- OS DOIS - Nós o que?!...
- ONÇA - Espertinhos! Sabiam que o meu balde estava aqui, e não me disseram nada!
- OS DOIS - (ALÍVIO) Aaaaaaahhhhhhh.....
- ONÇA - Vou correndo guardar o pobrezinho!... (PARTE)
- URSO - (CORTANDO) Não, não dona onça. A senhora está enganada. Esse balde é meu
- PAPAGAIO - E sim, dona onça, eu sou testemunha!
- ONÇA - Então, onde é que está o meu? Já procurei por toda parte?!!!
- URSO - Vai ver, a senhora esqueceu na floresta. (OS DOIS FAZEM NARCAS EM VOLTA / DA ONÇA, TENTANDO IMPEDIR QUE ELA APANHE O BALDE)
- PAPAGAIO - Ah! Agora me lembro!... Cntem, a senhora foi com ele na casa da dona gi- / rafa!...

- ONÇA - Mas esse aí é igualzinho ao meu. Eu conheço pela alça. Vou ver. (VAI)
- URSO - Dona onça! (ELA PÁRA) Que obr é a alça do seu?
- ONÇA - (DIZ A CORR,ANDA MAIS)
- PAPAGAIO - A dêsse aí é... (DIZ OUTRA CORR) (ELA PÁRA)
- ONÇA - Deixe eu ver, saiam da frente. (CORRE E SUSPENDE O BALDE. PEGA TRO RÁPIDO QUE ESTÁ NO COELHO) E, a alça d'êste é de outra obr. (O COELHO ENTRA O BALDE BEM DEVAGAR, NOVAMENTE PARA A CABEÇA DELE, ENQUANTO A ONÇA CONTINUA FALANDO DISTRAÍDA) mas que coisa gozada, é tão parecido. (COS OS DOIS) De quem é mesmo êsse balde?
- COELHO - (TIRA RÁPIDO A CABEÇA DO BALDE) Meu! (RECOLOCA DEPRESSA O BALDE)
- ONÇA - Quem falou?
- OS DOIS - Ninguém, dona onça.
- ONÇA - Vocês estão zombando de mim, é? Quem falou?
- URSO - Mas quem está querendo zombar da senhora? Ninguém falou!
- ONÇA - Bem, por esta vez passa. (VAI SAINDO PELA PLATEIA)
- COELHO - (TIRA A CABEÇA DO BALDE E GRITA) Dona onça(Matil)malhada! (OS DOIS FAZEM "PSSIU" PARA O COELHO)
- ONÇA - (VOLTA FURIOSA) Quem me chamou de onça malhada!? Eu detesto apelidos!
- URSO - (RISO AMARELO) É a senhora, não é uma onça malhada?
- ONÇA - Não senhor, seu bôlo-fôfo! (DÁ-LHE UMA PALHADA NA BARRIGA) Eu sou uma onça pintada! Há muita diferença... E, mas não disfarçam, não. Quem / me chamou de onça malhada?
- URSO - Ninguém. Fura, como a senhora é desconfiada.
- PAPAGAIO - É sim, dona onça, é eu acho que a senhora está ficando maluca!
- ONÇA - O que, sou atrevido?!... (CORRE ATRÁS DO PAPAGAIO EM CIRCULOS. O URSO FOR SUA Vez, CORRE ATRÁS DA ONÇA, GRITANDO: "perdôa ôle, dona onça" - falas livres) (QUANDO, NA PRIMEIRA VOLTA NO PALCO, A ONÇA PASSA PERTO DO BALDE, O COELHO PÔE A CABEÇA DE FORA E PUXA A SAIA DELA, OU LHE DÁ UMA PALHADA, E A ONÇA PENSANDO QUE FOI O URSO, SE VOLTA E ENDA A DIREÇÃO DA CORRIDA. REPETE A BRINCADEIRA ENQUANTO FUNCIONAR. EM DADO MOMENTO, O COELHO SE ENTUSIASMA E ENTRA NA CORRERIA. FAZEM ALGUNS CIRCULOS. O PAPAGAIO E O URSO DESCEN PARA A PLATEIA UM DE CADA LADO. A ONÇA PREFERE DESCEN ATRÁS DO URSO. O COELHO FICA TORCENDO NO PALCO, GRITA PELO PAPAGAIO PARA QUE VOLTE, O COELHO AJUDA O PAPAGAIO PARASUBIR. CAEM OS DOIS. NISSO, DO OUTRO LADO, SOBEM O URSO E A ONÇA ATRÁS. PARANDO, IRABÁTICA! (ONÇA AVANÇA) (O COELHO DRIELA A ONÇA EM VOLTA DO POÇO. EM DADO MOMENTO TROPEÇA E CAI, ELA O PEGA E OS OUTROS FICAM DE LADO COCHICHANDO)
- ONÇA - Peguei!!! (CANTA ENQUANTO AMARBA O COELHO NO POÇO)
O coelhinho é esperto-
Mas eu sou muito mais (BIS)

----- X ----- X -----

Samba, samba, samba, coelhinho

Na panela da Matildinha... (BIS) (MÚSICA DE "SAMBA LE-LE")

Bem, vejamos agora a receita de guisado de coelho (TIRA DO BÓLCO UM / CADERNINHO COM LÁPIS) (ANOTANDO) Um caldeirão bem cheio de água fervendo...

- COELHO - Não, dona onça, água morna é melhor.
- ONÇA - Não me interrompa.
- COELHO - Então, água gelada!
- ONÇA - (CONTINUA) Cinco latinhas de pimenta do reino...
- COELHO - Pimenta, não, dona onça, me dá alergia...
- ONÇA - É daí!
- COELHO - Eu vou ficar espirrando dentro da panela...

- ONÇA - Eu tanto a panela (CONTINUA) Cinco latinhas de pimenta do reino...
- COELHO - (ESPIRRA FORTE) Atochim!!!
- URSO E PAPAGAIO - Saúde!
- COELHO - Obrigado!
- ONÇA - ... três comprimidos contra espirro! (CONTINUA) Sete colheres de // sal grosso...
- COELHO - Sal grosso? Porque a sra. não põe açúcar? Eu gosto mais de açúcar!
- ONÇA - Ah, é! Eu também gosto de açúcar! (TON) Não me confunda, açúcar é pa-
ra sobremesa! (CONTINUA) Duas xícaras de vinagre, alho, pimentão, to-
mate, salsa... (PIEIRA) Acho que é só!
- URSO - Dona onça, a senhora esqueceu a cebola!
- ONÇA - (VAI AO URSO) Ah, é mesmo! Quatro cebôlas bem grandes, em rodelas ou/
bem picadinhas... (O PAPAGAIO VAI DE MANSINHO E DESAMARRA O COELHO, E
VOLTA PARA O MESMO LUGAR)
- URSO - Azeitonas... (OLHA PRA VER SE O COELHO JÁ FUGIU)
- ONÇA - (ANOTA) Quatro latas de azeitonas...
- URSO - Agora já está bom, dona onça!
- ONÇA - Ótimo! Vamos ao guisado... (VIRA)
- COELHO - (GRITA DO FUNDO) Dona onça Matilda! (FAZ NICAGEM)
- ONÇA - (VIRA-SE E PARTE FURIOSA ATRÁS DO COELHO, QUE SAI DE CENA CORRENDO) /
(CORTINA RÁPIDO)

S E G U N D O A T O

(MESMO CENÁRIO)

(O URSO E O PAPAGAIO ESTÃO EM CENA. O URSO ESTÁ TRISTE SENTADINHO NUM /
PONTO QUALQUER) (O PAPAGAIO DORME DO OUTRO LADO, RONCANDO ALTO)

- URSO - Otavinho! Otavinho! Otavinho! Acorda, Otavinho! Você já pensou, Ota-
vinho?! Ninguém vai resistir. Três meses é muito tempo.
- PAPAGAIO - O ocelhinho Pitomba nem ligou. Disse que sabia como resolver o proble-
ma. É o que ele pensa! (APARECE A ONÇA. FELIZ. CANTAROLA)
(VESTE UM AVENTAL COM ENORME BOLSÃO) (TRAZ UMA CERQUINHA DE MADEIRA, OU
OU DUAS TÁBOAS SÓLTAS, MARTELO, FREGOS, etc...)(CANTAROLA) Oh, que /
dia tão feliz! Trá-lá-lá-lá-lá-lá-lá! Trá-lá-lá-lá-lá-lá! etc. /
... (VE OS DOIS) Olá queridinhos, que lindo dia, não é? (CANTA MAIS)
- URSO - E, mais isso agora não importa. Estamos muito preocupados...
- ONÇA - Preocupados com o que, meus amorzinhos?
- PAPAGAIO - Então a senhora ainda não sabe?
- ONÇA - O que é que eu ainda não sei?
- URSO - Da seca, da seca, dona onça. O professor coruja disse que durante //
três meses não vai chover nadinha. E todos os rios vão secar.
- ONÇA - É verdade? Ora, não faz mal!
- PAPAGAIO - Não faz mal?! E onde nós vamos beber água?
- ONÇA - Vocês, não sei. Quanto à mim, sou a única na floresta que tenho um //
poço em casa. E ele é bem grande, bem fundo! Com licença, tenho muito
o que fazer. (COMEÇA A PREGAR A CERQUINHA EM VOLTA DO POÇO) (CANTAROLA)
(OU AS TÁBOAS NA BOCA DO POÇO)
- URSO - Prá que essas táboas, dona onça?
- ONÇA - For que ãs hoje em diante, ninguém vai apanhar água no poço da onça /
Matilda! Bem, com licença, preciso trabalhar (CANTAROLA ALTO, OS DOIS
SAEM CABISBAIXOS. ONÇA PAZ CENA. PARA SÚBITO. PENSATIVA) Esperem... /
Mas que estúpida que eu sou!... Se proibir de apanharem água no meu /
poço, jamais conseguirei executar o meu plano! pegar o coelhinho Pi-
tonba! Lógico! os rios já estão quase sem água e eu sou a única pes -

soa que tem um poço...(PAUSA)Mas esperem...Ah, é isso mesmo!Onça Matilda, você é formidável.(CHAMA MUSICAL)Meus amiguinhos, onde estão vocês?Ricardão e Otavinho, venham aqui um instante!Tenho uma grande notícia para todos.

URSO - (ENTRA COM O PAPAGAIO) A senhora chamou a gente?

ONÇA - Chamei sim.

PAPAGAIO - O que é que a senhora quer?

ONÇA - Sabem, estive pensando bem;se vocês não tiverem onde beber água, naturalmente irão embora para outra floresta...

OS DOIS - Claro!

ONÇA - Pois é.Então o que adianta eu ter um poço tão grande, tão fundo e só para mim?

URSO - Mas a senhora disse que ninguém...

ONÇA - Eu disse, mas agora não digo mais.(TIRANDO AS TÁBOAS) Estão vendo?Vou fazer uma boa fogueira com essas táboas.O poço da onça Matilda agora é de todo mundo.

URSO - Que bom.Otavinho, vamos apanhar nossos baldes (SAEM CORRENDO)

ONÇA - (CANTAROLA MISTERIOSA) (OS DOIS VOLTAM, ENCHEM OS BALDES COM AJUDA DA ONÇA.VÃO SAINDO) E digam ao Pitomba que venha apanhar água também.Não precisa ter medo.

URSO - Está bem, dona onça.Nós diremos sim...E muito obrigados.

PAPAGAIO - Olha, dona onça.Nós vamos agora na casa do Pitomba para avisar a êle.Até logo, dona onça.(OS DOIS ENTRAM NA CASA DO COELHO)

ONÇA - (Sò)E agora uma surpresa para o nosso coelhinho, esperem só.(SAI) (APARECEM O URSO, O PAPAGAIO E O COELHO)

URSO - Pode vir, Pitomba.Não tem ninguém.

COELHO - Eu ainda não estou convencido.Conheço bem a dona onça.

URSO - Olha só, como ela retirou as táboas do poço!

COELHO - Ih, é verdade.Será que ela mudou mesmo?

URSO - Nem tenha dúvidas.Sabe por que?A dona onça ficou com medo de // nós todos irmos embora e ela ficar sòzinha aqui na floresta.

PAPAGAIO - Ela agora está tão boazinha, que até nos ajudou a encher os nossos baldes.

COELHO-Então ela mudou mesmo?...

URSO - Estamos dizendo.

COELHO - Parece mentira...(ONÇA APARECE, VÊ OS TRÊS E SE ESCONDE)

URSO - Eu e o Otavinho vamos contar prá todo mundo a boa nova.Assim / ninguém precisa ficar com medo da sêca.

COELHO - Assim que eu encher o meu balde, vou encontrar com vocês (SAEM OS DOIS NA DIREÇÃO DA FLORESTA E O COELHO PRÁ SUA CASA)

Onça - (APARECE, CANTAROLA E DÁ PULINHOS DE ALEGRIA) Ah, enfim o grande momento.Mãos à obra.(TIRA DO BOLSO DIAS ENORMES CENOURAS E UMA LONGA FITA ENVOLTA EM FÓLHAS.AMARRA AS CENOURAS NUMA PON-

TA DA FITA. SEGURA NA OUTRA E VAI CORRENDO SE ESCONDER NA SUA CASA, AO OUVIR UM RUÍDO QUALQUER NA CASA DO COELHO - ANTES COLOCOU A PONTA COM AS CENOURAS NO MEIO DA PRAÇA).

COELHO - (ENTRA FELIZ COM O BALDE) Ainda bem que a dona onça resolveu ficar boazinha. Tenho certeza que assim ela vai conseguir um montão de amiguinhos. O pessoal da floresta nem vai acreditar. (VÊ AS CENOURAS) Ora, vejã, que lindas cenouras! (VAI ABAIXAR RECUA PARA OUTRO LADO) Será que não pertencem a alguém? (NÊSSE MOMENTO, DO SEU ESCONDERIJO, a ONÇA DÁ UM PUXÃO NA FITA) (O COELHO NÃO VÊ) Mas quem deixaria duas cenouras tão lindas aqui no meio da praça? Ninguém, é claro. (MÊSMO JÓGO) Bem, se o dono aparecer de repente, eu devolvo não é mesmo? (A ONÇA DÁ MAIS UM PUXÃO NA FITA) Ah, elas estão com raiz e tudo. Devem ter nascido aqui por engano, (MÊSMO JÓGO) (ONÇA IDEM) Esperem, será que tem alguém olhando? (ESPERA) Óba, ninguém por perto. (DECIDE APANHAR AS CENOURAS. RECUA ASSUSTADO. PENSA. FAZ MIMICA DE QUEM PERCEBEU QUE AS CENOURAS MUDARAM DE LUGAR. CONCLUI QUE É MAIS UM TRUQUE DA DONA ONÇA. GESTOS DE SILÊNCIO PARA A CRIANÇA FAZENDO CARAS DE SUSPENSE. DESCOBRE O TRUQUE. DESAMARRA AS CENOURAS E SAI DE MANSINHO).

ONÇA - (ALHEIA DÁ MAIS UM PUXÃO. OUTRO. PERCEBE O SILÊNCIO. PUXA COM FORÇA E VÊ QUE AS CENOURAS DESAPARECERAM, RUGE) Esse coelho me paga. (SAI) (FURIOSA) (O URSO E O PAPAGAIO VOLTAM DO PASSEIO)

URSO - Você viu Otavinho? A dona girafa ficou tão contente com a notícia que até resolveu fazer um vestido novo, só para vir apanhar água no poço da dona onça.

PAPAGAIO - É, mas só há muito custo que a lebre TÊTÊ acreditou na história.

66

URSO--Ora, porque ela é prima do Pitomba.(ENTRA A ONÇA BUFANDO E TRAZENDO UMA ENORME ESPINGARDA)

ONÇA-Saiam da frente, não quero ver ninguém.Estou de mau humor.(SE COLOCA E M GUARDA EM FRENTE AO POÇO)

URSO - Ué, que foi que houve, dona onça?

ONÇA - (FURIOSA) Já disse que estou de mau humor...

PAPAGAIO - Estamos vendo...

URSO - E prá que essa espingarda?

ONÇA - Prá quê? Ah, foi bom você perguntar. (RUGE) (DÁ COM A ESPINGARDA NA CABEÇA DO URSO)

PAPAGAIO - Calma, dona onça.

ONÇA - Essa espingarda é o primeiro aviso.

URSO - Aviso de que? (O COELHO APARECE, VÊ A ONÇA E SE ESCONDE PARA OUVIR)

ONÇA - Aviso de que ninguém mais vai apanhar água no meu poço.Quem aparecer leva chumbo.

PAPAGAIO - Mas a senhora tinha dito...

ONÇA - Tinha dito, mas agora não digo mais.

URSO - E que vai ser o segundo aviso?

ONÇA - (URRANDO) Um canhão. (COELHO DESAPARECE)

PAPAGAIO - Por favor, Ricardão, não pergunte qual vai ser o terceiro.

URSO - (SAINDO COM O PAPAGAIO) E agora o que vai ser de nós?

PAPAGAIO - Desta vez, até o coelhinho pitomba está perdido (SAEM TRISTES)

ONÇA (Triunfante) - Agora ele vai ver.Vou me vingar de tudo.De tudo.

(OUVE-SE UM CANTAROLAR ESTRANHO - A ONÇA FICA A POSTOS) Que será /
isso?Que voz mais esquisita.(OUVE)Não consigo reconhecer essa voz.
De quem será?

COELHO - (ENTRA VESTIDO DE ÁRVORE, ROUPÃO DE ZUASTE, MOBIM OU LUIZINE MARMOM CORTADO INTEIRO DA CABEÇA AOS PÉS.BURACOS PARA SAIREM AS ORELHAS, OS OLHOS E A BÓCA.FÓLHAS VERDES COSTURADAS NA CABEÇA E NOS BRAÇOS - TRAZ O BALDE COBERTO DE FÓLHAS - SOLVEJA COM VOZ ESTRANHISSIMA - VAI DIRETO AO POÇO - A ROUPA DE ÁRVORE ENCOBRE TOTALMENTE O COELHO, FICANDO APENAS AS ORELHAS DE FORA)

(Música de "Eu fui no Tororó)

(Coelho entra fingindo que não vê a onça, canta)

Eu venho da floresta,

Estou cansada de andar,

Procuro um pocinho,

Prá minha sede matar.

Onde é que tem?

Onde é que tem?

Um pouquinho d'água

Prá mim dar meu bem?

Ah, eu acho que vou me sentar prá descansar.Estou andando há três ~~mais~~ dias e três noites...(REPETE A MÚSICA) Onde é que tem?

67

ONÇA - Ei, quem é você?

COELHO - Eu sou uma pobre árvore cheia de sede.

ONÇA - Árvore? Eu nunca vi uma árvore andar e falar.

COELHO - A senhora desculpe a falta de modéstia, mas é que eu sou uma árvore muito inteligente.

ONÇA - Ah, é? Meus parabéns. Com licença, estou muito ocupada.

COELHO - (LEVANTA) Acho melhor eu ir embora. Já perdi a esperança de encontrar um poço nesta floresta. (FINGE QUE SÓ AGORA VÊ O POÇO DA ONÇA) Oh, que sorte. Um poço bem perto de mim e eu nem tinha visto? Será que não é uma miragem?

ONÇA - Não. É o meu poço.

COELHO - Com licença, minha gentil senhora, posso encher o meu balde?

ONÇA - Alto lá. Ninguém, nem mesmo uma árvore, pode apanhar água no poço da onça Matilda.

COELHO - A senhora se chama Matilda? Que lindo nome. Muito prazer Dona Matilda. (ESTENDE A MÃO).

ONÇA - (APONTA A ARMA) NÃO QUERO INTIMIDADES.

COELHO - Desculpe a pergunta, mas por que é que a senhora está tão zangada?

ONÇA - Zangada? Eu estou mais do que zangada.

COELHO - Talvez eu possa ajudar... Quer que eu segure a espingarda para a senhora?

ONÇA - Nada disso. Afaste-se.

COELHO - Mas a senhora está zangada com quem?

ONÇA - Com todo mundo, principalmente com esse pestinha do Pitomba.

COELHO - Pitomba? Que nome gozado. Não conheço ninguém com esse nome. Quem é Pitomba?

ONÇA - É um coelho que vive me fazendo de bôba, mas hoje eu vou acabar com a festa dele.

COELHO - Dona Matilda, eu tive uma idéia: eu fico aqui tomando conta do poço enquanto isso, a senhora procura esse coelho e se vinga de tu do. Em troca, a sra. deixa eu apanhar água. Que tal?

ONÇA - Nada feito. Eu mesma quero ficar vigiando o meu poço.

COELHO - Mas a senhora vai ficar muito cansada.

ONÇA - Não faz mal. (TOM) Mas por que é que a senhora está tão interessada em me ajudar?

COELHO - Por que eu não posso voltar pra casa sem levar água para as outras árvores. Elas já estão quase morrendo de sede. E a sra. sabe o que vai acontecer se nós não tivermos água para beber?

ONÇA - Sei, sim. Vocês vão ficar com mais sede ainda.

COELHO - Não é só isso. Nós vamos ficar tão fracas que nem vamos poder // produzir frutos gostosos para alimentar os bichos da floresta.

ONÇA - Não vai ter fruto nenhum?

COELHO - Nenhum.

ONÇA - Nem jaboticabas?

69

URSO - E agora?

PAPAGAIO - E agora?...Você me lembra quando eu disse uma vez que nós dois podíamos fazer um negócio muito bom?

URSO - (DEIXA DE PENSAR - PAUSA) Ah, me lembro sim. Você disse que a dona/onça e o coelhinho deviam ser amigos.

PAPAGAIO - Isso mesmo. Você notou como os dois estão preocupados?

URSO - É claro que notei. (DOUTORAL) Otavinho, você é um gênio. Vamos acabar com a briga dos dois. Quer ver? ...A-t-e-n-ç-ã-o (CHAMA) Dona onça Matilda.

ONÇA (DE FORA) - Quem ousa interromper a minha tristeza?

URSO - Venha cá um instantinho...por favor...

ONÇA (ENTRANDO CHOROSA) Eu não quero terminar os meus dias perseguindo o Coelhinho Pitomba (CHORA MAIS)

URSO - Calma, dona onça, não precisa chorar tanto. Nós já resolvemos tudo.

ONÇA - Resolveram tudo. Como?

URSO - Que tal a sra. e o coelhinho se tornarem bons amiguinhos?

ONÇA - Eu amiga do coelhinho? E o meu guisado?

URSO - Ora, dona onça, existe uma porção de guisados muito gostosos, sem ser de coelho. Escute: todo mundo sabe que guisado de cenoura com / carne seca é o melhor quitute que há.

PAPAGAIO - É sim, dona onça, eu já provei. É tão gostoso.

ONÇA - É mesmo.

PAPAGAIO - Depois nós damos a receita para a senhora.

ONÇA - Então eu vou experimentar. (TRISTONHA) Mas como é que o coelhinho vai acreditar que eu quero ser amiguinha dele?

URSO - Deixe por nossa conta. Fique escondida atrás do poço. (ELA OBEDECE)

PAPAGAIO - Posso chamar o coelhinho?

URSO - Pode, pode.

PAPAGAIO (CHAMA) Coelhinho Pitomba. Venha cá. Sou eu, Otavinho.

COELHO - (DE FORA) (CHOROSO) Que é que você quer?

PAPAGAIO - Eu e o Ricardão queremos brincar com você.

COELHO (ENTRANDO) Como é que vocês podem pensar em brincar, quando eu, oh, pobre de mim, só tenho que viver fugindo e fugindo da onça Matilda.

URSO - Ora, Pitomba, não chore mais. Se você quiser, não precisa mais, fugir da dona onça, e vamos brincar todos juntos.

COELHO - Você é muito gozado, Ricardão, a dona onça não descança enquanto não comer um guisado do coelho Pitomba...

PAPAGAIO - Seu bôbo, ela está louca prá ser sua amiguinha?

URSO - É sim, Quer que eu te dê uma prova?

COELHO - que prova?

URSO - Preste atenção (GRITA) Dona onça Matilda, qual é o prato que a senhora mais gosta?

ONÇA - guisado de cenoura com carne seca.

70

COELHO - Meninos, será que ouvi direito?

ONÇA - Ouviu sim (IDEM)

PAPAGAIO - Então, Pitomba, podemos trazer a dona onça?

COELHO - (PERGUNTA À PLATÉIA) Que é que vocês acham (REAÇÕES MIS) Hein?...
Eu e a dona onça devemos ser amigos? Então, está bem, podem trazer a dona onça.

PAPAGAIO - Dona onça, pode vir (A ONÇA VAI FAZENDO CHARME. PISCA PISCA DE /
OLHO PARA O COELHO - ELE RESPONDE DO MESMO JEITO - OS OUTROS BATEM PALMAS)

COELHO - Dona oncinha Matilda...? Uh...Uh...

ONÇA - Seu Coelhinho Pitomba...Uh...Uh...(FAZ PÔSE DE BALLET)

COELHO - Acho que ela vai dançar ballet

PAPAGAIO - Não, ela está de botas.

COELHO - Faz a pôse de novo dona onça (ELA FAZ) Ah, é ié-ié-ié.

OS DOIS (JUNTOS E DEPRESSA) Vamos ser amiguinhos?! (TODOS RIEM)

URSO - E assim termina...

PAPAGAIO - A história engraçada...

ONÇA - Do Coelhinho Pitomba...

COELHO - E da oncinha Pintada...

(OS PERSONAGENS DÃO AS MÃOS E SE INCLINAM PARA O AGRADECIMENTO.
NA PRIMEIRA GRANDE PORÇÃO DE APLAUSOS - espero que haja - O COELHO GRITA)

COELHO - Dona onça, que tal se eu e a senhora, cantássemos a musiquinha do Coelhinho Pitomba?

ONÇA - Óba...(TOM) Mas acontece que eu não sei a letra toda.

COELHO - Não faz mal. Eu canto uma vez sozinho e depois a sra. me acompanha.

ONÇA - Ótimo. Pode começar. Vou prestar atenção.

COELHO - (CANTA SÓZINHO A MÚSICA PRINCIPAL DO PRÓLOGO) (DEPOIS) E então, dona onça, já aprendeu?

ONÇA - Já, sim, Olhe só. (CANTA SÓZINHA OS DOIS PRIMEIROS VERSOS EM SEGUIDA TODOS CANTAM, ATÉ A PLATÉIA) (NO FINAL QUANDO TODOS GRITAM/ "Como é que eu me chamo? Coelhinho Pitomba" - A ONÇA SAPATEIA ENFURECIDA) Ei. Que negócio é esse?

COELHO - Que foi que houve, dona onça?

ONÇA - Como é que eu me chamo?

TODOS - Dona onça Matilda...(SAEM CANTANDO A MÚSICA DO PRÓLOGO, DE MÃOS / DADAS.

FIM DA PEÇA

71



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: " O COELINHO PITOMBA "
- b) Título original: XXXXXX
- c) Autor: MILTON LUIZ
- d) Tradutor: XXXXXX
- e) Diretor: XXXXXX
- f) Produtor: XXXXXX
- g) Companhia: Teatro Amador da Associação da Juventude Feirense " TEAM "
- h) Classificação da Censura: L I V R E - Sem restrição de idade.

II) Análise Peça infantil, que pode ser apresentada a qualquer criança, por ser inofensiva.

- a) Gênero: Comédia
- b) Argumento: A peça versa sobre a vida de um coelho (PITOMBAS), e a de vários outros, onde a Dona Onça, almejava e cobiçava, comer o coelho, por imaginá-lo muito saboroso. Durante muito tempo houve a perseguição, sem que a Onça tivesse sucesso. Finalmente, convencida da impossibilidade de apanhar Pitombas, ela resolveu fazer amizade com ele, e acabou sendo grande amiga do coelho.

c) 1 - Mensagem: Contem mensagem positiva.

2 - Impressão final: A bondade do coelho prevaleceu sobre a maldade da Onça, fazendo-a compreender que não era justo comer um coelho tão bondoso.

d) Diálogos: São próprios da peça.

e) Cenas: De acordo com o script, não possuem nada que possa afetar a boa formação de qualquer criança.

f) Personagens: Pitombas; Urso; Papagaio ; Prólogo; Outros.

g) Valor educativo: Não possui grandes valores educativos, mas esboça ao entendimento da criança uma ligeira idéia de que vale mais ser bondoso do que mau.

III) Conclusão Peça que muito divertirá as crianças, devido demonstrar as estripulias que o coelinho faz para se livrar das garras da onça.

Brasília, 10 de Junho de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº 215

Lucio Jaimes Acosta
Lucio Jaimes Acosta

AO SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA -

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA= LUCIO JAIMES ACOSTA, QUE A EXAMINOU.

=A DOCUMENTAÇÃO ESTÁ EM ORDEM=

TITULO: O COELINHO PITAMBA

AUTOR : MILTON LINS

REST : L I V R E . -

BRASILIA (DF), 19 DE JUNHO DE 1970

Manoel Miranda Ferreira

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA T.C.T.C.

*de acordo
finalizado
19.6.70*

*libere
22/6/70*



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0036 ^{1p.} 90

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

72

CENSURA FEDERAL

TEATRO



Certificado Nº 2584/70

PEÇA -/::: O COELINHO PITAMBA :::/-

ORIGINAL DE MILTON LINS -

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 19 de JUNHO de 19 75

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 19 de JUNHO de 19 70

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

Wilson A. de Aguiar
PROF. WILSON A. DE AGUIAR

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 91

Certifico constar do livro nº 25 fôlha nº 01, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ O COELINHO PITOMBA /-

Original de MILTON LINS -

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de HERMÍNIO LEMOS - RESIDENTE À RUA DR. MACÁRIO CERQUEIRA, 85 -
NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA - ESTADO DA BAHIA. -

Tendo sido censurada em 10 de JUNHO de 19 70 e recebida

a seguinte classificação: L I V R E. - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SO E VALIDO QUANDO A COMPANHADO DO SCRIPT DA
PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP. -

Brasília, 19 de JUNHO de 19 70

CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA



MANOEL MIRANDA FERREIRA -

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

73
✓

312
19.06.

CHEFE DO SCDP

SR. CHEFE DA TCDP - DR/BA

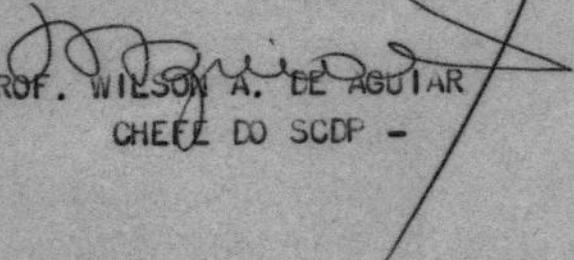
PROVIDÊNCIAS (SOLICITA)

SR. CHEFE,

SOLICITO SUAS PROVIDÊNCIAS, NO SENTIDO DE QUE SEJAM CUMPRIDAS POR ESSA TCDP, AS SEGUIN-
TES DETERMINAÇÕES DE CARÁTER TÉCNICO DÊSTE SERVI-
ÇO:

1. ASSISTIR AO ENSAIO GERAL DA PEÇA "O GOELHINHO PITOMBA", AUTORIA DE MILTON LINS,
2. DEVERÁ SER ENVIADO A ÊSTE SCDP, RELATÓRIO MI-
NUCIOSO A RESPEITO DO ENSAIO GERAL, PÓÉM OS CER-
TIFICADOS ANEXOS PODERÃO SER ENTREGUES E A PEÇA-
LIBERADA PARA A EXIBIÇÃO, CASO A CLASSIFICAÇÃO |
CONCEDIDA POR ÊSTE SERVIÇO ESTEJA DE ACÔRDO COM
O OBSERVADO DURANTE A ENCENAÇÃO.

ATENCIOSAMENTE,


PROF. WILSON A. DE AGUIAR
CHEFE DO SCDP -

BR DFANBSB NS.CPR.TEAPTE.0036, p. 93

Ilmo. Sr. Diretor do Serviço de Censura e Diversões Públicas

BRASILIA

27 DEZ 1435 52752

RECEBIDO POR:

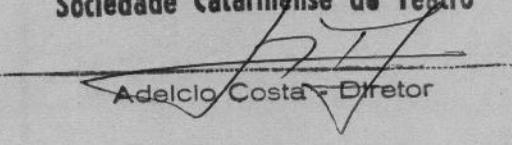
A Sociedade Catarinense de Teatro, através de seu Diretor, vem, mui
respeitosamente, solicitar a V.S., liberação da peça infantil de Milton Luiz
"O Coelho Pitomba".

Certo de Vossa atenção, subscrevo-me

atenciosamente

Forianópolis, 20 de dezembro de 1971

Sociedade Catarinense de Teatro


Adelcio Costa - Diretor

SOCIEDADE CATARINENSE DE TEATRO
RUA HIPOLITO MAFRA, 14
88.000 - Florianópolis, SC



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Direitos de Representação

Autorização Nº 201158

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

"Coelhinho Pimão"

Original de *Milton Luiz*

Música de _____

Tradução de _____

No Teatro *Alvaro de Carvalho* Cidade *Ipêro*

nos dias _____

sob as condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

_____ % da renda bruta de cada espetáculo, mediante

a garantia mínima de Cr\$ _____ por espetáculo, obrigando-se

a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados

A via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibos oficiais da SBAT.

[Signature]
(pela SBAT)

Isenta de selo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

Grupo Teatral SOCAT.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelação público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n. 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 35, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.

O COELHINHO PITOMBA

Peça infantil de MILTON LUIZ

PERSONAGENS:

Coelhinho Pitomba
Dona Onça Matilda
Urso Ricardão
Papagaio Otavinho

77

CENÁRIO ÚNICO: Trecho de floresta

Cenário: Três entradas para a floresta. Uma com detalhes da casa do Coelho, à esquerda. Outra com detalhes da casa da Onça, à direita. Ao centro, no fundo, fuga para o interior da floresta. No meio do palco, uma espécie de praça na floresta, vendo-se em primeiro plano, a boca de um poço, com telhadinho, roldana com lata para apanhar água, cordinha, etc. algumas árvores, plantas rasteiras.

PRÓLOGO

Ouve-se música de roda, em gravação, ou cantada ao vivo pelos atôres, fora de cena. Pára de repente. Entram, o coelho, vindo de sua casa, o papagaio e o urso que surgem da fuga que dá para o interior da floresta. Cantam e dançam, fazendo ritmo com palmas. A música é à vontade do diretor.

COELHO - Eu gosto de couve
- De mim ninguém zomba-
Você que me ouve,
Me diga depressa:
Qual é o meu nome?

OS OUTROS- Coelhinho Pitomba?

COELHO - Como é que eu me chamo?

OS OUTROS- Coelhinho Pitomba!

COELHO - Sou muito esperto,
Da onça eu fujo,
Quando ela aparece,
Não fico por perto.
Qual é o meu nome?

OS OUTROS- Coelhinho Pitomba!

COELHO - Os dois amiguinhos,
Que trago comigo,
Se a onça aproxima,
Me dizem depressa:

URSO - Coelhinho sai dessa!

PAPAGAIO - Lá vem o perigo!

COELHO - Qual é o meu nome?

OS OUTROS- Coelhinho Pitomba!

COELHO - Como é que eu me chamo?

OS OUTROS- Coelhinho Pitomba!

(A platéia cumprimentando)

COELHO - Alô criançada! Como é mesmo o meu nome? (Espera resposta) (Urso começa a chupar pirulito colorido e o papagaio descasca uma banana) Pois é, o meu nome é Coelhinho Pitomba. Muito prazer em conhecer vocês todos. Sabem de uma coisa? Eu nasci aqui nes

- ta pracinha da floresta. COELHO - Vocês ouviram esse urro?..
 Aqui eu almoço, janto vou Cruzes! E a dona Onça matil
 à escola, porque eu sou da! (outro urro)-Ela hoje
 muito estudioso também, está mais furiosa do que -
 brinco com dois amiguinhos nunca, tenho que fugir!(Ou
 que eu tenho e...(Reflete) tro urro)- Até logo, meus a
 Puca vida! Vocês viram co miguinhos!(sai correndo e
 mo eu sou avoado? Cantei, entra em casa.Urso e Papa
 dansei, pulei, disse um gaio ficam em cena e se es
 montão de vêzes o meu nome, falei dos meus amigui- gueiram num canto do palco)
 nhos e me esqueci de apre ONÇA - (Sai de sua casa.Entra pu
 sentá-los à vocês. Me des lando e cantando)-(Furiosa)
 culpem, está bem? Então, va -Quem viu? Quem viu?Quem
 mos começar. (Indica o Ur viu?
 so)-Este gordão muito gu Um coelhinho queé uma bom
 loso que está chupando um ba! (bis)
 pirulito, é o meu bom ami Um coelhinho chamado Pitom
 go o Urso Ricardão. ba?!
- URSO - (Cantando e dançando) URSO - Pitomba?
 Sou gordinho e durmo de PAPAGAIO-Coelhinho?
 mais, ONÇA -(urra)- Quem viu?
 Mais no fundo, sou um bom OS DOIS -(Com medo)- Pitomba...Coe
 rapaz! (bis) lhinho...?
- COELHO -(Indica o Papagaio)- E ês ONÇA - (Urra)- Sem, quem viu?
 te, é o bom Otavinho, o a OS DOIS (Saindo)- Nãa não...vimos!
 miguinho do papagaio. (saem correndo)
- PAPAGAIO -(idem)- Gosto de cantar e ONÇA - (só. Enérgica)- Não impor
 de falar também. ta! Eu hei de encontrar o
 não troco o meu puleiro, levado! E quando isso acon
 nem por um vintém!(bis) tecer...(mímica)...nhéco!.
- COELHO - (à platéia)- Vocês gosta- Ah, que delícia! Vou trans
 ram dos meus amiguinhos?! formá-lo em guisado! (parte
 Muito bem, agora nós vamos em direção à sua casa)
 brincar de roda com todos (pano rápido ou escuro)
 vocês, que tal? Vamos can-
 tar "Atirei o pau no gato!"
 está bem?(Começam a cantar
 em volta do poco)(quando
 vão repetir a música, a On
 ça urra ao fundo, de dentro
 da sua casa)(Pânico)

Fim do Prólogo

PRIMEIRO ATO

(Abre-se o pano. A cena fica vazia por uns segundos. Aparece o urso pé ante pé, examina tudo com quem procura algo. Um tempo. Chama o papagaio.

URSO - Otavinho! Otavinho, pode vir, a dona onça já foi embora!

PAPAGAIO- (de dentro)- Tem certeza, Ricardão? Procura mais um pouquinho tá? Depois eu vou.

URSO- (grita para dentro)- Está bem. eu vou procurar mais. (procura / atrás do poço) Atraz do poço não está! (Olha cômicamente dentro da latinha. Bate várias vezes no fundo da mesma) Dentro da lata também não está! (gritando) Pode vir, Otavinho, ela foi embora sim.

PAPAGAIO- (Entra olhando em redor)- Ué, cadê o Pitomba?

URSO- Sei lá. Ele saiu na disparada assim que a dona onça chegou. Você/ sabe, o maior sonho da dona onça é fazer um guisado do Pitomba!

PAPAGAIO- Pois é, você não acha isso uma bobagem?

URSO- Eu acho. Mas você sabe como ela é teimosa.

PAPAGAIO- Agora, uma coisa eu também sei: o coelhinho é muito mais esperto do que ela.

URSO- É por isso que a dona onça fica cada dia mais furiosa.

PAPAGAIO- Ainda bem que ela nunca cismou de fazer guisado da gente...

URSO- A implicância dela é como o Pitomba.

PAPAGAIO- Deve ser porque ela não consegue pegá-lo nunca.

URSO- É, você tem razão. A dona onça pensa que é inteligente, mas o coelhinho é muito mais.

PAPAGAIO- Se é! (riem às gargalhadas) Ricardão, que tal a gente dar uma corrida até o outro lado da floresta?...

URSO- Ótimo! Estou louco para fazer exercício! (faz movimentos exagerados à guisa de ginástica, contando: Um, dois, etc.)

PAPAGAIO- Ah, eu também quero brincar! Vamos pular carniça?

URSO- Ótimo! Vamos, sim, abaixe aí. (o papagaio se abaixa. O urso toma/ distância e faz a primeira tentativa prá pular o papagaio. Não consegue. Faz a segunda. Idem. Na terceira, os dois se esbarracham no chão. exaustos).

URSO- Puxa, como estou cansado! É melhor a gente dar um passeio pela floresta.

PAPAGAIO- Vamos convidar o Pitomba?

URSO- Vamos, sim. Vou bater na porta dele. (chamando e batendo palmas) Coelhinho Pitomba! (silêncio) Coelhinho Pitomba! (silêncio) Acho que/ ele não está!

PAPAGAIO- (Tomando a frente)- Está sim. Duvido que ele saia de casa sem a gente. (vai chamar)- Coelhoinho Pitomba? Coelhoinho Pitomba?... (pausa)- Será que não está mesmo?!... (os dois ficam distraídos)

COELHO (Pula em cena, saindo de casa, gritando ao mesmo tempo)- Quem é que está me chamando?! (os dois se assustam)

OS OUTROS (Voltam-se. Depois do susto)- Nós, você não ouviu?

PAPAGAIO- Po que não respondeu?

COELHO (Tomando cena)- Vocês pensam que eu sou bôbo, é? Se a dona Onça estivesse por perto, ouvisse a minha voz e saubesse que eu estava em casa, pronto! Adeus sossêgo! Ela ia ficar me vigiando o tempo todo!

URSO - Ela foi embora. Não tem perigo!

PAPAGAIO- Coelhoinho, quer passear com a gente? Vamos dar uma corrida até o outro lado da floresta?...

COELHO- E se a dona Onça aparecer? Lá longe, no meio da floresta, é mais difícil eu fugir dela. Não vou, não.

URSO- Puxa vida, Pitomba, você nem parece nosso amigo. Nós não dissemos que ela foi embora?!

PAPAGAIO- Foi, sim. Olha aqui, eu juro! (Gesto de juramento)

URSO- Eu também juro. (gesto igual)

COELHO- Está bem, eu vou com vocês. Mas se ela aparecer, eu fico de mal por toda a vida.

OS OUTROS- Certo. Então vamos.

COELHO- Esperem um pouquinho. Vou aproveitar e encher o meu baldinho no poço da dona Onça. Assim, se ela aparecer de repente, eu tenho bastante água guardada. Vou buscar o baldinho. (sai)

PAPAGAIO (gritando prá dentro)- Não demore, sim, Pitomba?

URSO- Queremos passear bastante.

COELHO (De dentro)- Eu volto logo. Esperem um pouquinho.

PAPAGAIO (A sós com o urso)- Ricardão, quem sabe, um dia, a gente podia fazer uma coisa muito boa?

URSO- Que coisa muito boa? (pensa)- Ah, já sei. Comprar um montão de doces e comer todo!

PAPAGAIO- Não.

URSO- Ou então, 50 litros de mel bem docinho. Eu adoro mel! (mastiga em seco)

PAPAGAIO- Não é nada disso, seu guloso. (pausado e explicado)- Quem sabe se a gente podia fazer a dona onça e o coelho ficarem bons amigos?!

URSO- Ah, duvido muito. Você sabe que... (interrompendo ao ouvir o urro da onça dentro de casa) (os dois se colocam de costas em frente à casa do coelho, tentando avisá-lo, com mímicas exageradas, da possível aparição da onça) (Ao mesmo tempo o coelho e a onça aparecem em suas respectivas portas. Os dois continuam o jogo da mímica. A onça não vê o coelho nem

ele a ela. O coelho, no entanto, é visto pela platéia)

COELHO (Entra rápido na casa)- Ah, esqueci o balde! (desaparece)

ONÇA (Que ficou em cena espantada, sem entender as gesticulações do urso e do papagaio)- Ah, vocês estão aí? (reparando mais)- Mais o que é isso? Nunca vi coisa mais estranha! Vocês enlouqueceram?!...

URSO (Gesticulando e tentando disfarçar)-Não é nada, dona oncinha. É que eu e o Otavinho estamos brincando de surdo-mudo!...(exagera mais nos gestos)

ONÇA - Surdo-mudo? Então como é que você está falando?

URSO (Gaguejando)- É que... é que... eu... eu... sou...sou o surdo. O Otavinho é que é o mudo... não é Otavinho?

PAPAGAIO (resmungando, imitando mudo)-Hum, hum, hum!

URSO (Rápido)- Viu? Viu?

ONÇA- Pois sim, vocês não me enganam. Tenho certeza de que estão escondendo alguma coisa. Ah, mas eu vou descobrir. Vou sim. (saída falsa)

COELHO (Sem ver a onça, nem os sinais dos dois, aparece na porta e grita)-Pessoal!!! (dá com a onça que ainda não acabou de sair, esconde-se atrás do papagaio)

ONÇA (Volta-se furiosa dos dois, estranhando aquele grito)- Quem gritou?

-Eu ouvi alguém gritar!

URSO (Tremendo de medo)- A senhora está cismada, dona Oncinha. Ninguém gritou.

ONÇA- Eu ouvi muito bem alguém gritar assim: pessoal!

URSO- A senhora ouviu mesmo?

ONÇA- Claro. E não vou embora enquanto não descobrir quem gritou.

URSO (Como quem teve uma idéia)- Ah, dona oncinha, já sei quem gritou!

ONÇA- Quem foi?

URSO (Depressa)- O papagaio, o papagaio. Foi ele quem gritou! (reações do papagaio)

ONÇA- Foi, é? Muito bem. Então eu quero ouvir êle gritar de novo.

URSO- Mas dona onça... (à platéia)-Ih! E agora, como é que vai ser?!...

ONÇA- Ande, vamos, seu urso espertinho, estou esperando!

URSO- Está esperando, é? Está bem, (medroso)- Otavinho grita "pessoal" de novo prá don onça ouvir!...

PAPAGAIO (Resmunda nervoso sem saber o que fazer)-Hum! Hum!...

ONÇA (Furiosa)- Já estou perdendo a paciência!

PAPAGAIO (Respira fundo, resmunda alto como quem vai falar)

COELHO (Atrás do papagaio, grita ao mesmo tempo)-Pessoal!...

URSO (Feliz)- Está vendo como foi êle quem gritou?!...(Papagaio abre os braços e balança o corpo procurando esconder mais o coelho)

ONÇA (Que esteve o tempo todo olhando o papagaio)-Vocês pensam que me enganam, é?

URSO- Mas quem está querendo enganar a senhora?

ONÇA (Premeditada)- Foi êle quem gritou. não foi?

URSO- Foi. A senhora mesma ouviu.

ONÇA- Ah, que gracinhas!... Muito bem. Então se foi mesmo o papagaio - quem gritou, como é que ele não mexeu com a boca?

URSO (Pensa rápido)- É porque ele é mudo!

ONÇA- Mudo? Então como é que eu ouvi a voz dele?

URSO (Pensa rápido)- É porque é mudo ventríloquo!

ONÇA- Ventríloquo?... O que é isso?...

URSO- Ventríloquo é uma pe soa que fala pelo peito com a boca fechada.

ONÇA- Ah é? (repara)- E por que é que ele está com os braços abertos?

URSO- É porque nós estamos brincando de surdo-mudo e ele é um mudo que pensa que é um passarinho!

ONÇA- Eu, hein?!... Que brincadeira mais bôba! Vou embora!

URSO- Adeusinho, dona Onça! (Onça sai)- Pode se mecer, Pitomba, ela já foi embora! (papagaio e coelho se movimentam).

COELHO- Meninos, que susto! Que onça mais teimosa, não queria acreditar em vocês, não foi mesmo?

PAPAGAIO- Você nos deu um trabalhão!

COELHO- É, mas o susto que eu levei não foi pequeno. Bem, deixem eu encher o meu baldinho!

PAPAGAIO- Depressa, coelhinho!

ONÇA- (Voz de dentro) - Vocês me enganaram, seus moleques! (pânico.O/ coelho, sem saber o que fazer, mete o balde na cabeça e se agacha atrás do poço, protegido pelo urso que tapa a visão da onça) (entra a onça).

URSO- (Ao vê-la, fingido)-Olá, dona oncinha!...

PAPAGAIO- (idem)- Há quanto tempo!...

URSO- Já estávamos morrendo de saudades!...

ONÇA- (Estranhando)- Eu vi vocês dois conversando com mais alguém!

URSO- Nós? Não é possível! Pode ver se tem mais alguém aqui!

ONÇA- Vou ver mesmo! (Começa a procurar em volta do poço, enquanto o papagaio e o urso acompanham os seus movimentos e o urso sempre tendo o coelho sob sua proteção. Quando estão voltando à posição inicial, o balde cai na frente do poço. Coelho continua escondido) É, não tem mais ninguém mesmo! (Vê o balde caído) Achei!!!

URSO E PAPAGAIO- (Sem perceber que ela se refere ao balde)- Wossa!!!

ONÇA- Você s , hein?!

URSO E PAPAGAIO- Nós, o que?!

ONÇA- Espertinhos! Sabiam que o meu balde estava aqui e não me disseram nada!

URSO E PAPAGAIO- (Alívio-Ah...

ONÇA- (Parte em direção ao balde)- Vou correndo guardar o pobrezinho!

URSO- (Temendo que ela veja o coelho, corta)- Não dona onça. A senhora/ está enganada! Esse balde é meu!

PAPAGAIO- É, sim, dona onça, eu sou testemunha!

ONÇA- Então, onde é que está o meu? Já o procurei por toda parte.

URSO- Vai ver, a senhora o esqueceu na floresta.(os dois fazem marcas em volta da onça tentando impedir que ela se aproxime do balde, que cai perto do coelho).

PAPAGAIO- Ah! Agora me lembro!...Ontem, a senhora foi com ele na casa / da dona girafa!

ONÇA- Mas esse aí é igualzinho ao meu. Eu conheço pela alça Vou ver.(parte)

URSO- (Cortando) - Dona onça! (ela pára) Que cor é a alça do seu?

ONÇA- (Diz uma cor que não seja a do baldinho que está no chão) anda mais em direção ao balde).

URSO- A desse aí é... (diz a cor verdadeira) (ela pára).

ONÇA- (empurrando o urso)- Deixa eu ver, váia da frente! (pega o balde rápido e conclui) É, a alça deste é de outra cor! entrega o balde ao urso que o recoloca no chão) (onça toma cena, de costas para os dois, falando distraída) Mas que coisa gozada, é tão parecido! (aos dois, sem os olhar) De quem é mesmo esse balde?

COELHO- (Grita de trás do poço) (disfarça a voz)- Meu!

ONÇA- (Volta-se furiosa)- Quem falou?

OS DOIS- Ninguém, dona onça!

ONÇA- Vocês estão zombando de mim? Quem falou?

URSO- Mas quem está zombando da senhora? Ninguém falou.

ONÇA- Bem, por esta vez passa. (Vai saindo pela platéia).

COELHO- (Põe a cabeça acima do poço e grita com voz disfarçada)-Dona onça malhada! (esconde de novo) (os dois fazem "psiu")

ONÇA- (Volta furiosa) (aos dois) - Quem me chamou de onça malhada? Eu/ detesto apelidos!

URSO- (Riso amarelo) - E a senhora não é uma onça malhada?!

ONÇA- Não senhor, seu bôlo-fôfo! (Dá-lhe uma palmada na barriga) Eu sou uma onça pintada! Há muita diferença!.. (desfila vaidosa)

URSO E PAPAGAIO- (aproveitam que ela conversou e gritam batendo palmas) - Muito bem! Já ganhou! Rainha da Floresta!

ONÇA- (Grita furiosa) - Não disfarcem, não! Eu quero saber quem me chamou de onça malhada?!

URSO- Ninguém, dona onça. Puxa, como a senhora é desconfiada!

PAPAGAIO- É sim, dona onça, e eu acho que a senhora está ficando maluca!

ONÇA- O que, seu atrevido?!...(Corre atrás do papagaio, em círculos.O urso por sua vez, corre atrás da onça gritando "perdôa" ele, dona onça"-

- Falas livres. Tudo em volta do poço. O coelho, para não ficar à descoberto, corre atrás do urso, meio agachado. Quando completam a primeira volta em torno do poço, o coelho consegue dar uma palmada na onça. Ela pensa que foi o urso. Se volta e muda a direção da corrida. Desta vez o coelho se agarra nas costas do urso e ele é obrigado a correr de costas. Em dado momento, o papagaio e o urso descem para a platéia. O coelho consegue se esconder de novo atrás do poço. A onça prefere / descer também, agora perseguindo sempre o urso. O coelho, ao se ver sozinho sai do esconderijo e fica torcendo do meio do palco. Grita pelo urso e pelo papagaio para que voltem. Coelho ajuda papagaio a subir. Urso não consegue subir e cai. A onça sempre perseguindo os dois. Forma-se a maior confusão no palco. Por força de "marca", há um momento / em que o coelho e a onça se encontram cara à cara).

ONÇA- (Ao deparar com o coelho, dramática)- Coelhoinho Pitomba!!!

COELHO- (Idem)- Dona Dona Matilda!(Onça avança. O coelho dribla onça em volta do poço. Fazem esse jogo enquanto funcionar. De repente, o coelho tropeça e a onça finalmente consegue agarrá-lo)

ONÇA- Peguei!!! (canta enquanto amarra o coelho no poço) O coelho é esperto- Mas eu sou muito mais,(bis) Samba, samba, samba, coelho -
nho Ma panela da Matildinha!...(bis) música de samba lélé) (apanha / rápido um caderninho com lápis) Bem, vejamos agora uma receita de grizado de coelho! (anotado) Um caldeirão bem cheio de água fervendo..

COELHO- Água fervendo não, dona onça. Água morna é melhor! (urso e / papagaio estão planejando alguma coisa. Marcas).

ONÇA- Não me interrompa!

COELHO- Então põe água gelada! Assim, eu bebo a água!

ONÇA- (Continua)- Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO- Pimenta não, dona onça, me dá alergia...

ONÇA- E daí?

COELHO- Eu vou ficar espirrando dentro da panela!

ONÇA- Eu tanpo a panela!

COELHO- Eu viro " pipoca"!

ONÇA- Cale-se!(continua) Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO- (Espirra forte)- Atchiiim!!!

URSO E PAPAGAIO- Saúde!

COELHO- Obrigado!

ONÇA- (conclusiva)- três comprimidos contra espirro! (continua) Sete colheres de sal grosso...

COELHO- Sal grosso? Por que a senhora não põe açúcar? Eu gosto mais / de açúcar!

ONÇA- (distraída) - Ah, é! Eu também gosto mais de açúcar!...(tom)/
(caiem si) Não me confunda, açúcar é para: sobremessa! (continua) /
Duas xícaras de vinagre, alho, pimentão, tomate, salsa...(pensa) -
Acho que é só!

URSO- (Que já chegou a um acôrso com o papagaio)- Dona onça, a senho
rá esqueceu a cebola!

ONÇA- (Vai ao urso que está longe do local onde está o coelho)-Ah, é
mesmo! Quatro cebolas grandes... em rodelas ou picadinhas?...(enquan
to isso, o papagaio vai de mansinho e desamarra o coelho e volta para
o seu lugar)

URSO- (Continuando)- Azeitonas...(Olha pra ver se o coelho já fugiu).

ONÇA-(Anota)- Quatro latas de azeitonas...

URSO- (Vê que o coelho já foi desamarrado)- Agora já está bom, dona/
onça!

ONÇA- Ótimo! Vamos ao guisado! (Vira-se).

COELHO- (À parte de sua casa) -Dona onça Matilda, uh!uh! (foge)

ONÇA- (Parte na direção do coelho, mas o urso e o papagaio lhe barram
o caminho... Onça sai furiosa para sua casa).

PANO RÁPIDO

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Mesmo cenário. Abre-se o pano. O papagaio está em cena, dormindo ao /
lado do poço. Ronca alto e se mexe como quem está tendo um pesadêlo.

URSO- (Entra tristonho e cabisbaixo. Vê o papagaio)-Otavinho! Otavi-
nho! acorde Otavinho!

PAPAGAIO- (Fala dormindo)- Não, não seu lobo, a corda, não!

URSO- (Sacode o papagaio)- Acorde, Otavinho! Acorde!

PAPAGAIO- (Sobressaltado)- Aí, que susto! Que pesadêlo horrível!

URSO- Você já pensou, Otavinho?!.. Ninguém vai resistir!..três meses/
é muito tempo.

PAPAGAIO- É sim. O Coelhoinho Pitomba nem ligou! Disse que sabia como/
resolver o problema! É o que ele pensa!

ONÇA- (Aparece feliz, cantarolando. Traz dois pedaços de tábuas, mar
teinhos pregos, veste um avental com bolsos) (Finge que não vê os /
dois (cantarola) Oh, que dia tão feliz! Trá-lá-lá-lá! Trá-lá-lá-lá!
(aos dois, como se os visse agora) Olá, querida nhos, que lindo dia
não é? (canta baixo).

URSO- É, mas isso agora não importa. Estamos muito preocupados.

ONÇA- Preocupados com o quê, meus amorzinhos?

PAPAGAIO- Então, a senhora ainda não sabe?

ONÇA- O que é que eu ainda não sei?

URSO- Da seca, da seca, dona onça. O professor Coruja disse que duran
te três meses não vai chover nadinha. E todos os rios vão secar,

ONÇA- É verdade? Ora, não faz mal.

PAPAGAIO- Não faz mal?! E onde nós vamos beber água?

ONÇA- Vocês, não sei. Quanto à mim, sou a única na floresta que tenho poço em casa. E ~~ele~~ ^{ele} é bem grande e bem fundo! Com licença, tenho ^{muito} ~~o~~ ^{que} fazer. (Começa a pregar as tábuas na boca do poço)

URSO- Prá que essas tábuas, dona onça?

ONÇA- Porque de hoje em diante, ninguém mais vai apanhar água no poço da onça Matilde .Bem, com licença, preciso trabalhar.(Cantarola/alto. Os dois saem cabisbaixos).

ONÇA- (Continua fazendo cena. Pára súbito.Pensativo)- Espere m!... Mas que estúpida que eu sou!.. Se proibir de apanharem água no meu poço, jamais conseguirei executar o meu plano: pegar o Coelhoinho Pitomba! Lógico! Os rios já estão quase sem água e eu sou a única pessoa na floresta que tem um poço..... (pausa) Mas esperem.....Ah,é isso mesmo! Onça Matilda, você é formidável!.... (Chama musical) Meus amiguinhos, onde estão vocês?!..... Ricardão! Otavinho!.... Venham aqui um instante!..... Tenho uma grande notícia para todos!.....

URSO(Entrando com o papagaio)- A senhora chamou a gente?

ONÇA- Chamei sim.

PAPAGAIO- O que é que a senhora quer?

ONÇA- Sabem? Estive pensando bem: se vocês não tiverem onde beber água, naturalmente irão embora para outra floresta.

OS FOIS- Claro!

ONÇA- Pois é. Então, o que me adianta ter um poço tão grande, tão fundo e só para mim?!

URSO- Mas a senhora disse que ninguém....

ONÇA- Eu disse, mas agora não digo mais. (Tirando as táboas) Estão vendo? Vou fazer uma boa fogueira com essas táboas. O poço da onça Matilda agora é de todo mundo!

URSO- Que bom! Otavinho, vamos apanhar nossos baldes. (saem correndo).

ONÇA- (Cantarola misteriosa, fazendo caras) (os dois voltam com os baldes. A onça ajuda os dois. Vão saindo) - E, por favor, digam ao Pitomba que venha apanhar água também. Não precisa ter medo.

URSO- Está bem, dona onça. Nós diremos sim. E muito obrigado.

PAPAGAIO- Nós vamos agora na casa do Pitomba prá avisar a ele. Até logo dona onça. (Os dois entram na casa do coelho. O urso tem dificuldades porque é gordo. Balança, mas entra).

ONÇA- (Sò) - E agora.... uma surpresa para o nosso coelhinho! Esperem só! (Sai) (aparecem o urso, o papagaio e o coelho).

URSO-(Vem puxando o coelho que está com medo) - Pode vir, Pitomba. Não tem ninguém.

COELHO- Eu ainda não estou convencido. Conheço bem a dona onça.

URSO- Olha só como ela até retirou as táboas que estavam tapando o poço!

COELHO- (Observa) - Ah, é verdade! Será que ela mudou mesmo?

URSO- Nem tenha dúvidas! Sabe por que? A dona onça ficou com medo de nós todos irmos embora e ela ficar sòzinha aqui na floresta!

PAPAGAIO- Ela agora está tão boazinha, que até nos ajudou a encher os nossos baldes.

COELHO- Então ela mudou mesmo!.....

URSO- Estamos dizendo:

COELHO- Parece mentira... (onça aparece, vê os três e se esconde).

URSO- Eu e Otavinho vamos contar prá todo mundo a boa nova. Assim, ninguém precisa ficar com medo da sêca.

COELHO- Isso mesmo. Assim que eu encher o meu balde, vou encontrar com vocês. (Os dois saem em direção à floresta e o coelho prá sua casa).

ONÇA- (Aparece. Cantarola dá pulinhos de alegria)- Ah, enfim o grande momento! Mãos à obra! (Tira do bolso duas enormes cenouras e um longo fio de Nylon envólto em fôlhas. Amarra as cenouras numa ponta, prêsas a um ganchinho de arame, segura na outra ponta e vai correndo se escondendo em sua casa, ao ouvir um ruído qualquer vindo da casa do coelhinho. An-

ta colocou a ponta com as cenouras no meio da praça, perto do pocinho)

COELHO- (Entra feliz trazendo o baldinho) - Ainda bem que a dona onça resolveu ficar boazinha. Tenho certeza que assim ela vai conseguir arranjar muitos amiguinhos. O pessoal da floresta nem vai acreditar. (Vai encher o balde e depara com as cenouras) Ora, vejam só que lindas cenouras! (Vai abaixar, recua para o outro lado) Será que não pertencem a alguém? (Nesse momento, do seu esconderijo, a onça dá um puxão no fio sem que o coelho veja) Mas quem deixaria duas cenouras tão lindas aqui no meio da praça?! Ninguém, é claro. (Mesmo jôgo) Bem, se o dono aparecer de repente, eu devolvo as cenouras, não é mesmo?

(A Onça dá mais um puxão) Ah, elas estão com fôlha e tudo. Devem ter nascido aqui por engano! (Mesmo jôgo. Onça idem) Esperem, será que tem alguém olhando?

COELHO (Olha em redor) - Não, ninguém! (Vai decidido apanhar as cenouras) (nisso, a onça se atrapalha nos seus movimentos e continua puxando lentamente o fio, crente que o coelho não está vendo. Coelho observa espantado) - Ué, a cenoura está andando sòzinha?! Será que é cenoura mágica?..... (Onça pára de puxar) (Reação da platéia| "é da onça! é da dona onça!) Coelho faz mímica de quem percebeu que as cenouras mudaram de lugar e conclui que é mais um truque da onça. Gesto de silêncio prá criançada. Fazendo caras de suspense, retira as cenouras do ganchinho e sai pé a te pé prá sua casa).

ONÇA- (Alheia ao que se passou. dá mais um puxão. Outro. percebe o silêncio. Puxa com força e surge em cena ao mesmo tempo que deu o puxão para abocanhar o coelho que ela supõe estar tentando apanhar as cenouras. Constata que as cenouras desapareceram. Sapateia furiosa)- Esse coelho me paga!!! (Sai bufando prá casa).

URSO- (Com o papagaio, voltando do passeio)- Você viu, Otavinho, A dona Girafa ficou tão contente com a notícia que até resolveu fazer um vestido novo, só prá vir apanhar água no poço da dona onça.

PAPAGAIO- E, mas só à muito custo que a lebre Vandéca acreditou na história!

URSO- Ora, porque e la é prima do Pitomba! (Entra a onça bufando e trazendo uma enorme espingarda).

ONÇA- (Aos dois)- Saíam da frente, não quero ver ninguém! Estou de mau humor! (Coloca-se em guarda na frente do poço).

URSO- Ué, que foi que houve, dona onça?

ONÇA- (furiosa)- Já disse que estou de mau humor!

PAPAGAIO- Estamos tendo...

URSO- E prá que essa espingarda?

ONÇA- Prá que? Ah, foi bom (Dá com a espingarda na cabeça do urso) você não pode perguntar!

PAPAGAIO- Calma, dona Onça.

ONÇA- Essa espingarda é o meu primeiro aviso!

URSO- Aviso de que? (O coelho aparece, sem ser visto, e se esconde para correr)

ONÇA- Aviso de que ninguém mais vai apanhar água no meu poço! Quem aparecer leva chumbo!...(Coelho sai).

PAPAGAIO- Mas a senhora tinha dito...

ONÇA- Tinha dito, mas agora não estou dizendo mais!

URSO- E qual vai ser o segundo aviso?

ONÇA- (Urrando) Um canhão!!!

PAPAGAIO- Por favor, Ricardão, não pergunta qual vai ser o terceiro.

URSO- (Saindo com o papagaio)- E agora, o que vai ser de nós?

ONÇA- (Só. Triunfante)- Agora o Pitomba vai ver! Vou me vingar de todos!

De tudo! (Ouve-se, fora de cena, um cantaralar estranho. A onça fica a postos)Que será isso? Que voz mais esquisita? (Ouve) Não consigo reconhecer essa voz...De quem será?

COELHO- (Entra " vestido" de árvore, Roupão de morim ou luizine marron/ escuro, cortado inteiro da cabeça aos pés. Mangas compridas. Buracos para serem as orelhas, os olhos e a boca. Fôlhas verdes (pencas de samambáia funcionam) costuradas na cabeça, nos braços e até a metade do tronco. Traz o balde meio encoberto de fôlhas. Solfeja com a voz estranhíssima. Vai direto ao poço. A roupa de árvore encobre totalmente o coelho, ficando apenas as orelhas de fora) (coelho entra fingindo que não vê a onça. Canta com a música de " Eu fui no toróró" , dança espalhafatosamente forçando a onça a correr pelo palco).

Eu venho da floresta
Estou cansada de andar
Procuro um pocinho
Prá minha sede matar
Onde é que tem?
Onde é que tem?
Um pouquinho d'água
Prá mim dar meu bem!

Ah, eu estou ~~tão~~ cansadinha, estou andando há três dias e três noites procurando um pocinho e nada de encontrar. (Repete o fim da música) Acho que vou me sentar um pouquinho prá descansar... (Com meneios de velha, senta-se junto ao público).

ONÇA- Ei, quem é você?

COELHO- (Vem à ela)- Eu sou uma pobre árvore cheia de sede.

ONÇA- Árvore?! Eu nunca vi árvore andar e falar.

COELHO- A senhora desculpe a falta de modéstia, mas é que eu sou uma árvore muito inteligente.

ONÇA- Ah, é? Meus parabéns! Com licença, estou muito ocupada.

COELHO- Acho melhor eu ir embora. Já perdi a esperança de encontrar um poço nesta floresta. (Finge que só agora vê o poço da onça) Oh, um poço! Que sorte! Um poço bem perto de mim e eu nem tinha visto! Será que não é uma miragem?

ONÇA- Não, é meu poço!

COELHO- Com licença, minha gentil senhora, posso encher o meu balde? (Atira a cordinha com a lata).

ONÇA- (Dá com a espigarda)- Alto lá! Ninguém, nem mesmo uma árvore, pode apanhar água no poço da onça Matilda!

COELHO- Não! A senhora se chama Matilda? Que lindo nome! (Estende a mão) Muito prazer, dona Matilda.

ONÇA- (Aponta a espigarda)- Não quero intimidade!

COELHO- Desculpe a pergunta, mas por que é que a senhora está tão zangada?

ONÇA- Zangada? Eu estou mais do zangada!

COELHO- Talvez eu possa ajudar...Quer que eu segure a espigarda para a senhora?

ONÇA- Nada disso! Afaste-se!

COELHO- Mas a senhora está zangada com quem?

ONÇA- Com todo mundo! Principalmente com esse pestinha do Pitomba.

COELHO- (Disfarça)- Pitomba- Que nome gozado! Não conheço ninguém com esse nome. Quem é Pitomba?

ONÇA- É um coelho que vive me fazendo de bôba, mas hoje eu vou acabar com a farra dele!

COELHO- Dona Matilda, eu tive uma idéia: eu fico aqui tomando conta do meu poço, enquanto isso, a senhora vai procurar esse tal de Pitomba e se vinga de tudo. Em troca, a senhora deixa eu apanhar água. Que tal?

ONÇA- Nada feito. Eu mesma quero ficar vigiando o meu poço.

COELHO- Mas a senhora vai ficar muito cansada.

ONÇA- Não faz mal. (Intrigada) Mas por que é que a senhora está tão interessada em me ajudar?

COELHO- É porque eu não posso voltar pra casa sem levar água para as outras árvores. E a senhora sabe o que vai acontecer se nós, as árvores, não tivermos água para beber?

ONÇA- Sei, sim. Vocês vão ficar com mais sede ainda.

COELHO- Não é isso. Nós vamos ficar tão franquinhas que nem vamos poder produzir frutas gostosas pra alimentar os bichos da floresta.

ONÇA- Não vai ter mais fruta nenhuma?

COELHO- Nenhuma!

ONÇA- Nem jabuticabas?

COELHO- Nem jabuticabas, nem melancias!

ONÇA- Que pena, eu sou louca por jabuticabas.

COELHO- Pois é, até as jabuticabeiras vão secar se não tiverem água pra beber! (Onça vai ficando preocupada) E ainda tem mais: as nossas folhas vão cair todinhas, uma por uma. E aí, quando a senhora estiver debaixo do sol, suando de calor, bufando com a língua de fora, nós não vamos poder fazer nem uma sombrinha pra proteger a senhora.

ONÇA- (Mais preocupada) - Ih, é tão bom comer jabuticabas..... debaixo de uma sombra bem grande, então, nem se fala. Puxa, eu nem tinha pensado nisso. Água faz mesmo muita falta, não é? Então está bem dona Árvore a senhora venceu! Pode vir apanhar água todos os dias. Mas só a senhora, está bem? E não conte a ninguém, ouviu?

COELHO- Pode confiar em mim, dona Matilda! (Enche o balde).

ONÇA- E se a senhora quiser, pode trazer umas jabuticabas pra mim....

COELHO- Umas não, amanhã a senhora vai ganhar uma cesta cheia de jabuticabas e bem fresquinhas.

ONÇA- A senhora é muito bondosa!

COELHO- (Saindo) - Até amanhã, dona onça, muito obrigadinha.

ONÇA (Dando "Adeusinhos) - Não se esqueça das jabuticabas! (Coelho sai. Ouve-se fortes ruídos na cochia) (Grito pra dentro) Cuidado pra senhora não cair!?

COELHO- (De dentro) - Agora é tarde querida já me esborrachei toda!

ONÇA- (Ri. À platéia) - É sempre bom a gente ter uma árvore por perto nos dias de calor. E aquela foi muito gentil.... (Pausa. Sorri) Agora estou me lembrando.... (Começa a rir).... ela tinha umas orelhas tão engraçadas....(Ri mais) (para espantada) Eu disse orelhas? (Frisa) Eu disse orelhas?!..... (Desesperada) Não!!! Era o coelhinho Pitomba!

Chora. Nesse momento, aparecem o urso e o papagaio que se escondem
 prá observar a cena) (A onça fala lenta e tristemente) Matilda, minha
 pobrezinha, tenho a impressão de que você vai passar a vida inteira per-
 seguindo o coelhinho Pitomba! (Outro tom) É mesmo? (Tom) Claro! E nunca
 nunquinha, você vai conseguir fazer aquele tão sonhado guisado! Buááá
 (Sai chorando) (O urso e o papagaio tomam a cena).

URSO- Você ouviu isso?

PAPAGAIO- Claro que ouvi. não sou surdo. (Choro do coelhinho na coxia.
 Os dois se escondem).

COELHO- (Entrando)- Coelhinho Pitomba, você é muito esperto! Mas no fun-
 do, no fundo, é um bobão muito grande! (Outro tom) Atrevido, eu? Mas eu
 sou você! Viu como você é bobão? (Tom) Então eu sou mesmo bobão!.....

(Tom) Coelhinho Pitomba, você acha que é divertido não fazer outra coi-
 sa a não ser viver fugindo e fugindo da onça Matilda? (Tom) Eu não acho
 divertido, não, mas se eu não fugir da dona onça, eu viro guisado! (Pen-
 sa) Ah, tive uma idéia!..... Vou me mudar prá uma floresta bem longe da
 cá, convido os meus dois amiguinhos, aí fico livre da dona onça por to-
 da a vida! Vou arrumar minha malinha!..... (Sai).

URSO- (Volta com o papagaio) - Você ouviu isso, também?

URSO- E agora?

PAPAGAIO- E agora? Você se lembra quando eu disse uma vez que nós dois
 podíamos fazer uma negócio muito bom?

URSO- Deixa eu pensar. (Pausa) Ah, me lembro sim! Você disse que a dona
 onça e o coelhinho deviam ser amigos!

PAPAGAIO- Isso mesmo! Você notou os dois estão preocupados?

URSO- É claro que notei! (Doutoral) Otavinho, você é um gênio! Vamos a-
 balar com a briga dos dois! (À platéia) Querem ver? Vocês querem que
 eles dois fiquem amiguinhos?! (Espera resposta) Atenção! (Chamando) Do-
 na onça Matilda?!

ONÇA- (De dentro)- Quem ousa interromper a minha tristeza?

URSO- Venha cá um instantinho.... por favor...

ONÇA- (Entra, chorosa) - Eu não quero viver a vida inteira perseguindo
 o Coelhinho Pitomba! (Chora mais).

URSO- Calma, dona onça, não precisa chorar tanto. Nós já resolvemos tu-
 do!

ONÇA- Resolveram tudo, como?

URSO- Que tal a senhora e o coelhinho se tornarem bons amiguinhos?!

ONÇA- Eu, amiga do coelhinho? E o meu guisado?

URSO- Ora, dona onça, existe uma porção de guisados muito gostosos, sem
 ser de coelho! Escuta: todo mundo sabe que guisado de cenoura com carne
 seca é o melhor quitute que existe.

PAPAGAIO- É sim, dona onça, eu já provei. É tão gostoso!

ONÇA- É mesmo?

PAPAGAIO- Depois nós damos a receita para a senhora.

ONÇA- Então eu vou experimentar! (tristonha)-Mas como é que o Coelhoinho vai acreditar que eu quero ser amigüinha dêle?

URSO- Deixe por nossa conta. Fique escondida atrás do poço.(Onça Obe dece)

PAPAGAIO- Posso chamar o coelhinho?

URSO - Pode, pode.

PAPAGAIO(à platéia)- Então, todos nós vamos chamar o coelhinho Pitomba! Já! (Dando ritmo à criançada)-Coelhinho Pitomba! Coelho Pitomba, etc. (Forma-se enorme gritaria)

COELHO (Pula em cena)- Que gritaria é essa na minha porta?

PAPAGAIO- Nós queremos brincar com você.

COELHO- Nossa! Pensei que fôsse um terremoto!... (outro tom)- Como é que vocês podem pensar em brincar, quando eu, pobre de mim! - só tenho que viver fugindo e fugindo da onça Matilda.(Chora)

URSO- Ora, Pitomba, não chore mais. Se você quiser, não precisa mais fugir da dona Onça, e vamos brincar todos juntos!

COELHO- Você é muito gozado, Ricardão. Como é que nós vamos brincar - todos juntos, se a dona onça não descansa enquanto não comer um guisado do coelho Pitomba?&

PAPAGAIO- Seu bôbo, ela está louca prá ser sua amigüinha!

COELHO- Dona onça quer ser minha amigüinha?

URSO - É, sim. Quer que eu te dê uma prova?

COELHO- Que prova?

URSO- Eu vou chamar a dona onça, preste atenção.

COELHO- Vai chamar a dona onça? Então, deixe eu me esconder atrás de você? (Esconde-se atrás do urso)

URSO- Atenção! (Chama)- Dona onça Matilda!Qual é o prato que a senhora gosta mais?

ONÇA (De trás do poço)- Guisado de cenoura com carne sêca!

COELHO- Será que eu ouvi direito?

ONÇA (Idem)- Ouviu sim!

PAPAGAIO- Então, Pitomba, podemos trazer a dona onça?

COELHO- Não sei, não. (Pergunta à platéia)- Que é que vocês acham?Eu e a dona onça devemos ser amigüinhos? Vocês acham que sim? Então, está bem podem trazer a dona onça.

PAPAGAIO- Dona onça, pode vir! (A onça vem fazendo "charme".Pisca-pisca para o coelho. Ele responde igual)

COELHO- Hum, ela está tão esquisita!

ONÇA - Seu Coelhinho Pitomba! Uh!... Uh!...(Faz um trejeito de bailarina)

COELHO- Eu acho que ela vai dançar ballet!

PAPAGAIO(Corrigindo)-Não coelhinho, ela está de botas!

COELHO- É mesmo. Faz a pose de novo, dona onça.

ONÇA- Seu Coelhinho Pitomba! Uh!... Uh!... (Exagera os trejeitos)

COELHO- Ah, é Ye, ye, ye, ye! (Faz passos de dança, galanteador)- Dona Onça Matilda, uh!... uh!... (Ela aproxima, os dois dão as mãos e falam ao mesmo tempo)

ONÇA E COELHO- Vamos ser amiguinhos?

URSO (Tomando cena)- E assim termina!

PAPAGAIO (Idem)- A história engraçada!

ONÇA (Aponta o coelho)- Do coelhinho Pitomba!

COELHO (Aponta a onça)- E da oncinha pintada! (Os personagens dão as mãos e se inclinam em agradecimento)- Um momento! Dona Oncinha, que tal se nós todos cantássemos a musiquinha do Coelhinho Pitomba? (Todos pulam e batem palmas)

ONÇA- Que bom! Que bom! (Reflete)- Mas acontece que eu não sei a letra em a música!

COELHO- Não tem importância. Nós cantamos uma vez sozinho, depois a senhora acompanha a gente está bem?

ONÇA- Ótimo! Podem começar. Vou prestar atenção.

COELHO- (Canta com o urso e o papagaio a música do coelhinho)- E então dona onça, já aprendeu?

ONÇA- Já, escute só. (Canta sozinho os dois primeiros versos em seguida, todos cantam, com ritmo de palmas) (No momento em que a letra é: "Como é o meu nome? Coelhinho Pitomba! Como é que eu me chamo? Coelhinho Pitomba!" A onça se destaca do grupo e sapateia enfurecida no proscênio)

OS OUTROS (Ficam assustados e se afastam)

ONÇA (Autoritária)- Que negócio é esse?!

COELHO (Sem compreender)- Que foi que houve, dona onça?

ONÇA (Explicativa)- Como é que eu me chamo?

TODOS - Ah, é! Fazem reverência em volta da dona onça)- Dona onça Matilda! (Saem de cena de mão dadas cantando a música do prólogo)

FIM DA PEÇA



9v

TÍTULO O COELHINHO PITOMBA - peça teatral de Milton Luiz

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Tendo em vista o fato de que a peça em pauta já foi liberada sem restrições etárias, apenas confrontamos o texto apresentado com os demais em arquivo .

Sugerimos seja, o novo pedido (da Sociedade Catarinense de Teatro), liberado também sem restrições etárias .

Brasília, 18 de janeiro de 1972

- Constancio Montebello -

Recebido em 17.12.72

Entregue em 18.12.72

A apreciação do
Sr. Chefe do SCDP.

B&B, 18.1.72

[Assinatura]
(7/14-da SC, de ordem)



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

95
/

MEM.º N. 056/72
Data 19.01.72

Do Do Chefe da Seção de Censura do SCDP
Para Sr. Chefe da TCDP/DR/DPF/SC
Assunto: Providências - Solicita

Senhor Chefe:

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido ao ensaio geral da peça abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação - ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: O COELHINHO PITOMBA

Autor: MILTON LUIZ

Intrs: SOCIEDADE CATARINENSE DE TEA-
TRO;

Endrç: R. HIPÓLITO MAFRA, 14-
88.000-Florianópolis/SC.

Atenciosamente,

Paulo Leite de Lacerda
PAULO LEITE DE LACERDA
Ch. Subst. da S/Censura
de orde



BR DFANBSB NS.CPR.TEAPTE. 0036, p. 115

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4565-72

PEÇA - O COELHINHO PITOMBA -

ORIGINAL DE - MILTON LUIZ

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 19 de JANEIRO de 19 77

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 19 de JANEIRO de 19 72

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

Rogério Nunes

-ROGERIO NUNES-

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 46

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 44, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada _____

- O COELHINHO PITOMBA -

Original de - MILTON PITOMBA

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de - MILTON PITOMBA

Tendo sido censurada em 18 de JANEIRO de 19 72 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE-CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

ÊSTE CERTIFICADO SÓ É VÁLIDO, QUANDO ACOMPANHADO DO SEU -
SCRKPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 19 de JANEIRO de 19 72

Corifeiro de R. G. Fernandes
PAULO LEITE DE LAGERDA-

P/ Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

SRA/FICHADO

DPF-SRA
n.º 87
1/76



MJ-DFP-SRA/BSB

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL Nº 000400 98
Superintendência Regional no Amazonas

RECEBIDA POR *[assinatura]*

CP. nº 1850/75-SCDP/SR/AM Manaus, 30 de dezembro de 1975

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor

Estamos enviando, em anexo, três vias das peças teatrais "O SORRISO DO PALHAÇO" de autoria de Pasqual Lourenço, "O COE LHINHO PITOMBA" de autoria de Milton Luiz e "O PATINHO PRETO" de Walter Quaglia, para o devido exame por essa DCDP; encaminhadas a este SCDP pelo sr. João Barbosa.

Na oportunidade, renovamos nossos protestos de alta estima e consideração.

[assinatura]
AVELINO GAMBIM
Chefe do SCDP/SR/AM

Ilmo. Sr.
Dr. ROGÉRIO NUNES
MD Diretor da DCDP
Brasília - DF

*As s.c. as provisões
para as necessidades
Em 5/1/76
[assinatura]
Diretorio de Censura Central
Dir. da Divisao de Censura
Substitu*

*os pedidos fins.
Em 06/01/76
Manoel Francisco Clavery Guido
Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.*

Ilmo Sr Delegado da Policia Federal do Estado do Amazonas

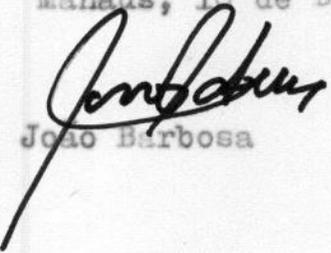
99

JOÃO BARBOSA, brasileiro, casado residente à rua José Clemente 203 (Centro) vem mui respeitosamente solicitar de V.ª o encaminhamento a Brasília das seguintes peças infantis: O SORRISO DO PALHAÇO de Pasqual Lourenço, O COELHINHO PITOMBA de Milton Luiz e O PATINHO PRETO de Walter Quaglia, para receberem os certificados de Censura, para apresentar ao Público em 1976.

Nestes Termos

P Deferimento

Manaus, 10 de Dezembro de 1975


João Barbosa



Ilmo Sr Representante da Sociedade Brasileira de Autores
Teatrais (SBAT)

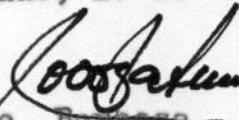
100

JOÃO BARBOSA, brasileira, casado, residente,
à rua José Clemente, vem mui respeitosamente solicitar de
V. Sª a permissão para Aprovação em Brasília das seguintes
peças infantis: O SORRISO DO PALHAÇO de Pasqual Lourenço,
O COELHINHO PITOMBA de Milton Luiz, e o PATINHO PRETO de
Walter Quaglia, afim de que às mesmas recebam os certifica-
dos de Censura, para devidas apresentações ao público no ano
de 1976.

Nestes Termos

P Deferimento

Manaus, 10 de Dezembro de 1976


João Barbosa



TEATRO

901

TÍTULO O COELHO DO PITOMBA

Milton Luiz

1) ~~_____~~

SCIT@

Documentação _____

Clas. Anterior LIURE

Praça MAMAUS - A17

Obs.: _____

DF. 06 / 01 / 76

Chefe Seção ~~_____~~

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

H. S. C., para emitir certificados, com a classificação etária livre, sem corte.

Em 12/02/76

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe da Seção de Censura do Teatro e Congêneros - SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE, livre.
na forma do parecer, processo anterior.
Em, 18 / 02 / 1976

Rogério Nunes
Rogério Nunes



PARECER Nº 765 / 76 102

TÍTULO: " O COELHINHO PITOMBA " de MILTON LUIZ.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE (CONFRONTO)

Procedendo o confronto do script da peça teatral de MILTON LUIZ - O COELHINHO PITOMBA - requerida pelo Sr. JOÃO BARBOSA - com outra já examinada e constante em nossos arquivos, verifiquei que ambas estão iguais, razão para ser liberada com a mesma classificação anterior ou seja: LIVRE.

Brasília, 05 de fevereiro de 1976.

Valmira Nogueira
Valmira Nogueira de Oliveira.

(TÉC; CENS.)

103
/

089/76-SCTG/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF em Manaus-SR/AM

"O COELHINHO PITOMBA"

Milton Luiz

Superintendente:

Manaus-AM

rs/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 123

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

O COELHINHO PITOMBA

MILTON LUIZ

3889/76

O COELHINHO PITOMBA

LIVRE

Handwritten signature

MILTON LUIZ

13 FEVEREIRO

81

13 FEVEREIRO

76

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 124

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

O COELHINHO PITOMBA

: MILTON LUIZ

JOÃO BARBOSA

12

FEVEREIRO

76

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O

PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

13

FEVEREIRO

76

LIVRE

ARÉSIO TEIXEIRA PEI

mhf



MJ - DPF - SRA/BSB

24 FEB 1976 Nº 009348

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

SRA LICENCIADO

OP.
Nº 1075/76/SCDP/SR/SE
Em, 24 de Fevereiro de 1976.

*Até ao Sr. ...
Verificar nº 242*

ENCICADO
W. NUNES & A. DCDP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.S. a via do texto das peças teatrais: "O MACACO DA VIZINHA" original de Joaquim M. de Macedo; "O COELHO DO PITONHA" original de Milton Luiz; "UM, DOIS, TRÊS, O BOM PENSAMENTO VENCE OUTRA VEZ" original de Willian Rafael Tucci; "O PALHAÇO DO PLANETA VERDE" original de Hilton Have; "DOM CHICOTE E MULA MANCA" original de Oscar Von Pfuhl; "TREI CANEÇA" original de Carlos de Queirós Telles; "TISTU, O MENINO DO POLEGAR VERDE" original de Maurice Draon; "INVENTANDO UMA INVENÇÃO" original de Ivan José; "VIAGEM A PAZ DE CONTA" original de Walter Quaglia; "QUERIDA, NÃO POSSO OUVIR VOCÊ COM A TORNEIRA ABERTA" original de Robert Anderson; "UM TERRITÓRIO CHAMADO ACRE OU ACRE...DITO" original de Celso dos Santos Sôlha.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

Jose Vieira
JOSE VIEIRA MADDIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
SR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S Í L I A / D F

O COELHINHO PITOMBA

(PEÇA INFANTIL DE: MILTON LUIZ)

CENARIO

Tres entradas para a cixa. Uma com detalhes da casa do coelho, á esquerda. Outra com detalhes da casa da onça, á direita. Ao centro, no fundo, fuga para o interior da floresta. No meio do palco, uma especie de praça na floresta, vendo-se em primeiro plano, a boca de um poço, com telhadinho, roldana com lata para apanhar água, cordinha, etc. Algumas arvores, plantas rasteiras.

PRÓLOGO

OUVE-se música de roda, em gravação, ou cantada ao vivo pelos atores, fora de cena. Para de repente. Entram, o coelho, vindo de sua casa, o papagaio e o urso que surgem da fuga que dá para o interior da floresta. Cantam e dançam, fazendo ritmo com palmas. A música é a vontade do diretor.

COELHO-Eu gosto de couve

-DE mim ninguém zomba

Voce que me ouve,

Me diga depressa:

Qual é o meu nome?

OS OUTROS-Coelhinho Pitomba?

COELHO-Como é que eu me chamo?

OS OUTROS-Coelhinho Pitomba!

COELHO-Sou muito esperto,

Da onça eu fujo,

Quando ela aparece,

Não fico por perto.

Qual é o meu nome?

OS OUTROS-Coelhinho Pitomba!

COELHO-Como é que eu me chamo?

OS OUTROS-Coelhinho Pitomba!

COELHO-Os dois amiguinhos,

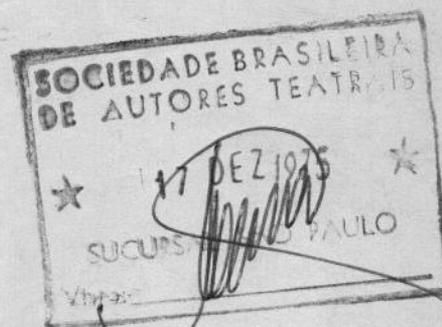
que trago comigo,

Se a onça aproxima?

COELHO-Me dizem depressa:

URSO-Coelhinho, sai dessa!

PAPAGAIO-La vem o perigo!



108

FOLHA-2

COELHO- Qual é o meu nome?

OS OUTROS-Coelhinho Pitomba!

COELHO-Como é que eu me chamo?

OS OUTROS-Coelhinho Pitomba!

COELHO-(À plateia, cumprimento)Alo, criançada!Como é mesmo o meu nome?(Espera resposta)(Urso começa a chupar um imenso pirulito colorido e o Papagaio descasca uma banana)Pois é, o meu nome é Coelhinho Pitomba.Muito prazer em conhecer voces todos. Sabem de uma coisa?Eu nasci aqui nesta pracinha. Aqui eu almoço, jonto, vou à escola, porque sou muito estudioso tambem, brinco com dois amiguinhos que eu tenho é...^{''''}(reflete)Puxa vida!Voces vieram como eu sou avoadado?.Cantei, dansei, pulei, disse um montão de vezes o meu nome, falei ~~nos meus~~ meus dois amiguinhos e me esqueci de apresentá- los à veces. Me desculpem, esta bem?Então vamos começar.(indica o Urso)ESTE gordão muito guloso que esta chupando um pirulito, é meu bom amigo o Urso Ricardão.

URSO-(cantando e dansando)

Sou gordinho e durmo demais,

Nas no fundo, sou bom rapaz(bis)

COELHO-(indica o Papagaio)-E

este, é o bom Otavinho, o

amiguinho do papagaio.

Papagaio--(Idem)-Gosto de cantar e

falar tambem,

não troco o meu puleiro,

nem por um vintem(bis)

COELHO-(à plateia)-Voces gostaram dos meus amiguinhos?! Muito bem, agora nós vamos vamos brincar de roda com voces, que tal? Vamos cantar "Atirei o pau na gato "está bem?(começam à cantar em volta do poço)(quando vão repetir a música, a Onça urra ao fundo de dentro da sua casa)(Panico)

COELHO-Voces ouviram esse urro?!...Cruzes!E a dona Onça Maldita!(outro urru)

Ela hoje está mais furiosa do que nunca,tenho que fugir!(outro urro)Até

logo, meus amiguinho !(sai correndo e entra em casa.Urso em o Papagaio

ficam em cena e se esgueriram num canto do palco).

FOLHA 3

X ONÇA-(sai de sua casa. Entra pulando e cantando) (furiosa)

Quem viu? Quem viu?

Quem viu?

Um coelhinho que é uma bomba!(bis)

Um coelhinho chamado Pitomba?!

URSO-Pitomba?

PAPAGAIO-Coelhinho?

X ONÇA-(urra)-Quem viu?

OS DOIS-(com medo)Pitomba...Coelhinho....

X ONÇA-(urra)-Sim, quem viu?

OS DOIS-(saindo)-Nós não...vimos!...(saem correndo)

X ONÇA-(só .Energica)-Não importa! Eu hei de encontrar o levado!E quando isso acontecer...(Minica)...nhé-co!...Ah., que delicia! Vou transforma-lox em guisado!(Parte em direção à sua casa) (Pano Rapido ou Escurece)

Fim do Prologo

66

PRIMEIRO ATO

66

(Abre-se o pano. A cena fica vazia por uns segundos, Aparece o Urso, pé ante pé, examina tudo como quem procura algo. Um tempo. Chama o Papagaio)

URSO-Otavinho! Otavinho, pode vir, a dona onça já foi embora!

PAPAGAIO-(de dentro)-Tem certaza, Ricardão ? Procura mais um pouquinho, tá?

Depois eu vou.

URSO----(grita para dentro)-Está bem, eu vou procurar mais.(procura atrás do poço)Atraz do poço não está!(Olha comicamente dentro da latinha. Bate varias vezes no fundo da mesma) Dentro da lata tambem não esta!(gritando) Pode vir, Otavinho, ela foi embora sim.

PAPAGAIO-(Entra olhando em redor) Ué, cade o Pitomba?

URSO----Sei lá. Ele saiu na disparada assim que a dona onça chegou. Voce sabe, o maior sonho da dona onça é fazer um guisado do Pitomba!

PAPAGAIO-Pois é, voce não acha isso é teimosa.

URSO----Eu acho. Mas voce sabe como ela é teimosa.

PAPAGAIO-Agora, uma coisa eu tambem sei: o coelhinho é muito mais esperto do que ela.

URSO----É por isso que a dona onça fica cada dia mais furiosa.

FOLHA 4

PAPAGAIO-Ainda bem que ela nunca cismou de fazer guisado da gente...

URSO-----A implicancia dela é com o Pitomba.

PAPAGAIO-Deve ser porque ela não consegue pega-lo nunca.

URSO-----E, voce tem razão. A dona onça pensa que é inteligente, mas o coelhinho é muito mais.

PAPAGAIO-¹¹⁰Se é!(riem às gargalhadas)Ricardão, que tal a gente dar uma corrida até o outro lado da floresta?...

URSO-----Ótimo! Estou louco para fazer exercicio!(faz movimento exagerados à guisa de ginastica, cantando:um, dois, etc.)

PAPAGAIO-Ah, eu tambem quero brincar! Vamos pular carniça?

URSO-----Ótimo! Vamos, sim, abaixe ai.(o papagaio se abaixa.Ourso toma distancia e faz a primeira tentativa pra pular o papagaio.Não conse gue.Faz a segunda.Idem. Na terceira, os dois se esbarracham no chão.exaustos)

URSO-----Puxa, como estou cansado!É melhor a gente dar um passeio pela floresta.

PAPAGAIO-Vamos convidar o Pitomba?

URSO---- -Vamos, sim.Vou bater na porta dele.(chamando e batendo palmas) Coelhinho Pitomba!(silencio) Coelhinho Pitomba!(silencio)Coelhinho Pitomba!(silencio)Acho que ele não está!

PAPAGAIO-(Tomando a frente)Está sim.Duvido que ele saia de casa sem a gente.

(vai chamar)Coelhinho Pitomba? Coelhinho Pitomba?... (pausa) Sera que não está mesmo?!...(Os dois ficam distraidos)

COELHO-(Pula em cena, seindo de casa, gritando ao mesmo tempo)-Quem é que esta me chamando?!(os dois se mista assustam)

OS OUTROS-(Voltam-se depois do susto)-Nós, voce não ouviu?

PAPAGAIO-¹¹⁰Por que não respondeu?

COELHO-(Tomando cena)-Voces pensam que eu sou bobo, é?Se a dona onça estivesse por perto, ouvisse a minha voz e soubesse que eu estava em casa, pronto! adeus sossego! Ela ia ficar me vigiando o tempo todo!

URSO-----Ela foi embora.Não tem perigo!

PAPAGAIO-Coelhinho, quer passear com a gente?Vamos dar uma corrida até o outro lado da floresta!...

COELHO-E se a dona onça aparecer?Lá longe, no meio da floresta, é mais dificil eu fugir dela.Não vou, não.

URSO-----Puxa vida, Pitomba, voce nem parece nosso amigo.Nós não dissemos que ela

FOLHA-5

PAPAGAIO-Foi, sim. Olha aqui, eu juro! (gesto de juramento).

URSO-----Eu tambem juro. (gesto igual)

COELHO---Está bem, eu vou com voces. Mas se ela aparecer, eu fico de mal por toda a vida.

OS OUTROS-Certo. Então vamos.

COELHO---Esperem um pouquinho. Vou aproveitar e encher o meu baldinho no poço da dona onça. Assim, se ela aparecer de repente, eu tenho bastante água guardada. Vou buscar o baldinho. (sai)

PAPAGAIO-(~~é~~ gritando prá dentro)-Não demore, sim, Pituba?

URSO-----Queremos passear bastante.

COELHO---(DE dentro)-Eu volto logo. Esperem um pouquinho!

PAPAGAIO-(A sós com o urso)Ricardão, quem sabe, um dia, a gente podia fazer uma coisa muito boa?

URSO-----Que coisa muito boa?(pensa)Ah, já sei. Comprar um montão de doces e comer todo!

PAPAGAIO-Não!

URSO---Ou então, 50 litros de mel bem doceiro. Eu adoro mel! (mastiga em seco)

PAPAGAIO-Não é nada disso, seu guloso! (pausado e explicado) Quem sabe se a gente podia fazer a dona onça e o coelhinho ficarem bons amigos?!

URSO---Ah, duvido muito. Vocês sabe que... (interrompendo ao ouvir o urro da onça dentro de casa) (Os dois se colocam de costa em frente à casa do coelho, tentando avisar-lo, murmurar com minicaxxa exageradas, da possível aparição da onça) Ao mesmo tempo, o coelho e a onça aparecem em suas respectivas portas. os dois continuam o jogo de minica. A onça não vê o coelho nem ele a ela. O coelho, no entanto, é visto pela plateia)

COELHO---(Entra rapido na casa) Ah, esqueci o balde! (desaparece).

ONÇA----- (Que ficou em cena espantada, sem entender as gesticulações do urso e do papagaio) -Ah, vocês estão aí? (fezes resmungando reparando mais) Mais o que é isso? Nunca vi coisa mais estranha! Vocês enloqueceram?!...

URSO----- (Gesticulando e tentando disfarçar) -Não é nada, dona encinha. É Egr... E que eu e o Otavinho estamos brincando de surdo-mudo!... (exagera mais nos gesto)

ONÇA----- Surdo-mudo? Então como é que voce esta falando?

URSO----- (Gaguejando) -É que... é que... eu... eu... sou... sou... sou o surdo.

FOLHA-6

PAPAGAIO--(Resmungo, imitando mudo)-Hum! hum! hum!

URSO------(Rápido)-Viu? Viu?

X ONÇA-----Pois sim, vocês não me enganam. Tenho certeza de que estão me escondendo alguma coisa. Ah, mas eu vou descobrir. Vou sim. (saida falsa)

COELHO---(Sem ver a onça, nem os sinais dos dois, aparece na porta e grita)
Pessoal!!! (dá com a onça que ainda não acabou de sair, esconde-se atrás do papagaio).

X ONÇA----- (Volta-se furiosa aos dois, estranhando aquele grito)-Quem gritou?
Eu ouvi alguém gritar!

URSO----- (Tremendo de medo)- A senhora está cismada, dona oncinha, Ninguém gritou.

X ONÇA----- Eu ouvi muito bem alguém gritar assim "pessoal"!

URSO----- A senhora ouvi mesmo?

X ONÇA----- Claro. E não vou embora enquanto não descobrir quem gritou.

URSO----- (Como quem teve uma ideia)-Ah, dona oncinha, já sei quem gritou!

X ONÇA----- Quem foi?

URSO----- (Depressão) -O papagaio, o papagaio. Foi ele quem gritou! (reações do papagaio).

ONÇA----- Foi, é? Muito bem. Então eu quero ouvir ele gritar de novo.

URSO----- Mas dona onça... (à plateia) Ih! E agora, como é que vai ser?!...

ONÇA----- Ande, vamos, seu urso espertinho, estou esperando!

URSO----- Está esperando, é? Esta bem. (medroso) Otavinho grita "pessoal" de novo pra dona onça ouvir!...

PAPAGAIO-- (Resmungo nervoso, sem saber o que fazer) Hum! Hum!...

ONÇA----- (furiosa)-Já estou perdendo a paciência!

PAPAGAIO-- (Respira fundo, resmungo alto como quem vai falar)

COELHO--- (Atras do papagaio, grita ao mesmo tempo)-Pessoal!...

URSO----- (Feliz)-Esta vendo como foi ele quem gritou?!... (Papagaio abse os braços e balança o corpo procurando esconder mais o coelho)

ONÇA----- (Que esteve o tempo todo olhando o papagaio)-Vocês pensam que me enganam, é ?

URSO----- Mas quem esta querendo enganar a senhora?

ONÇA----- (Premeditada)-Foi ele quem gritou, não foi?

URSO----- Foi. A senhora mesma ouviu.

ONÇA----- Ah, que graçinhas!... Muito bem / Então, se foi mesmo o papagaio quem

FOLHA-7

URSO----- (Pensa rápido) - E porque ele é mudo

ONÇA----- Mudo? Então como é que eu ouvi a voz dele?

URSO----- (Pensa rápido) - E porque é mudo ventriloquo!

ONÇA----- Ventriloquo? ... O que é isso?

URSO----- Ventriloquo é uma pessoa que fala pelo peito com a boca fechada.

ONÇA----- Ah é? (repara) E por que que é que ele está com os braços abertos?

URSO----- É porque nós estamos brincando de surdo-mudo e ele é um mudo que pensa que é um passarinho!

ONÇA----- Eu, hein?! ... QUE brincadeira mais boa! Vou embora!

URSO----- Adeusinho, dona onça! (onça sai) Pode se mexer, Pitomba, ela já foi embora
(Papagaio e coelho se movimentam)

COELHO--- Meninos, que susto! Que onça mais teimosa, não queria acreditar em vozes, não queria acreditar em vozes, não foi mesmo?

PAPAGAIO- Você nos deu um trabalhão!

COELHO--- É, mas o susto que eu levei não foi pequeno. Bem, deixam eu encher o meu baldinho!

PAPAGAIO- Depressa, coelhinho!

ONÇA----- (Voz de dentro) - Vocês me enganaram, seus moleques! (panico. O coelho, sem saber o que fazer, mete o balde na cabeça e se agacha atrás do poço, protegido pelo urso que tapa a visão da onça) (entra a onça).

URSO----- (Ao vê-la, fingindo) - Ola, dona oncinha!

PAPAGAIO- (idem) - Há quanto tempo! ...

URSO----- Já estávamos morrendo de saudades! ...

ONÇA----- (Estranhando) - Eu vi vocês dois conversando com mais alguém!

URSO----- Nós? Não é possível! Pode ver se tem mais alguém aqui!

ONÇA----- Vou ver mesmo! (começa a procurar em volta do poço, enquanto o papagaio e o urso acompanham os seus movimentos e o urso sempre tem o coelho sob sua proteção. Quando estão voltando à posição inicial, o balde cai na frente do poço. Coelho continua escondido) É, não tem mais ninguém mesmo
(Ve o balde caído) Achei!!!

URSO E PAPAGAIO- (Sem perceber que ela se refere ao balde) - Nosso

ONÇA----- Vocês, hein?!

URSO E PAPAGAIO- Nos, o que?!

ONÇA----- Espertinho! Sabiam, que o meu balde estava aqui e não me disseram nada.

URSO E PAPAGAIO- (Alto) -

114/12

FOLHAS 8

ONÇA!!!---(Parte em direção ao balde)-Vou correndo guardar o pobrezinho!

URSO-----(Temendo que ela veja o coelho, corta)-Não, não dona onça. A senhora esta enganada! Esse balde é meu!

PAPAGAIO---É, sim, dona onça, eu sou testemunha!

ONÇA-----Então, onde é que está o meu? Já o procurei por toda parte.

URSO)Voi ver, a senhora o esqueceu na floresta.(os dois fazem marcas em volta da onça tentando impedir que ela se aproxime do balde, que caiu perto do coelho coelho).

PAPAGAIO---Ah! Agora me lembro!...Ontem, a senhora foi com ele na casa da dona senza girafa?

ONÇA-----Mas esse aí é igualzinho ao meu. Eu conheço pela aiça. Vou ver.(parte)

URSO----- (Cortando)-Dona onça!(ela para)Que cor é a aiça do seu?

ONÇA----- (Diz uma cor que não seja a do baldinho que esta no chão)(anda mais em direção ao balde)

URSO-----A desse aí é...(diz a cor verdadeira)(ela para).

ONÇA----- (Empurrando o urso)-Deixa eu ver, saia da frente!(pega o balde rapido e conclui)E, a aiça deste é de outra cor!(entrega o balde ao urso que o recoloca no chão)(onça toma conta, de costas para os dois, falando distraida)Mas que coisa gozada, é tão parecido!(aos dois, sem os olhar) De quem é mesmo esse balde ?

COELHO---(Grita de tras do poço)(disfarça a voz)-Meu!

ONÇA----- (Vota-se furiosa)-Quem falou?

OS DOIS---NINGUEM, dona onça!

ONÇA-----Voces estão zombando de mim? Quem falou?

ONÇA----- Ben, por esta vez passa.(Vai saindo pela plateia).

COELHO--- (Põe a cabeça acima do poço e grita com voz disfarçada)-Dona onça malhada!(esconde de novo)(os dois fazem "psiu")

ONÇA----- (Volta furiosa)(aos dois)-Quem me chamou de onça malhada? Eu detesto apelidos!

URSO----- (Riso amarelo)-E a senhora não é uma onça malhada?!

ONÇA----- Não senhor, seu bolo- fofó!(da-lhe uma palmada na barriga)Eu sou uma onça pintada! Há muito diferença!...(desfila vaidosa)

URSO E PAPAGAIO---(Aproveitam quem ela conversou e gritam batendo palmas)-Muito bem! Já ganhou! Rainha da floresta!

FOLHA-9

ONÇA----(Grita furiosa)-Não disfarcem, não! Eu saber quem me chamou de onça malhada?!

URSO----Ninguém, dona onça. Puxa, como a senhora é desconfiada!

PAPAGAIO-É sim, dona onça, e eu acho que a senhora está ficando maluca!

ONÇA ONÇA-O que, seu atrevida?!... (Corre atrás do papagaio, em círculo)

O urso por sua vez, corre atrás do onça gritando "perdoa ele, dona onça"- falas livres. Tudo em volta do poço. O coelho, para não ficar à descoberto, corre atrás do urso, meio agachando. Quando completam a primeira volta em torno do poço, o coelho consegue dar uma palmada na onça. Ela pensa que foi o urso. Se volta e muda a direção da corrida. Desta vez o coelho se agarra nas costas do urso e ele é obrigado a correr de costa. Em dado momento, o papagaio e o urso descem para a plateia. O coelho consegue se esconder de novo atrás do poço. A onça prefere descer também, agora perseguido sempre o urso. O coelho, ao se ver sozinho sai do esconderijo e fica torcendo do meio do palco. Grita pelo urso e pelo papagaio para que voltem. Coelho ajuda papagaio a subir. Urso não consegue subir e cai. A onça sempre perseguindo os dois. Forma-se a maior confusão no palco. Por força da "marca", há um momento em que o coelho e a onça se encontram cara à cara).

ONÇA---(Ao deparar com o coelho, dramático)-Coelhinho Pitomba!!!

COELHO-(idem)-Dona onça Matilda!(Onça avança. O coelho dribla onça em volta do poço. Fazem esse jogo enquanto funcionar. De repente, o coelho tropeça e a onça finalmente consegue agarrá-lo)

ONÇA---Peguei!!!(canta enquanto amarra o coelho no poço)

O coelhinho é esperto

Mas eu sou muito mais.(bis)

Samba, samba, samba, coelhinho

Na panela da Matildinha!...(bis) música de samba lele)(apanha rápido um caderninho com lapis) Bem, vejamos agora uma receita de guisado de coelho!
(anotando) Um caldeirão bem cheio de água fervendo...

COELHO--Água fervendo não, dona onça. Água morna é melhor!(urso e papagaio estão planejando alguma coisa. Marca).

ONÇA----Não me interrompa!

COELHO-Então não água gelada! ASSIM, eu bebo a água!

ONÇA---(Continua)- Cinco latínias de pimentinha do reino...

COELHO-Pimenta não, dona onça, me dá alergia....

FOLHA- 10

COELHO---Então põe água gelada! Assin, eu bebo a água!

ONÇA----(Continua)-Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO---Pimenta não, dona onça, me da alergia...

ONÇA----E daí?

COELHO---Eu vou ficar espirando dentro da panela!

ONÇA----Eu tampo a panela!

COELHO---Eu viro "pipoca"!

ONÇA----Cala-se!(continua)Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO---(Espira forte)-Atchim!!!

URSO PAPAGAIO-Saúde!

COELHO---Obrigado!

ONÇA----(Conclusiva)---...tres comprimido contrax espiro!(continua)Sete colher de sal grosso...

COELHO---Sal grosso? Por que a senhora não põe açúcar?Eu gosto mais de açúcar!

ONÇA----(distraída)Ah, é! Eu também gosto mais de açúcar!...(tom) (caem si)

Não me confunda, açúcar é para sobremesa!(continua)Duas xícaras de vinagre, alho, pimentão, tomate, salsa...(pensa)Acho que é só!

URSO----(que já chegou a um acordo com o papagaio)-Dona onça, a senhora esqueceu a cebola!

ONÇA---(Vai ao urso que está longe do local onde está o coelho)Ah, é mesmo! Quatro cebola grandes...em rodelas ou picadinhas?...(enquanto isso, o papagaio vai mansinho e desamarra o coelho e volta para o seu lugar)

URSO----(Continuando)Azeitonas...(Olha prá ver se o coelho já fugiu).

ONÇA----(Anota)-Quatro latas de azeitonas...

URSO----(Ve que o coelho já foi desamarrao)-Agora já esta bom, dona onça!

ONÇA----Ótimo!Vamps ao guisado!(vira-se).

Coelho--(À porta de sua casa)Dona onça Matilde, uh, uh,!(foge).

ONÇA---(Parte na direção do coelho, mas o urso e o papagaio lhe barram o caminho ONÇA sai furiosa para sua casa)

PANO RAPIDO FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Mesmo cenário. Abre-se o pano. O papagaio está em cena, dormindo ao lado do poço.

Ronca alto e se mexer como quem está tendo um pesadelo.

URSO---(Entra tritonho e cabisbaixo. Ve o papagaio)-Otavinho! Otavinho, acorde Otavinho!

PAPAGAIO--(Fala dormindo)Não, não, seu lobo, a corda, não!

URSO----(Sacode o papagaio) -Acorde, Otavinho! Acorde!

URSO---Voce já pensou, Otavinho?!... Ninguem vai resitir!... Tres meses é muito tempo.

PAPAGAIO-E sim. O Coelhinho Pitomba nem ligou! Disse que sabia como resolver o problema! É o que ele pensa!

ONÇA---(Aparece feliz, cantarolando. Trás dois pedaços de taboas, martelinho, pregos, veste um avental com bolso)(finge que não ve os dois)(cantarola) Oh, que dia tão feliz! Trá-lá-lá-lá-lá-lá! Trá-lá-lá-lá-lá-lá!...etc. (aos dois, como se os visse agora) Olá, queridinhos, que lindo dia, não é? (canta baixo)

URSO---É, mais isso agora não importa. Estamos muito preocupados.

ONÇA---Preocupados com o que, meus amezinhos?

PAPAGAIO-Então, a senhora ainda não sabe?

ONÇA-----O que é que eu ainda não sei?

URSO-----Da seca, da seca, dona onça. O professor Coruja disse que durante tres meses não vai chover nadinha. E todos os rios vão secar.

ONÇA-----É verdade? Ora, não faz mal.

PAPAGAIO-Não faz mal?! Bonde nós vamos beber água?

ONÇA-----Voces, não sei. Quanto à mim, sou a única na floresta que tenho poço em casa. E ele é bem grande e bem fundo! Com licença, tenho muito o que fazer. (Começa a pregar as taboas na boca do poço)

URSO---Prá que essas taboas, dona onça?

ONÇA---Porque de hoje em diante, ninguem mais vai apanhar água no poço da onça Matilda E Bem, com licença, preciso trabalhar (Cantarola alto. Os dois sacam cabisbaixos).

ONÇA---(Continua fazendo cena. Para subito. Pensativa) Esperem!... Mas que estúpido que eu sou!... Se proibir de apanhar água no meu poço, jamais conseguire executar o meu plano: pegar o Coelhinho Pitomba! Logico! Os rios já estão quase sem água e eu sou a unica pessoa na floresta que tem um poço (pausa) Mas esperem... Ah, é isso mesmo! Onça Matilda, voce é formidavel!... (ch. na musical) Meus amiguinhos, onde estão voces?!... Ricardo Otavinho!... Venham aqui um instante!... Tenho uma grande noticia para a gente todos!...

URSO---(Entrando com o papagaio)-A senhora chamou a gente?

ONÇA---Chamei sim.

PAPAGAIO-O que é que a senhora quer?

ONÇA---Sabem? Estive pensando bem: se voces não tiverem onde beber água, naturalmente irao embora para outra floresta.

OS DOIS---Claro!

ONÇA---pááááá Então, o que me adianta ter um poço tão grande, tão fundo, e só

URSO---Mas a senhora disse que ninguem...

ONÇA---Eu disse, mas agora não digo mais. (Tirando as taboas) Então vendo? Vou fazer uma boa fogueira com essas taboas. O poço da onça Matilda agora é de todo mundo!

PAPAGAIO-URSO---Que bom! Otavinho, vamos apanhar nosso baldes (sacm correndo).

118

ONÇA----- (Cantarola misteriosa, fazendo caras) (os dois voltam com os baldes. A onça ajuda os dois. Vão saindo) E, por favor, digam ao Pitomba que venha spanhar água, também. Não precisa ter medo.

URSO----- Está bem, dona onça. Nós diremos sim. E muito obrigados.

PAPAGAIO- Nós vamos agora na casa do Pitomba pra avisar a ele. Até logo, dona onça (Os dois entram na casa do coelho. O urso tem dificuldades porque é gordo. Balança, mas entra).

ONÇA----- (Só)- E agora... uma surpresa para o nosso coelhinho! Esperem só! (sai) (aparecem o urso, opapagaio e coelho).

URSO----- (Vem puxando o coelho que esta com medo) Pode vir, Pitomba. Não tem ninguém

COELHO--- Eu ainda não estou convencido. Conheço bem a dona onça.

URSO----- Olha só como ela ate retirou as táboas que estavam tampando o pocinho!

COELHO--- (Observa)- Ah, é verdade! Sera que ela mudou mesmo?

URSO----- Nem tenha dúvidas! Sabe por que? A dona onça ficou com medo de nós todos irnos embora e ela ficar sózinha aqui na floresta!

PAPAGAIO- Ela agora esta tão boazinha, que até ~~nos~~ nos ajudou a encher os nossos baldes.

COELHO--- Então ela mudou mesmo!...

URSO----- Estamos dizendo!

COELHO--- Parece mentira... (Onça aparece, ve os tres e se esconde).

URSO----- Eu e Otavinho vamos contar pra todo mundo a boa nova. Assim, ninguém precisa ficar com medo da seca.

COELHO--- Isso mesmo. Assim que eu encher o meu balde, vou encontrar com voces.

(Os dois saem em direção à floresta e o coelho pra sua casa).

ONÇA--- (Aparece. Cantarola e dá pulinhos de alegria)- Ah, enfim o grande momento!

Mãos à obra! (Tira do bolso duas enormes cenouras e um longo fio de Nylon envolto em folhas. Amarra as cenouras numa ponta, presas a um gachinho de arame, segura na outra ponta e vai correndo se esconder em sua casa, ao ouvir um ruído qualque vindo da casa do coelhinho. Antes colocou a ponta com as cenouras no meio da praça, perto do pocinho).

COELHO--- (Entra feliz trazendo o baldinho)- Ainda bem que a dona onça resolve ficar boazinha. Tenho certeza que assim ela vai conseguir arranjar muitos amiguinhos. O pessoal da floresta nem vai acreditar. (Vai encher o balde e depara com as cenouras) Ora, vejam só que lindas cenouras! (Vai abaixar, recua para o outro lado) Sera que não pertencem a alguem? (Nesse momento, do seu esconderijo, a onça dá um puxão no fio sem que o coelho veja) Mas quem é deixaria

MS

(Mesmo jogo) Bem, se o dono aparecer de repente, eu devolvo as cenouras, não é mesmo? (Onça dá mais um puxão) Ah, elas estão com folhas e tudo. Devea ter nascido aqui por engono! (Mesmo jogo. Onça idem) Esperem, sera que tem alguém olhando?

COELHO-(Olha em volta)-Não, ninguém! (Vai decidido apanhar as cenouras) (nisso, a onça se atrapalha nos seus movimentos e continua puxando lentamente o fio, crente que o coelho não está vendo. Coelho observa espantado) Ué, a cenouras está andando sózinha?! Sera que é cenoura magicas?!... (Onça para de puxar) (Reação da plateia: "é a dona onça! é a dona onça!") Coelho faz mirica de quem percebeu que as cenouras mudaram de lugar e conclui que é mais um truque da onça. Gesto de silencio prá criançada. Fazendo caras de suspense, retira as cenouras do ganchinho e sai pé ante pé prá sua casa).

ONÇA---(Alheia ao que se passou, dá mais um puxão. Outro, percebe o silencio. Puxa com força e surge em cena ao mesmo tempo que deu puxão para abocanhar xx o coelho que ela supõe estar tentando apanhar as cenouras. Constata que as cenouras desapareceram. Sapateia furiosa)-Esse coelho me paga!! (Sai bufando prá casa)

URSO---(Com o papagaio, voltando do passeio)-Voce viu, Otavinho? A dona maça Girafa ficou tão contente com a noticia que até resolveu fazer um vestie do novo, só prá vir apanhar agua no poço de dona onça.

PAPAGAIO-É, mas só à muito custo que a lebre Vandeca acreditou na historia!

URSO---Ora, porque ela é prima do Pitomba! (Entra a onça bufando e trazendo uma enorme espingarda).

ONÇA---(Aos dois)-Saiam da frente, não quero ver ninguém! Estou de mau humor! (Coloca-se em guarda na frente do poço).

URSO---Ué, que foi que houve, dona onça?

ONÇA---(Furiosa)-Já disse que estou de mau humor!

PAPAGAIO-Estamos vendo...

URSO---E prá que essa espingarda?

ONÇA---Prá que? Ah, foi bom (Dá com a espingarda na cabeça do urso) voces perguntar!

PAPAGAIO-Calma, dona onça.

ONÇA---Essa espingarda é o meu primeiro aviso!

URSO---Aviso de que? (O coelho aparece)

ONÇA-----Aviso de que ninguém mais vai apagar água no meu poço! Quem aparecer leva chumbo!... (Coelho sai).

PAPAGAIO--Mas a senhora tinha dito...

ONÇA-----Tinha dito, mas agora não estou dizendo mais!

URSO-----E qual vai ser o segundo aviso?

ONÇA-----e (Urrando) Um canhão!!!

PAPAGAIO--Por favor, Ricardão, não pergunta qual vai ser o terceiro.

URSO----- (Saindo com o papagaio) E agora, o que vai ser de nós?

ONÇA----- (Sô. Triunfante) Agora o Pitomba vai ver! Vou me vingar de tudo! De tudo! (Ouve-se, fora de cena, um catarolar estranho. A onça fica a postos) Que será isso? Que voz mais esquisita? (ouve) Não consigo reconhecer essa voz... De quem será?

COELHO-- (Entra "vestido" de arvores. Roupão de morim ou luizine marrom escuro, cortado inteiro da cabeça aos pés. Mangas compridas. Buracos para saírem as orelhas, os olhos e a boca. Folhas verdes (peça de samambaia funcionam) costuradas na cabeça, nos braços e até a metade do tronco. Traz o balde meio encoberto de folhas. Solfeja com a voz estranhíssima. Vai direito ao poço. A roupa de arvore encobre totalmente o coelho, ficando ficando apenas as orelhas de fora) (coelho fingindo que não vê a onça. canta com a musica de " Eu fui no torêró " dança espantosamente forçando a onça a correr pelo palco).

Eu venho da floresta

Estou cansado de andar

Procuro um pocinho

pra minha sede matar

Onde é que tem ?

Onde é que tem ?

Um pouquinho d'agua

Pra me dar meu bem !

Ah, eu estou tão cansadinha, estou andando há tres dias e tres noites procurando um pocinho e nada de encontrar. (Repete o fim da musica)

Acho que vou me sentar um pouquinho pra descansar... (Com meneios de velha, senta-se junto ao publico).

ONÇA -----Ei, quem é você ?

COELHO-- (Ven a ela) - Eu sou uma pobre arvore cheia de sede.

ONÇA --- Árvore ? !. Eu nunca vi árvore andar e falar. 121

COELHO-- A senhora desculpe a falta de modéstia, mas é que eu sou uma árvore muito inteligente.

ONÇA---- Ah, é ? Meus para bens ! Com licença estou muito ocupada.

COELHO - Ache melhor eu ir embora. Já perdi a esperança de encontrar um poço nesta floresta. (Finge que só agora vê o poço da onça) Oh, um poço ! Que sorte ! Um poço bem perto de mim e eu nem tinha visto ! Será que não é uma miragem ?

ONÇA --- Não, é o meu poço !

COELHO - Com licença, minha gentil senhora, posso encher o meu balde ? (avança pegando a cordinha com a lata).

ONÇA --- (Dá com a espingarda) - Alto lá ! Ninguém, nem mesmo uma onça, pode apanhar água no poço da onça Matilde !

COELHO -- Não ! A senhora se chama Matilda ? Que lindo nome ! (estende a mão) Muito prazer, dona Matilde.

ONÇA --- (Aponta a espingarda) - Não quero intimidades !

COELHO-- Desculpe a pergunta, mas por que a senhora está tão zangada ?

ONÇA --- Zangada ? Eu estou mais do que zangada.

COELHO-- Talvez eu possa ajudar... Que que eu segure a espingarda para a senhora ?

ONÇA --- Nada disso ! Afaste-se !

COELHO-- Mas a senhora está zangada com quem ?

ONÇA --- Com todo o mundo ! Principalmente com esse péstinha do Pitomba.

COELHO-- (Disfarça) - Pitomba - Que nome gozado ! Não conheço ninguém com esse nome. Quem é Pitomba ?

ONÇA --- É um coelho que vive me fazendo de bôbo, mas hoje eu vou acabar com ele vai terminar a farra !

COELHO-- Dona Matilde, eu tive uma idéia: eu fico tomando conta do seu poço, enquanto isso a senhora vai procurar esse tal de Pitomba e se vinga de tudo. Em troca, a senhora deixa eu apanhar água. Que tal ?

ONÇA --- Nada feito, Eu mesmo quero ficar vigiando o meu poço.

COELHO-- Mas a senhora vai ficar muito cansada.

ONÇA --- Não faz mal. (Intrigada) Mas por que é que a senhora está tão interessada em me ajudar.

COELHO -- É por que eu não posso voltar pra casa sem levar água para as outras

ONÇA --- Sei, sim. Vocês vão ficar com mais sede ainda.

COELHO--- Não é só isso. Nós vamos ficar tão fresquinha que nem vamos poder produzir frutas gostosas pra alimentar os bichos da floresta.

ONÇA --- Não vai ter mais frutas nenhuma?

COELHO--- Nenhuma !

ONÇA --- Nem jaboticabas ?

COELHO--- Nem jaboticabas, nem melancias !

ONÇA --- Que pena, eu sou louca por jaboticabas.

COELHO--- Pois é, até as jaboticabeiras vão secar se não tiverem água pra beber !

(onça vai ficando preocupada) E ainda tem mais: as nossas folhas vão cair todas, todinhas, uma a uma. E aí, quando a senhora estiver debaixo do sol, suando de calor, bufando com a língua de fora, nós não vamos poder fazer nem um poquinho de sombra pra proteger a senhora.

ONÇA --- (Mais preocupada) - Ih, é tão bom comer jaboticabas... debaixo de uma sombra bem grande, então, nem se fala. Puxa eu nem tinha pensado nisso. água faz mesmo muita falta, não é ? Então esta bem, dona árvore, a senhora venceu ! Pode vir apanhar água todos os dias. Mas só a senhora, esta bem? E não conte a ninguém, ouviu?

COELHO--- Pode confiar em mim, dona Matilda ! (Enche o balde)

ONÇA --- E se a senhora quiser, pode trazer umas jaboticabas pra mim...

COELHO--- Umas não, amanhã a senhora vai ganhar uma cesta cheia de jaboticabas bem fresquinhas.

ONÇA --- A senhora é muito bondosa !

COELHO--- (Seindo) -- Até amanhã, dona onça, muito obrigado.

ONÇA --- (Dando " adeuzinho ") -- Não se esqueça das jaboticabas ! (coelho saiu, ouve-se fortes ruídos na cochias)) (Gritos pra dentro) Cuidado pra senhora não cair ! ?

COELHO--- (De dentro - Agora é tarde, querida, já me esborrachei toda !

ONÇA --- (Ri. a platéia) - É sempre bom a gente ter uma árvore por perto nos dias de calor. É aquela foi muito gentil... (pausa, sorri) Agora estou me lembrando... (Começa a rir)... ela tinha umas orelhas tão engraçadas. (ri mais) (para espantada) Eu disse orelhas? (frisa) Eu disse orelhas? (Desesperada) Não !!! Era o coelhinho Pitoaba! (Chora, nesse momento, aparecem o urso e o papagaio que se esconde pra observar a cena) (a onça fala lenta e tristemente) Matilda, minha pobrezinha, tenho a impressão de

ONÇA --- É mesmo? (tom) Claro !... E nunca, mais nunquinha, você vai conseguir fazer aquele sonho tão sonhado guisado ! Buááá... Buáááá (Sai chorando)
(O urso e o papagaio tomam cena).

URSO --- Você ouviu isso ?

PAPAGAIO-Claro que ouvi, não sou surdo. (choro de coelhinho na coehia, os dois se escondem).

COELHO-- (Entrando) -- Coelhinho Pitomba, você é muito tempo provou ser um esperto. ! Mas no fundo, no fundo, é um bobão muito ! Grande ! (Outro Tom) E você é um atrevido muito grande ! (tom) Atrevido, eu? Mas eu sou você ! Viu como você é bobão? (tom) Então eu sou mesmo bobão !... (tom) Coelhinho Pitomba, Você acha que é divertido não fazer outra a não ser viver fugindo e fugindo da onça Matilda ? (tom) Eu não acho divertido, não, mas se eu não fugir da dona onça, eu viro guisado ! (Pausa) (Pensa) Ah, tive uma idéia ! Vou me mudar para uma floresta bem longe daqui, convide os meus dois amiguinhos, aí fico livre da dona onça por toda a vida Vou arrumar minhas coisas !... (sai)

URSO --- (Volta com o papagaio) -- Você ouviu isso, não também ? E agora?

PAPAGAIO-Agora? Você se lembra quando eu disse uma vez que nos podíamos fazer um negócio muito bom ?

URSO --- Deixe eu pensar. (pausa) Ah, me lembro sim ! Você disse que a dona onça e o coelhinho deviam ser amigos !

PAPAGAIO-Isto mesmo ! Você notou os dois estão preocupados ?

URSO --- É claro que notei ! (doutoral). Otavinho, você é um genio ! Vamos acabar com a briga dos dois ! (A plateia) Querem ver ? Vocês querem que os dois fiquem amiguinhos ? ! (espera resposta) Atenção ! (Chamando) Dona onça ?

ONÇA --- (De dentro) -- Quem ousa interromper a minha tristeza ?

URSO --- Venha cá um instantinho... por favor...

ONÇA --- (entra, chorosa) -- Eu não quero viver a vida inteira perseguindo o Coelhinho Pitomba ! (Chora mais).

URSO --- Calma, dona onça, não precisa chorar tanto. Nós já resolvemos tudo.

ONÇA --- Resolveram tudo, como ?

URSO --- Que tal a senhora e o coelhinho se tornarem bons amiguinhos ? !

ONÇA --- Eu, amiga do coelhinho? E o meu guisado.

URSO --- Ora, dona onça, existe uma porção de guisado muito gostosos, sem ser de coelho ! escute : todo mundo sabe que guisado de cenoura com carne seca é

PAPAGAIO -- É sim, dona Onça, eu já provei, é tão gostoso !

ONÇA -- É mesmo ?

PAPAGAIO -- Depois nós damos a receita para a senhora.

ONÇA -- Então eu vou experimentar! (tristonha) Mas como é que o coelhinho vai acreditar que eu quero ser sua amiguinha ?

URSO -- Deixe por nossa conta. Fique escondida atrás do poço. (a onça obedece)

PAPAGAIO -- Posso chamar o coelhinho?

URSO -- Pode, pode.

PAPAGAIO -- (A plateia) Então, todos nos vamos chamar o coelhinho pitomba !
(Dando ritmo a criançada) Coelhinho Pitomba! Coelhinho Pitomba! Etc.
(forma-se enorme gritaria).

COELHO -- (Pula em cena) -- Que gritaria é essa na minha porta ?

PAPAGAIO -- Nos queremos brincar com voce.

COELHO -- Nossa ! Pensei que fosse um terremoto!... (Outro tom) Como é que voces podem pensar em brincar, quando eu, pobre de mim!- só tenho que viver fugindo e fugindo da dona Onça Matilda. (Chora)

URSO-----Ora, Pitomba, não chore mais. Se voce quiser, não precisa mais fugir da dona onça, e vamos brincar todos juntos!

COELHO----Voce é muito gozado, Ricardão. Como é que nós vamos brincar todos juntos se a dona onça não descansa enquanto não comer um guisado do coelho Pitomba?!

PAPAGAIO---Seu bobo, ela está louca pra ser sua amiguinha!

COELHO----Dona onça quer ser minha amiguinha?

URSO-----É, sim. QUER que eu te de uma prova?

COELHO----Que prova?

URSO-----Eu vou chamar a dona onça preste atenção.

COELHO---Vai chamar a dona onça? Então, deixa eu me esconder atrás de voce ?
(Esconde-se atrás do urso)

URSO---Atenção!(Chama) Dona onça Matilda! Qual é o prato que a senhora gosta mais?

ONÇA---(De tras do poço)-Guisado de cenoura com carne seca!

COELHO--Sera que eu ouvi direito?!

ONÇA----(Idem)Ouviu sim!

PAPAGAIO--Então, Pitomba, podemos trazer a dona onça?

COELHO--Não sei, não. (Pergunta a plateia) Que é que voces acham? Eu e a dona onça devemos ser amiguinhos? Vocês acham que sim? Então, esta bem podem trazer

FOLHA-19

PAPAGAIO-Dona onça, pode vir! (A onça vem fazendo "charme". Pisca-pisca para o coelho.Ele responde igual).

COELHO---Hum, ela esta tão esquisita!

ONÇA-----Seu Coelhinho Pitomba ! Uh!...Uh!...(Faz um trejeito de bailarina)

COELHO---Eu acho que vai dansar ballet!

PAPAGAIO-(Corrigindo) -Não, coelhinho, ela esta de botas!

COELHO-E mesmo Faz a pose de novo, dona onça.

ONÇA---Seu coelhinho Pitomba!Uh!...Uh!e..(Exagera os trejeitos).

COELHO-Ah, é Ye-ye-ye!(Faz passos de dança, galanteador)Dona onça Matilda uh!...uh!... (Ela aproxima, os dois dão as mãos e faltam ao mesmo tempo:)

ONÇA+COELHO--Vamps ser amiguinhos?

URSO-(Tomando cena)-E assim termina!

PAPAGAIO--(Idem)-A história engraçada!

ONÇA-(Aponta o coelho)-Do coelhinho Pitomba!

COELHO-(Aponta a onça)E da oncinha pintada!(os personagens dão as mãos e se inclinam em agradecimento)Um momento? Dona oncinha, que tal se nós todos cantassemos a musiquinha do Coelhinho Pitomba?(Todos pulam e batem palma)

ONÇA--Que bom!Que bom!(Reflete)Mas acontece que eu não sei a letra nem a musica!

COELHO-Não tem importancia.Nós cantamos uma vez sozinho, depois a senhora ~~xxxx~~ acompanha a gente, esta bem?

ONÇA--Otimo!Podem começar. Vou prestar atenção.

COELHO-(Canta com o urso e o papegaio a musica do coelhinho)-E então, dona onça, já aprendeu?

ONÇA--Já!Escutei só.(Canta sozinha os dois primeiros versos em seguida, todos cantam, com ritmo de palmas)(No momento em em que a letra é: "Como é o meu nome? CoelhinhoPitomba"! Como é que eu me chamo? Coelhinho Pitomba!A onça se destaca do grupe e sapatea enfurecida no proscênio)

OS OUTROS-(Ficam assustados e se afastam)

ONÇA-(Autoritaria)- Que negocio é ~~xxx~~ esse?!

COELHO-(Sem compreender)-Que foi que houve,dona onça?

ONÇA--(Explicativa)-Como é que eu me chamo?

TODOS-Ah,é!(Fazem reverencia em volta da onça)Dona onça Matilda!(Saem de cena de mãos dadas cantando a musica do prologo).

TEATRO

126

TÍTULO O COELHINHO PITOMBA

Milton Luiz

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior L I V R E

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.: _____

DF. 1 09 1 03 1 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Brasília - DF de _____ de 1.97

124

, 12, de março de 1976

155/76-SCTC/SC/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-**DDDP**

: Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/SR/SP

: Informação (faz)

Ref.Of.nº 1075-76-SCDP-SR/SP

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, informo a V.Sª. que a peça teatral intitulada "O COELHINHO PITOMBA" de Milton Luiz, acha-se registrada nesta Divisão de Censura sob o nº 2527, com a classificação etária Livre e o certificado válido até 13 de fevereiro de 1.981.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de estima e consideração.

[Assinatura]
V/ ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

De ordem.
ao Arquivo, para aguardar
procedimentos do SCDP-SR/SP
15-03-76
[Assinatura]

rs/



MJ - DPF - SRA / BSB

- 6 JUL 1976 026709

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA

RECEBIDO POR [assinatura]

SRA. FICHADO

BPF-SRA fl.n.º [assinatura]

129

Ofício N.º 01973-76-SCDP/SR/BA

Em 05.07.76

DO: Chefe do SCDP/SR/DPF/BA

AO: Sr. Diretor da DCDP/DPF/BSA

Assunto: Peças Teatrais - encaminha

FICHADO S. A. DCDP

Senhor Diretor,

Encaminho, em anexo, para o competente exame censório, as peças teatrais abaixo relacionadas:

- 1- "O COELHINHO PITOMBA", de Milton Luiz ;
- 2- "O DETETIVE BEZERRA", de João Ubaldo Ribeiro

Atenciosamente,

 JOSÉ AUGUSTO COSTA -
 Técnico de Censura
 Chefe do SCDP/SR/BA

130

ILMO SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DA
POLÍCIA FEDERAL - D.F. BRASÍLIA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SEÇÃO DE COORDENAÇÃO E CONTROLE
CENSURA FEDERAL / SR-BA
DOCUMENTAÇÃO CONFERIDA
101 071 76

Assinado

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SR/BA - Coordenação Regional Administrativa
Protocolo N. 9209
Doc. apresentado em 17/1/1976

Assinado

SRA/FICADO

Carlos Ruy S. Ribeiro, brasileiro, maior,
residente à rua São José, nº 118, Feira de Santana, Estado da Ba
hia, Carteira de Identidade Nº 1141551, vem requerer a V.Sa a li
beração da peça infantil "O Coelhoinho Pitomba" de Milton Luiz, /
para que possa ser apresentada no Teatro Margazida Ribeiro.

N. Termos

P. Deferimento.

Carlos Ruy S. Ribeiro

Feira de Santana, 1º de julho de 1976.

131

ILMO SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DA
POLÍCIA FEDERAL - D.F. BRASÍLIA

Carlos Ruy S. Ribeiro, brasileiro, maior,
residente à rua São José, nº 118, Feira de Santana, Estado da Ba
hia, Carteira de Identidade Nº 1141551, vem requerer a V.Sa a li
beração da peça infantil "O C oelhinho Pitomba" de Milton Luiz, /
para que possa ser apresentada no Teatro Margarida Ribeiro.

N. Têrmos

P. Deferimento.

Carlos Ruy S. Ribeiro

Feira de Santana, 1º de julho de 1976.

TEATRO

TÍTULO O Coelhinho Pateado 132

Milton Louiz

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça BA

Obs.: _____

DF. 13, 07, 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de LIVRE, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cinema, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 23 de julho de 1976

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE, livre na forma do parecer, processo anterior

Em, 27/07/1976

Arésio Carneiro D'Ávila
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO



PARECER Nº 4145 176

133

TÍTULO: " O COELHINHO PITOMBA" (peça teatral)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE CONFRONTO

AUTOR: MILTON LUIZ

Procedendo o confronto do presente texto com original, já examinado, verifiquei que somente houve supressão nos últimos diálogos, mas não alterou o conteúdo, podendo ser liberado com a mesma classificação anterior: LIVRE.

Brasília, 21 de julho de 1976

Solange
Solange ~~Vaz~~ dos Santos

648/76-SCTC/SC/DCDP

27/7/76

Superintendente Regional do DPF na Bahia

O COELHINHO PITOMBA

Milton Luiz

Superintendente:



SALVADOR-BA

3889/76

COELHO PITOMBA

MILTON LUIZ

26 JULHO

81

26 JULHO

76

LIVRE

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

: O COELHINHO PITOMBA

: MILTON LUIZ

CARLOS R. S. RIBEIRO

23 JULHO

76

LIVRE, CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

26 JULHO

76

Arésio T. Peixoto
ARÉSIO T. PEIXOTO

136
2



MJ/DF - SR4/H
-8 SET 14 07 76 035067

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM S. PAULO

SRA/FICHAO

OF.

Nº 4662/76-SCDP/SR/SP

EM 13 de agosto de 1976.

*ao arquivar
099761*

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.S., os relatórios de textos e ensaios gerais das peças teatrais "UMA NOITE ENCANTADA" original de Marcos Caruso; "PADRE...EU NÃO ME CASO MAIS" ou "BALANÇA... MADRE E HERANÇA" original de Batista Machado; "APAGA A LUZ E FAZ DE CONTA QUE ESTAMOS BÊBADOS" original de Ronald Radde; "PALAVRÃO" original de Rolandro Boldrin e Antonio Abujamra; "A GUERRA MAIS OU MENOS SANTA" original de Mário Brasini; "O EXORSEXI" original de Emanuel Rodrigues e Costinha; "O GATO DE BOTAS" original de Jorge O'Valle; "O COELHINHO PITOMBA" original de Milton Luiz; "DOROTEIA" original de Nelson Rodrigues; "SARAPALHA" original de João Guimarães Rosa; "INVENTANDO UMA INVENÇÃO" original de Ivan José; "A BRUXINHA QUE ERA BOA" original de Maria Clara Machado; "SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO" original de Shakespeare; "TISTU - O MENINO DO POLEGAR VERDE" original de Maurice Druon; "MAROQUINHAS FRU-FRU" original de Maria Clara Machado; "O BOI E O BURRO NO CAMINHO DE BELÉM" original de Maria Clara Machado.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S., a remessa dos certificados das peças acima mencionadas.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

Jose Vieira Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S Í L I A / D F



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 156

PARECER Nº 2771 76

TÍTULO: "O COELHINHO PITOMBA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

A peça em epígrafe, escrita especialmente para teatro infantil, é de autoria de MILTON LUIZ.

Trata-se da estória de um coelho e seus vizinhos a onça Matilda, Urso Ricardão e do Papagaio Otavinho. É uma obra bastante leve e instrutiva.

NO seu textonada vimos de ofensivo às normas censórias vigentes.

Pela liberação para livre apresentação, e, tendo-se em vista que esta paeça já foi encenada e já liberada (certificado 4.009/71) e do disposto no artigo 52 §2º do decreto 20.493/46, pela dispensa do ensaio geral, s.m.j.

São Paulo 20.02.76

Wanderli
wonderli acillo gaeti
tec. de cen. 298

*De acordo com o Parecer
Expedir Cert. Priv. e cumprir
o processo a DCDP.
Pierluigi
CP SUDP/HA/SA*

Parecer 278/76

" O COELHINHO PITOMBA "

LIVRE

Senhor Chefe

O texto da peça infantil " O COELHINHO PITOMBA " de autoria de Milton Luiz, é a historia de quatro animais , que depois de varias peripécias na floresta se tornam grandes amigos. Transmitem boa mensagem para as crianças. Opino pela liberação livre.

São Paulo, 22 de março de 1976

Beatriz Anna Maria Winter
Beatriz Anna Maria Winter

Téc. de censura 300

De acordo com o Parecer
Fla Lu
CH 500/82/SP



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

De ordem à SCTC para atender o conteúdo no Of. 4662/76 anexo.

Em: 23.09.76

Assinado

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores, de livre, 51 cortes, e com os dados constantes do requerimento de aus, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:"

Brasília-DF, 30 de setembro de 1976

Maria Arlete P. Gama
Maria Arlete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: livre

Brasília-DF, 07 / 10 / 76

Carvalho de
Carvalho de Lourenço
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

,30 de setembro de 1976

999/76-SOTC/SG/DCDP

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo

: Encaminhamento (faz)

Ref.Of.nº 4662/76-SCDP-SR/SP

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, encaminho a V.Sª. as anexas 1ª e 2ª vias do certificado de censura da peça teatral intitulada "O COELHINHO PITOMBA" de Milton Luiz.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de estima e consideração.

CAF
ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 160

BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 141

3889/76

: O COELHINHO PITOMBA

CARLOS RUY S. RABELO

MILTON LUIZ

COMISSÃO DE LICITAÇÃO DE MATERIAIS DE CONSUMO PARA O DEPT. DE LICITAÇÃO DE MATERIAIS DE CONSUMO

LIVRE

19 JANEIRO 77

07 OUTUBRO 76

Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

Comissão de Licitação

COMISSÃO DE LICITAÇÃO DE MATERIAIS DE CONSUMO

: O COELHINHO PITOMBA

: MILTON LUIZ

CARLOS RUY S. RIBEIRO

23 JULHO

76

LIVRE. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUAN-
DO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

[Handwritten signature]

LIVRE

Coriolano de L. Fagundes

07 OUTUBRO

76

CORIDIANO DE LOIOLA C. FAGUNDES



MJ-DPF-SRA/BSB

FICHADO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL 113 026540
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DA SR/PR

SRA/FICHADO

OF. Nº 2698/77-SCDP/SR/PR

Em 22 de agosto de 1977.

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas.

Ao Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.

Assunto: Peça teatral para censura (remete)

*De acordo
ao Arquivo
em 26.8.77
Mm*

Senhor Diretor,

Pelo presente, estamos encaminhando a Vossa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0036, p. 160

141

3889/76

O COELHINHO PITOMBA

José Augusto Costa.

Técnico de Censura

Chefe do Serviço

LIVRE O PRESENTE CERTIFICADO ESPECIAL NOTÍCIA, LUIZ MILTON LUIZ

DO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

LIVRE

19

JANEIRO

77

07

OUTUBRO

76

ROGÉRIO NUNES

CORIOIANO DE LOIOLA S. FACUNDES

141



FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ
SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

Avenida Cândido de Abreu, 200 - Caixa Postal 1144 - Telegr.: Sesiparaná - Fones: (0412) 22-7022 e 22-7024

DEPARTAMENTO REGIONAL DO PARANÁ

80.000
CURITIBA - PARANÁ

Ofício nº 005/77/SRCA

Curitiba, 18 de agosto de 1977

Estamos encaminhando, em anexo, para liberação desse Serviço de Cultura e Diversões Públicas, 3 exemplares da peça : O Coelhoinho Pitomba, original de Milton Luiz, a ser apresentada pelo teatro infantil, do SESI, nos meses de setembro a dezembro do corrente ano.

Outrossim solicitamos à V.Sa. se digne mandar devolver este material à Delegacia de Polícia Federal desta Capital.

Na oportunidade renovamos nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

Dino Brassac
Div. Prom. Sociais
Diretor

Iracema E. de Farias Gomes
Serv. Recr. Cult. Artística
Chefe

ILMO. Sr.
Diretor da Div. de Censura Federal
Edifício B.N.D.F. - 3º andar
BRASÍLIA - D.F.

TEATRO

TÍTULO O foelhinho Pitomba

1) ~~S.C.T.C.~~ Arquivo

Clas. Anterior livre

Praça Curitiba - PR

Obs.: _____

DF. 01/09/77

Faliva M. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

_____ Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de 18 anos, livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de aus., condicionada ao exame de ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 05 de set. de 1977

M. Gama
Marita Azeite R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: Livre

Brasília-DF, 05/09/1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036 p. 265

PARECER Nº 3740 / 77

TÍTULO: "O COELHINHO PITOMBA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Autor: MILTON LUIZ

Feito o confronto do texto, constatei que corresponde ao que se encontra no Arquivo dessa DCDP, podendo, portanto, ser a peça apresentada sem restrições de ordem etária.

Brasília, 2 de setembro de 1977.

Laura Bastos

Laura Bastos.

1336/77-SCTC/SC/DCDP

05/09

7

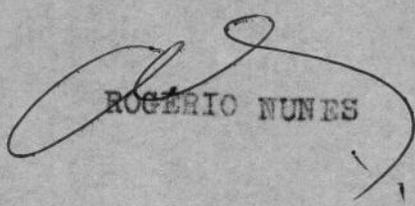
Superintendente Regional do DPF no Paraná

"O COELHINHO PITOMBA"

Milton Luiz

Superintendente:

CURITIBA-PR


ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p 267

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 147

O COELHINHO PITOMBA

MILTON LUIZ

3889/77

O COELHINHO PITOMBA

1977 - 10 (10)

ROGERIO NUNES

MILTON LUIZ

ROGERIO NUNES

RECEBUEIRO DE... 13 DE FEVEREIRO DE 1977

13 DE FEVEREIRO DE 1977

LIVRE

05 SETEMBRO 77

Handwritten signature of Rogério Nunes

ROGERIO NUNES

O COELHINHO PITOMBA

MILTON LUIZ

SESI - PR (PR)

IRACEMA E. DE FARIAS GOMES

05 SETEMBRO

L I V R E. CONDICIONADA DO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE

CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT. DEVIDA-
MENTE CARIMBADO PELA DCDP.

77
COELHINHO PITOMBA

77

05 SETEMBRO 77
OFB

LIVRE
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. L69

FICHADO
S. A. DCDP



MJ-DFP-SRA/BSB

148
DFP-BSB
R. n.º
R. n.º
R. n.º

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 19 SET 1129 = 028699
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS RECEBIDO POR:

SRA/FICHADO

OF. Nº 2877/77-SCDP/SR/PR

Em, 15 de setembro de 1977

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas.
Ao Ilmo. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.
Assunto: Parecer referente a ensaio-geral (remete)

Senhor Diretor,

Em atenção ao ofício nº 1336/77-SCTC/SC/DCDP, datado de 05 de setembro de 1977, estamos encaminhando a Vossa Senhoria o parecer nº 131/77, referente ao ensaio-geral da peça teatral denominada "WO COELHINHO PITOMBA", de Milton Luiz, procedido pelo Técnico de Censura, Francisco Surek, em exercício no Serviço de Censura de Diversões Públicas desta SR.

Ao ensejo, renovamos a Vossa Senhoria as manifestações de consideração e apreço.

José Augusto Costa.
Técnico de Censura.
Chefe do SCDP/SR/PR.

SERVICO DE CENSURA DE DIVERSOES PÚBLICAS DA SR/PR

Do Técnico de Censura, Francisco Surek

Ao Ilm^o. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas.

Assunto: Parecer nº 131/77 (apresenta)

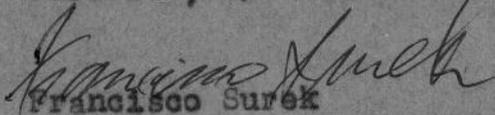
Senhor Chefe,

Em atenção à solicitação do Sr. Chefe da Seção de Coordenação e Controle do Serviço de Censura de Diversões Públicas do DPF neste Estado, assistimos, dia 14 de setembro do corrente ano, às 16 horas e 30 minutos, no auditório do SESI, localizado na rua Padre Leonardo Nunes, nº 180, bairro do Portão, Curitiba - Pr., ao ensaio geral da peça teatral intitulada "O COELHINHO PITOMBA", de autoria de Milton Luiz.

A peça foi encenada em 35 min pelo elenco Teatro Infantil do SESI, sob a direção de Helena Gagliastri Ribeiro, após ter sido liberada, sem cortes, pela DCDP, através do certificado nº 3889/77.

A diretora do espetáculo conseguiu do elenco / a assimilação dos diálogos e marcações do "SCRIPT" liberado e nenhuma infração à legislação censória foi constatada na peça liberada com imparcialidade, sem restrições etárias.

Curitiba, 15 de setembro de 1977.



Francisco Surek

Técnico de Censura do SCDP/SR/PR.

SRA/DCDP

150

*De ordem
do Arquivo
em 24/4/78*

PICHADO
S.A DCDP



DPF - SPA/BSB

0078 010733

DPF - SRA
Fl. nº
Rub. *A*

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Of. nº 407 /78 -SCDP/SR/DPF-RJ Em 18 /04 /1978

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/DPF-RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF

Assunto : Encaminhamento (faz)

Ref.: Prot. nº 006815 /1978 -SCDP/SR/DPF-RJ

Peça....." O COELHINHO PITOMBA ".....

Autor.....MILTON LUIZ.....

Tradução.....

Adaptação.....

Requerente.....RAQUEL NADER (REPRESENTANDO O CENTRO DE ARTE DE NOVA FRIBURGO - GAMA)

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1 da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha consideração e distinguido apreço.

Augusto da Costa
AUGUSTO DA COSTA
Chefe de SCDP/SR/DPF-RJ

TEATRO

TÍTULO O COELHO E O TOMBA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.: Atenção para pedidos anexos.

DF. 26/04/78

[Signature]
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S.E. para se emitir dois certificados, com _____ para menores de livre sem cortes e com _____ do requerimento de livre condicionada ao exame do _____

Brasília, 10 de maio de 19 78

[Signature]
Maria Arlete R. Game
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: livre, sem cortes.

Brasília-DF, 12 maio 1978

[Signature]
Arésio Beixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura DCDP
SUBSTITUTO

SRA/FICHADE

152



MJ-DPF-SRA/BSB

3 MAI 11 31 011543

DPF - SRA
Fl. nº
Rub.

FICHADE
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Ofício nº 432/78-SCDP/SR/RJ

Em 27.4.78

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

*De ordem
ao Arquivado
em 04.05.78*

Senhor Diretor:

Em aditamento ao ofício nº 407/78 - SCDP/SR/DPF/RJ, para fins do disposto do sub-item 1.4 da Portaria nº. 42/75 - DCDP, de 26.11.75, encaminho a V.Sª. o parecer da peça teatral intitulada " O COELHINHO PITOMBA ", de Milton Luis, liberada sem restrição etária, na dependência do ensaio geral.

Ao ensejo, apresento a V.Sª. protestos de estima e consideração.

[Assinatura]
AUGUSTO DA COSTA
Chefe do SCDP/SR/RJ

LSL/.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 1156

GÊNERO: PEÇA TEATRAL INFANTIL
TÍTULO: "O COELHINHO PITOMBA"
AUTOR: MILTON LUIZ
CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

Peça infantil tendo como personagens quatro bichinhos: o coelho, o papagaio, o urso e a onça. Moram na mesma floresta e a onça sempre importuna o coelhinho, não o deixando viver em paz. Depois de um certo tempo, ambos estão cansados e tristes, um de perseguir e o outro de ser perseguido. Convencem-se então, que o melhor para os dois é tornarem-se amigos, vivendo em paz e harmonia.

Sugiro seja a mesma liberada, com censura livre.

Rio, 25 de abril de 1978

ELIANE MARIA COUTO DE FÁRIA

Mat. 2.416.890

*De acordo
22/4/78
[Signature]*



J - DPF - SRA/BSB

2 MAI 1105 011259



FICHADO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

154 FICHADO

Of. nº 1555/78-SCDP

Curitiba, 27 de Abril de 1.978

Do Chefe do SCDP/SR/PR
Ao Sr. Diretor da DCDP/DPF
Assunto: Encaminhamento (faz)

*De ordem
ao Arquivo
em 02.05.78
Milton*

Senhor Diretor

Para o competente exame dessa Divisão
estamos encaminhando o texto em tres vias da peça teatral intitulada " COELHINHO PITOMBA " de Milton Luiz.

Na oportunidade, renovamos nossos /
protestos de consideração e alta estima.

TC - José Augusto Costa
Chefe do SCDP/SR/PR



GRUPO DE TEATRO CASCAVEL

CGC 71112332/0001-92

Av. Brasil - 2484 - 2º Andar - sala 2

Caixa Postal, 859 - 85.800

CASCAVEL

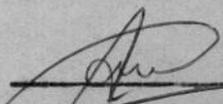
PARANÁ

ILMO. SR. CHEFE DE CENSURA DE DIVERSÕES
PÚBLICAS DA SR/DPF/PR.

O Grupo de Teatro Cascavel, entidade teatral sediada / em Cascavel, à Cxa. Postal 859, vem através desta requerer que se digne a fornecer a liberação do texto " COELHINHO PITOMBA" de Milton Luiz.

Nestes Termos
Pede Deferimento

Cascavel, 17 de Abril de 1978.



GTEC - Grupo de Teatro Cascavel.

Em anexo
03 vias do texto.

TEATRO

TÍTULO O COELHINHO PITOMBA

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE
 Praça Curitiba - PR
 Obs.: ATENÇÃO PARA PEDIDO ANEXO.
 DF. 03, 05, 1978

 Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____
 Técnico de Censura _____
 Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____
 DF. ____/____/____

 Resp. pela Programação

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores e livre, 5/ cópias e dados constantes do requerimento de claus, condicionada ao exame geral. Obs.: _____
 Brasília-DF, 10 de maio de 1978

 Maria Arlete R. Gama
 Ch. S.C.T.C./DCDP
 Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
 Classificação: Livre, sem cortes.
 Brasília-DF, 12 maio 1978.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. L78

PARECER Nº 0625 / 178

TÍTULO: "O COELHINHO PITOMBA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Autor: Milton Luiz

Através do requerimento datado de 17 de abril de 1978, o Grupo de Teatro Cascavel de Paraná requereu a censura do texto da peça teatral "Coelhinho Pitomba".

Estabelecendo o confronto do "script" que nos foi enviado com o constante do processo, liberado com a classificação etária LIVRE, constatamos a semelhança dos mesmos.

Com base no que estabelece a Lei 5.536/68, somos pela aprovação do texto em exame, com o mesmo critério etário inicial, LIVRE.

Brasília, 09 de maio de 1978

Maria das Graças Sampaio Pinhati

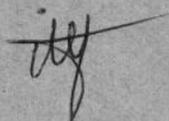
689/78

BSE, 09/05/78

no Rio de Janeiro

407/78-SCDP/SR/RJ

"O COELHINHO PITOMBA" de Milton Luiz.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. L80

159

3889/78

: O COELHINHO PITOMBA

: MILTON LUIZ

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

FEVEREIRO

81

78

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: O COELHINHO PITOMBA

: MILTON LUIZ

: CENTRO DE ARTE DE NOVA FRIBURGO - GAMA - RJ

RAQUEL NADÉR

10

MAIO

78

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE
CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENT
TE CARIMBADO PELA DCDP.

12

MAIO

78

ARÉSIO T. PEIXOTO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036 10.181

687/78-SCTG/SC/DCDP

09/05

8

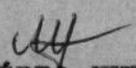
Superintendente Regional do DPF no Paraná

"O COELHINHO PITOMBA"

Milton Luiz

Superintendente:

CURITIBA-PR


R/ ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p' 183

161

3889/78

: O COELHINHO PITOMBA

: MILTON LUIZ

LIVRE

13 FEVEREIRO
12 MAIO
ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
18
78

: O COELHINHO PITOMBA

MILTON LUIZ

: GTEC - PARANÁ

10

MAIO

78

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE
CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMEN
TE CARIMBADO PELA DCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 124

LIVRE

12

MAIO

78

Arésio T. Peixoto
ARÉSIO T. PEIXOTO

FICHADO
S. A. DCDP



SRA/FIC.00

MJ-DPF-SRA/BSB

DPF-SRA
Fl. nº 2
162

1438 014357

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 2356/78-SCDP

Curitiba, 29 de Maio de 1.978

Do Chefe do SCDP/SR/PR
Ao Sr. Diretor da DCDP/DPF
Assunto: Encaminhamento (faz)

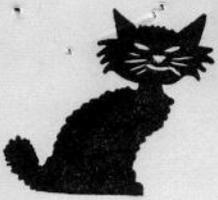
*Arquivo
Ving. e provid.
M 26.7.8*

Senhor Diretor

Para o competente exame dessa Divi
são, estamos encaminhando o texto, em 03 (tres) vias da peça /
teatral intitulada " O COELHINHO PITOMBA " de Milton Luiz.

Na oportunidade, renovamos nossos/
protestos de consideração e alta estima.

MTC - José Augusto Costa
Chefe do SCDP/SR/PR



GRUPO GATO PRETO

RUA JOÃO RIBEIRO LEMOS N.º 387

NOVO MUNDO

CURITIBA - PR.

Inscrição no Cadastro Geral de Contribuintes do Ministério da Fazenda N.º 77.153.450/0001-49

ILMO SR. CHEFE DO DEPTO DE CENSURA FEDERAL - DPF.
R E Q U E R I M E N T O

O grupo de teatro de nome acima mencionado, na representação de seu diretor administrativo, LINEU PORTELA DOS SANTOS, vem através desta mui respeitosamente, requer, seja feita a devida censura ou liberação do texto infantil, O COELHINHO PITOMBA, de Milton Luiz, montagem pretendida pelo grupo.

Nestes termos
Pede deferimento,

Curitiba, 27 de maio de 1978.

LINEU PORTELA DOS SANTOS
DIRETOR ADMINISTRATIVO.



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Curitiba , 19 de Maio de 19 78

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasília D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.
para fins de CENSURA, tres copias da peça

"O COELHINHO PITOMBA"

Original de Milton Luiz

Tradução de xxx

Próxima apresentação de GRUPO GATO PRETO

Teatro _____ Cidade diversas

Estado Paraná e Sta. Catarina

A estréia está prevista para 1ª quinzena de Julho/78

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida con-
sideração,

Pela SBAT,

BRDFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00361 p. 188

PEÇAS PUBLICADAS

- 322 — Forrobodó, de Luiz Peixoto e Carlos Bettencourt
- 323 — O Maluco da Família, de José Wanderley e Daniel Rocha
- 324 — Em Moeda Corrente do País, de Abílio Pereira de Almeida,
- 325 — Brasileiros em Nova Iorque, de Pedro Bloch
- 326 — O Tesouro de Chica da Silva, de Antônio Callado
Pedro Mico, de Antônio Callado
- 328 — O Asilado, de Guilherme Figueireu
- 329 — Juriti, de Viriato Corrêa
- 330 — O Amor na Terra do Cangaço, de Maria Wanderley Menezes
- 331 — Zefa Entre os Homens, de Henrique Pongetti
- 332 — Canção Dentro de Pão, de R. Magalhães Júnior
- 333 — O Coração Não Envelhece, de Paulo de Magalhães
- 334 — Lisbela e o Prisioneiro, de Osman Lins
- 335 — Roleta Paulista, de Pedro Bloch
- 336 — Amanhã Se Não Chover, de Henrique Pongetti
- 337 — A Falecida, de Nelson Rodrigues
- 338 — Mocinha, de Joracy Camargo
- 339 — Serata Posto Dois, de Pedro Bloch
- 340 — Lecnor de Mendonça, de Gonçalves Dias
- 341 — O Patinho Torto, de Coelho Neto
- 342 — João Farrapo, de Meira Pires
- 343 — Anjinho Bossa Nova, de Paulo Silvino
- 344 — Amor a Oito Mãos, de Pedro Bloch
- 345 — Vamos Brincar de Amor em Cabo Frio, de Sérgio Viotti
- 346 — Matador, de Oduvaldo Viana Filho
- 347 — Como Se Fazia Um Deputado, de França Júnior
- 348 — Juízo Final, de Joracy Camargo
- 349 — Mulher Zero Quilômetro, de Edgard G. Alves
- 350 — O Simpático Jeremias, de Gastão Tojeiro
- 351 — Grande Marido, de Eurico Silva
- 352 — Cupim, de José Wanderley e Mário Lago
- 353 — Que Pena Ser Só Ladrão, de Paulo Barreto (João do Rio)
- 354 — Morre Um Gato Na China, de Pedro Bloch
- 355 — Dona Patinha Vai Ser Miss, peça infantil de Arthur Maia
- 356 — O Santo Milagroso, de Lauro César Muniz
- 357 — Maurício de Nassau, de Viriato Corrêa
- 358 — A Próxima Vítima, de Marcos Rey
- 359/60 — Eva, de Paulo Barreto (João do Rio)
- 361 — O Castagnaro da Festa, de Oduvaldo Viana
- 362 — Fuenteovejuna, de Lope de Vega, tradução de Lopes Gonçalves
- 363 — Este Ovo é Um Galo, de Lauro César Muniz
- 364 — Divorciados... de Eurico Silva
- 365 — Flagrantes do Rio, de Silveira Sampaio.
- 366 — O Novo Otelo, de Joaquim Manoel de Macêdo
- 367 — Abre a Janela e Deixa Entrar o Ar Puro e o Sol da Manhã... de Antônio
Bivar
- 368 — Os Pais Abstratos, de Pedro Bloch
- 369 — A Moreninha, de Miroel Silveira e Cláudio Petraglia
- 370 — O Auto da Cobiça, de Altamar Pimentel.
- 371 — A Infidelidade ao Alcance de Todos, de Lauro César Muniz.
- 372 — "Como Matar um Playboy", de João Bethencourt
- 373 — A Construção, de Altamar Pimentel
- 374 — Os Inimigos não mandam flôres, de Pedro Bloch
- 375 — O Assalto, de José Vicente
- 376 — O Homem que Fica, de R. Magalhães Júnior
- 377 — Amanhã é Dia de Pecar, de José Wanderley e Mário Lago
O Gato Playboy, peça infantil, de Jayr Pinheiro
- 378 — Arena conta Zumbi, de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal
O Coelhoinho Pitomba, peça infantil, de Milton Luiz

A SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (S.B.A.T.)
SUCURSAL DO PARANÁ

Autoriza a Junta de Censura do D.P.F. a proceder a
Censura desta obra, cujo autor, é filiado a esta Sociedade.

Curitiba, 19 de 05 de 1978

[Assinatura]
Pela S.B.A.T.

O COELHINHO PITOMBA

PR

Peça infantil.
prólogo e 2 atos,
de MILTON LUIZ

MILTON LUIZ

Estreou como ator profissional em 1954 na Cia. Dercy Gonçalves, onde permaneceu 7 anos. Em seguida, atuou em outros elencos, aparecendo em: "A Escada", "Plantão 21", "Os direitos da mulher", "Antígona", "Os filhos terríveis", "A respeitosa", "A noite de 16 de janeiro", "A megera domada", "Negra meobem", "O segundo tiro", "Sa-

lomé", "Arena contra Tiradentes", "A raposa e as avas", "Irma la doce". No cinema, participou dos filmes: "Asfalto selvagem", "Carnaval barra limpa", "Engraçadinha depois dos trinta", "Juventude e Ternura", "Massacre no super-mercado", "Antes o verão". Em televisão destacou-se em vários tele-teatros na Tupi e na Globo.

Como autor, "O COELHINHO PITOMBA", "meira experiência recentemente ou infantil "A bruxa guarda", ainda f... Sobre "O Coelho", assim se consagrado jor Cerino: "Meu filho já assistiu a peças, por vontade se tal não acontecer levaria à força umbrei com d

CENÁRIO ÚNICO: Trecho de floresta

PERSONAGENS E INTERPRETES ORIGINAIS:

Coelhinho Pitomba MILTON LUIZ
 Dona Onça Matilda CORDELIA SANTOS
 Urso Ricardão ANTÔNIO MIRANDA
 Papagaio Otavinho WALNEY VIANNA

Direção, cenários e figurinos: ROBERTO DE CLETO
 1.ª representação: 27 de setembro de 1967 no TEATRO JOÃO
 Rio de Janeiro

Novembro-Dezembro, 1970

O COELHINHO PITOMBA

(peça infantil de MILTON LUIZ)

Cenário — Três entradas para a cozinha, uma com detalhes da casa do coelho, à esquerda. Outra com detalhes da casa da onça, à direita. Ao centro, no fundo, fuga para o interior da floresta. No meio do palco, uma espécie de praça na floresta, vendo-se em primeiro plano, a boca de um poço, com telhadinho, roldana com lata para apanhar água, cordinha, etc. algumas árvores, plantas rasteiras.

PRÓLOGO

Ouve-se música de roda, em gravação, ou cantada ao vivo pelos atores, fora de cena. Para de repente. Entram, o coelho, vindo de sua casa, o papagaio e o urso que surgem da fuga que dá para o interior da floresta. Cantam e dançam, fazendo ritmo com palmas. A música é à vontade do diretor.

COELHO — Eu gosto de couve
- De mim ninguém zomba -
Você que me ouve,
Me diga depressa:
Qual é o meu nome?
SO OUTROS — Coelhoinho Pitomba?
COELHO — Como é que eu me chamo?
OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
COELHO — Sou muito esperto,
Da onça eu fujo.
Quando ela aparece,
Não fico por perto.
Qual é o meu nome?
OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
COELHO — Como é que eu me chamo?
OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
COELHO — Os dois amiguinhos,
Que trago comigo,
Se a onça aproxima,
COELHO — Me dizem depressa:
URSO — Coelhoinho, sai dessa!
PAPAGAIO — Lá vem o perigo!
COELHO — Qual é o meu nome?
OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
COELHO — Como é que eu me chamo?
OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
COELHO — (À platéia, cumprimentando)
— alô, criançada! Como é
mesmo o meu nome? (Espera
resposta) (Urso começa a
a chupar um imenso pirulito
colorido e o Papagaio descasca
uma banana) Pois é, o
meu nome é Coelhoinho Pi-
tomba. Muito prazer em co-
nhecer vocês todos. Sabem de
uma coisa? Eu nasci aqui

nesta pracinha da floresta. Aqui eu almoço, janto, vou à escola, porque eu sou muito estudioso também, brinco com dois amiguinhos que eu tenho e... (reflete) Puxa vida! Vocês viram como eu sou avoado?. Cantei, dansei, pulei, disse um montão de vezes o meu nome, falei nos meus dois amiguinhos e me esqueci de apresentá-los à vocês. Me desculpem, está bem? Então, vamos começar. (indica o Urso) Este gordão muito guloso que está chupando um pirulito, é o meu bom amigo o Urso Ricardão.

URSO — (cantando e dançando)
Sou gordinho e durmo de-
mais,
Mas, no fundo, sou um bom
rapaz! (bis)
COELHO — (Indica o Papagaio) — É
este, é o bom Otavinho, o
amiguinho do papagaio.
PAPAGAIO — (idem) — Gosto de cantar e
de falar também,
não troco o meu puleiro,
nem por um vintém! (bis)
COELHO — (à platéia) — Vocês gostaram dos meus amiguinhos?!
Muito bem, agora nós vamos
vamos brincar de roda com
todos vocês, que tal? Vamos
cantar "Atirei o pau no gato",
está bem? (começam a
cantar em volta do poço)
(Quando vão repetir a música,
a Onça urra ao fundo, de
dentro da sua casa) (Pânico)
COELHO — Vocês ouviram esse urro?!...
Cruzes! E a dona onça Ma-
tilda! (outro urro) Ela hoje
está mais furiosa do que nun-

ca, tenho que fugir! (outro urro) Até logo, meus amiguinhos! (sai correndo e entra em casa. Urso e Papagaio ficam em cena e se esgueiram num canto do palco).
(Sai de sua casa. Entra pulando e cantando) (furiosa)
— Quem viu? Quem viu? Quem viu?
Um coelhinho que é uma bomba! (bis)
Um coelhinho chamado Pitomba?!
URSO — Pitomba?

PAPAGAIO — Coelhoinho?
ONÇA — (urra) — Quem viu? (com medo) — Pit Coelhoinho...?
ONÇA — (urra) — Sim, quem (saindo) — Nós não mos!... (saem correndo) (Só. Enérgica) — I porta! Eu hei de enc levado! E quando isto tecer... (Mímica) . co!... Ah, que delícia transformá-lo em (Parte em direção à s (Pano Rápido ou Esc

FIM DO PRÓLOGO

PRIMEIRO ATO

(Abre-se o pano. A cena fica vazia por uns segundos. Aparece o urso, pé ante pé, examina tudo como quem procura algo. Um tempo. Chama o papagaio)

URSO — Otavinho! Otavinho, pode vir, a dona onça já foi embora!

PAPAGAIO (de dentro) — Tem certeza, Ricardão? Procura mais um pouquinho, tá? Depois eu vou.

URSO (grita para dentro) — Está bem. eu vou procurar mais. (procura atrás do poço) Atraz do poço não está! (Olha cômicamente dentro da latinha. Bate várias vezes no fundo da mesma) Dentro da lata também não está! (gritando) Pode vir, Otavinho, ela foi embora sim.

PAPAGAIO (entra olhando em redor) — Ué, cadê o Pitomba?

URSO — Sei lá. Ele saiu na disparada assim que a dona onça chegou. Você sabe, o maior sonho da dona onça é fazer um guisado do Pitomba!

PAPAGAIO — Pois é, você não acha isso uma bobagem?

URSO — Eu acho. Mas você sabe como ela é teimosa.

PAPAGAIO — Agora, uma coisa eu também sei: o coelhinho é muito mais esperto do que ela.

URSO — É por isso que a dona onça fica cada dia mais furiosa.

PAPAGAIO — Ainda bem que ela nunca cismou de fazer guisado da gente...

URSO — A implicância dela é com o Pitomba.

PAPAGAIO — Deve ser porque ela não

consegue pegá-lo nunca.

URSO — É, você tem razão. onça pensa que é inteligente, mas não é muito mais.

PAPAGAIO — Se é! (riem às gargalhadas) Ricardão, que tal a gente dar uma rida até o outro lado da floresta?

URSO — Ótimo! Estou louco por exercício! (faz movimentos exagerados de ginástica, contando: Um, dois, três)

PAPAGAIO — Ah, eu também brincar! Vamos pular carniça?

URSO — Ótimo! Vamos, sim, (o papagaio se abaixa. O urso toma a primeira tentativa para pegar o papagaio. Não consegue. Faz a segunda tentativa. Não consegue. Na terceira, os dois se esbarram e caem).

URSO — Puxa, como estou cansado! melhor a gente dar um passeio pela floresta.

PAPAGAIO — Vamos convidar a onça?

URSO — Vamos, sim. Vou bater na porta dele. (chamando e batendo palmas) Coelhoinho Pitomba! (silêncio) Coelhoinho Pitomba! (silêncio) Acho que ele não está!

PAPAGAIO (Tomando a frente) — sim. Duvido que ele vá de casa ser (vai chamar) Coelhoinho Pitomba? Pitomba?... (pausa) Será que não vai? (os dois ficam distraídos)

COELHO (Pula em cena, saindo gritando ao mesmo tempo) — Quem está me chamando?! (os dois se assustam)

OS OUTROS (Voltam-se, depois) — Nós, você não ouviu?

PAPAGAIO — Por que não res-

BR DFANBSB NS.CPR.TEAPTE. 00361p.189

BR DFANBSB NS.CPR.TEAPTE. 00361 p. 190

COELHO (Tomando cena) — Vocês pensam que eu sou bôbo, é? Se a dona onça estivesse por perto, ouvisse a minha voz e soubesse que eu estava em casa, pronto! adcsu sossêgo! Ela ia ficar me vigiando o tempo todo!

URSO — Ela foi embora. Não tem perigo!
PAPAGAIO — Coelhoinho, quer passear com a gente? Vamos dar uma corrida até o outro lado da floresta!...

COELHO — E se a dona onça aparecer? Lá longe, no meio da floresta, é mais difícil eu fugir dela. Não vou, não.

URSO — Puxa vida, Pitomba, você nem parece nosso amigo. Nós não dissemos que ela foi embora?!

PAPAGAIO — Foi, sim. Olha aqui, eu juro! (gesto de juramento).

URSO — Eu também juro. (gesto igual).

COELHO — Está bem, eu vou com vocês. Mas se ela aparecer, eu fico de mal por toda a vida.

OS OUTROS — Certo. Então vamos.

COELHO — Esperem um pouquinho. Vou aproveitar e encher o meu baldinho no poço da dona onça. Assim, se ela aparecer de repente, eu tenho bastante água guardada. Vou buscar o baldinho. (sai).

PAPAGAIO (Gritando prá dentro) — Não demore, sim, Pitomba?

URSO — Queremos passear bastante.

COELHO (De dentro) — Eu volto logo. Esperem um pouquinho!

PAPAGAIO (A sós com o urso) — Ricardão, quem sabe, um dia, a gente podia fazer uma coisa muito boa?

URSO — Que coisa muito boa? (pensa) Ah, já sei. Comprar um montão de doces e comer todo!

PAPAGAIO — Não!

URSO — Ou então, 50 litros de mel bem docinho. Eu adoro mel! (mastiga em seco).

PAPAGAIO — Não é nada disso, seu guloso! (pausado e explicado) Quem sabe se a gente podia fazer a dona onça e o coelhinho ficarem bons amigos?!

URSO — Ah, duvido muito. Você sabe que... (interrompendo ao ouvir o urro da onça dentro de casa) (os dois se colocam de costas em frente à casa do coelho, tentando avisá-lo, com mímicas exageradas, da possível aparição da onça) Ao mesmo tempo, o coelho e a onça aparecem em suas respectivas portas. os dois continuam o jôgo de mimica. A onça não vê o coelho nem ele a ela. O coelho, no entanto, é visto pela platéia).

COELHO (Entra rápido na casa) — Ah, esqueci o balde! (desaparece).

ONÇA — (Que ficou em cena espantada,

sem entender as gesticulações do urso e do papagaio) — Ah, vocês estão aí? (reparando mais) Mais o que é isso? Nunca vi coisa mais estranha! Vocês enloqueceram?!...

URSO (Gesticulando e tentando disfarçar) — Não é nada, dona oncinha. É que eu e o Otavinho estamos brincando de surdo-mudo!... (exagera mais nos gestos).

ONÇA — Surdo-mudo? Então como é que você está falando?

URSO (Gaguejando) — É que... é que... eu... eu... sou... sou o surdo. O Otavinho é que é o mudo... não é, Otavinho?

PAPAGAIO (Resmungando, imitando mudo) — Hum! hum! hum!

URSO (Rápido) — Viu? Viu?

ONÇA — Pois sim, vocês não me enganaram. Tenho certeza de que estão me escondendo alguma coisa. Ah, mas eu vou descobrir. Vou sim. (sai de falsa)

COELHO (Sem ver a onça, nem os sinais dos dois, aparece na porta e grita) — Pessoal!!! (dá com a onça que ainda não acabou de sair, esconde-se atrás do papagaio).

ONÇA (Volta-se furiosa aos dois, estranhando aquele grito) — Quem gritou? Eu ouvi alguém gritar!

URSO (Tremendo de medo) — A senhora está cismada, dona oncinha. Ninguém gritou.

ONÇA — Eu ouvi muito bem alguém gritar assim: "pessoal"!

URSO — A senhora ouviu mesmo?

ONÇA — Claro. E não vou embora enquanto não descobrir quem gritou.

URSO (Como quem teve uma idéia) — Ah, dona oncinha, já sei quem gritou!

ONÇA Quem foi?

URSO (Depressa) — O papagaio, o papagaio. Foi ele quem gritou! (reações do papagaio).

ONÇA — Foi, é? Muito bem. Então eu quero ouvir ele gritar de novo.

URSO — Mas dona onça... (à platéia) Ih! E agora, como é que vai ser?!...

ONÇA — Ande, vamos, seu urso espertinho, estou esperando!

URSO — Está esperando, é? Está bem. (medroso) Otavinho, grita "pessoal" de novo prá dona onça ouvir!...

PAPAGAIO (Resmungando nervoso, sem saber o que fazer) — Hum! Hum!...

ONÇA (Furiosa) — Já estou perdendo a paciência!

PAPAGAIO (Respira fundo, resmungando alto como quem vai falar)

COELHO (Atrás do papagaio, grita ao mesmo tempo) — Pessoal!...

URSO (Feliz) — Está vendo como foi ele quem gritou?!... (Papagaio abre os braços

e balança o corpo procurando esconder mais o coelho)

ONÇA (Que esteve o tempo todo olhando o papagaio) — Vocês pensam que me enganaram, é?

URSO — Mas quem está querendo enganar a senhora?

ONÇA (Premeditada) — Foi ele quem gritou, não foi?

URSO — Foi. A senhora mesma ouviu.

ONÇA — Ah, que gracinhas!... Muito bem. Então, se foi mesmo o papagaio quem gritou, como é que ele não mexeu com a bóca?

URSO (Pensa rápido) — E porque ele é mudo!

ONÇA — Mudo? Então como é que eu ouvi a voz dele?

URSO (Pensa rápido) — É porque é mudo ventriloquo!

ONÇA — Ventriloquo?... O que é isso?...

URSO — Ventriloquo é uma pessoa que fala pelo peito com a bóca fechada.

ONÇA — Ah é? (repara) E por que é que ele está com os braços abertos?

URSO — É porque nós estamos brincando de surdo-mudo e ele é um mudo que pensa que é um passarinho!

ONÇA — Eu, hein?!... Que brincadeira mais bôba! Vou embora!

URSO — Adeusinho, dona onça! (onça sai) Pode se mexer, Pitomba, ela já foi embora! (Papagaio e coelho se movimentam).

COELHO — Meninos, que susto! Que onça mais tímida, não queria acreditar em vocês, não foi mesmo?

PAPAGAIO — Você nos deu um trabalhão!

COELHO É, mas o susto que eu levei não foi pequeno. Bem, deixem eu encher o meu baldinho!

PAPAGAIO — Depressa, coelhinho!

ONÇA (Voz de dentro) — Vocês me enganaram, seus moleques! (pânico. O coelho, sem saber o que fazer, mete o balde na cabeça e se agacha atrás do poço, protegido pelo urso que tapa a visão da onça) (entra a onça).

URSO (Ao vê-la, fingindo) — Olá, dona oncinha!...

PAPAGAIO (Idem) — Há quanto tempo!...

URSO — Já estávamos morrendo de saudades!...

ONÇA (Estranhando) — Eu vi vocês dois conversando com mais alguém!

URSO — Nós? Não é possível! Pode ver se tem mais alguém aqui!

ONÇA — Vou ver mesmo! (começa a procurar em volta do poço, enquanto o papagaio e o urso acompanham os seus movimen-

tos e o urso sempre tendo o coelho sob proteção. Quando estão voltando à inicial, o balde cai na frente do poço. continua escondido) É, não tem mais ninguém mesmo! (Vê o balde caído) Achei!!!

URSO E PAPAGAIO (Sem perceber ela se refere ao balde) — Nossa!!!

ONÇA — Vocês, hein?!

URSO E PAPAGAIO — Nós, o que?

ONÇA — Espertinhos! Sabiam que o balde estava aqui e não me disseram?

URSO E PAPAGAIO (Alívio) — Ah!

ONÇA (Parte em direção ao balde) Vou correndo guardar o pobrezinho!

URSO (Temendo que ela veja o corta) — Não, não dona onça. A senhora enganada! Esse balde é meu!

PAPAGAIO — É, sim, dona onça, testemunha!

ONÇA — Então, onde é que está o Já o procurei por toda parte.

URSO — Vai ver, a senhora o es na floresta. (os dois fazem marcas en da onça tentando impedir que ela se me do balde, que caiu perto do coelho)

PAPAGAIO — Ah! Agora me lemb Ontem, a senhora foi com ele na casa na girafa!

ONÇA — Mas esse aí é igualzinho a Eu conheço pela alça Vou ver. (parte)

URSO (Cortando) — Dona onça pára) Que côr é a alça do seu?

ONÇA (Diz uma côr que não seja baldinho que está no chão) (anda na direção ao balde).

URSO — A dêsse aí é... (diz a dadeira) (ela pára).

ONÇA (Empurrando o urso) — D ver, saía da frente! (pega o balde e conclui) É, a alça dêste é de out (entrega o balde ao urso que o recebe)

chão) (onça toma cena, de costas para falando distraída) Mas que coisa g tão parecido! (aos dois, sem os olhar) É mesmo esse balde?

COELHO (Grita de trás do poço) ça a voz) — Meu!

ONÇA (Volta-se furiosa) — Quem OS DOIS — Ninguém, dona onça!

ONÇA — Vocês estão zombando c Quem falou?

URSO — Mas quem está zomband nhora? Ninguém falou.

ONÇA — Bem, por esta vez pas saindo pela platéia).

COELHO (Põe a cabeça acima d grita com voz disfarçada) — Dona o lhada! (esconde de novo) (os dois "psiu")

ONÇA (*Volta furiosa*) (aos dois) -- Quem me chamou de onça malhada? Eu detesto apelidos!

URSO (*Riso amarelo*) -- E a senhora não é uma onça malhada?!

ONÇA -- Não senhor, seu bôlo-fôto! (dá-lhe uma palmada na barriga) Eu sou uma onça pintada! Há muita diferença!... (desfila vaidosa)

URSO E PAPAGAIO (*Aproveitam que ela conversou e gritam batendo palmas*) -- Muito bem! Já ganhou! Rainha da Floresta!

ONÇA (*Grita furiosa*) -- Não disfarcem, não! Eu quero saber quem me chamou de onça malhada?!

URSO -- Ninguém, dona onça. Puxa, como a senhora é desconfiada!

PAPAGAIO -- É sim, dona onça, e eu acho que a senhora está ficando maluca!

ONÇA -- O que, seu atrevido?!... (*Corre atrás do papagaio, em círculos. O urso por sua vez, corre atrás da onça gritando "perdão éle, dona onça" -- Japas livres. Tudo em volta do poço. O coelho, para não ficar à descoberto, corre atrás do urso, meio agachado. Quando completam a primeira volta em torno do poço, o coelho consegue dar uma palmada na onça. Ela pensa que foi o urso. Se volta e muda a direção da corrida. Desta vez o coelho se agarra nas costas do urso e éle e obrigado a correr de costas. Em dado momento, o papagaio e o urso descem para a platéia. O coelho consegue se escond*

der de nôvo atrás do poço. A onça prefere descer também, agora perseguindo sempre o urso. O coelho, ao se ver sozinho sai do esconderijo e fica torcendo do meio do palco. Grita pelo urso e pelo papagaio para que voltem. Coelho ajuda papagaio a subir. Urso não consegue subir e cai. A onça sempre perseguindo os dois. Forma-se a maior confusão no palco. Por força da "marca", há um momento em que o coelho e a onça se encontram cara à cara.

ONÇA (*Ao deparar com o coelho, dramática*) -- Coelhozinho Pitomba!!!

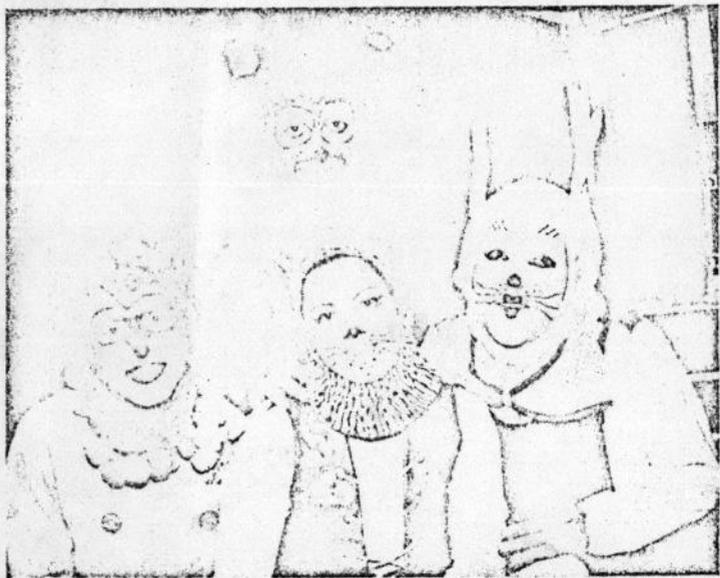
COELHO (*Idem*) -- Dona onça Matilda! (onça avança. O coelho dribla onça em volta do poço. Fazem esse jogo enquanto funcionam. De repente, o coelho tropeça e a onça finalmente consegue agarrá-lo)

ONÇA -- Peguei!!! (*canta enquanto amarra o coelho no poço*)

O coelho é esperto -- Mas eu sou muito mais. (bis) Samba, samba, samba, coelho Na panela da Matildinha!... (bis) música de samba lélé) (apanha rápido um caderninho com lápis) Bem, vejamos agora uma receita de guisado de coelho! (anotando) Um caldeirão bem cheio de água fervendo...

COELHO -- Água fervendo não, dona onça. Água morna é melhor! (urso e papagaio estão planejando alguma coisa. Marcas).

ONÇA -- Não me interrompa!



Cena de O COELHOZINHO PITOMBA, de Milton Luiz, vendo-se Walney Vianna, Antonio Miranda, Cordelia Santos e o próprio autor.

COELHO -- Então põe água gelada! Assim, eu bebo a água!

ONÇA (*Continua*) -- Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO -- Pimenta não, dona onça, me dá alergia...

ONÇA -- E daí?

COELHO -- Eu vou ficar espirrando dentro da panela!

ONÇA -- Eu tampo a panela!

COELHO -- Eu viro "pipoca"!

ONÇA -- Cale-se! (*continua*) Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO (*Espirra forte*) -- Atchim!!!

URSO E PAPAGAIO -- Saúde!

COELHO -- Obrigado!

ONÇA (*Conclusiva*) -- ... três comprimidos contra espirro! (*continua*) Sete colheres de sal grosso...

COELHO -- Sal grosso? Por que a senhora não põe açúcar? Eu gosto mais de açúcar!

ONÇA (*Distraída*) -- Ah, é! Eu também gosto mais de açúcar!... (tom) (caem si) Não me confunda, açúcar é para sobremesa!

(*continua*) Duas xícaras de vinagre, pimentão, tomate, salsa... (pensa) é só!

URSO (*Que já chegou a um aceno do papagaio*) -- Dona onça, a senhora ceu a cebola!

ONÇA (*Vai ao urso que está local onde está o coelho*) -- Ah, é Quatro cebolas grandes... em rodela cadinhos?... (enquanto isso, o papagaio de mansinho e desamarra o coelho para o seu lugar)

URSO (*Continuando*) -- Azeite (Olha prá ver se o coelho já fugiu).

ONÇA (*Anota*) -- Quatro latas tonas...

URSO (*Vê que o coelho já foi rido*) -- Agora já está bom, dona onça!

ONÇA -- Ótimo! Vamos ao (vira-se).

COELHO (*A porta de sua casa*) -- onça Matilda, uh! uh! (foge).

ONÇA (*Parte na direção do coelho e o papagaio lhe barram o caminho*) -- Onça sai furiosa para sua casa.

PANO RÁPIDO
FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Mesmo cenário. Abre-se o pano. O papagaio está em cena, dormindo ao lado do poço. Ronca alto e se mexe como quem está tendo um pesadelo.

URSO (*Entra tristonho e cabisbaixo. Vê o papagaio*) -- Otavinho! Otavinho, acorde Otavinho!

PAPAGAIO (*Fala dormindo*) -- Não, não, seu lóbo, a corda, não!

URSO (*Sacode o papagaio*) -- Acorde, Otavinho! Acorde!

PAPAGAIO (*Sobressaltado*) -- Ai, que susto! Que pesadelo horrível!

URSO -- Você já pensou, Otavinho?!... Ninguém vai resistir!... Três meses é muito tempo.

PAPAGAIO -- É sim. O Coelhozinho Pitomba nem ligou! Disse que sabia como resolver o problema! E o que éle pensa!

ONÇA (*Aparece feliz, cantarolando. Traz dois pedaços de táboas, martelinho, pregos, veste um avental com bolsos*) (*finje que não vê os dois*) (*cantarola*) Oh, que dia tão feliz! Trá-lá-lá-lá-lá-lá! Trá-lá-lá-lá-lá-lá... etc. (aos dois, como se os visse agora) Olá, queridinhos, que lindo dia, não é? (*canta baixo*).

URSO -- É, mas isso agora não estamos muito preocupados.

ONÇA -- Preocupados com o amorzinhos?

PAPAGAIO -- Então, a senhora sabe?

ONÇA -- O que é que eu ainda não sei?

URSO -- Da seca, da seca, dona onça! O professor Coruja disse que durante o inverno não vai chover nadinha. E todos os dias estão secando.

ONÇA -- É verdade? Ora, não, não! Vamos beber água?

ONÇA -- Vocês, não sei. Quando sou a única na floresta que tenho problema. E éle é bem grande e bem fundado. Tenho muito o que fazer. (pregar as táboas na boca do poço)

URSO -- Prá que essas táboas, dona onça?

ONÇA -- Porque de hoje em dia ninguém mais vai apanhar água no poço. Matilda & Bem, com licença, precisamos beber água. (Cantarola alto. Os dois saem).

ONÇA (*Continua fazendo cena*)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 003610.192

bilo. *Pensativa*) — Esperem!... Mas que es-rúpida que eu sou!... Se proibir de apanha-rem água no meu poço, jamais conseguirei executar o meu plano: pegar o Coelhoinho Pi-tomba! Lógico! Os rios já estão quase sem água e eu sou a única pessoa na floresta que tem um poço... (pausa) Mas esperem... Ah, é isso mesmo! Onça Matilda, você é formidá-vel!... (chama musical) Meus amiguinhos, onde estão vocês?!... Ricardão! Otavinho!... Venham aqui um instante!... Tenho uma grande notícia para todos!...

URSO (*Entrando com o papagaio*) — A senhora chamou a gente?

ONÇA — Chamei sim.

PAPAGAIO — O que é que a senhora quer?

ONÇA — Sabem? Estive pensando bem: se vocês não tiverem onde beber água, natu-ralmente irão embora para outra floresta.

OS DOIS — Claro!

ONÇA — Pois é. Então, o que me adian-ta ter um poço tão grande, tão fundo, e só para mim?!

URSO — Mas a senhora disse que nin-guém...

ONÇA — Eu disse, mas agora não digo mais. (*Tirando as táboas*) Estão vendo? Vou fazer uma boa fogueira com essas táboas. O poço da onça Matilda agora é de todo mundo!

URSO — Que bom! Otavinho, vamos apan-har nossos baldes. (*saem correndo*).

ONÇA (*Cantarola misteriosa, fazendo ca-ras*) (*os dois voltam com os baldes. A onça ajuda os dois. Vão saindo*) — E, por favor, di-gam ao Pitomba que venha apanhar água também. Não precisa ter medo.

URSO — Está bem, dona onça. Nós di-remos sim. E muito obrigados.

PAPAGAIO — Nós vamos agora na ca-sa do Pitomba prá avisar a ele. Até logo, dona onça. (*Os dois entram na casa do coe-lho. O urso tem dificuldades porque é gor-do. Balança, mas entra*).

ONÇA (*Só*) — E agora... uma surpre-sa para o nosso coelhinho! Esperem só! (*sai*) (*aparecem o urso, o papagaio e o coelho*).

URSO (*Vem puxando o coelho que está com medo*) — Pode vir, Pitomba. Não tem ninguém.

COELHO — Eu ainda não estou con-vençido. Conheço bem a dona onça.

URSO — Olha só como ela até retirou as táboas que estavam tampando o pocinho!

COELHO (*Observa*) — Ah, é verdade! Será que ela mudou mesmo?

URSO — Nem tenha dúvidas! Sabe por que? A dona onça ficou com medo de nós

todos irmos embora e ela ficar sôzinha aqui na floresta!

PAPAGAIO — Ela agora está tão boa-zinha, que até nos ajudou a encher os nos-sos baldes.

COELHO — Então ela mudou mesmo!...

URSO — Estamos dizendo!

COELHO — Parece mentira... (*Onça aparece, vê os três e se esconde*).

URSO — Eu e Otavinho vamos contar prá todo mundo a boa nova. Assim, nin-guém precisa ficar com medo da seca.

COELHO — Isso mesmo. Assim que eu encher o meu balde, vou encontrar com vo-cês. (*Os dois saem em direção à floresta e o coelho prá sua casa*).

ONÇA (*Aparece. Cantarola e dá puli-nhos de alegria*) — Ah, enfim o grande mo-mento! Mãos à obra! (*Tira do bolso duas enormes cenouras e um longo fio de Nylon envólto em folhas. Amarra as cenouras numa ponta, presas a um ganchinho de arame, segura na outra ponta e vai correndo se esconder em sua casa, ao ouvir um ruído qua'quer vindo da casa do coelhinho. An-tes colocou a ponta com as cenouras no meio da praça, perto do pocinho*).

COELHO (*Entra feliz trazendo o baldi-nho*) — Ainda bem que a dona onça resol-veu ficar boazinha. Tenho certeza que assim ela vai conseguir arranjar muitos amiguinhos. O pessoal da floresta nem vai acreditar. (*Vai encher o balde e depara cos as ce-nouras*) Ora, vejamos só que lindas cenouras! (*Vai abaixar, recua para o outro lado*) Será que não pertencem à alguém? (*Nesse mo-mento, do seu esconderijo, a onça dá um puxão no fio sem que o coelho veja*) Mas quem deixaria duas cenouras tão lindas aqui no meio da praça?! Ninguém, é claro. (*Mes-mo jogo*) Bem, se o dono aparecer de repen-te, eu devolvo as cenouras, não é mesmo? (*Onça dá mais um puxão*) Ah, elas estão com folha e tudo. Devem ter nascido aqui por engano! (*Mesmo jogo. Onça idem*) Es-perem, será que tem alguém olhando?

COELHO (*Olha em volta*) — Não, nin-guém! (*Vai decidido apanhar as cenouras*) (*nisso, a onça se atrapalha nos seus movi-mentos e continua puxando lentamente o fio, crente que o coelho não está vendo. Coe-lho observa espantado*) — Uê, a cenoura es-tá andando sôzinha?! Será que é cenoura mágica?!... (*Onça pára de puxar*) (*Reação da platéia: "é a dona onça! é a dona onça!"*) Coelho faz mimica de quem percebeu que as cenouras mudaram de lugar e conclui que é mais um truque da onça. Gesto de silêncio prá criança. Fazendo caras de suspense,

retira as cenouras do ganchinho e sai pé ante pé prá sua casa).

ONÇA (*Alheia ao que se passou, dá mais um puxão. Outro. percebe o silêncio. Puxa com força e surge em cena ao mesmo tempo que deu o puxão para abocanhar o coelho que ela supõe estar tentando apanhar as cenouras. Constata que as cenouras desapareceram. Sapateia furiosa*) — Esse coelho me paga!!! (*Sai bufando prá casa*).

URSO (*Com o papagaio, voltando do passeio*) — Você viu, Otavinho? A dona Gi-rafa ficou tão contente com a notícia que até resolveu fazer um vestido novo, só prá vir apanhar água no poço da dona onça.

PAPAGAIO — E, mas só à muito custo que a lebre Vandéca acreditou na história!

URSO — Ora, porque ela*é prima do Pitomba! (*Entra a onça bufando e trazendo uma enorme espingarda*).

ONÇA (*Aos dois*) — Saíam da frente, não quero ver ninguém! Estou de mau humor! (*Coloca-se em guarda na frente do poço*).

URSO — Uê, que foi que houve, dona onça?

ONÇA (*Furiosa*) — Já disse que estou de mau humor!

PAPAGAIO — Estamos vendo...

URSO — E prá que essa espingarda?

ONÇA — Prá que? Ah, foi bom (*Dá com a espingarda na cabeça do urso*) você per-guntar!

PAPAGAIO — Calma, dona onça.

ONÇA — Essa espingarda é o meu pri-meiro aviso!

URSO — Aviso de que? (*O coelho apare-ce, sem ser visto, e se esconde para ouvir*)

ONÇA — Aviso de que ninguém mais vai apanhar água no meu poço! Quem apa-recer leva chumbo!... (*Coelho sai*).

PAPAGAIO — Mas a senhora tinha dito...

ONÇA — Tinha dito, mas agora não es-tou dizendo mais!

URSO — E qual vai ser o segundo aviso?

ONÇA (*Urando*) — Umf canhão!!!

PAPAGAIO — Por favor, Ricardão, não pergunta qual vai ser o terceiro.

URSO (*Saindo com o papagaio*) — E agora, o que vai ser de nós?

ONÇA (*Só. Triunfante*) — Agora o Pi-tomba vai ver! Vou me vingar de tudo! De tudo! (*Ouve-se, fora de cena, um cantaro-lar estranho. A onça fica a postos*) Que será isso? Que voz mais esquisita? (*Ouve*) Não consigo reconhecer essa voz... De quem será?

COELHO (*Entra "vestido" de árvore. Roupão de morim ou luizine marron escuro,*

cortado inteiro da cabeça aos pés compridas. Buracos para saírem a os olhos e a boca. Folhas verdes (*samambáia junconam*) costuradas ça, nos braços e até a metade do Traz o balde meio encoberto de fô feja com a voz estranhíssima. Vai poço. A roupa de árvore encobre t o coelho, ficando apenas as orelhas (*coelho entra fingindo que não v Canta com a música de "Eu fui n dança espalhafatosamente forçand a correr pelo palco*).

Eu venho da floresta

Estou cansada de andar

Procuro um pocinho

Prá minha sede matar

Onde é que tem?

Onde é que tem?

Um pouquinho d'água

Prá mim dar meu bem!

Ah, eu estou tão cansadinha, esto há três dias e três noites procura- cinho e nada de encontrar. (*Repete música*) Acho que vou me sentar quinho prá descansar... (*Com a velha, senta-se junto ao público*).

ONÇA — Ei, quem é você?

COELHO (*Vem à ela*) — Eu pobre árvore cheia de sede.

ONÇA — Árvore?! Eu nunca andar e falar.

COELHO — A senhora descul- de modéstia, mas é que eu sou u muito inteligente.

ONÇA — Ah, é? Meus para licença, estou muito ocupada.

COELHO — Acho melhor eu Já perdi a esperança de encontra nesta floresta. (*Finge que só agora da onça*) Oh, um poço! Oh, um sorte! Um poço bem perto de mim tinha visto! Será que não á uma

ONÇA — Não, é o meu poço!

COELHO — Com licença, m senhora, posso encher o meu bal- ça, pegando a cordinha com a lata

ONÇA (*Dá com a espingarda lá!*) Ninguém, nem mesmo uma á apanhar água no poço da onça? COELHO — Não! A senhora Matilda? Que lindo nome! (*Ester Muito prazer, dona Matilda*).

ONÇA (*Aponta a espingarda quero intimidades!*

COELHO — Desculpe a per por que é que a senhora está tá

ONÇA — Zangada? Eu estô zangada!

COELHO — Talvez eu possa ajudar... Quer que eu segure a espingarda para a senhora?

ONÇA — Nada disso! Afaste-se!

COELHO — Mas a senhora está zangada com quem?

ONÇA — Com todo mundo! Principalmente com esse pestinha do Pitomba.

COELHO (*Disfarça*) — Pitomba- Que nome gozado! Não conheço ninguém com esse nome. Quem é Pitomba?

ONÇA — É um coelho que vive me fazendo de bôba, mas hoje eu vou acabar com a farra dele!

COELHO — Dona Matilda, eu tive uma idéia: eu fico aqui tomando conta do seu poço, enquanto isso, a senhora vai procurar esse tal de Pitomba e se vingá de tudo. Em troca, a senhora deixa eu apanhar água. Que tal?

ONÇA — Nada feito. Eu mesma quero ficar vigiando o meu poço.

COELHO — Mas a senhora vai ficar muito cansada.

ONÇA — Não faz mal. (*Intrigada*) Mas por que é que a senhora está tão interessada em me ajudar?

COELHO — É porque eu não posso voltar prá casa sem levar água para as outras árvores. E a senhora sabe o que vai acontecer se nós, as árvores, não tivermos água para beber?

ONÇA — Sei, sim. Vocês vão ficar com mais sede ainda.

COELHO — Não é só isso. Nós vamos ficar tão fraquinhas que nem vamos poder produzir frutas gostosas prá alimentar os bichos da floresta.

ONÇA — Não vai ter mais fruta nenhuma?

COELHO — Nenhuma!

ONÇA — Nem jabuticabas?

COELHO — Nem jabuticabas, nem melancias!

ONÇA — Que pena, eu sou louca por jabuticabas.

COELHO — Pois é, até as jabuticabeiras vão secar se não tiverem água prá beber! (*Onça vai ficando preocupada*) E ainda tem mais: as nossas folhas vão cair todinhas, uma por uma. E aí, quando a senhora estiver debaixo do sol, suando de calor, bufando com a língua de fóra, nós não vamos poder fazer nem uma sombrinha prá proteger a senhora.

ONÇA (*Mais preocupada*) — Ih, é tão bom comer jabuticabas... debaixo de uma sombra bem grande, então, nem se fala. Puxa, eu nem tinha pensado nisso. Água faz

mesmo muita falta, não é? Então está bem, dona árvore, a senhora venceu! Pode vir apanhar água todos os dias. Mas só a senhora, está bem? E não conte a ninguém, ouviu?

COELHO — Pode confiar em mim, dona Matilda! (*Enche o balde*).

ONÇA E se a senhora quiser, pode trazer umas jabuticabas prá mim...

COELHO — Umas não, amanhã a senhora vai ganhar uma cesta cheia de jabuticabas bem fresquinhas.

ONÇA — A senhora é muito bondosa!

COELHO (*Saindo*) — Até amanhã, dona cnça, muito obrigadinha.

ONÇA (*Dando "Adeusinhos"*) — Não se esqueça das jabuticabas! (*Coelho saiu. Ouve-se fortes ruídos na cochia*) (*Grito prá dentro*) Cuidado prá senhora não cair!?

COELHO (*De dentro*) — Agora é tarde, querida, já me esborrahei tôda!

ONÇA (*Ri. A platéia*) — É sempre bom a gente ter uma árvore por perto nos dias de calor. E aquela foi muito gentil... (*Pausa. Sorri*) Agora estou me lembrando... (*Começa a rir*)... ela tinha umas orelhas tão engraçadas... (*Ri mais*) (*pára espantada*) Eu disse orelhas? (*Frisa*) Eu disse orelhas?!... (*Desesperada*) Não!!! Era o coelhinho Pitomba! (*Chora. Nesse momento, aparecem o urso e o papagaio que se escondem prá observar a cena*) (*a onça fala lenta e tristemente*) Matilda, minha pobrezinha, tenho a impressão de que você vai passar a vida inteira perseguindo o coelhinho Pitomba! (*Outro tom*) É mesmo? (*Tom*) Claro! E nunca, nunquinha, você vai conseguir fazer aquele tão sonhado guisado! Buáááá... Buáááá (*Sai chorando*) (*o urso e o papagaio tomam a cena*).

URSO — Você ouviu isso?

PAPAGAIO — Claro que ouvi, não sou surdo. (*Choro do coelhinho na coria. Os dois se escondem*).

COELHO (*Entrando*) — Coelhinho Pitomba, você é muito esperto! Mas no fundo, no fundo, é um bobão muito grande! (*Outro tom*) E você é um atrevido muito grande! (*Tom*) Atrevido, eu? Mas eu sou você! Viu como você é bobão? (*Tom*) Então eu sou mesmo bobão!... (*Tom*) Coelhinho Pitomba, você acha que é divertido não fazer outra coisa a não ser viver fugindo e fugindo da onça Matilda? (*Tom*) Eu não acho divertido, não, mas se eu não fugir da dona onça, eu viro guisado! (*Pensa*) Ah, tive uma idéia!... Vou me mudar prá uma floresta bem longe daqui, convido os meus dois amiguinhos, aí fico livre da dona onça por tôda a vida! Vou arrumar minha malinha!... (*Sai*).

URSO (*Volta com o papagaio*) — Você ouviu isso, também?

URSO — E agora?

PAPAGAIO — E agora? Você se lembra quando eu disse uma vez que nós dois podíamos fazer um negócio muito bom?

URSO — Deixa eu pensar. (*Pausa*) Ah, me lembro sim! Você disse que a dona onça e o coelhinho deviam ser amigos!

PAPAGAIO — Isso mesmo! Você notou os dois estão preocupados?

URSO — É claro que notei! (*Doutra!*) Otavinho, você é um gênio! Vamos acabar com a briga dos dois! (*À platéia*) Querem ver? Vocês querem que eles dois fiquem amiguinhos?! (*Espera resposta*) Atenção! (*Chamando*) Dona onça Matilda?!

ONÇA (*De dentro*) — Quem ousa interromper a minha tristeza?

URSO — Venha cá um instantinho... por favor...

ONÇA (*Entra, chorosa*) — Eu não quero viver a vida inteira perseguindo o Coelhinho Pitomba! (*Chora mais*).

URSO — Calma, dona onça, não precisa chorar tanto. Nós já resolvemos tudo!

ONÇA — Resolveram tudo, como?

URSO — Que tal a senhora e o coelhinho se tornarem bons amiguinhos?!

ONÇA — Eu, amiga do coelhinho? E o meu guisado?

URSO — Ora, dona onça, existe uma porção de guisados muito gostosos, sem ser de coelho! Escuta: todo mundo sabe que guisado de cenoura com carne seca é o melhor quitute que existe.

PAPAGAIO — É sim, dona onça, eu já provei. É tão gostoso!

ONÇA — É mesmo?

PAPAGAIO — Depois nós damos a receita para a senhora.

ONÇA — Então eu vou experimentar! (*Tristonha*) Mas como é que o Coelhinho vai acreditar que eu quero ser amiguinha dele?

URSO — Deixe por nossa conta. Fique escondida atrás do poço. (*Onça obedece*).

PAPAGAIO — Posso chamar o coelhinho?

URSO — Pode, pode.

PAPAGAIO (*À platéia*) — Então, todos nós vamos chamar o coelhinho Pitomba! Já! (*Dando ritmo à criançada*) Coelhinho Pitomba! Coelhinho Pitomba! Etc. (*Forma-se enorme gritaria*).

COELHO (*Pula em cena*) — Que gritaria é essa na minha porta?

PAPAGAIO — Nós queremos brincar com você.

COELHO — Nossa! Pensei que fosse um terremoto!... (*Outro tom*) Como é que vo-

ces podem pensar em brincar, quando bre de mim! — só tenho que viver fugindo da onça Matilda. (*Chora*).

URSO — Ora, Pitomba, não chora. Se você quiser, não precisa mais fugir na onça, e vamos brincar todos juntos.

COELHO — Você é muito gozador. Como é que nós vamos brincar juntos, se a dona onça não descansa to não comer um guisado do coelho?

PAPAGAIO — Seu bôbo, ela se dá prá ser sua amiguinha!

COELHO — Dona onça quer se amiguinha?

URSO — É, sim. Quer que eu te prove?

COELHO — Que pro.a?

URSO — Eu vou chamar a dona onça e pedir a sua atenção.

COELHO — Vai chamar a dona onça? Então, deixe eu me esconder atrás do poço. (*Esconde-se atrás do urso*).

URSO — Atenção! (*Chama*) Dona Matilda! Qual é o prato que a senhora mais gosta?

ONÇA (*De trás do poço*) — Gosto de cenoura com carne seca!

COELHO — Será que eu ouvi direito?

ONÇA (*Idem*) — Ouviu sim!

PAPAGAIO — Então, Pitomba, traga a dona onça?

COELHO — Não sei, não. (*Platéia*) Que é que vocês acham? Eu acho que a onça deve ser amiguinha? Você acha que sim? Então, está bem podem trazer a onça.

PAPAGAIO — Dona onça, pode trazer a onça? (*Chama*) Pisca o olho. Ele responde igual).

COELHO — Hum, ela está tão engraçada!

ONÇA — Seu Coelhinho Pitomba! Uh!... (*Faz um trejeito de bailar*).

COELHO — Eu acho que ela está fazendo ballet!

PAPAGAIO (*Corrigindo*) — Não, não, não, ela está de botas!

COELHO — É mesmo. Faz a pose, dona onça.

ONÇA — Seu coelhinho Pitomba! Uh!... (*Exagera os trejeitos*).

COELHO — Ah, é yê-yê-yê! (*Forma-se enorme gritaria*) (*De dança, galanteador*) Dona onça, uh!... uh!... (*Ela aproxima, os dois dançam e falam ao mesmo tempo*).

ONÇA E COELHO — Vamos se divertir, não é?

URSO (*Tomando cena*) — E agora, dona onça!

BR DFANBSB NS.CPR.TEAPTE. 0036, p. 194

PAPAGAIO (*Idem*) — A história engraçada!

ONÇA (*Aponta o coelho*) — Do coelhinho Pitomba!

COELHO (*Aponta a onça*) — E da oncinha pintada! (*Os personagens dão as mãos e se inclinam em agradecimento*). Um momento! Dona oncinha, que tal se nós todos cantássemos a musiquinha do Coelhinho Pitomba? (*Todos pulam e batem palmas*).

ONÇA — Que bom! Que bom! (*Reflete*) Mas acontece que eu não sei a letra nem a música!

COELHO — Não tem importância. Nós cantamos uma vez sôzinhos, depois a senhora acompanha a gente, está bem?

ONÇA — Ótimo! Podem começar. Vou prestar atenção.

COELHO (*Canta com o urso e o papagaio a música do coelhinho*) — E então, dona onça,

já aprendeu?

ONÇA — Já, Escute só. (*Canta sôzinha os dois primeiros versos em seguida, todos cantam, com ritmo de palmas*) (*No momento em que a letra é: "Como é o meu nome? Coelhinho Pitomba! Como é que eu me chamo? Coelhinho Pitomba!"*) A onça se destaca do grupo e sapateia enfurecida no procênio)

OS OUTROS (*Ficam assustados e se afastam*)

ONÇA (*Autoritária*) — Que negócio é êsse?!

COELHO (*Sem compreender*) — Que foi que houve, dona onça?

ONÇA (*Explicativa*) — Como é que eu me chamo?

TODOS — Ah, é! *Fazem reverência em volta da dona onça*) Dona onça Matilda! (*Saem de cena de mão dadas cantando a música do prólogo*).

FIM DA PEÇA

A SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (S.B.A.T.)
SUCURSAL DO PARANÁ
Autoriza a Terceira de Censura do C.P.F. a proceder a
Censura desta obra, cujo autor, é filiado a esta Sociedade.
Curitiba, 19 de 05 de 1978
Pela S.B.A.T. *Juliano*

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo for, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.

SOCIEDADES ESTRANGEIRAS REPRESENTADAS PELA "SBAT"

- ALEMANHA — Verband Deutscher Bühnenschriftsteller und Bühnenkomponisten
- ARGENTINA — Sociedad General de Autores de la Argentina (ARGENTORES)
- BELGICA — Société Belge des Auteurs, Compositeurs et Editeurs (SABAM)
- BOLIVIA — Sociedad Boliviana de Autores y Compositores de Música (SORODAIKOM)
- CHILE — Sociedad de Autores Teatrales de Chile (SATCHI)
- COLOMBIA — Sociedad de Autores y Compositores de Colombia
- ESPAÑA — Sociedad General de Autores de España (SGAE)
- ESTADOS UNIDOS — Incorporated Society of Authors Representatives (grande direito)
- ESTADOS UNIDOS — Broadcast Music Inc (B.M.I.) (pequeno direito)
- FINLANDIA — Suomen Näytelmäkirjailijainliitto
- FRANÇA — Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques (SACD)
- GRÉCIA — Société de Protection du Droit D'Auteurs — Atenas
- HOLANDA — Stichting Tot Exploitatie En Beacherming Van Auteursrechten (SESA)
- HUNGRIA — A Magyar Népköltársaság Irodalmi Alapja
- INGLATERRA — The League of British Dramatists
- ISRAEL — Société des Auteurs, Compositeurs et Editeurs en Israel (ACUM)
- ITALIA — Società Italiana Degli Autori ed Editori (SIAE)
- IUGOSLAVIA — Udruzenje Jugoslavenskih Musikin Autores (UJMA)
- MEXICO — Sociedad de Autores y Compositores de Música (SACM)
- MEXICO — Unión Nacional de Autores
- PARAGUAI — Autores Paraguayos Asociados (APA)
- PERU — Circulo Peruano de Autores
- POLONIA — Stowarzyszenie Autorów i Wydawców (ZAIKS)
- PORTUGAL — Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses (SECTP)
- RUMANIA — Societatea Autorilor Dramatici Români
- SUECIA — Föreningen Svenska Tonsättare Internationella Musikbyrå. U.P.A. (STIM)
- TCHECO-SLOVAQUIA — Ochranné Souzení Autorské Ssi Skladatelů (OSA)
- TURQUIA — SR. LUTFI AY — 8, Sokak 3-3 — BAĞCELİEVLER — ANCARA
- URUGUAI — Asociación General de Autores del Uruguay (AGADU)
- VENEZUELA — Sociedad de Autores y Compositores de Venezuela (SACVEN)

SUCURSAIS E AGÊNCIAS DA "SBAT" NAS CAPITAIS

- ALAGOAS: Bráulio Leite Júnior — Teatro Deodoro — MACEIÓ.
- AMAZONAS: Afonso Ferreira Lopes — Trav. Comendador Clementino, 37 — MANAUS.
- BAHIA: Nino Guimarães — Edifício Labras — Conjunto 302 — SALVADOR.
- BRASILIA (D.F.): Edson Falbo — Av. W 3 — SCS — Edifício Carioca, Conj. 414 — Tels.: 43-0305 e 42-5445.
- CEARÁ: Dr. Lauro Ramos Torres de Mello — Rua Floriano Peixoto, 479 — FORTALEZA
- ESPIRITO SANTO: Milton Pinheiro Novais — Edif. Banco Mineiro da Produção — Sala 514 — VITÓRIA.
- ESTADO DO RIO: Dr. Rubens de Carvalho — Rua da Conceição, 128 — Tel. 2-4434 — NITERÓI.
- GOIÁS: Edson Falbo — Av. Anhanguera, 94, Conj. 210 — Tel. 2-1501 — GOIÂNIA.
- MARANHAO — Apolinário Sousa dos Anjos — Travessa Carvalho Branco, 107 — Vila Iolanda — Gamboa do Mato — SÃO LUÍS.
- MINAS GERAIS: Grover Ferreira — Rua dos Carijós, 424 - 11º - s/1.101 — Tel. 22-0072 — BELO HORIZONTE.
- PARÁ: Dr. Edgar Proença — Rádio Clube Pará — LELEM.
- PARANÁ: Alberto Guarnell da Cunha — 15 de Novembro, 286 — Conj. 73 — TIBA.
- PARAIBA — Euclides Dias de Sá — Rua de Caxias, 557 — sala 301 — Tel. 4 JOÃO PESSOA.
- PERNAMBUCO: Dr. Waldemar de Oliveira — Rua Miguel Couto, 68 — RECIFE.
- PIAUI: Dr. Waldimir Elias Hidd — Paissandu, 1.191 — TERESINA.
- RIO GRANDE DO SUL: Dr. Aron Meirelles — Rua dos Anuradas, 1.234 — Conj. 1, Ed. Santa Cruz — Tel. 24-2958 — ALEGRE.
- RIO GRANDE DO NORTE — João Gilberto — Travessa Venezuela, 25 — sala 3 — NATAL.
- SANTA CATARINA: Walter Boppré — 15 de Novembro, 21 — Sala 402 — RIANGÓPOLIS.
- SERGIPE: João Moreira da Silva — Rua Luanda, 615 — Aracaju
- SÃO PAULO: Manoel de Oliveira Proença — Avenida Ipiranga, 1.124, 8º andar — Tels. 34-1607 e 33-6346 — SÃO PAULO

TEATRO

166

TÍTULO O COELHINHO PITOMBA1) ArquivoClas. Anterior LIVREPraça Curitiba - PR

Obs.: _____

DF. 15, 06, 1978Gualberto
Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBRE-SE DE CONFORMIDADE

PROCESSO ANTERIOR

Classificação: LivreBrasília-DF, 19/7/78Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Em _____ de _____ de 1.97

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores~~ livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de ens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 12 de Julho de 1978Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.



167

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 196

PARECER Nº 2.368 / 78

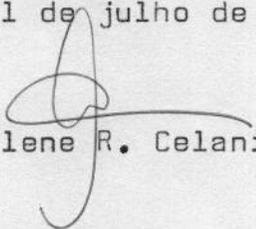
TÍTULO: " O COELHINHO PITOMBA "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

Pelo confronto observou-se igualdade entre o texto atual e o anterior cujo certificado tem validade até 1981.

Sugerimos a liberação deste com a mesma chancela: L I V R E.

Brasília, 11 de julho de 1978.


Marlene R. Celani

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1015/78-SGTC/SC/DCDP

11 de julho 78

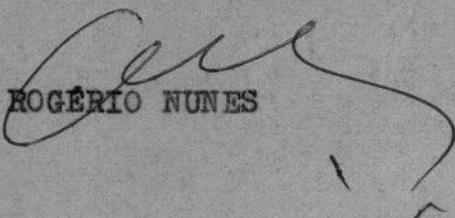
Superintendente Regional do DPF no Paraná

"O GOELHINHO PITOMBA"

Milton Luiz

Superintendente:

em Curitiba-PR.


ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 198

169

O COELHINHO PITOMBA

MILTON LUIZ

3889/78

O COELHINHO PITOMBA

MILTON LUIZ

BRUNO GATO FERRO - BR
LIVRO PORTELA DOS SANTOS
LIVRO

RELAÇAMENTO DE SERVIÇO DE ARQUIVAMENTO DE DOCUMENTOS
DEPARTAMENTO DE ARQUIVAMENTO DE DOCUMENTOS

13 FEVEREIRO 81

LIVRE

12 JULHO 78

[Handwritten signature]
ROGERIO NUNES

CARLOS A. MOURA DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

O COELHINHO PITOMBA

MILTON LUIZ

GRUPO GATO PRETO - PR
LINEU PORTELA DOS SANTOS

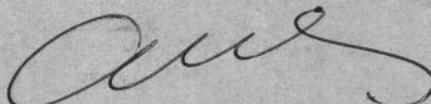
12 JULHO

L I V R E. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE
CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENT
TE CARIMBADO PELA DCDP.

12

JULHO

78


CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036 10.199

SRA/FICHAO

DPF-SRA
F. nº
Rub. *a*

CHADDO
A DCDD
O DVH



DPF - SRA/BSB

0942 009516

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OFÍCIO Nº 130/79-SCDP/SR/RJ

Em 29/03/79

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

*A' Sr. C. para
proceder.*

Em 03/04/79

Wilson José

Dir. DCDP RJ BSB.

Senhor Diretor:

Encaminho a V.Sa. texto, pareceres e o ensaio geral da peça "O COELHINHO PITOMBA", de Milton Luiz, liberada sem restrição etária.

Esclareço para efeito de certificado definitivo que o exame da obra foi requerido por CAR PRODUÇÕES ARTÍSTICAS.

Na oportunidade apresento meus protestos de estima e consideração.

Joel Carlos Tavares de Almeida

Joel Carlos Tavares de Almeida
Chefe do SCDP/SR/RJ
-em exercício-

TEATRO

TÍTULO O Golelino Pitomba

Milton Luiz

1) ARQUIVO

Clas. Anterior livre

Praca Rio de Janeiro - RJ

Obs.: _____

DF. 05, 04, 79 / _____ / _____

Falua n. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: livre - sem

cortes
Brasília - DF, 05, 04, 79

Milton Luiz
Chefe do Serviço de Censura - D.C.P.
SUBSTITUTO

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requeri-
mento de censura e com a classificação: impré-
pria para menores de LIVRE anos,
sem cortes, condicionada ao exame do ensa-

Obs.: _____
Brasília - DF, 06 de abril de 1979

Maria Adelaide L. Gama
Ch. S.C.T.C./D.C.P.

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PARECER nº 448

Assunto : Peça Teatral (exame comparativo)
Título : O Coelhoinho Pitomba
Autor : Milton Luiz
Classificação: Livre

O texto em exame confere com o original anteriormente aprovado pelo certificado nº3889/78, sem restrição etária.

É o que tenho a informar.

Rio de Janeiro, 16 de março de 1979

Sonia Maria Galo Mendes
Sonia Maria Galo Mendes

Tec. Cens.-2.415.820



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

ILMO.SR.
CHEFE DO SCDP/SR/RJ

PARECER Nº 414

ASSUNTO: Comparação de texto - peça de teatro
TÍTULO: O COELHINHO PITOMBA
AUTOR: MILTON LUIZ

Peça já censurada e liberada conforme certificado nº 3889/78, com a classificação etária livre

O presente texto é idêntico ao já existente no processo, portanto opino pela manutenção da faixa etária já determinada anteriormente.

Rio de Janeiro, 13 de março de 1979


Teresa Guimarães Paternostro
Tec.Cens. Mat. 2.415.822



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DPF/NITERÓI/RJ

RELATÓRIO DE ENSAIO GERAL

PEÇA : O Coelhoinho Pitomba.
 AUTORIA: Milton Luiz.
 LOCAL DO ENSAIO: Clube Portugues de Niterói
 DIA E HORA : 24/03/79 às 16:00 horas
 PRODUÇÃO : Car Produções Artísticas LTDA
 CLASSIFICAÇÃO: L I V R E.

Peça com temática infantil evoluindo para mensagem positiva, pois é bastante alongada pelo uso de colóquios e situações muito pueris, redundando sempre na tentativa frustrada de a onça conseguir seu guisado do coelho porque este sempre muito esperto, ludibria sua caçadora, auxiliado pelo urso e papagaio. Cenário compõe uma floresta tendo ao centro um poço d'água, aparato que demonstra o egoísmo da onça perante proibição aos demais dele fazer uso. Indumentária em fantasias apropriadas. Urso e papagaio são complementos da peça, fazem o papel de protetores do coelho e como também não são inimigos da onça, visando produzir reações de identificação com as crianças acabam por incultir na platéia, mensagens de confraternização mesmo diante do inimigo, uma vez seu desfecho final provou o direito de se defender sem contudo atacar, ação meritória do coelho, que somado ao espírito de reconciliação dos mediadores, acabam por conquistar a amizade da onça, fazendo-a cansar de sua investida preferindo a paz no lugar de uma guerra invencível. Nesta aspécto, eis o valor da obra, pois traduz meio de expressão inteligível a qualquer idade levando idéias filosóficas como são encontradas em Gibran Kalil Gibran ao setenciar "que do crime, culpado também é a vítima quando facilita ao criminoso, exemplo contido nas atitudes do coelho invencível, cuja vitória foi a derrota do crime e jamais do criminoso.

Do exposto, sugiro pela LIBERAÇÃO SEM RESTRIÇÃO ETÁRIA.

Franklin Ferreira do Nascimento
 Franklin Ferreira do Nascimento
 Técº de Censura Mat 2.416.918

175

"O COELHINHO PITOMBA"

MILTON LUIZ

3.889/79

"O COELHINHO PITOMBA"

DE PRODUTOS ARTISTAS

MILTON LUIZ

DE PRODUTOS ARTISTAS

LIVRE - CONDIÇÃO DE VENDA AO PREÇO DE

O PREÇO DE VENDA É O PREÇO DE VENDA DO LIVRO QUANDO ACOMPANHADO DE

UMA "NOTA DE VENDA" EMITIDA PELA DDBE.

13

FEVEREIRO

09

ABRIL

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

LIVRE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 87

" O COELHINHO PITOMBA "

MILTON LUIZ

CAR PRODUÇÕES ARTISTICAS / RJ

CAR PRODUÇÕES ARTÍSTICAS / RJ

06 ABRIL

LIVRE - CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

09

ABRIL

79

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXITO

(Subst,)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 206

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

176

Of. nº 237/79-SCTC/SC/DCDP

09 de abril de 1979.

no Rio de Janeiro

Ofx. nº 130/79-SCDP-SR/RJ

"O COELHINHO PITOMBA", de Milton Luiz.

WJ
P/ WILSON DE QUEIROZ GARCIA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Belém, 08 de maio de 1979

OF.ST-34/79

DO: Coordenador do Serviço de Teatro da UFFa.

AO: Senhor Chefe de Polícia Federal em Brasília

Assunto: Certificado liberatório de texto.

*De ordem
ao Assessor
em 14.5.79
M. J. J.*

Senhor Chefe:

Tenho a honra de dirigir-me a Vossa Excelência para informar que esta Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará, estará representando no mês de outubro as peças teatrais "NOSSA CIDADE", de Thornton Wilder, a "HISTÓRIA DO JUIZ" de Renata Pallotini e a peça infantil "O COELHINHO PITOMBA" de Milton Luiz.

Para o fim de censura de texto encaminhamos as referidas peças em três (3) vias, acompanhadas da autorização da SBAT, para que seja fornecido ao signatário o certificado de liberação.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Excelência protestos de elevada estima e consideração.

Augusto Rodrigues Corrêa
Augusto Rodrigues Corrêa
Coordenador

AO
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SETOR BANCÁRIO SUL
EDIFÍCIO DO B.N.D.E
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL
COD: 70.000

178



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Afilhada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RJO
Rio de Janeiro — Brasil.

Belém, 24. Abril. 1979

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura
Departamento de Polícia Federal
Belém

Senhor CHEFE.

Para efeito de censura, encaminhamos-lhe, anexas, três vias da peça "O COELHINHO PITOMBA", de autoria de Milton / Luís, que o elenco do Serviço de Teatro da Universidade Federal do Pará pretende encenar nesta capital, em datas a serem oportunamente marcadas.

Atenciosamente,

TEATRO

TÍTULO O Galinho Pitomba

Milton Reiz

1) ARQUIVO

Clas. Anterior livre

Praça Belém - PA

Obs.: _____

DF. 14 / 05 / 79 / _____

Galina M. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de PEÇA para a qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE.

SEM CORTES

Brasília-DF, 21 de MAIO de 1979.

[Signature]

Em _____ de _____ de 1.97

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: ~~livre~~ livre para ~~menores de~~ sem cortes, conforme consta no processo de análise.

Obs.: _____

Brasília-DF, 18 de MAIO de 1979

Heli C. Cavalcanti

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.



180

BR DFANBSB NS.CPR.TEAPTE. 0036, p. 211

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: O COELHINHO PITOMBA

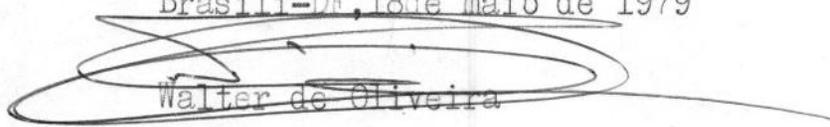
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

DE MILTON LUIZ

Peça liberada anteriormente, certificado nº 3889/78
classificação livre.

O texto agora apresentado, é semelhante ao já existente no processo, com pequenas modificações de palavras que no entanto em nada modifica o conteúdo do mesmo, por este motivo / opino pela manutenção da chancela livre, que é também a do anterior ~~exame~~ de confronto.

Brasília-DF, 18 de maio de 1979


Walter de Oliveira

" O COELHINHO PITOMBA "

MILTON LUIZ

3.889/79

" O COELHINHO PITOMBA "

MILTON LUIZ

13 FEVEREIRO 81.

21 MAIO 79.

LIVRE

JOSE VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

" O COELHINHO PITOMBA "

MILTON LUIZ

SERVIÇO DE TEATRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

18

MAIO

79

LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

21

MAIO

79

ELIEL JOSE DE SOUSA - SUBSTITUTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00361p. 213

368/79-SCTC/SC/DCDP

BSB/

21/5/

79

Chefe do Serviço de Censura da SR/PA

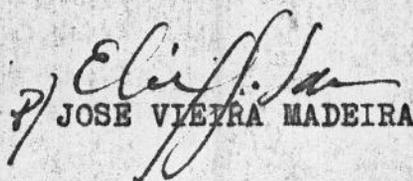
"BENTEVI", "AVINGANÇA DO CARAPANÃ ATOMICO", "O COELHINHO PITOMBA".

MIGUEL P. DA SILVA, EDNEY AZANCOTH,

MILTON LUIZ.

Chefe

em Belém /PA


JOSE VIEIRA MADEIRA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

RELATÓRIO DE EXAME DE ENSAIO GERAL

Título: "O COELHINHO PITOMBA"

Autor : Milton Luiz

Grupo teatral: Grupo de Teatro Infantil BAMBI

Classificação: LIVRE

Aos onze dias do mês de julho do corrente ano , às 17:00 horas, procedemos ao exame de ensaio geral da peça 'teatral "O COELHINHO PITOMBA" num galpão da Escola Infantil' BAMBI.

O texto foi seguido na íntegra pelos atores em cena e os recursos técnicos, de apoio ao texto , utilizados , corresponderam às situações e ao meio ambiente retratados no texto.

Em vista do exposto, ao final do ensaio, fizemos a entrega do certificado ao responsável pelo espetáculo .

Manaus, 12 de julho de 1979

Ivancide Moraes de Souza
Ivancide Moraes de Souza

TC mat. 2.415.793

Graciete da Silva Gambim
Graciete da Silva Gambim

TC mat. 2.415.790

194
Ry



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O COELHINHO PITOMBA"

"MILTON LUIZ"

195

MJ - OPF - DCDP - BSB

22 SET 12 59 011566

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL RECEBIDO POR *[Signature]*
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL = SR/RJ FICHA DO DCDP

Ofício nº 1636/80-SCDP/SR/RJ

Em, 18.09.80

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Endereço: Av. Rodrigues Alves, 1/3º

Ao: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

Ref. Prot.: -

Senhor Diretor:

Para fins de expedição de Certificado definitivo, en-
caminho a V.Sa., o (s) texto (s) e o (s) parecer (s) da peça teatral ...
" O COELHINHO PITOMBA ", de ..Milton Luiz.....
.....
o exame foi requerido Theofilo José de Almeida.....
anexo: (1) hum certificado nº 311/80/RJ

Atenciosamente,

[Signature]

CARLOS LÚCIO MENEZES
Chefe do SCDP/SR/RJ

LG.

LSL/.

SERVICO PÚBLICO FEDERAL

Ilmo. Sr.

Chefe do SCDP/SR/RJ

PARECER Nº 1464

Assunto: Comparação de textos - Peça de teatro

Título: O Coelho Pitomba

Autor: Milton Luiz

Classificação: livre

*Expedir Certificado
de acordo c/ o parecer.
19 de 9/80*

*Bel. Carlos Lúcio Menezes
Chefe do Serviço de Censura
DPF/SR/RJ*

Peça já censurada e liberada, conforme certificado definitivo nº 3889/79, sem restrições etárias.

Comparando os textos, constatamos identidade entre os mesmos, razão porque sugerimos seja mantida a classificação já determinada, quer seja - livre.

Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1980

Maria de Almeida Drum Duarte
Bel. Maria de Almeida Drum Duarte
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.813

Paulo César Oliveira Santos
Bel. Paulo César Oliveira Santos
T. Censura - Matr. 2.416.894

Teresa Guimarães Paternostro
Bel. Teresa Guimarães Paternostro
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.822



187

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 311/80/RJ

PROVINCÁRIO

PEÇA "O COELHINHO PITOMBA"

ORIGINAL DE MILTON LUIZ

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 18 de NOVEMBRO de 19 80

R. J.
BRASÍLIA, 18 de SETEMBRO de 19 80

LIVRE

Carlos Lúcio Menezes
CARLOS LÚCIO MENEZES

Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O COELHINHO PITOMBA"

Original de MILTON LUIZ

Tradução de -

Adaptação de -

Produção de -

Requerida por THEOFILO JOSE DE ALMEIDA

Tendo sido censurada em 17 de SETEMBRO de 1980 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE/.

~~Dez~~ em 18 de SETEMBRO de 1980

Hélio Guerro
Chefe do Serviço de Censura

TÍTULO "O COELHINHO PITOMBA"

"MILTON LUIZ"

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça RIO DE JANEIRO / RJ

Obs.: _____

DF. / 29 / 09 / 80

[Handwritten Signature]

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, sem custos, conforme ao exame do ensa-

Obs.: Consta Cert. Provisório
Brasília 02 / 10 de 19 80

[Handwritten Signature]
Helle Prudente Carvalho
Matr. 2.415.761

Brasília - DF de _____ de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 07 / 10 / 1980

[Handwritten Signature]
Arésia Betzeira D...
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

189

3889

"O COELHINHO PITOMBA"

MILTON LUIZ

06 OUTUBRO

85

LIVRE

06 OUTUBRO

80

Jose V. Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

O COELHINHO PITOMBA

MILTON LUIZ

THEOFILO JOSÉ DE ALMEIDA - RIO DE JANEIRO-RJ -

17 SETEMBRO 80

LIVRE. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO
ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

06

OUTUBRO

80

LIVRE

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 223

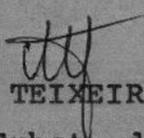
OFÍCIO Nº 3.949/80-SE/DCDP

06 de outubro de 1980

RIO DE JANEIRO

- "O COELHINHO PITOMBAS, de autoria de Milton Luiz;
- "BRECHT SEGUNDO BRECHT" de autoria Bertold Brecht;
- "JÁ PEDIRAM A MINHA OPINIÃO", de autoria: Criação do Grupo Solus;
- "O DIA EM QUE BÚFALO BILL VEIO AO BRASIL", de Geraldo Ribas/José Luis e Luiz Fernando.
- "HELIOGÁBALO - O ANARQUISTA COROADO" de Regina Miranda /Carlos H. Escobar.
- "HISTÓRIA DE TRÊS CANTORES" de Benjamin Santos e Gugú Olimecha.
- "O MISTERIOSO CASO DO QUEIJO DESAPARECIDO" de J. Alberto Braga;
- "CHICO DE ASSIS" de autoria Juarez Pereira Gomes;
- "DESABAFO" de autoria de Antonio Soares de Souza;

Aproveito a oportunidade para renovar a V. Sa. protestos de estima e consideração.


ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO
Chefe Subst. do SC/DCDP



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O COELHINHO PITOMBA"

AUTOR: "MILTON LUIZ"



SERVIÇO PUBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ofício: Nº 158/81 - SCDP/SR/RS

EM: 11.08.81

DO: Chefe do SCDP/SR/RS

ENDEREÇO: Av. Presidente Roosevelt, 420

AO: Sr. Diretor da DCDP

ASSUNTO: Encaminhamento (faz)

10232 DCDP
17 8 81
MICHARD DCDP

Senhor Diretor:

Conforme determina a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13/07/78, estamos anexando a este, para o fim previsto na letra "d" da mesma portaria, os documentos a seguir:

- 1 - uma via do "script" da peça teatral intitulada O COELHINHO PITOMBA, de autoria de MILTON LUIZ;
- 2 - relatórios da comissão técnica;
- 3 - relatórios do ensaio geral;
- 4 - uma via do Certificado de Censura provisório.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa. os nossos protestos de consideração e apreço.

João Bispo da Hora
João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA DE POLÍCIA FEDERAL EM SANTA MARIA

RELATÓRIO

Senhor Chefe

Cumprindo determinação de V. SA, compareci no dia 02 de agosto do corrente ano, às 1500 horas, no Centro Comunitário da COHAB/DI, local da realização do ensaio geral da peça "COELHINHO PITOMBA", autoria de Milton Luiz, apresentado pelo Grupo Teatral "O Terço".

A peça é representado em um único ato com a duração aproximada de 50 minutos, do gênero infantil, apresentando as desavenças e inimizade entre um coelho e uma onça. A onça faz planos para fazer picadinho do coelho, sendo este auxiliado das artimanhas da onça por seus amiguinhos, uma papagaia e um urso. No final da peça o urso e a papagaia conseguem fazer as pazes entre o coelho e a onça, ficando todos amigos. A peça encerra a moral, no final apresentada em forma de diálogo entre os atores e as crianças expectadoras, que todos devemos ser amigos para sermos mais felizes.

O Vestuário é carecterizado por roupas imitando os animais da peça. A onça usa um vestido rajado imitando couro de onça; O coelho usa um casaco branco de pele sintética com calça de balet branca; O urso usa roupa de pelo preta e a papagaia roupa de cetim verde com cartola da mesma cor.

A Iluminação é normal.

O Cenário é composto de um painel pintado representando uma floresta e um poço feito de madeira.

Na peça são apresentadas músicas infantis tais como: Música do Coelhoinho Pitomba, Atirei o pau no gato, etc.

Nada havendo contra a legislação em vigor, sou favorável pela liberação por essa SCDP/SR/RS, de acordo com a faixa etária estabelecida.

Era o que tinha a relatar.

Santa Maria, 07 de agosto de 1.981.

Luciano dos Santos
Luciano dos Santos
AGENTE POL. FEDERAL
MAT. 2404891



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO Nº 224-SCC/79

Visto.
Em 12.09.79
JOÃO BISPO DA HORA
Cens. Matr. 2.324.463
Chefe de SCCP/SR/DPF/RS

Senhor Chefe:

Cumprindo determinação de V.Sa. efetuei o script da peça teatral "O COELHINHO PITOMBA" da de Milton Luiz.

Resumo: Trata-se de uma peça infantil, cujo personagem principal é o coelho e com ele os outros bichos; / a onça, o urso, o papagaio. Os bichos brincam de pular -/ carniça enquanto a onça não esta por perto. Entretanto -/ quando brincavam de surdo-mudo, a onça aparece e procura saber quem tinha gritado "pessoal". O papagaio é acusado, contudo os bichos informam que fazia o papel de ventríloquo. Todos interiormente zombavam da prepotência da onça.

Por fim a onça resolve mudar e ceder, unindo-se ao grupo e colaborando para o bem comum da comunidade.

Parecer: Considerando a mensagem educativa e considerando a destinação ao público infantil, sem restrições, opino pela liberação do texto em apreço com censura livre

Era o que me cumpria relatar, nesta oportunidade.

Porto Alegre, 10 de Setembro de 1979.

Roberto Luiz de Souza
ROBERTO LUIZ DE SOUZA
Técnico de Censura
Mat. 2.018.156



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 229
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

195

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 231/81-RS

PEÇA O COELHINHO PITOMBA

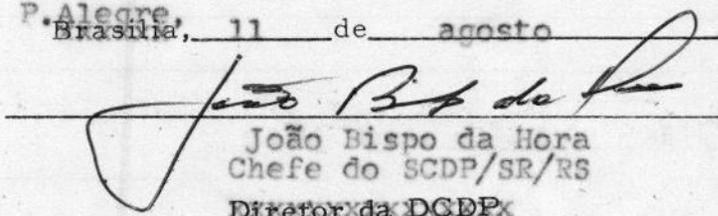
ORIGINAL DE MILTON LUIZ

PELO SCDP/SR/RS
APROVADO PELO D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 11 de outubro de 19 81

P. Alegre,
Brasília, 11 de agosto de 19 81

CENSURA FEDERAL/RS
LIVRE


João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS
Diretor da DCDP

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O COELHINHO PITOMBA

Original de MILTON LUIZ

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO TEATRAL MENSAGEM - SANTA MARIA/RS

Requerida por JOÃO ADALBERTO ZIANI

Tendo sido censurada em 11 de agosto de 19 81 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE, SEM CORTES, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RS.

P. Alegre,
Brasília, 11 de agosto de 19 81

Renato Rodrigues de Faria

RENATO RODRIGUES DE FARIA

Téc. Censura Matr. 2.415.816

Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/RS

Chefe do Serviço de Censura

TEATRO

196

TÍTULO "O COELHINHO PITOMBA"

AUTOR: "MILTON LUIZ"

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça PORTO ALEGRE / RS

Obs.: _____

DF. 18 / 08 / 81

Offenbe

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emitirei o certificado, de acordo com requerimento de _____ e com a classificação: impropria para mentir da LIVRE _____, sem cortes, conforme o parecer do ensaio geral.

Obs.: cert. provisório - SR/RS

Brasília-DF, 18 de 08 de 1981

Belle Prudente Cavalliedo
Matr. 2 415 791

Brasília-DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: _____

Brasília-DF, ____ / ____ / ____

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 20 / 8 / 1981

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DDFP
SUBSTITUTO

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

197

O COELHO PITOMBA

MILTON LUIZ

3.889

SAVIA MARIAS

GRUPO TEATRAL MESSAGEM

"O COELHO PITOMBA"

JOÃO ALBERTO SILVA

81

AGOSTO

11

MILTON LUIZ EXAMINADO NA COMISSÃO DE EXAME DE TITULO

CONFERENCIADO NA VALLADE DE SÃO CARLOS - SÃO CARLOS - SÃO CARLOS - SÃO CARLOS

BRASIL 1988

LIVRE

19

AGOSTO

86

BRASÍLIA

19

AGOSTO

81

Jose V. de S.

JOSE VIEIRA MADEIRA

DIRETOR DA DCDP

ARQUIVO NACIONAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0036, p. 233

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

O COELHINHO PITOMBA

MULTON LUIZ

GRUPO TEATRAL MENSAGEM - SANTA MARIA/RS

JOÃO ADALBERTO ZIANI

11 AGOSTO 81

LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

LIVRE

BSB 19

AGOSTO

81

DIRETOR DA DCDP
JOSE VIRGILIO MADRUGA

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

19 AGOSTO 81

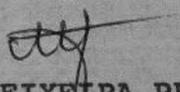
2.262/81-DCDP

RS

Of.nºs 155-158/81-SCDP/SR/RS

"RANGO", de Edgar Vasques e "O COELHINHO
PITOMBA", de Milton Luiz.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Sa.
protestos de estima e consideração.


ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO
Chefe do SC/DCDP

1992



MJ - DPF - DCDP - BSB

- 1 ABX 1054 8 002946

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM GOIÁS
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Nº 047/82-SCDP/SR/DPF/GO

Goiânia, 31.03.82

Senhora Diretora,

Sirvo-me do presente para encaminhar a V.Sa; (03) treis vias do texto da Peça Teatral "O Coelho Pitomba", original de Milton Luiz, em que Valdezir Ferreira Arantes solicita expedição do Certificado de Censura. A mesma será representada neste Estado pelo Grupo Sia Casanova Sociedade Cultural e Produções Artísticas Ltda.

Risoval de Melo
RISOVAL DE MELO
Chefe da SCDP/SR/DPF/GO

ILMA. SENHORA
DRA. SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
DD. DIRETORA DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASÍLIA/DF



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Valdezir Ferreira Arantes

Requerente

brasileira

Auxiliar de Escritório

Nacionalidade

Profissão

Carteira de Identidade CI. 441.158 - SSP/GO

Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Av. Alberto Miguel nº 50, Campinas

Goiânia Estado de Goiás

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade

com as normas censórias vigente, a(s) Peça Teatral

Espécie

de autoria de: Milton Luiz

Título (s)

" O COELHINHO PITOMBA "

Nestes termos,

Pede deferimento.

Goiânia, 30, de Março de 1982

Local e Data

Valdezir Ferreira Arantes

Requerente

Valdezir Ferreira Arantes

Anexos: 03 Vias do Texto

Sbat.



Serviço Público Federal

1 — **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver) ARTÍSTICAS LTDA
 Nome: SIA CASANOVA SOC. CULTURAL E PROD. CGC: 00.038.497/0001-37
 Sede: Av. Alberto Miguel nº 50, Campinas-Goiânia/GO
 CEP: 74.000
 Diretor ou Responsável: Valdezir Ferreira Arantes

2 — **DADOS DO AUTOR**

Nome:
 Pseudônimo: Filiação:
 Nacionalidade: Naturalidade:
 Data do Nasc.: Identificação:
 Estado Civil:
 Profissão:
 Endereço:
 CEP:

3 — **PARCERIA**

Nome:
 Pseudônimo: Filiação:
 Nacionalidade: Naturalidade:
 Data do Nasc.: Identificação:
 Estado Civil:
 Profissão:
 Endereço:
 CEP:

Nome:
 Pseudônimo: Filiação:
 Nacionalidade: Naturalidade:
 Data do Nasc.: Identificação:
 Estado Civil:
 Profissão:
 Endereço:
 CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: Goiânia, 30 de março de 1982

Ass.: Valdezir Ferreira Arantes

200 log



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

AUTORIZAÇÃO PARA ESPETACULO TEATRAL

Nº 28974

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946 e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962 e da Lei n.º 5988, de 14-12-1973, o espetáculo teatral: "O COELHINHO PITOMBA"

Original de MILTON LUIZ
Música de :x:x:x:x:x:x:x:x
Tradução de :x:x:x:x:x:x:x:x
Direção de :x:x:x:x:x:x:x:x
No Teatro :x:x:x:x:x:x:x Cidade :x:x:x:x:x
Empresa :x:SIA CASANOVA SOC. GERAL LTDA. E PROD. ARTIST. LTDA.
nos dias :x:x:x:x:x:x
sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de :x:x % :x:x:x
da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr\$:x:x:x:x:x:x

VALIDO SOMENTE P/ LIBERAÇÃO DE CERTIFICADO DE CENSURA FEDERAL

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer, à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau da receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Goiânia 30 de março de 19 82

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.
200 blocos 50x50 - 20.001 a 30.000 - 08/77

FRANCISCO RODRIGUES MELO
Av. Anhangavã 3429 - Centro
Rep. SBAT - Goiânia-Go.

S I A C A S A N O V A S O C I E D A D E C U L T U R A L E
P R O D U Ç Õ E S A R T Í S T I C A S L T D A

Avenida Alberto Miguel nº 50 - S. Campinas

C.G.C. sob nº 00.038.497/0001-37 - Reg. na JUCEG sob nº
52.2,0031438,9 em 10.02.1982.

A P R E S E N T A :

" O C O E L H I N H O P I T O M B A "

de Milton Luiz

Direção: Valdezir Arantes

E L E N C O :

COELHINHO PITOMBA Valdezir Arantes
PAPAGAIO OTAVINHO Albany Arantes
URSO RICARDÃO Hugo Macedo
ONÇA MATILDA. Lia Bastos

SONOPLASTIA E

ILUMINAÇÃO. Equipe Sia Casanova

Goiânia, 25 de fevereiro de 1.982.

O COELHINHO PITOMBA

(peça infantil de MILTON LUIZ)

CENÁRIO - Três entradas para a coxia, uma com detalhes da casa do coelho, à esquerda. Outra com detalhes da casa da onça, à direita. Ao centro, no fundo, fuga para o interior da floresta. No meio do palco, uma espécie de praça na floresta, vendo-se em primeiro plano, a boca de um poço, com telhadinho, roldana com lata para apanhar água, cordinha, etc. Algumas árvores, plantas rasteiras.

P R Ó L O G O

Ouve-se música de roda, em gravação, ou cantada ao vivo pelos atores, fora de cena. Pára de repente. Entram, o coelho, vindo de sua casa, o papagaio e o urso que surgem da fuga que dá para o interior da floresta. Cantam e dansam, fazendo ritmo com palmas. A música é à vontade do diretor.

COELHO - Eu gosto de couve
De mim ninguém zomba
Você que me ouve,
Me diga depressa:
Qual é o meu nome?

OS OUTROS - Coelhoinho Pitomba!

COELHO - Como é que eu me chamo?

OS OUTROS - Coelhoinho Pitomba!

COELHO - Sou muito esperto,
Da onça eu fujo,
Quando ela aparece,
Não fico por perto.
Qual é o meu nome?

OS OUTROS - Coelhoinho Pitomba!

COELHO - Como é que eu me chamo?

OS OUTROS - Coelhoinho Pitomba!

COELHO - Os dois amiguinhos,
Que trago comigo,
Se a onça aproxima,
Me dizem depressa:

URSO - Coelhoinho, sai dessa!

PAPAGAIO - Lá vem o perigo!

COELHO - Qual é o meu nome?

OS OUTROS - Coelhoinho Pitomba!

COELHO - Como é que eu me chamo?

OS OUTROS - Coelhoinho Pitomba!

COELHO - (À platéia, cumprimentando) - Alô, criançada! Como é mesmo o meu nome? (Espera resposta) (Urso começa a chupar um imenso pirulito e o Papagaio descasca um banana) Pois é, o meu nome é Coelhoinho Pitomba. Muito prazer em conhecer vocês todos. Sabem de uma coisa? Eu nasci aqui nesta pracinha da floresta. Aqui eu almoço, janto, vou à escola, porque eu sou muito estudioso também. ' Brinco com dois amiguinhos que eu tenho e... (reflete) Puxa vida! ' Vocês viram como eu sou avoado?. Cantei, dansei, pulei, disse um montão de vezes o meu nome, falei nos meus dois amiguinhos e me esqueci de apresentá-los à vocês. Me desculpem, está bem? Então , vamos começar. (indica o Urso) Este gordão muito guloso que está chupando um pirulito, é o meu bom amigo o Urso Ricardão.

URSO - (Cantando e dansando) Sou gordinho e durmo demais, Mas no fundo, sou um bom rapaz! (bis)

COELHO - (indica o Papagaio) E este, é o bom Otavinho, o amiguinho papagaio.

PAPAGAIO - (idem) Gosto de cantar e de falar também, não troco o meu puleiro, nem por um vintém! (bis)

COELHO - (À platéia) Vocês gostaram dos meus amiguinhos?! Muito bem, agora nós vamos brincar de roda com todos vocês, que tal? Vamos cantar " Atirei o pau no gato ", está bem? (começam à cantar em volta do poço) (Quando vão repetir a música, a Onça urra ao fundo, de dentro da sua casa) (Pânico).

COELHO - Vocês ouviram esse urro?!... Cruzes! É a dona onça Matilda! (outro urro) Ela hoje está mais furiosa do que nunca, tenho que fugir! (outro urro) Até logo, meus amiguinhos! (sai correndo e entra em casa. Urso e Papagaio ficam em cena e se esgueiram num canto do palco).

ONÇA - (Sai de sua casa. Entra pulando e cantando) (furiosa) Quem viu? Quem viu? Quem viu? Um coelhoinho que é uma bomba! (bis). Um

coelhinho chamado Pitomba?!

URSO - Pitomba?

PAPAGAIO - Coelhinho?

ONÇA - (urra) Quem viu?

OS DOIS - (com medo) Pitomba... Coelhinho...?...

ONÇA - (urra) Sim, quem viu?

OS DOIS - (saindo) Nós não... vimos!... (saem correndo)

ONÇA - (Só. Enérgica) Não importa! Eu hei de encontrar o levado! E quando isso acontecer... (mímica)... nhéco!... Ah, que delícia! . Vou transformá-lo em guisado! (parte em direção à sua casa) (Pano rápido ou escuro).

FIM DO PRÓLOGO

PRIMEIRO ATO

(Abre-se o pano. A cena fica vazia por uns segundos, Aparece o Urso, pé ante pé, examina tudo como quem procura algo. Um tempo. Chama o papagaio).

URSO - Otavinho! Otavinho, pode vir, a dona onça já foi embora!

PAPAGAIO - (de dentro) Tem certeza, Ricardão? Procura mais um pouquinho, tá? Depois eu vou.

URSO - (grita para dentro) Está bem, eu vou procurar mais. (procura atrás do poço) Atras do poço não está! (olha cômicamente dentro da latinha. Bate várias vezes no fundo da mesma) Dentro da lata também não está! (gritando) Pode vir, Otavinho, ela foi embora sim.

PAPAGAIO - (entra olhando em redor) Ué, cadê o Pitomba?

URSO - Sei lá. Ele saiu na disparada assim que a dona onça chegou. Você sabe, o maior sonho da dona onça é fazer um guisado do Pitomba!

PAPAGAIO - Pois é, você não acha isso uma bobagem?

URSO - Eu acho. Mas você sabe como ela é teimosa.

PAPAGAIO - Agora, uma coisa eu também sei: o coelhinho é muito mais esperto do que ela.

URSO - É por isso que a dona onça fica cada dia mais furiosa.

PAPAGAIO - Ainda bem que ela nunca cismou de fazer guisado da gente...

URSO - A implicância dela é com o Pitomba.

PAPAGAIO - Deve ser porque ela não consegue pegá-lo nunca.

URSO - É, você tem razão. A dona onça pensa que é inteligente mas o coelhinho é muito mais.

PAPAGAIO - Se é! (riem às gargalhadas) Ricardão, que tal a gente dar uma corrida até o outro lado da floresta?...

URSO - Ótimo! Estou louco para fazer exercícios! (faz movimentos, exagerados à guisa de ginástica, contando: Um, dois, etc.)

PAPAGAIO - Ah, eu também quero brincar! Vamos pular carniça?

URSO - Ótimo! Vamos sim, abaixe aí. (o papagaio se abaixa. O Urso toma distância e faz a primeira tentativa prá pular o papagaio. Não consegue. Faz a segunda. Idem. Na terceira, os dois se esborracham no chão. exaustos).

URSO - Puxa, como estou cansado! É melhor a gente dar um passeio pela floresta.

PAPAGAIO - Vamos convidar o Pitomba?

URSO - Vamos sim. Vou bater na porta dele. (chamando e batendo palmas) Coelhinho Pitomba! (silêncio) Coelhinho Pitomba! (silêncio) Acho que ele não está!

PAPAGAIO - (tomando a frente) Está sim. Duvido que ele saia de casa sem a gente. (vai chamar) Coelhinho Pitomba? Coelhinho Pitomba (pausa) Será que não está mesmo?!... (os dois ficam distraídos).

COELHO - (pula em cena, saindo de casa, gritando ao mesmo tempo) Quem é que está me chamando?! (os dois se assustam).

OS OUTROS - (voltam-se. depois do susto) Nós, você não ouviu?

PAPAGAIO - Por que não respondeu?

COELHO - (tomando cena) Vocês pensam que eu sou bôbo é? Se a dona onça estivesse por perto, ouvisse a minha voz e soubesse que eu estava em casa, pronto! adeus sossêgo! Ela ia ficar me vigiando o tempo todo!

URSO - Ela foi embora. Não tem perigo!

PAPAGAIO - Coelhinho, quer passear com a gente? Vamos dar uma corrida até o outro lado da floresta!...

COELHO - E se a dona onça aparecer? Lá longe no meio da floresta, é mais difícil eu fugir dela. Não vou, não.

URSO - Puxa vida, Pitomba, você nem parece nosso amigo. Nós não

dissemos que ela foi embora?!

PAPAGAIO - Foi sim. Olha aqui, eu juro! (gesto de juramento).

URSO - Eu também juro. (gesto igual).

COELHO - Está bem, eu vou com vocês. Mas se ela aparecer, eu fico de mal por toda a vida.

OS OUTROS - Certo. Então vamos.

COELHO - Esperem um pouquinho. Vou aproveitar e encher o meu baldinho no poço da dona onça. Assim, se ela aparecer de repente, eu tenho bastante água guardada. Vou buscar o baldinho. (sai).

PAPAGAIO - (gritando prá dentro) Não demore, sim, Pitomba?

URSO - Queremos passear bastante.

COELHO - (de dentro) Eu volto logo. Esperem um pouquinho!

PAPAGAIO - (à sós com o urso) Ricardão, quem sabe, um dia, a gente podia fazer uma coisa muito boa?

URSO - Que coisa muito boa? (pensa) Ah, já sei. Comprar um montão de doces e comer todo!

PAPAGAIO - Não!

URSO - Ou então, 50 litros de mel bem docinho. Eu adoro mel! (mastiga em seco).

PAPAGAIO - Não é nada disso, seu guloso! (pausado e explicado) quem sabe se a gente podia fazer a dona onça e o coelhinho ficarem bons amigos?!

URSO - Ah, duvido muito. Você sabe que... (interrompendo ao ouvir o urro da onça dentro de casa) (os dois se colocam de costas em frente à casa do coelho, tentando avisá-lo, com mímicas exageradas, da possível aparição da onça) (ao mesmo tempo, o coelho e a onça aparecem em suas respectivas portas. os dois continuam o jogo de mímica. A onça não vê o coelho nem ele a ela. O coelho, no entanto, é visto pela platéia).

COELHO - (entra rápido na casa) Ah, esqueci o balde! (desaparece)

ONÇA - (que ficou em cena espantada, sem entender as gesticulações do urso e do papagaio) Ah, vocês estão aí? (reparando mais) Mais o que é isso? Nunca vi coisa mais estranha! Vocês enloqueceram?!

URSO - (gesticulando e tentando disfarçar) Não é nada, dona oncinha. É que eu e o Otavinho estamos brincando de surdo-mudo!... (exagera mais nos gestos).

ONÇA - Surdo-mudo? Então como é que você está falando?

URSO - (Gaguejando) É que... é que... eu... eu... sou... sou o surdo. O Otavinho é que é o mudo... não é, Otavinho?

PAPAGAIO - (Resmunga, imitando mudo) Hum! hum! hum!

URSO - (Rápido) Viu? viu?

ONÇA - Pois sim, vocês não me enganam. Tenho certeza de que estão me escondendo alguma coisa. Ah, mas eu vou descobrir. Vou sim. (saída falsa)

COELHO - (Sem ver a onça, nem os sinais dos dois, aparece na porta e grita) Pessoal!!! (dá com a onça que ainda não acabou de sair, esconde-se atrás do papagaio).

ONÇA - (Volta-se furiosa aos dois, estranhando aquele grito) quem gritou? Eu ouvi alguém gritar!

URSO - (Tremendo de medo) A senhora está cismada, dona oncinha. Ninguém gritou.

ONÇA - Eu ouvi muito bem alguém gritar assim: "pessoal"!

URSO - A senhora ouviu mesmo?

ONÇA - Claro. E não vou embora enquanto não descobrir quem gritou

URSO - (Como quem teve uma idéia) Ah, dona oncinha, já sei quem gritou!

ONÇA - Quem foi?

URSO - (Depressa) O Papagaio, o papagaio. Foi ele quem gritou! (reações do papagaio).

ONÇA - Foi, é? Muito bem. Então eu quero ouvir ele gritar de novo

URSO - Mas dona onça... (à plateia) Ih, E agora, como é que vai ser?!...

ONÇA - Ande, vamos, seu urso espertinho, estou esperando!

URSO - Está esperando, é? Está bem. (medroso) Otavinho. grita de novo "pessoal" prá dona onça ouvir!...

PAPAGAIO - (Resmunga nervoso, sem saber o que fazer) Hum! Hum!...

ONÇA - (Furiosa) Já estou perdendo a paciência!

PAPAGAIO - (Respira fundo, resmunga alto como quem vai falar)

COELHO - (Atrás do papagaio, grita ao mesmo tempo) Pessoal!...

URSO - (Feliz) Está vendo como foi ele quem gritou?!... (Papagaio abre os braços e balança o corpo procurando esconder mais o coelho

ONÇA - (Que esteve o tempo todo olhando o papagaio) Vocês pensam

que me enganam, é?

URSO - Mas quem está querendo enganar a senhora?

ONÇA - (Premeditada) - Foi ele quem gritou, não foi?

URSO - Foi. A senhora mesma ouviu.

ONÇA - Ah, que gracinhas!... Muito bem. Então, se foi mesmo o pa pagaio quem gritou, como é que ele não mexeu com a boca?

URSO - (Pensa rápido) É porque ele é mudo!

ONÇA - Mudo? Então como é que eu ouvi a voz dele?

URSO - (Pensa rápido) É porque é mudo ventríloquo!

ONÇA - Ventríloquo?... O que é isso?...

URSO - Ventríloquo é uma pessoa que fala pelo peito com a boca fe chada.

ONÇA - Ah, é? (repara) E porque é que ele está com os braços aber tos?

URSO - É porque nós estamos brincando de surdo-mudo e ele é um mudo que pensa que é um passarinho!

ONÇA - Eu, heim?!... Que brincadeira mais boba! Vou embora!

URSO - Adeusinho, dona onça! (onça sai) Pode se mexer, Pitomba, ' ela já foi embora! (Papagaio e coelho se movimentam).

COELHO - Meninos, que susto! Que onça mais teimosa, não queria ' acreditar em vocês não foi mesmo?

PAPAGAIO - Você nos deu um trabalhão!

COELHO - É, mas o susto que eu levei não foi pequeno. Bem, deixem eu encher o meu baldinho!

PAPAGAIO - Depressa, coelhinho!

ONÇA - (Voz de dentro) Vocês me enganaram, seus moleques! (pânico o coelho, sem saber o que fazer, mete o balde na cabeça se agacha atrás do poço, protegido pelo urso que tapa a visão da onça) (en tra a onça).

URSO - (Ao vê-la, fingindo) Olá, dona oncinha!...

PAPAGAIO - (Idem) Há quanto tempo!...

URSO - Já estávamos morrendo de saudades!...

ONÇA - (Estranhando) Eu ví vocês dois conversando com mais alguém

URSO - Nós? Não é possível! Pode ver se tem mais alguém aqui!

ONÇA - Vou ver mesmo! (começa a procurar em volta do poço, enquan to o papagaio e o urso acompanham os seus movimentos e o urso sem pre tendo o coelho sob sua proteção. Quando estão voltando à posi

ção inicial, o balde cai na frente do poço. Coelho continua escondido) É, não tem mais ninguém mesmo! (Vê o balde caído) Achei!!!

URSO E PAPAGAIO - (Sem perceber que ela se refere ao balde) Nossa!

ONÇA - Vocês, heim?!

URSO E PAPAGAIO - Nós, o que?!

ONÇA - Espertinhos! Sabiam que o meu balde estava aqui e não me disseram nada!

URSO E PAPAGAIO - (Alívio) Ah...

ONÇA - (Parte em direção ao balde) Vou correndo guardar o pobre zinho!

URSO - (Tremendo que ela veja o coelho, corta) Não, não dona onça A senhora está enganada! Esse balde é meu!

PAPAGAIO - É, sim, dona onça, eu sou testemunhas!

ONÇA - Então, onde é que está o meu? Já o procurei por toda parte

URSO - Vai ver, a senhora o esqueceu na floresta. (os dois fazem marcas em volta da onça tentando impedir que ela se aproxime do balde, que caiu perto do coelho).

papagaio - Ah! Agora me lembro!... Ontem, a senhora foi com ele na casa da dona girafa!

ONÇA - Mas esse aí é igualzinho ao meu. Eu conheço pela alça. Vou ver. (parte).

URSO - (Cortando) Dona onça! (ela pára) Que cor é a alça do seu?

ONÇA - (Diz uma cor que não seja a do baldinho que está no chão) (anda mais em direção ao balde).

URSO - A desse aí é... (diz a cor verdadeira) (ela pára).

ONÇA - (Empurrando o urso) Deixa eu ver, sáia da frente! (pega o balde rápido e conclui) É, a alça deste é de outra cor! (entrega o balde ao urso que o recoloca no chão) (onça toma cena, de costas para os dois, falando distraída) Mas que coisa gozada, é tão parecido! (aos dois, sem os olhas) De quem é mesmo esse balde?

COELHO - (Grita de trás do poço) (disfarça a voz) Meu!

ONÇA - (Volta-se furiosa) Quem falou?

OS DOIS - Ninguém, dona onça!

ONÇA - Vocês estão zombando de mim? Quem falou?

URSO - Mas quem está zombando da senhora? Ninguém falou.

ONÇA - Bem, por esta vez passa. (Vai saindo pela plateia).

COELHO - (Põe a cabeça acima do poço e grita com voz disfarçada)-
Dona onça malhada! (esconde de novo) (os dois fazem "psiu")

ONÇA - (Volta furiosa) (ao dois) Quem me chamou de onça malhada ?
Eu detesto apelidos!

URSO - (Riso amarelo) E a senhora não é uma onça malhada?!

ONÇA - Não senhor, seu bolo-fofo! (dá-lhe uma palmada na barriga)
Eu sou uma onça pintada! Há muita diferença!... (desfila vaidosa)

URSO E PAPAGAIO - (Aproveitam que ela conversou e gritam batendo
palmas) Muito bem! Já ganhou! Rainha da floresta!

ONÇA - (Grita furiosa) Não disfarcem, não! Eu quero saber quem me
chamou de onça malhada?!

URSO - Ninguém, dona onça. Puxa como a senhora é desconfiada!

PAPAGAIO - É sim, dona onça, e eu acho que a senhora está ficando
maluca!

ONÇA - O que, seu atrevido?!... (Corre atrás do papagaio, em círculos. O urso por vez, corre atrás da onça gritando "perdôa ele, dona onça" - falas livres. Tudo em volta do poço. O coelho, para não ficar à descoberto, corre atrás do urso, meio agachado. Quando completam a primeira volta em torno do poço, o coelho consegue dar uma palmada na onça. Ela pensa que foi o urso. Se volta e muda a direção da corrida. Desta vez o coelho se agarra nas costas do urso e ele é obrigado a correr de costas. Em dado momento. o papagaio e o urso descem para a platéia. O coelho consegue se esconder de novo atrás do poço. A onça prefere descer também, agora perseguindo sempre o urso. O coelho, ao se ver sozinho sai do esconderijo e fica torcendo do meio do palco. Grita pelo urso e pelo papagaio para que voltem. Coelho ajuda papagaio a subir. Urso não consegue subir e cai. A onça sempre perseguindo os dois. Forma-se a maior confusão no palco. Por força da "marca", há um momento em que o coelho e a onça se encontram cara à cara).

ONÇA - (Ao deparar com o coelho, dramática) Coelhinho Pitomba!!!

COELHO - (Idem) Dona onça Matilda! (onça avança. O coelho dribla a onça em volta do poço. Fazem esse jogo enquanto funcionar. De repente, o coelho tropeça e a onça finalmente consegue agarrá-lo)

ONÇA - Peguei!!! (canta enquanto amarra o coelho no poço)

O coelhinho é esperto

Mas eu sou muito mais. (bis)

Samba, samba, samba, coelhinho

Na panela da Matildinha!... (bis) música de samba lêlê) (apanha rápido um caderninho com lápis) Bem, vejamos agora uma receita de guisado de coelho! (anotando) Um caldeirão bem cheio de água fervendo...

COELHO - Água fervendo não, dona onça. Água morna é melhor! (urso e papagaio estão planejando alguma coisa. Marcas).

ONÇA - Não me interrompa!

COELHO - Então põe água gelada! Assim, eu bebo a água!

ONÇA - (continua) Cinco latinha de pimenta do reino...

COELHO - Pimenta não, dona onça, me dá alergia...

ONÇA - E daí?

COELHO - Eu vou ficar espirrando dentro da panela!

ONÇA - Eu tampo a panela!

COELHO - Eu viro "pipoca"!

ONÇA - Cale-se! (continua) Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO - (Espirra forte) Atchim!!!

URSO E PAPAGAIO - Saúde!

COELHO - Obrigado!

ONÇA - (Conclusiva) ... três comprimidos contra espirro! (continua) Sete colheres de sal grosso...

COELHO - Sal grosso? Por que a senhora não põe açúcar? Eu gosto ' mais de açúcar!

ONÇA - (Distraída) Ah, é! Eu também gosto mais de açúcar!...(tom) (cai em si) Não me confunda, açúcar é para sobremesa! (continua) Duas xícaras de vinagre, alho, pimentão, tomate, salsa... (pensa) Acho que é só!

URSO - (Que já chegou a um acordo com o papagaio) Dona onça, a senhora esqueceu a cebola!

ONÇA -(Vai ao urso que está longe do local onde está o coelho)Ah, é mesmo! Quatro cebolas grandes... em rodelas ou picadinhas?..... (enquanto isso, o papagaio vai de mansinho e desamarra o coelho e volta para o seu lugar)

URSO - (Continuando) Azeitonas... (Olha prá ver se o coelho já escapou).

ONÇA - (Anota) Quatro latas de azeitonas...

URSO - (Vê que o coelho já foi desamarrado) Agora já está bom, do na onça!

ONÇA - Ótimo! Vamos ao guisado! (vira-se).

COELHO - (À porta de sua casa) Dona onça Matilda, uh, uh, (foge).

ONÇA - (Parte na direção do coelho, mas o urso e o papagaio lhe barram o caminho. Onça sai furiosa para sua casa).

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Mesmo cenário. Abre-se o pano. O papagaio está em cena, dormindo ao lado do poço. Ronca alto e se mexe como quem está tendo um pesadelo.

URSO - (Entra tristonho e cabisbaixo. Vê o papagaio) Otavinho! Otavinho, acorde Otavinho!

PAPAGAIO - (Fala dormindo) Não, não, seu lobo, a corda, não!

URSO - (Sacode o papagaio) Acorde, Otavinho! Acorde!

PAPAGAIO - (Sobressaltado) Ai, que susto! Que pesadelo horrível!

URSO - Você já pensou, Otavinho?!... Ninguém vai resistir!... Três meses é muito tempo.

PAPAGAIO - É sim. O coelhinho Pitomba nem ligou! Disse que sabia como resolver o problema! É o que ele pensa!

ONÇA - (Aparece feliz, cantarolando. Traz dois pedaços de táboas, martelinho, pregos, veste um avental com bolsos) (finge que não vê os dois) (Cantarola) Oh, que dia tão feliz! Trá-lá-lá-lá-lá-lá Trá-lá-lá-lá-lá!... etc. (aos dois, como se os visse agora) Olá, queridinhos, que lindo dia, não é? (canta baixo).

URSO - É, mas isso agora não importa. Estamos muito preocupados.

ONÇA - Preocupados com o que, meus amorezinhos?

PAPAGAIO - Então, a senhora ainda não sabe?

ONÇA - O que é que eu ainda não sei?

URSO - Da seca, da seca, dona onça. O professor Coruja disse que durante três meses não vai chover nadinha. E todos os rios vão se car.

ONÇA - É verdade? Ora, não faz mal.

PAPAGAIO - Não faz mal?! É onde nós vamos beber água?

ONÇA - Vocês, não sei. Quanto à mim, sou a única na floresta que tenho poço em casa. E ele é bem grande e bem fundo! Com licença, tenho muito o que fazer. (Começa a pregar as táboas na boca do poço)

URSO - Prá que essas táboas, dona onça?

ONÇA - Porque de hoje em diante, ninguém mais vai apanhar água no poço da onça Matilda & Bem, com licença, preciso trabalhar. (Canta rola alto. Os dois saem cabisbaixos).

ONÇA - (Continua fazendo cena. Pára súbito. Pensativa) Esperem!... Mas que estúpida que eu sou!... Se proibir de apanharem água no meu poço, jamais conseguirei executar o meu plano: pegar o Coelhoinho Pitomba! Lógico! Os rios já estão quase sem água e eu sou a única pe^{so} na floresta que tem um poço... (pausa) Mas esperem... Ah, é is so mesmo! Onça Matilda, você é formidável!... (chama musical) Meus amiguinhos, onde estão vocês?!... Ricardão! Otavinho!... Venham aqui um instante!... Tenho uma grande notícia para todos!...

URSO - (Entrando com o papagaio) A senhora chamou a gente?

ONÇA - Chamei sim.

PAPAGAIO - O que é que a senhora quer?

ONÇA - Sabem? Estive pensando bem: se vocês não tiverem onde beber água, naturalmente irão embora para outra floresta.

OS DOIS - Claro!

ONÇA - Pois é. Então, o que me adianta ter um poço tão grande, tão fundo, e só para mim?!

URSO - Mas a senhora disse que ninguém...

ONÇA - Eu disse, mas agora não digo mais. (Tirando as táboas) Estão vendo? Vou fazer uma boa fogueira com essas táboas. O POÇO da onça Matilda agora é de todo mundo!

URSO - Que bom! Otavinho, vamos apanhar nossos baldes. (saem correndo).

ONÇA - (Cantarola misteriosa, fazendo caras) (os dois voltam com os baldes. A onça ajuda os dois. Vão saindo) E, por favor, digam ao Pitomba que venha apanhar água também. Não precisa ter medo.

URSO - Está bem, dona onça. Nós diremos sim. E muito obrigados.

PAPAGAIO - Nós vamos agora na casa do Pitomba prá avisar a ele. Até logo dona onça. (Os dois entram na casa do coelho. O urso tem dificuldades porque é gordo. Balança, mas entra).

ONÇA - (Só) E agora... uma surpresa para o nosso coelhinho! Esperem só! (sai) (aparecem o urso, o papagaio e o coelho).

URSO - (Vem puxando o coelho que está com medo) Pode vir, Pitomba. Não tem ninguém.

COELHO - Eu ainda não estou convencido. Conheço bem a dona onça.

URSO - Olha só como ela até retirou as táboas que estavam tampando o pocinho!

COELHO - (Observa) Ah, é verdade! Será que ela mudou mesmo?

URSO - Nem tenha dúvidas! Sabe por quê? A dona onça ficou com medo de nós todos irmos embora e ela ficar sozinha aqui na floresta!

PAPAGAIO - Ela agora está tão boazinha, que até nos ajudou a encher os nossos baldes.

COELHO - Então ela mudou mesmo!...

URSO - Estamos dizendo!

COELHO - Parece mentira... (Onça aparece, vê os três e se esconde).

URSO - Eu e o Otavinho vamos contar prá todo mundo a boa nova. Assim ninguém precisa ficar com medo da seca.

COELHO - Isso mesmo. Assim que eu encher o meu balde, vou encontrar com vocês. (Os dois saem em direção à floresta e o coelho prá sua casa).

ONÇA - (Aparece. Cantarola e dá pulinhos de alegria) Ah, enfim o grande momento! Mãos à obra! (Tira do bolso duas enormes cenouras e um longo fio de nylon envolto de folhas. Amarra as cenouras numa ponta, presas a um ganchinho de arame, segura na outra ponta e vai correndo se esconder em sua casa, ao ouvir um ruído qualquer vindo da casa do coelhinho. Antes colocou a ponta com as cenouras no meio da praça, perto do pocinho).

COELHO - (Entra feliz trazendo o baldinho) Ainda bem que a dona onça resolveu ficar boazinha. Tenho certeza que assim ela vai conseguir arranjar muitos amiguinhos. O pessoal da floresta nem vai acreditar (Vai encher o balde e depara com as cenouras) Ora, vejam só que lindas cenouras! (Vai abaixar, recua para o outro lado) Será que não pertencem à alguém? (Nesse momento, do seu esconderijo, a onça dá um puxão no fio sem que o coelho veja) Mas quem deixaria duas cenouras tão lindas aqui no meio da praça?! Ninguém, é claro. (Mesmo jogo) Bem, se o dono aparecer de repente, eu devolvo as cenouras, não é mesmo? (Onça dá mais um puxão) Ah, elas estão com folha e tudo.

Devem ter nascido aqui por engano! (Mesmo jogo. Onça idem) Esperem, será que tem alguém olhando? (Olha em volta) Não, ninguém! (Vai decidido apanhar as cenouras) (nisso, a onça se atrapalha nos seus movimentos e continua puxando lentamente o fio, crente que o coelho não está vendo. Coelho observa espantado) Ué, a cenoura está andando sozinha?! Será que é cenoura mágica?! (Onça pára de puxar) (Reação da platéia: "é a dona onça! é a dona onça!") (Coelho faz mímica de quem percebeu que as cenouras mudaram de lugar e conclui que é mais um truque da onça. Gesto de silêncio pra criança. Fazendo caras de suspense, retira as cenouras do ganchinho e sai pé ante pé pra sua casa).

ONÇA - (Alheia ao que se passou, dá mais um puxão. Outro, percebe o silêncio. Puxa com força e surge em cena ao mesmo tempo que deu o puxão para abocanhar o coelho que ela supõe estar tentando apanhar as cenouras. Constata que as cenouras desapareceram. Sapateia furiosa) Esse coelho me paga!!! (Sai bufando pra casa).

URSO - (Com o papagaio, voltando do passeio) Você viu, Otavinho? A dona Girafa ficou tão contente com a notícia que até resolveu fazer um vestido novo, só pra vir apanhar água no poço da dona onça.

PAPAGAIO - É, mas só à muito custo que lebre Vandeca acreditou na história!

URSO - Ora, porque ela é prima do Pitomba! (Entra a onça bufando e trazendo uma enorme espingarda).

ONÇA - (Aos dois) Saiam da frente, não quero ver ninguém! Estou de mau humor! (Coloca-se em guarda na frente do poço).

URSO - Ué, que foi que houve, dona onça?

ONÇA - (Furiosa) Já disse que estou de mau humor!

PAPAGAIO - Estamos vendo...

URSO - E pra que essa espingarda?

ONÇA - Pra que? Ah, foi bom (Dá com a espingarda na cabeça do urso) Você perguntar!

PAPAGAIO - Calma, dona onça.

ONÇA - Essa espingarda é o meu primeiro aviso!

URSO - Aviso de que? (O coelho aparece, sem ser visto, e se esconde pra ouvir)

ONÇA - Aviso de que ninguém mais vai apanhar água no meu poço! Quem aparecer leva chumbo!... (Coelho sai).

PAPAGAIO - Mas a senhora tinha dito...

ONÇA - Tinha dito, mas agora não estou dizendo mais!

URSO - E qual vai ser o segundo aviso?

ONÇA - (Urrando) Um canhão!!!

PAPAGAIO - Por favor, Ricardão, não pergunta qual vai ser o terceiro

URSO - (Saindo com o papagaio) E agora, o que vai ser de nós?

ONÇA - (Só. Triunfante) Agora o Pitomba vai ver! Vou me vingar de tudo! De tudo! (Ouve-se, fora de cena, um cantarolar estranho. A onça fica a postos) Que será isso? Que voz mais esquisita? (Ouve) Não consigo reconhecer essa voz... De quem será?.

COELHO - (Entra "vestido" de árvore. Roupão de morim ou luizine marrom escuro, cortado inteiro da cabeça aos pés. Manguas compridas. Buracos para saírem as orelhas, os olhos e a boca. Folhas verdes (pencas de samambáia funcionam) Costuradas na cabeça, nos braços e até a metade do tronco. Traz o balde meio encoberto de folhas. Solfeja com a voz estranhíssima. Vai direto ao poço. A roupa de árvore encobre totalmente o coelho, ficando apenas as orelhas de fora) (coelho entra fingindo que não vê a onça. Canta com a música de " Eu fui no tororó ", dança espalhafatosamente forçando a onça a correr pelo palco).

Eu venho da floresta

Estou cansada de andar

Procuro um pocinho

Prá minha sede matar

Onde é que tem? Onde é que tem?

Um pouquinho d'água

Prá mim dar meu bem!

Ah, eu estou tão cansadinha, estou andando há três dias e três noites procurando um pocinho e nada de encontrar. (Repete o fim da música) Acho que vou me sentar um pouquinho prá descansar... (Com meios de velha, senta-se junto ao público)

ONÇA - Ei, quem é você?

COELHO - (Vem à ela) Eu sou uma pobre árvore cheia de sede.

ONÇA - Árvore?! Eu nunca ví árvore andar e falar.

COELHO - A senhora desculpe a falta de modéstia, mas é que eu sou uma árvore muito inteligente.

ONÇA - Ah, é? Meus parabéns! Com licença, estou muito ocupada.

COELHO - Acho melhor eu ir embora. Já perdi a esperança de encontrar um poço nesta floresta. (Finge que só agora vê o poço da onça) Oh, um poço! Oh, um poço! Que sorte! Um poço bem perto de mim e eu nem tinha visto! Será que não é uma miragem?

ONÇA - Não, é o meu poço!

COELHO - Com licença, minha gentil senhora, posso encher o meu balde? (Avança, pegando a cordinha com a lata).

ONÇA - (Dá com a espingarda) Alto lá! Ninguém, nem mesmo um árvore pode apanhar água no poço da onça Matilda!

COELHO - Não! A senhora se chama Matilda? Que lindo nome! (Estende a mão) Muito prazer, dona Matilda.

ONÇA - (Aponta a espingarda) Não quero intimidades!

COELHO - Desculpe a pergunta, mas por que é que a senhora está tão zangada?

ONÇA - Zangada? Eu estou mais do que zangada!

COELHO - Talvez eu possa ajudar... Quer que eu segure a espingarda para a senhora?

ONÇA - Nada disso! Afaste-se!

COELHO - Mas a senhora está zangada com quem?

ONÇA - Com todo mundo! Principalmente com esse pestinha do Pitomba.

COELHO - (Disfarça) Pitomba Que nome gozado! Não conheço ninguém com esse nome. Quem é Pitomba?

ONÇA - É um coelho que vive me fazendo de boba, mas hoje eu vou acabar com a farra dele!

COELHO - Dona Matilda, eu tive uma idéia: eu fico aqui tomando conta do seu poço, enquanto isso, a senhora vai procurar esse tal de Pitomba e se vinga de tudo. Em troca, a senhora deixa eu apanhar água. Que tal?

ONÇA - Nada feito. Eu mesma quero ficar vigiando o meu poço.

COELHO - Mas a senhora vai ficar muito cansada.

ONÇA - Não faz mal. (Intrigada) Mas por que é que a senhora está tão interessada em me ajudar?

COELHO - É porque eu não posso voltar prá casa sem levar água para as outras árvores. E a senhora sabe o que vai acontecer se nós, as árvores, não tivermos água para beber?

ONÇA - Sei, sim. Vocês vão ficar com mais sede ainda.

COELHO - Não é só isso. Nós vamos ficar tão fraquinhas que nem vamos poder produzir frutas gostosas prá alimentar os bichos da floresta.

ONÇA - Não vai ter mais fruta nenhuma?

COELHO - Nenhuma!

ONÇA - Nem jaboticabas?

COELHO - Nem jaboticabas, nem melancias!

ONÇA - Que pena, eu sou louca por jaboticabas.

COELHO - Pois é, até as jaboticabeiras vão secar se não tiverem água prá beber! (Onça vai ficando preocupada) E ainda tem mais: as nossas folhas vão cair todinhas, uma por uma. E aí, quando a senhora estiver debaixo do sol, suando de calor, bufando e com a língua de fora, nós não vamos poder fazer nem uma sombrinha prá proteger a senhora.

ONÇA - (Mais preocupada) Ih, é tão bom comer jaboticabas... debaixo de uma sombra bem grande, então, nem se fala. Puxa, eu nem tinha 'pensado nisso, água faz mesmo muita falta, não é? Então está bem, 'dona árvore, a senhora venceu! Pode vir apanhar água todos os dias. Mas só a senhora, está bem? E não conte a ninguém, ouviu?

COELHO - Pode confiar em mim, dona Matilda! (Enche o balde)

ONÇA - E se a senhora quiser, pode trazer umas jaboticabas prá mim.

COELHO - Umas não, amanhã a senhora vai ganhar um cesta cheia de jaboticabas bem fresquinhas.

ONÇA - ~~Se~~ A senhora é muito bondosa!

COELHO - (Saindo) Até amanhã, dona onça, muito obrigadinha.

ONÇA - (Dando "Adeusinhos") Não se esqueça das jaboticabas! (coelho saiu. Ouve-se fortes ruídos na cochia) (Grito prá dentro) Cuidado ~~para~~ prá senhora não cair?

COELHO - (De dentro) Agora é tarde, querida, já me esborachei toda

ONÇA - (Ri. À platéia) É sempre bom a gente ter uma árvore por perto nos dias de calor. E aquela foi muito gentil... (Começa a rir)..

Agora estou me lembrando... (pausa)... ela tinha umas orelhas tão engraçadas... (Ri mais) (para espantada) Eu disse orelhas? (frisa)

Eu disse orelhas?!... (Desesperada) Não!!! Era o coelhinho Pitomba (Chora. nesse momento, aparecem o urso e o papagaio que se escondem prá observar a cena) (a onça fala lenta e tristemente) Matilda, min

ha pobrezinha, tenho a impressão de que você vai passar a vida inteira perseguindo o coelhinho Pitomba! (Outro tom) É mesmo? (Tom) 'claro! E nunca, nunquinha, você vai fazer aquele tão sonhado guisado! Buáááá... Buáááá (Sai chorando) (o urso e o papagaio tomam cena

URSO - Você ouviu isso?

PAPAGAIO - Claro que ouvi, não sou surdo. (Choro do coelhinho na coxia. Os dois se escondem).

COELHO - (Entrando) Coelhinho Pitomba, você é muito esperto! Mas no fundo, no fundo, é um bobão muito grande! (Outro tom) E você é um atrevido muito grande! (TOM) Atrevido, eu? Mas eu sou você! Viu como você é bobão? (Tom) Então eu sou mesmo bobão!... (Tom) Coelhinho Pitomba, você acha que é divertido não fazer outra coisa a não ser viver fugindo e fugindo da onça Matilda? (Tom) Eu não acho divertido, não, mas se eu não fugir da dona onça, eu viro guisado! (pensa) Ah, tive uma idéia!... Vou me mudar prá uma floresta bem longe daqui, convido os meus dois amiguinhos, aí fico livre da dona onça por toda a vida! Vou arrumar minha malinha!... (sai)

URSO - (Volta com o papagaio Você ouviu isso, também?. E agora?

PAPAGAIO - E agora? Você se lembra quando eu disse uma vez que nós dois podíamos fazer um negocio muito bom?

URSO - Deixa eu pensar. (pausa) Ah, me lembro sim! Você disse que a dona onça e o coelhinho deviam ser amigos!

PAPAGAIO - Isso mesmo! Você notou os dois estão preocupados?

URSO - É claro que notei! (Doutoral) Otavinho, você é um gênio! vamos acabar com a briga dos dois! (À platéia) Querem ver? Vocês querem que eles dois fiquem amiguinhos?! (Espera resposta) Atenção! (Chamando) Dona onça Matilda?!

ONÇA - (De dentro) Quem ousa interromper a minha tristeza?

URSO - Venha cá um instantinho... por favor...

ONÇA - (Entra, chorosa) Eu não quero viver a vida inteira perseguindo o Coelhinho Pitomba! (Chora mais).

URSO - Calma, dona onça, não precisa chorar tanto, Nós já resolvemos tudo!

ONÇA - Resolveram tudo, como?

URSO - Que tal a senhora e o coelhinho se tornarem bons amiguinhos?

ONÇA - Eu, amiga do coelhinho? E o meu guisado?

URSO - Ora, dona onça, existe uma porção de guisados muito gostosos sem ser de coelho! Escuta: todo mundo sabe que guisado de cenoura com carne seca é o melhor quitute que existe.

PAPAGAIO - É sim, dona onça, eu já provei. É tão gostoso!

ONÇA - É mesmo?

PAPAGAIO - Depois nós damos a receita para a senhora.

ONÇA - Então eu vou experimentar! (Tristonha) Mas como é que o coelhinho vai acreditar que eu quero ser amiguinha dele?

URSO - Deixe por nossa conta. Fique escondida atrás do poço. (Onça obedece).

PAPAGAIO - Posso chamar o coelhinho?

URSO - Pode, pode.

PAPAGAIO - (À platéia) Então, todos nós vamos chamar o coelhinho Pitomba! Já! (Dando ritmo à criançada) Coelhinho Pitomba! Coelhinho Pitomba! Etc. (Forma-se enorme gritaria).

COELHO - (Pula em cena) Que gritaria é essa na minha porta?

PAPAGAIO - Nós queremos brincar com você.

COELHO - Nossa! Pensei que fosse um terremoto... (Outro tom) Como é que vocês podem pensar em brincar, quando eu, pobre de mim! - só tenho que viver fugindo e fugindo da onça Matilda. (Chora).

URSO - Ora, Pitomba, não chore mais. Se você quiser, não precisa mais fugir da dona onça, e vamos brincar todos juntos!

COELHO - Você é muito gozado, Ricardão. Como é que nós vamos brincar todos juntos, se a dona onça não descansa enquanto não comer um guisado do coelho Pitomba?!

PAPAGAIO - Seu bobo, ela está louca prá ser sua amiguinha!

COELHO - A dona onça quer ser minha amiguinha?

URSO - É, sim. Quer que eu te dê uma prova?

COELHO - Que prova?

URSO - Eu vou chamar a dona onça, preste atenção.

COELHO - Vai chamar a dona onça? Então, deixe eu me esconder atrás de você? (Esconde-se atrás do urso).

URSO - Atenção! (Chama) Dona onça Matilda! Qual é o prato que a senhora gosta mais?

ONÇA - (De trás do poço) Guisado de cenoura com carne seca!

COELHO - Será que eu ouvi direito?

ONÇA - (idem) Ouviu sim!

PAPAGAIO - Então, Pitomba, podemos trazer a dona onça?

COELHO - Não sei, não. (Pergunta à platéia) Que é que vocês acham? Eu e a dona onça devemos ser amiguinhos? Vocês acham que sim? Então está bem podem trazer a dona onça.

PAPAGAIO - Dona onça, pode vir! (A onça vem fazendo "charme". Pisca-pisca para o coelho. Ele responde igual).

COELHO - Hum, ela está tão esquisita!

ONÇA - Seu Coelhinho Pitomba! Uh!... Uh!... (Faz um trejeito de bailarina).

COELHO - Eu acho que ela vai dansar ballet!

PAPAGAIO - (Corrigindo) Não, coelhinho, ela está de botas!

COELHO - É mesmo. Faz a pose de novo, dona onça.

ONÇA - Seu coelhinho Pitomba! Uh!... Uh!... (Exagera os trejeitos).

COELHO - Ah, é yê-yê-yê! (Faz passos de dança, galanteador) Dona onça Matilda, uh!... uh! (Ela aproxima, os dois dão as mãos e falam ao mesmo tempo)

ONÇA E COELHO - Vamos ser amiguinhos?

URSO - (Tomando cena) E assim termina!

PAPAGAIO - (idem) A história engraçada!

ONÇA - (Aponta o coelho) Do coelhinho Pitomba!

COELHO - (Aponta a onça) E da oncinha pintada! (Os personagens dão as mãos e se inclinam em agradecimento). Um momento! Dona oncinha, que tal se nós todos cantássemos a musiquinha do Coelhinho Pitomba? (Todos pulam e batem palmas).

ONÇA - Que bom! Que bom! (Reflete) Mas acontece que eu não sei a letra a música!

COELHO - Não tem importância. Nós cantamos uma vez sozinhos, depois a senhora acompanha a gente, está bem?

ONÇA - Ótimo! Podem começar. Vou prestar atenção.

COELHO - (Canta com o urso e o papagaio a música do coelhinho) E então, dona onça, já aprendeu?

ONÇA - Já, Escute só. (Canta sozinha os dois primeiros versos em seguida, todos cantam, com ritmo de palmas) (No momento em que a letra é: "Como é que eu me chamo? Coelhinho Pitomba! Como é que eu o meu nome? Coelhinho Pitomba!" A onça se destaca do grupo e sapateia

enfurecida no procênio)

OS OUTROS - (Ficam assustados e se afastam)

ONÇA - (Autoritária) Que negócio é esse?!

COELHO - (Sem compreender) Que foi que houve, dona onça?

ONÇA - (Explicativa) Como é que eu me chamo?

TODOS - Ah, é! Fazem reverência em volta da dona onça) Dona onça
Matilda! (Saem de cena de mão dadas cantando a música do prólogo).

FIM DA PEÇA

TEATRO

TÍTULO "O COELHINHO PITOMBA"

AUTOR MILTON LUIZ

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE
SCDP/SR/DPF/GO

Praça _____

Obs.: _____

DF. 02 / 04 / 82 /

Ismaria
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP,
tendo em vista tratar-se de peça para
o qual os censores propõem a classificação
etária de livre

Brasília-DF, 19 de abril de 1982

Arésio Teixeira Pereira
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requeri-
mento de censura e com a classificação: impró-
pria para menores de LIVRE anos,
de cortes, condicionada ao exame do ensa-
io geral.

Obs.: confronto

Brasília-DF, 19 de 04 de 1982

Helio Deffenio Carnalhedo
Mat. 2 415 791

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 19 / 4 / 1982

José Maria V. Fernandes
Diretor da DCDP



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 262

PARECER Nº 515 / 82

TÍTULO: "O Coelhoinho Pitomba"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

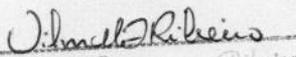
Peça teatral

Autor: Milton Luiz

Feito o confronto do texto apresentado com outro já liberado, anexo ao processo, verificou-se perfeita semelhança entre ambos.

À peça em exame, já liberada anteriormente como livre, poderá ser expedido novo certificado com a mesma chancela.

Brasília, 14 de abril de 1982.


Vilma Helena Domingos Ribero
Mat. 2.397.522
Técnica de Censura



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 263
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

228
h

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3.889

PEÇA O COELHINHO PITOMBA "

ORIGINAL DE MILTON LUIZ

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 19 de ABRIL de 19 87

Brasília, 19 de ABRIL de 19 82

LIVRE

Solange M. F. Fernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretor da DCDP

M.J.-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O COELHINHO PITOMBA

Original de MILTON LUIZ

Tradução de _____

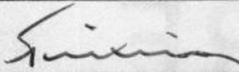
Adaptação de _____

Produção de _____

Requerida por VALDEZIR FERREIRA ARANTES - GOIÂNIA - GO -

Tendo sido censurada em 14 de ABRIL de 19 82 e recebido a seguinte classificação: LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 19 de ABRIL de 19 82


ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

Chefe do Serviço de Censura

889/82-SE/DCDP

20-04-82

Chefe do Serviço de Censura da SR/GO

O COELHINHO PITOMBA e
A ÁRVORE QUE ANDAVA, de Milton Luiz
e Oscar Von Phfull

Chefe

Goiânia

Solange M. F. Fernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES



DPF - DCDP - BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

20 MAI 1982 004650

Ofício nº 027/82-SCDP/SR/DPF/AM Manaus em 18 de maio de 1982 .
Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas no Amazonas
Ao Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto Processo de peça teatral (encaminha)

Senhora Diretora

Estamos encaminhando a V.Sa. o processo nº 006/82, contendo três (3) vias do texto teatral "O COELHINHO PITOMBA" de autoria de Milton Luiz, a fim de que seja expedido certificado de censura em nome do Grupo de Teatro da SHARP.

Esclarecemos que referida peça teatral após o exame de ensaio geral teve sua apresentação aprovada para a IV MOSTRA DE TEATRO INFANTIL realizada nesta Capital, conforme relatório em anexo.

Atenciosamente

Ivanete Moraes de Souza
Ivanete Moraes de Souza
Chefe do S D^o SR/DPF AM

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Washington Alves da Silva
Requerente

Brasileiro Nacionalidade | Estudante Profissão

Carteira de Identidade 445.054 (SESEG)
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à R. Pitim 157 c/03 Adrianópolis, vem,

mui respeitosamente, requerer de V.Sa. que se digne mandar examinar,
de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) Para
Teatral espécie
abaixo relacionada (s), de autoria de:

Milton Luiz

Título (s) B. Collinho T. Tomba

Nestes termos,
Pede deferimento.

Manaus, 26 de Março de 1982
Local e Data

Washington Alves da Silva
Requerente

Anexos:

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: SHARP (232 4036) CGC: _____Sede: Yaguim Sacramento 28 9/02 CEP: _____Diretor ou Responsável: Alvaro Braga

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Milton Luis

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

3 - PARCERIA

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP.: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____ CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA _____

Ass.: _____

O COELHINHO PITOMBA

(peça infantil de MILTON LUIZ)

Cenário — Três entradas para a cozinha com detalhes da casa do coelho, à esquerda. Outra com detalhes da casa da onça, à direita. Ao centro, no fundo, fuga para o interior da floresta. No meio do palco, uma es-

pécie de praça na floresta, vendo-se em primeiro plano, a boca de um poço, com telhadinho, roldana com lata para apanhar água, cordinha, etc. algumas árvores, plantas rasteiras.

PRÓLOGO

Ouve-se música de roda, em gravação, ou cantada ao vivo pelos atores, fora de cena. Pára de repente. Entram, o coelho, vindo de sua casa, o papagaio e o urso que surgem da fuga que dá para o interior da floresta. Cantam e dansam, fazendo ritmo com palmas. A música é à vontade do diretor.

nesta pracinha da floresta. Aqui eu almoço, janto, vou à escola, porque eu sou muito estudioso também, brinco com dois amiguinhos que eu tenho e... (reflete) Puxa vida! Vocês viram como eu sou avoado?. Cantei, dansei, pulei, disse um montão de vêzes o meu nome, falei nos meus dois amiguinhos e me esqueci de apresentá-los à vocês. Me desculpem, está bem? Então, vamos começar. (indica o Urso) Este gordão muito guloso que está chupando um pirulito, é o meu bom amigo o Urso Ricardão.

COELHO — Eu gosto de couve
 - De mim ninguém zomba -
 Você que me ouve,
 Me diga depressa:
 Qual é o meu nome?
 OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba?
 COELHO — Como é que eu me chamo?
 OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
 COELHO — Sou muito esperto,
 Da onça eu fujo,
 Quando ela aparece,
 Não fico por perto.
 Qual é o meu nome?
 OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
 COELHO — Como é que eu me chamo?
 OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
 COELHO — Os dois amiguinhos,
 Que trago comigo,
 Se a onça aproxima,
 Me dizem depressa:
 URSO — Coelhoinho, sai dessa!
 PAPAGAIO — Lá vem o perigo!
 COELHO — Qual é o meu nome?
 OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
 COELHO — Como é que eu me chamo?
 OS OUTROS — Coelhoinho Pitomba!
 COELHO (À platéia, cumprimentando)
 — alô, criançada! Como é mesmo o meu nome? (Espera resposta) (Urso começa a chupar um imenso pirulito colorido e o Papagaio descasca uma banana) Pois é, o meu nome é Coelhoinho Pitomba. Muito prazer em conhecer vocês todos. Sabem de uma coisa? Eu nasci aqui

URSO — (cantando e dansando)
 Sou gordinho e durmo demais,
 Mas, no fundo, sou um bom rapaz! (bis)
 COELHO (Indica o Papagaio) — E este, é o bom Otavinho, o amiguinho do papagaio.
 PAPAGAIO (idem) — Gosto de cantar e de falar também,
 não troco o meu puleiro,
 nem por um vintém! (bis)
 COELHO (à platéia) — Vocês gostaram dos meus amiguinhos?!
 Muito bem, agora nós vamos vamos brincar de roda com todos vocês, que tal? Vamos cantar "Atirei o pau no gato", está bem? (começam a cantar em volta do poço)
 (Quando vão repetir a música, a Onça urra ao fundo, de dentro da sua casa) (Pânico)
 COELHO — Vocês ouviram esse urro?!...
 Cruzes! E a dona onça Matilda! (outro urro) Ela hoje está mais furiosa do que nun-



ca, tenho que fugir! (outro urro) Até logo, meus amiguinhos! (sai correndo e entra em casa. Urso e Papagaio ficam em cena e se esgueiram num canto do palco).

ONÇA — (Sai de sua casa. Entra pulando e cantando) (furiosa) — Quem viu? Quem viu? Quem viu?
Um coelhinho que é uma bomba! (bis)
Um coelhinho chamado Pitomba?!

URSO — Pitomba?

PAPAGAIO — Coelhinho?
ONÇA — (urra) — Quem viu?
OS DOIS — (com medo) — Pitomba... Coelhinho...?...

ONÇA — (urra) — Sim, quem viu?
OS DOIS — (saindo) — Nós não... vimos!... (saem correndo)

ONÇA — (Só. Enérgica) — Não importa! Eu hei de encontrar o levado! E quando isso acontecer... (Mímica) ... nhécol!... Ah, que delícia! Vou transformá-lo em guisado! (Parte em direção à sua casa) (Pano Rápido ou Escuro)

FIM DO PRÓLOGO

PRIMEIRO ATO

(Abre-se o pano. A cena fica vazia por uns segundos. Aparece o urso, pé ante pé, examina tudo como quem procura algo. Um tempo. Chama o papagaio)

URSO — Otavinho! Otavinho, pode vir, a dona onça já foi embora!

PAPAGAIO (de dentro) — Tem certeza, Ricardão? Procura mais um pouquinho, tá? Depois eu vou.

URSO (grita para dentro) — Está bem, eu vou procurar mais. (procura atrás do poço) Atrás do poço não está! (Olha cômica dentro da latinha. Bate várias vezes no fundo da mesma) Dentro da lata também não está! (gritando) Pode vir, Otavinho, ela foi embora sim.

PAPAGAIO (Entra olhando em redor) — Ué, cadê o Pitomba?

URSO — Sei lá. Ele saiu na disparada assim que a dona onça chegou. Você sabe, o maior sonho da dona onça é fazer um guisado do Pitomba!

PAPAGAIO — Pois é, você não acha isso uma bobagem?

URSO — Eu acho. Mas você sabe como ela é teimosa.

PAPAGAIO — Agora, uma coisa eu também sei: o coelhinho é muito mais esperto do que ela.

URSO — É por isso que a dona onça fica cada dia mais furiosa.

PAPAGAIO — Ainda bem que ela nunca cismou de fazer guisado da gente...

URSO — A implicância dela é com o Pitomba.

PAPAGAIO — Deve ser porque ela não

consegue pegá-lo nunca.

URSO — É, você tem razão. A dona onça pensa que é inteligente, mas o coelhinho é muito mais.

PAPAGAIO — Se é! (riem às gargalhadas) Ricardão, que tal a gente dar uma corrida até o outro lado da floresta?...

URSO — Ótimo! Estou louco para fazer exercício! (faz movimentos exagerados à guisa de ginástica, contando: Um, dois, etc.)

PAPAGAIO — Ah, eu também quero brincar! Vamos pular carniça?

URSO — Ótimo! Vamos, sim, Abaixe aí. (o papagaio se abaixa. O urso toma distância e faz a primeira tentativa prá pular o papagaio. Não consegue. Faz a segunda. Idem. Na terceira, os dois se esbarracham no chão. exaustos).

URSO — Puxa, como estou cansado! É melhor a gente dar um passeio pela floresta.

PAPAGAIO — Vamos convidar o Pitomba?

URSO — Vamos, sim. Vou bater na porta dele. (chamando e batendo palmas) Coelhinho Pitomba! (silêncio) Coelhinho Pitomba! (silêncio) Acho que ele não está!

PAPAGAIO (Tomando a frente) — Está sim. Duvido que ele saia de casa sem a gente. (vai chamar) Coelhinho Pitomba? Coelhinho Pitomba?... (pausa) Será que não está mesmo?!... (os dois ficam distraídos)

COELHO (Pula em cena, saindo de casa, gritando ao mesmo tempo) — Quem é que está me chamando?! (os dois se assustam).

OS OUTROS (Voltam-se. depois do susto) — Nós, você não ouviu?

PAPAGAIO — Por que não respondeu?

COELHO (*Tomando cena*) — Vocês pensam que eu sou bôbo, é? Se a dona onça estivesse por perto, ouvisse a minha voz e soubesse que eu estava em casa, pronto! adeus sossêgo! Ela ia ficar me vigiando o tempo todo!

URSO — Ela foi embora. Não tem perigo!

PAPAGAIO — Coelhinho, quer passear com a gente? Vamos dar uma corrida até o outro lado da floresta!...

COELHO — E se a dona onça aparecer? Lá longe, no meio da floresta, é mais difícil eu fugir dela. Não vou, não.

URSO — Puxa vida, Pitomba, você nem parece nosso amigo. Nós não dissemos que ela foi embora?!

PAPAGAIO — Foi, sim. Olha aqui, eu juro! (*gesto de juramento*).

URSO — Eu também juro. (*gesto igual*).

COELHO — Está bem, eu vou com vocês. Mas se ela aparecer, eu fico de mal por toda a vida.

OS OUTROS — Certo. Então vamos.

COELHO — Esperem um pouquinho. Vou aproveitar e encher o meu baldinho no poço da dona onça. Assim, se ela aparecer de repente, eu tenho bastante água guardada. Vou buscar o baldinho. (*sai*).

PAPAGAIO (*Gritando prá dentro*) — Não demore, sim, Pitomba?

URSO — Queremos passear bastante.

COELHO (*De dentro*) — Eu volto logo. Esperem um pouquinho!

PAPAGAIO (*À sós com o urso*) — Ricardão, quem sabe, um dia, a gente podia fazer uma coisa muito boa?

URSO — Que coisa muito boa? (*pensa*) Ah, já sei. Comprar um montão de doces e comer todo!

PAPAGAIO — Não!

URSO — Ou então, 50 litros de mel bem docinho. Eu adoro mel! (*mastiga em seco*).

PAPAGAIO — Não é nada disso, seu guloso! (*pausado e explicado*) Quem sabe se a gente podia fazer a dona onça e o coelhinho ficarem bons amigos?!

URSO — Ah, duvido muito. Você sabe que... (*interrompendo ao ouvir o urro da onça dentro de casa*) (*os dois se colocam de costas em frente à casa do coelho, tentando avisá-lo, com mímicas exageradas, da possível aparição da onça*) Ao mesmo tempo, o coelho e a onça aparecem em suas respectivas portas. os dois continuam o jôgo de mímica. A onça não vê o coelho nem ele a ela. O coelho, no entanto, é visto pela platéia).

COELHO (*Entra rápido na casa*) — Ah, esqueci o balde! (*desaparece*).

ONÇA — (*Que ficou em cena espantada,*

sem entender as gesticulações do urso e do papagaio) — Ah, vocês estão aí? (*reparando mais*) Mais o que é isso? Nunca vi coisa mais estranha! Vocês enloqueceram?!...

URSO (*Gesticulando e tentando disfarçar*) — Não é nada, dona oncinha. É que eu e o Otavinho estamos brincando de surdo-mudo!... (*exagera mais nos gestos*).

ONÇA — Surdo-mudo? Então como é que você está falando?

URSO (*Gaguejando*) — É que... é que... eu... eu... sou... sou o surdo. O Otavinho é que é o mudo... não é, Otavinho?

PAPAGAIO (*Resmungando, imitando mudo*) — Hum! hum! hum!

URSO (*Rápido*) — Viu? Viu?

ONÇA — Pois sim, vocês não me enganaram. Tenho certeza de que estão me escondendo alguma coisa. Ah, mas eu vou descobrir. Vou sim. (*saida falsa*)

COELHO (*Sem ver a onça, nem os sinais dos dois, aparece na porta e grita*) — Pessoal!!! (*dá com a onça que ainda não acabou de sair, esconde-se atrás do papagaio*).

ONÇA (*Volta-se furiosa aos dois, estranhando aquele grito*) — Quem gritou? Eu ouvi alguém gritar!

URSO (*Tremendo de medo*) — A senhora está cismada, dona oncinha. Ninguém gritou.

ONÇA — Eu ouvi muito bem alguém gritar assim: "pessoal"!

URSO — A senhora ouviu mesmo?

ONÇA — Claro. E não vou embora enquanto não descobrir quem gritou.

URSO (*Como quem teve uma idéia*) — Ah, dona oncinha, já sei quem gritou!

ONÇA Quem foi?

URSO (*Depressa*) — O papagaio, o papagaio. Foi ele quem gritou! (*reações do papagaio*).

ONÇA — Foi, é? Muito bem. Então eu quero ouvir ele gritar de novo.

URSO — Mas dona onça... (*à platéia*) Ih! E agora, como é que vai ser?!...

ONÇA — Ande, vamos, seu urso espertinho, estou esperando!

URSO — Está esperando, é? Está bem. (*medroso*) Otavinho, grita "pessoal" de novo prá dona onça ouvir!...

PAPAGAIO (*Resmungando nervoso, sem saber o que fazer*) — Hum! Hum!...

ONÇA (*Furiosa*) — Já estou perdendo a paciência!

PAPAGAIO (*Respira fundo, resmungando alto como quem vai falar*)

COELHO (*Atrás do papagaio, grita ao mesmo tempo*) — Pessoal!...

URSO (*Feliz*) — Está vendo como foi ele quem gritou?!... (*Papagaio abre os braços*

e balança o corpo procurando esconder mais o coelho)

ONÇA (Que esteve o tempo todo olhando o papagaio) — Vocês pensam que me enganam, é?

URSO — Mas quem está querendo enganar a senhora?

ONÇA (Premeditada) — Foi êle quem gritou, não foi?

URSO — Foi. A senhora mesma ouviu.

ONÇA — Ah, que gracinhas!... Muito bem. Então, se foi mesmo o papagaio quem gritou, como é que êle não mexeu com a bôca?

URSO (Pensa rápido) — E porque êle é mudo!

ONÇA — Mudo? Então como é que eu ouvi a voz dele?

URSO (Pensa rápido) — É porque é mudo ventriloquo!

ONÇA — Ventriloquo?... O que é isso?...

URSO — Ventriloquo é uma pessoa que fala pelo peito com a bôca fechada.

ONÇA — Ah é? (repara) E por que é que êle está com os braços abertos?

URSO — É porque nós estamos brincando de surdo-mudo e êle é um mudo que pensa que é um passarinho!

ONÇA — Eu, hein?!... Que brincadeira mais bôba! Vou embora!

URSO — Adeusinho, dona onça! (onça sai) Pode se mexer, Pitomba, ela já foi embora! (Papagaio e coelho se movimentam).

COELHO — Meninos, que susto! Que onça mais teimosa, não queria acreditar em vocês, não foi mesmo?

PAPAGAIO — Você nos deu um trabalho!

COELHO É, mas o susto que eu levei não foi pequeno. Bem, deixem eu encher o meu baldinho!

PAPAGAIO — Depressa, coelhinho!

ONÇA (Voz de dentro) — Vocês me enganaram, seus moleques! (pânico. O coelho, sem saber o que fazer, mete o balde na cabeça e se agacha atrás do poço, protegido pelo urso que tapa a visão da onça) (entra a onça).

URSO (Ao vê-la, fingindo) — Olá, dona oncinha!...

PAPAGAIO (Idem) — Há quanto tempo!...

URSO — Já estávamos morrendo de saudades!...

ONÇA (Estranhando) — Eu ví vocês dois conversando com mais alguém!

URSO — Nós? Não é possível! Pode ver se tem mais alguém aqui!

ONÇA — Vou ver mesmo! (começa a procurar em volta do poço, enquanto o papagaio e o urso acompanham os seus movimen-

tos e o urso sempre tendo o coelho sob sua proteção. Quando estão voltando à posição inicial, o balde cai na frente do poço. Coelho continua escondido) É, não tem mais ninguém mesmo! (Vê o balde caído) Achei!!!

URSO E PAPAGAIO (Sem perceber que ela se refere ao balde) — Nossa!!!

ONÇA — Vocês, hein?!

URSO E PAPAGAIO — Nós, o que?!

ONÇA — Espertinhos! Sabiam que o meu balde estava aqui e não me disseram nada!

URSO E PAPAGAIO (Alívio — Ah.....

ONÇA (Parte em direção ao balde) — Vou correndo guardar o pobrezinho!

URSO (Temendo que ela veja o coelho, corta) — Não, não dona onça. A senhora está enganada! Esse balde é meu!

PAPAGAIO — É, sim, dona onça, eu sou testemunha!

ONÇA — Então, onde é que está o meu? Já o procurei por toda parte.

URSO — Vai ver, a senhora o esqueceu na floresta. (os dois fazem marcas em volta da onça tentando impedir que ela se aproxime do balde, que caiu perto do coelho).

PAPAGAIO — Ah! Agora me lembro!... Ontem, a senhora foi com êle na casa da dona girafa!

ONÇA — Mas êsse aí é igualzinho ao meu. Eu conheço pela alça Vou ver. (parte)

URSO (Cortando) — Dona onça! (ela pára) Que côr é a alça do seu?

ONÇA (Diz uma côr que não seja a do baldinho que está no chão) (anda mais em direção ao balde).

URSO — A dêsse aí é... (diz a côr verdadeira) (ela pára).

ONÇA (Empurrando o urso) — Deixa eu ver, sáia da frente! (pega o balde rápido e conclui) É, a alça dêste é de outra côr! (entrega o balde ao urso que o recoloca no chão) (onça toma cena, de costas para os dois, falando distraída) Mas que coisa gozada, é tão parecido! (aos dois, sem os olhar) De quem é mesmo êsse balde?

COELHO (Grita de trás do poço) (disfarça a voz) — Meu!

ONÇA (Volta-se furiosa) — Quem falou?

OS DOIS — Ninguém, dona onça!

ONÇA — Vocês estão zombando de mim? Quem falou?

URSO — Mas quem está zombando da senhora? Ninguém falou.

ONÇA — Bem, por esta vez passa. (Vai saindo pela platéia).

COELHO (Põe a cabeça acima do poço e grita com voz disfarçada) — Dona onça malhada! (esconde de novo) (os dois fazem "psiu")

ONÇA (*Volta furiosa*) (aos dois) -- Quem me chamou de onça malhada? Eu detesto apelidos!

URSO (*Riso amarelo*) — E a senhora não é uma onça malhada?!

ONÇA — Não senhor, seu bólo-fôfo! (dá-lhe uma palmada na barriga) Eu sou uma onça pintada! Há muita diferença!... (desfila vaidosa)

URSO E PAPAGAIO (*Aproveitam que ela conversou e gritam batendo palmas*) — Muito bem! Já ganhou! Rainha da Floresta!

ONÇA (*Grita furiosa*) — Não disfarcem, não! Eu quero saber quem me chamou de onça malhada?!

URSO — Ninguém, dona onça. Puxa, como a senhora é desconfiada!

PAPAGAIO — É sim, dona onça, e eu acho que a senhora está ficando maluca!

ONÇA — O que, seu atrevido?!... (*Corre atrás do papagaio, em círculos. O urso por sua vez, corre atrás da onça gritando "perdôa êle, dona onça" — falas livres. Tudo em volta do poço. O coelho, para não ficar à descoberto, corre atrás do urso, meio agachado. Quando completam a primeira volta em torno do poço, o coelho consegue dar uma palmada na onça. Ela pensa que foi o urso. Se volta e muda a direção da corrida. Desta vez o coelho se agarra nas costas do urso e êle e obrigado a correr de costas. Em dado momento, o papagaio e o urso descem para a platéia. O coelho consegue se escond*

der de nôvo atrás do poço. A onça prefere descer também, agora perseguindo sempre o urso. O coelho, ao se ver sôzinho sai do esconderijo e fica torcendo do meio do palco. Grita pelo urso e pelo papagaio para que voltem. Coelho ajuda papagaio a subir. Urso não consegue subir e cai. A onça sempre perseguindo os dois. Forma-se a mator confusão no palco. Por força da "marca", há um momento em que o coelho e a onça se encontram cara à cara.

ONÇA (*Ao deparar com o coelho, dramática*) — Coelhozinho Pitomba!!!

COELHO (*Idem*) — Dona onça Matilda! (onça avança. O coelho dribla onça em volta do poço. Fazem êsse jôgo enquanto funcionar. De repente, o coelho tropeça e a onça finalmente consegue agarrá-lo)

ONÇA — Peguei!!! (*canta enquanto amarra o coelho no poço*)

O coelho é esperto —

Mas eu sou muito mais. (bis)

Samba, samba, samba, coelhozinho

Na panela da Matildinha!... (bis) música de samba lélé) (apanha rápido um caderninho com lápis) Bem, vejamos agora uma receita de guisado de coelho! (anotando) Um caldeirão bem cheio de água fervendo...

COELHO — Água fervendo não, dona onça. Água morna é melhor! (urso e papagaio estão planejando alguma coisa. Marcas).

ONÇA — Não me interrompa!



Cena de O
COELHINHO
PITOMBA, de Milton
Luiz, vendo-se Walney
Vianna, Antonio
Miranda, Cordelia
Santos e o próprio
autor.

COELHO — Então põe água gelada! Assim, eu bebo a água!

ONÇA (Continua) — Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO — Pimenta não, dona onça, me dá alergia...

ONÇA — E daí?

COELHO — Eu vou ficar espirrando dentro da panela!

ONÇA — Eu tampo a panela!

COELHO — Eu viro "pipoca"!

ONÇA — Cale-se! (continua) Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO (Espirra forte) — Atchim!!!

URSO E PAPAGAIO — Saúde!

COELHO — Obrigado!

ONÇA (Conclusiva) — ... três comprimidos contra espirro! (continua) Sete colheres de sal grosso...

COELHO — Sal grosso? Por que a senhora não põe açúcar? Eu gosto mais de açúcar!

ONÇA (Distraída) — Ah, é! Eu também gosto mais de açúcar!... (tom) (caiem si) Não me confunda, açúcar é para sobremesa!

(continua) Duas xícaras de vinagre, alho, pimentão, tomate, salsa... (pensa) Acho que é só!

URSO (Que já chegou a um acôrdo com o papagaio) — Dona onça, a senhora esqueceu a cebola!

ONÇA (Vai ao urso que está longe do local onde está o coelho) — Ah, é mesmo! Quatro cebolas grandes... em rodela ou picadinhas?... (enquanto isso, o papagaio vai de mansinho e desamarra o coelho e volta para o seu lugar)

URSO (Continuando) — Azeitonas... (Olha prá ver se o coelho já fugiu).

ONÇA (Anota) — Quatro latas de azeitonas...

URSO (Vê que o coelho já foi desamarado) — Agora já está bom, dona onça!

ONÇA — Ótimo! Vamos ao guisado! (vira-se).

COELHO (À porta de sua casa) — Dona onça Matilda, uh! uh! (joge).

ONÇA (Parte na direção do coelho, mas o urso e o papagaio lhe barram o caminho. Onça sai furiosa para sua casa).

PANO RÁPIDO

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Mesmo cenário. Abre-se o pano. O papagaio está em cena, dormindo ao lado do poço. Ronca alto e se mexe como quem está tendo um pesadelo.

URSO (Entra tristonho e cabisbaixo. Vê o papagaio) — Otavinho! Otavinho, acorde Otavinho!

PAPAGAIO (Fala dormindo) — Não, não, seu lobo, a corda, não!

URSO (Sacode o papagaio) — Acorde, Otavinho! Acorde!

PAPAGAIO (Sobressaltado) — Ai, que susto! Que pesadelo horrível!

URSO — Você já pensou, Otavinho?!... Ninguém vai resistir!... Três meses é muito tempo.

PAPAGAIO — É sim. O Coelhinho Pitomba nem ligou! Disse que sabia como resolver o problema! É o que ele pensa!

ONÇA (Aparece feliz, cantarolando. Traz dois pedaços de táboas, martelinho, pregos, veste um avental com bolsos) (finge que não vê os dois) (cantarola) Oh, que dia tão feliz! Trá-lá-lá-lá-lá-lá! Trá-lá-lá-lá-lá!... etc. (aos dois, como se os visse agora) Olá, queridinhos, que lindo dia, não é? (canta baixo).

URSO — É, mas isso agora não importa. Estamos muito preocupados.

ONÇA — Preocupados com o quê, meus amorzinhos?

PAPAGAIO — Então, a senhora ainda não sabe?

ONÇA — O que é que eu ainda não sei?

URSO — Da seca, da seca, dona onça. O professor Coruja disse que durante três meses não vai chover nadinha. E todos os rios vão secar.

ONÇA — É verdade? Ora, não faz mal.

PAPAGAIO — Não faz mal?! E onde nós vamos beber água?

ONÇA — Vocês, não sei. Quanto à mim, sou a única na floresta que tenho poço em casa. E ele é bem grande e bem fundo! Com licença, tenho muito o que fazer. (Começa a pregar as táboas na boca do poço)

URSO — Prá que essas táboas, dona onça?

ONÇA — Porque de hoje em diante, ninguém mais vai apanhar água no poço da onça Matilda & Bem, com licença, preciso trabalhar. (Cantarola alto. Os dois saem cabisbaixos).

ONÇA (Continua fazendo cena. Para sú-

Novembro-Dezembro, 1970

REPRESENTAÇÃO DA
S B A T
AMAZONAS

bito. Pensativa) — Esperem!... Mas que estúpida que eu sou!... Se proibir de apanharem água no meu poço, jamais conseguirei executar o meu plano: pegar o Coelhozinho Pitomba! Lógico! Os rios já estão quase sem água e eu sou a única pessoa na floresta que tem um poço... *(pausa)* Mas esperem... Ah, é isso mesmo! Onça Matilda, você é formidável!... *(chama musical)* Meus amiguinhos, onde estão vocês?!... Ricardão! Otavinho!... Venham aqui um instante!... Tenho uma grande notícia para todos!...

URSO *(Entrando com o papagaio)* — A senhora chamou a gente?

ONÇA — Chamei sim.

PAPAGAIO — O que é que a senhora quer?

ONÇA — Sabem? Estive pensando bem: se vocês não tiverem onde beber água, naturalmente irão embora para outra floresta.

OS DOIS — Claro!

ONÇA — Pois é. Então, o que me adianta ter um poço tão grande, tão fundo, e só para mim?!

URSO — Mas a senhora disse que ninguém...

ONÇA — Eu disse, mas agora não digo mais. *(Tirando as táboas)* Estão vendo? Vou fazer uma boa fogueira com essas táboas. O poço da Onça Matilda agora é de todo mundo!

URSO — Que bom! Otavinho, vamos apanhar nossos baldes. *(saem correndo)*.

ONÇA *(Cantarola misteriosa, fazendo caras)* *(os dois voltam com os baldes. A onça ajuda os dois. Vão saindo)* — E, por favor, digam ao Pitomba que venha apanhar água também. Não precisa ter medo.

URSO — Está bem, dona onça. Nós diremos sim. E muito obrigados.

PAPAGAIO — Nós vamos agora na casa do Pitomba prá avisar a êle. Até logo, dona onça. *(Os dois entram na casa do coelho. O urso tem dificuldades porque é gordo. Balança, mas entra)*.

ONÇA *(Só)* — E agora... uma surpresa para o nosso coelho! Esperem só! *(sai)* *(aparecem o urso, o papagaio e o coelho)*.

URSO *(Vem puxando o coelho que está com medo)* — Pode vir, Pitomba. Não tem ninguém.

COELHO — Eu ainda não estou convencido. Conheço bem a dona onça.

URSO — Olha só como ela até retirou as táboas que estavam tampando o pocinho!

COELHO *(Observa)* — Ah, é verdade! Será que ela mudou mesmo?

URSO — Nem tenha dúvidas! Sabe por que? A dona onça ficou com medo de nós

todos irmos embora e ela ficar sôzinha aqui na floresta!

PAPAGAIO — Ela agora está tão boazinha, que até nos ajudou a encher os nossos baldes.

COELHO — Então ela mudou mesmo!...

URSO — Estamos dizendo!

COELHO — Parece mentira... *(Onça aparece, vê os três e se esconde)*.

URSO — Eu e Otavinho vamos contar prá todo mundo a boa nova. Assim, ninguém precisa ficar com medo da sêca.

COELHO — Isso mesmo. Assim que eu encher o meu balde, vou encontrar com vocês. *(Os dois saem em direção à floresta e o coelho prá sua casa)*.

ONÇA *(Aparece. Cantarola e dá pulinhos de alegria)* — Ah, enfim o grande momento! Mãos à obra! *(Tira do bolso duas enormes cenouras e um longo fio de Nylon envôlto em fôlhas. Amarra as cenouras numa ponta, présas a um ganchinho de arame, segura na outra ponta e vai correndo se esconder em sua casa, ao ouvir um ruído qualquer vindo da casa do coelho. Antes colocou a ponta com as cenouras no meio da praça, perto do pocinho)*.

COELHO *(Entra feliz trazendo o baldinho)* — Ainda bem que a dona onça resolveu ficar boazinha. Tenho certeza que assim ela vai conseguir arranjar muitos amiguinhos. O pessoal da floresta nem vai acreditar. *(Vai encher o balde e depara com as cenouras)* Ora, vejamos só que lindas cenouras! *(Vai abaixar, recua para o outro lado)* Será que não pertencem à alguém? *(Nesse momento, do seu esconderijo, a onça dá um puxão no fio sem que o coelho veja)* Mas quem deixaria duas cenouras tão lindas aqui no meio da praça?! Ninguém, é claro. *(Mesmo jogo)* Bem, se o dono aparecer de repente, eu devolvo as cenouras, não é mesmo? *(Onça dá mais um puxão)* Ah, elas estão com fôlha e tudo. Devem ter nascido aqui por engano! *(Mesmo jogo. Onça idem)* Esperem, será que tem alguém olhando?

COELHO *(Olha em volta)* — Não, ninguém! *(Vai decidido apanhar as cenouras)* *(nisso, a onça se atrapalha nos seus movimentos e continua puxando lentamente o fio, crente que o coelho não está vendo. Coelho observa espantado)* — Ué, a cenoura está andando sôzinha?! Será que é cenoura mágica?!... *(Onça pára de puxar)* *(Reação da platéia: "é a dona onça! é a dona onça!")* Coelho faz mimica de quem percebeu que as cenouras mudaram de lugar e conclui que é mais um truque da onça. *Gesto de silêncio prá criança: Fazendo caras de suspense,*

retira as cenouras do ganchinho e sai pé ante pé prá sua casa).

ONÇA (Alheia ao que se passou, dá mais um puxão. Outro percebe o silêncio. Puxa com força e surge em cena ao mesmo tempo que deu o puxão para abocanhar o coelho que ela supõe estar tentando apanhar as cenouras. Constata que as cenouras desapareceram. Sapateia furiosa) — Esse coelho me paga!!! (Sai bufando prá casa).

URSO (Com o papagaio, voltando do passeio) — Você viu, Otavinho? A dona Girafa ficou tão contente com a notícia que até resolveu fazer um vestido novo, só prá vir apanhar água no poço da dona onça.

PAPAGAIO — É, mas só à muito custo que a lebre Vandéca acreditou na história!

URSO — Ora, porque ela é prima do Pitomba! (Entra a onça bufando e trazendo uma enorme espingarda).

ONÇA (Aos dois) — Saíam da frente, não quero ver ninguém! Estou de mau humor! (Coloca-se em guarda na frente do poço).

URSO — Ué, que foi que houve, dona onça?

ONÇA (Furiosa) — Já disse que estou de mau humor!

PAPAGAIO — Estamos vendo...

URSO — E prá que essa espingarda?

ONÇA — Prá que? Ah, foi bom (Dá com a espingarda na cabeça do urso) você perguntar!

PAPAGAIO — Calma, dona onça.

ONÇA — Essa espingarda é o meu primeiro aviso!

URSO — Aviso de que? (O coelho aparece, sem ser visto, e se esconde para ouvir)

ONÇA — Aviso de que ninguém mais vai apanhar água no meu poço! Quem aparecer leva chumbo!... (Coelho sai).

PAPAGAIO — Mas a senhora tinha dito...

ONÇA — Tinha dito, mas agora não estou dizendo mais!

URSO — E qual vai ser o segundo aviso?

ONÇA (Urrando) — Um canhão!!!

PAPAGAIO — Por favor, Ricardão, não pergunta qual vai ser o terceiro.

URSO (Saindo com o papagaio) — E agora, o que vai ser de nós?

ONÇA (Só. Triunfante) — Agora o Pitomba vai ver! Vou me vingar de tudo! De tudo! (Ouve-se, fora de cena, um cantarolar estranho. A onça fica a postos) Que será isso? Que voz mais esquisita? (Ouve) Não consigo reconhecer essa voz... De quem será?

COELHO (Entra "vestido" de árvore. Roupão de morim ou lúizine marron escuro,

cortado inteiro da cabeça aos pés. Mangas compridas. Buracos para saírem as orelhas, os olhos e a boca. Fôlhas verdes (pencas de samambáia funcionam) costuradas na cabeça, nos braços e até a metade do tronco. Traz o balde meio encoberto de fôlhas. Solfeja com a voz estranhíssima. Vai direto ao poço. A roupa de árvore encobre totalmente o coelho, ficando apenas as orelhas de fora) (coelho entra fingindo que não vê a onça. Canta com a música de "Eu fui no toró", dansa espalhafatosamente forçando a onça a correr pelo palco).

Eu venho da floresta

Estou cansada de andar

Procuro um pocinho

Prá minha sede matar

Onde é que tem?

Onde é que tem?

Um pouquinho d'água

Prá mim dar meu bem!

Ah, eu estou tão cansadinha, estou andando há três dias e três noites procurando um pocinho e nada de encontrar. (Repete o fim da música) Acho que vou me sentar um pouquinho prá descansar... (Com meneios de velha, senta-se junto ao público).

ONÇA — Ei, quem é você?

COELHO (Vem à ela) — Eu sou uma pobre árvore cheia de sede.

ONÇA — Árvore?! Eu nunca vi árvore andar e falar.

COELHO — A senhora desculpe a falta de modéstia, mas é que eu sou uma árvore muito inteligente.

ONÇA — Ah, é? Meus parabéns! Com licença, estou muito ocupada.

COELHO — Acho melhor eu ir embora. Já perdi a esperança de encontrar um poço nesta floresta. (Finge que só agora vê o poço da onça) Oh, um poço! Oh, um poço! Que sorte! Um poço bem perto de mim e eu nem tinha visto! Será que não é uma miragem?

ONÇA — Não, é o meu poço!

COELHO — Com licença, minha gentil senhora, posso encher o meu balde? (Avança, pegando a cordinha com a lata).

ONÇA (Dá com a espingarda) — Alto lá! Ninguém, nem mesmo uma árvore, pode apanhar água no poço da onça Matilda!

COELHO — Não! A senhora se chama Matilda? Que lindo nome! (Estende a mão) Muito prazer, dona Matilda.

ONÇA (Aponta a espingarda) — Não quero intimidades!

COELHO — Desculpe a pergunta, mas por que é que a senhora está tão zangada?

ONÇA — Zangada? Eu estou mais do zangada!

COELHO — Talvez eu possa ajudar... Quer que eu segure a espingarda para a senhora?

ONÇA — Nada disso! Afaste-se!

COELHO — Mas a senhora está zangada com quem?

ONÇA — Com todo mundo! Principalmente com esse pestinha do Pitomba.

COELHO (*Disfarça*) — Pitomba- Que nome gozado! Não conheço ninguém com esse nome. Quem é Pitomba?

ONÇA — É um coelho que vive me fazendo de bôba, mas hoje eu vou acabar com a farra dele!

COELHO — Dona Matilda, eu tive uma idéia: eu fico aqui tomando conta do seu poço, enquanto issa, a senhora vai procurar esse tal de Pitomba e se vingá de tudo. Em troca, a senhora deixa eu apanhar água. Que tal?

ONÇA — Nada feito. Eu mesma quero ficar vigiando o meu poço.

COELHO — Mas a senhora vai ficar muito cansada.

ONÇA — Não faz mal. (*Intrigada*) Mas por que é que a senhora está tão interessada em me ajudar?

COELHO — É porque eu não posso voltar prá casa sem levar água para as outras árvores. E a senhora sabe o que vai acontecer se nós, as árvores, não tivermos água para beber?

ONÇA — Sei, sim. Vocês vão ficar com mais sede ainda.

COELHO — Não é só isso. Nós vamos ficar tão fraquinhas que nem vamos poder produzir frutas gostosas prá alimentar os bichos da floresta.

ONÇA — Não vai ter mais fruta nenhuma?

COELHO — Nenhuma!

ONÇA — Nem jabuticabas?

COELHO — Nem jabuticabas, nem melancias!

ONÇA — Que pena, eu sou louca por jabuticabas.

COELHO — Pois é, até as jabuticabeiras vão secar se não tiverem água prá beber! (*Onça vai ficando preocupada*) E ainda tem mais: as nossas fôlhas vão cair todinhas, uma por uma. E aí, quando a senhora estiver debaixo do sol, suando de calor, bufando com a língua de fóra, nós não vamos poder fazer nem uma sombrinha prá proteger a senhora.

ONÇA (*Mais preocupada*) — Ih, é tão bom comer jabuticabas... debaixo de uma sombra bem grande, então, nem se fala. Puxa, eu nem tinha pensado nisso. Água faz

mesmo muita falta, não é? Então está bem, dona árvore, a senhora venceu! Pode vir apanhar água todos os dias. Mas só a senhora, está bem? E não conte a ninguém, ouviu?

COELHO — Pode confiar em mim, dona Matilda! (*Enche o balde*).

ONÇA E se a senhora quiser, pode trazer umas jabuticabas prá mim...

COELHO — Umãs não, amanhã a senhora vai ganhar uma cesta cheia de jabuticabas bem fresquinhas.

ONÇA — A senhora é muito bondosa!

COELHO (*Saindo*) — Até amanhã, dona onça, muito obrigadinha.

ONÇA (*Dando "Adeusinhos"*) — Não se esqueça das jabuticabas! (*Coelho saiu. Ouve-se fortes ruídos na cochia*) (*Grito prá dentro*) Cuidado prá senhora não cair!?

COELHO (*De dentro*) — Agora é tarde, querida, já me esborrachei tôda!

ONÇA (*Ri. À platéia*) — É sempre bom a gente ter uma árvore por perto nos dias de calor. E aquela foi muito gentil... (*Pausa. Sorri*) Agora estou me lembrando... (*Começa a rir*)... ela tinha umas orelhas tão engraçadas... (*Ri mais*) (*pára espantada*) Eu disse orelhas? (*Frisa*) Eu disse orelhas?!... (*Desesperada*) Não!!! Era o coelhinho Pitomba! (*Chora. Nesse momento, aparecem o urso e o papagaio que se escondem prá observar a cena*) (*a onça fala lenta e tristemente*) Matilda, minha pobrezinha, tenho a impressão de que você vai passar a vida inteira perseguindo o coelhinho Pitomba! (*Outro tom*) É mesmo? (*Tom*) Claro! E nunca, nunquinha, você vai conseguir fazer aquele tão sonhado guisado! Buáááá... Buáááá (*Sai chorando*) (*o urso e o papagaio tomam a cena*).

URSO — Você ouviu isso?

PAPAGAIO — Claro que ouvi, não sou surdo. (*Chôro do coelhinho na coxia. Os dois se escondem*).

COELHO (*Entrando*) — Coelhinho Pitomba, você é muito esperto! Mas no fundo, no fundo, é um bobão muito grande! (*Outro tom*) E você é um atrevido muito grande! (*Tom*) Atrevido, eu? Mas eu sou você! Viu como você é bobão? (*Tom*) Então eu sou mesmo bobão!... (*Tom*) Coelhinho Pitomba, você acha que é divertido não fazer outra coisa a não ser viver fugindo e fugindo da onça Matilda? (*Tom*) Eu não acho divertido, não, mas se eu não fugir da dona onça, eu viro guisado! (*Pensa*) Ah, tive uma idéia!... Vou me mudar prá uma floresta bem longe daqui, convido os meus dois amiguinhos, aí fico livre da dona onça por tôda a vida! Vou arrumar minha malinha!... (*Sai*).

URSO (*Volta com o papagaio*) — Você ouviu isso, também?

URSO — E agora?

PAPAGAIO — E agora? Você se lembra quando eu disse uma vez que nós dois podíamos fazer um negócio muito bom?

URSO — Deixa eu pensar. (*Pausa*) Ah, me lembro sim! Você disse que a dona onça e o coelhuho deviam ser amigos!

PAPAGAIO — Isso mesmo! Você notou os dois estão preocupados?

URSO — É claro que notei! (*Doutoral*) Otavinho, você é um gênio! Vamos acabar com a briga dos dois! (*À platéia*) Querem ver? Vocês querem que eles dois fiquem amiguinhos?! (*Espera resposta*) Atenção! (*Chamando*) Dona onça Matilda?!

ONÇA (*De dentro*) — Quem ousa interromper a minha tristeza?

URSO — Venha cá um instantinho... por favor...

ONÇA (*Entra, chorosa*) — Eu não quero viver a vida inteira perseguindo o Coelhinho Pitomba! (*Chora mais*).

URSO — Calma, dona onça, não precisa chorar tanto. Nós já resolvemos tudo!

ONÇA — Resolveram tudo, como?

URSO — Que tal a senhora e o coelhinho se tornarem bons amiguinhos?!

ONÇA — Eu, amiga do coelhinho? E o meu guisado?

URSO — Ora, dona onça, existe uma porção de guisados muito gostosos, sem ser de coelho! Escuta: todo mundo sabe que guisado de cenoura com carne seca é o melhor quitute que existe.

PAPAGAIO — É sim, dona onça, eu já provei. É tão gostoso!

ONÇA — É mesmo?

PAPAGAIO — Depois nós damos a receita para a senhora.

ONÇA — Então eu vou experimentar! (*Tristonha*) Mas como é que o Coelhinho vai acreditar que eu quero ser amiguinha dele?

URSO — Deixe por nossa conta. Fique escondida atrás do poço. (*Onça obedece*).

PAPAGAIO — Posso chamar o coelhinho?

URSO — Pode, pode.

PAPAGAIO (*À platéia*) — Então, todos nós vamos chamar o coelhinho Pitomba! Já! (*Dando ritmo à criançada*) Coelhinho Pitomba! Coelhinho Pitomba! Etc. (*Forma-se enorme gritaria*).

COELHO (*Pula em cena*) — Que gritaria é essa na minha porta?

PAPAGAIO — Nós queremos brincar com você.

COELHO — Nossa! Pensei que fôsse um terremoto!... (*Outro tom*) Como é que vo-

ces podem pensar em brincar, quando eu, pobre de mim! — só tenho que viver fugindo e fugindo da onça Matilda. (*Chora*).

URSO — Ora, Pitomba, não chore mais. Se você quiser, não precisa mais fugir da dona onça, e vamos brincar todos juntos!

COELHO — Você é muito gozado, Ricardão. Como é que nós vamos brincar todos juntos, se a dona onça não descansa enquanto não comer um guisado do coelho Pitomba?!

PAPAGAIO — Seu bôbo, ela está louca prá ser sua amiguinha!

COELHO — Dona onça quer ser minha amiguinha?

URSO — É, sim. Quer que eu te dê uma prova?

COELHO — Que prova?

URSO — Eu vou chamar a dona onça, preste atenção.

COELHO — Vai chamar a dona onça? Então, deixe eu me esconder atrás de você? (*Esconde-se atrás do urso*).

URSO — Atenção! (*Chama*) Dona onça Matilda! Qual é o prato que a senhora gosta mais?

ONÇA (*De trás do poço*) — Guisado de cenoura com carne seca!

COELHO — Será que eu ouvi direito?

ONÇA (*Idem*) — Ouviu sim!

PAPAGAIO — Então, Pitomba, podemos trazer a dona onça?

COELHO — Não sei, não. (*Pergunta à platéia*) Que é que vocês acham? Eu e a dona onça devemos ser amiguinhos? Vocês acham que sim? Então, está bem podem trazer a dona onça.

PAPAGAIO — Dona onça, pode vir! (*A onça vem fazendo "charme". Pisca-pisca para o coelho. Ele responde igual*).

COELHO — Hum, ela está tão esquisita!

ONÇA — Seu Coelhinho Pitomba! Uh!... Uh!... (*Faz um trejeito de bailarina*).

COELHO — Eu acho que ela vai dançar ballet!

PAPAGAIO (*Corrigindo*) — Não, coelhinho, ela está de botas!

COELHO — É mesmo. Faz a pôse de nôvo, dona onça.

ONÇA — Seu coelhinho Pitomba! Uh!... Uh!... (*Exagera os trejeitos*).

COELHO — Ah, é yê-yê-yê! (*Faz passos de dança, galanteador*) Dona onça Matilda, uh!... uh!... (*Ela aproxima, os dois dão as mãos e falam ao mesmo tempo*:)

ONÇA E COELHO — Vamos ser amiguinhos?

URSO (*Tomando cena*) — E assim termina!

PAPAGAIO (*Idem*) — A história engraçada!

ONÇA (*Aponta o coelho*) — Do coelhinho Pitomba!

COELHO (*Aponta a onça*) — E da oncinha pintada! (*Os personagens dão as mãos e se inclinam em agradecimento*). Um momento! Dona oncinha, que tal se nós todos cantássemos a musiquinha do Coelhinho Pitomba? (*Todos pulam e batem palmas*).

ONÇA — Que bom! Que bom! (*Reflete*) Mas acontece que eu não sei a letra nem a música!

COELHO — Não tem importância. Nós cantamos uma vez sôzinhos, depois a senhora acompanha a gente, está bem?

ONÇA — Ótimo! Podem começar. Vou prestar atenção.

COELHO (*Canta com o urso e o papagaio a música do coelhinho*) — E então, dona onça,

já aprendeu?

ONÇA — Já, Escute só. (*Canta sôzinha os dois primeiros versos em seguida, todos cantam, com ritmo de palmas*) (*No momento em que a letra é: "Como é o meu nome? Coelhinho Pitomba! Como é que eu me chamo? Coelhinho Pitomba!" A onça se destaca do grupo e sapateia enfurecida no procênio*)

OS OUTROS (*Ficam assustados e se afastam*)

ONÇA (*Autoritária*) — Que negócio é êsse?!

COELHO (*Sem compreender*) — Que foi que houve, dona onça?

ONÇA (*Explicativa*) — Como é que eu me chamo?

TODOS — Ah, é! *Fazem reverência em volta da dona onça* Dona onça Matilda! (*Saem de cena de mão dadas cantando a música do prólogo*).

FIM DA PEÇA



Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo fôr, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS NO AMAZONAS

Proc. nº 006/82

RELATÓRIO DE EXAME DE ENSAIO-GERAL Nº 004/82

Título: "O COELHINHO PITOMBA"
Autor: Milton Luiz
Grupo: Grupo de Teatro da Sharp
Classificação: LIVRE

Aos nove de maio de 1982, no Teatro Amazonas, procedemos ao exame de ensaio geral do texto teatral acima epigrafado, apresentado por ocasião da "IV MOSTRA DE TEATRO INFANTIL" pelo grupo acima mencionado.

O texto foi obedecido integralmente

O cenário, música, iluminação e comportamento dos atores em cena seguem a orientação do texto.

O figurino caracteriza animais da selva.

Escrita em linguagem clara e simples, bem ao nível da compreensão da criança, a peça narra a estória de uma onça, que via a perseguir um coelhinho a fim de devorá-lo. Não conseguindo o seu intento, resolve tornar-se sua amiga.

Não contendo quaisquer implicações, liberamos o espetáculo para a classificação livre prevista no Certificado de Censura nº 3889/76 expedido para o Grupo de Teatro BAMBI em 13.02.76.

Deixamos de expedir certificado de censura provisório para o Grupo de T. da Sharp, por se tratar de uma única apresentação.

Manaus, 10 de maio de 1982

João de M. de Souza
TC. mat. 2.415.793

TEATRO

TÍTULO "O COELHINHO PITOMBA"

AUTOR: MILTON LUIS

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça SCDP/SR/DPF/AM

Obs.: _____

DF. 24 / 05 / 82

Amara
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de P.T. para o qual os censores propõem a classificação etária de LIVRE

Brasília-DF, 24 de 05 de 1982

Em _____ de _____ de 1982

3) CHEFE DA S.C.T.C.

~~Emita-se~~ o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, sem corte, condicionada ao exame do ensaio

Obs.: Trate-se apenas de uma apresentação.

Brasília-DF, 26 de 05 de 1982

Belle D. Carvalho
2 415 791
Brasília-DF de _____ de 1982

Mas consta cert. provisório pois foi solicitado cert. definitivo apesar da obs. supra

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 31 / 05 / 1982

Solange M. T. Fernandes
Diretora da D.C.D.P.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 282

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3.889

PEÇA O COELHINHO PITOMBA

ORIGINAL DE MILTON LUIZ

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 28 de MAIO de 19 87

Brasília, 28 de MAIO de 19 82

Solange M. F. Hernandez

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretor da DCDP

LIVRE

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O COELHINHO PITOMBA

Original de MILTON LUIS

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de _____

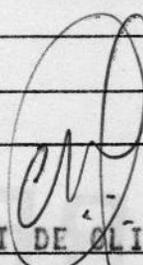
Requerida por WASHINGTON ALVES DA SILVA

MANAUS - AM

Tendo sido censurada em 26 de MAIO de 19 82 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 28 de MAIO de 19 82


NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0036, p. 284

01 junho 82

1.263/82-SB/DCDP

AM

"O COELHINHO PITOMBA", de Milton Luiz.

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandez

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS NO AMAZONAS

Proc. nº 006/82

RELATÓRIO DE EXAME DE ENSAIO-GERAL Nº 004/82

Título: "O COELHINHO PITOMBA"
Autor: Milton Luiz
Grupo: Grupo de Teatro da Sharp
Classificação: LIVRE

Aos nove de maio de 1982, no Teatro Amazonas, procedemos ao exame de ensaio geral do texto teatral acima epigrafado, apresentado por ocasião da "IV MOSTRA DE TEATRO INFANTIL" pelo grupo acima mencionado.

O texto foi obedecido integralmente

O cenário, música, iluminação e comportamento dos atores em cena seguem a orientação do texto.

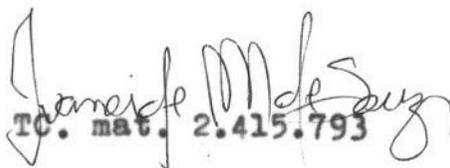
O figurino caracteriza animais da selva.

Escrita em linguagem clara e simples, bem ao nível da compreensão da criança, a peça narra a estória de uma onça, que via a perseguir um coelhinho a fim de devorá-lo. Não conseguindo o seu intento, resolve tornar-se sua amiga.

Não contendo quaisquer implicações, liberamos o espetáculo para a classificação livre prevista no Certificado de Censura nº 3889/76 expedido para o Grupo de Teatro BAMBI em 13.02.76.

Deixamos de expedir certificado de censura provisório para o Grupo de T. da Sharp, por se tratar de uma única apresentação.

Manaus, 10 de maio de 1982


TC. mat. 2.415.793



MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
COBIEB - 00495 - 08202

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendência Regional em Santa Catarina
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

12 JUL 1984 5065 00494
DCDP / BSB

OFÍCIO Nº 1682/84-SCDP/SR/SC

Florianópolis, 11 de julho de 1984

Senhora Diretora:

Encaminhamos a essa Divisão, para exame e expedição de certificado, a peça teatral "O COELHINHO PITOMBA", de autoria de Milton Luiz, para o que, segue anexa a documentação de praxe.

Respeitosamente,

MARIA DE LOURDES ALMEIDA

Chefe Subs. da SCDP/SR/SC

Ilma. Sra.

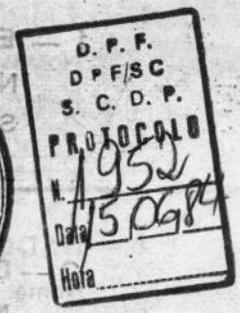
Dra. SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

DDa. Diretora da DCDP/DPF

BRASÍLIA - DF

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE



JOSÉ CARLOS RICARDO
Requerente

BRASILEIRO
Nacionalidade

PROFESSOR
Profissão

Carteira de Identidade 6º/R-1.214.102 Criciúma-SC
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à BELO HORIZONTE 181 BAIRRO BRASILIA

, vem,
muito respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com
as normas censórias vigentes, a(s) PEÇA TEATRAL abaixo
relacionada(s), de autoria de: MILTON LUIZ Espécie

O COELHINHO PITOMBA
Título(s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Criciúma 15 de Junho 1987
Local e Data

[Signature]
Requerente

Anexos:

1 — EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: EQUIPE ÁGUIA BRANCA CGC: 75 568 857/0001-01
Sede: BELO HORIZONTE 181 BAIRRO BRASILIA
CEP: -----
Diretor ou Responsável: EDNEI LEANDRO

2 — DADOS DO AUTOR

Nome: MILTON LUIZ
Pseudônimo: _____ Filiação: _____
Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
Estado Civil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____
CEP: _____

3 — PARCERIA

Nome: _____
Pseudônimo: _____ Filiação: _____
Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
Estado Civil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____
CEP: _____

Nome: _____
Pseudônimo: _____ Filiação: _____
Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
Estado Civil: _____
Profissão: _____
Endereço: _____
CEP: _____

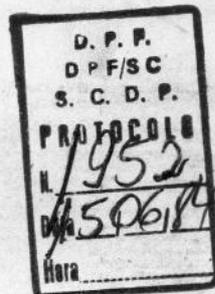
Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 12 de Junho de 1984

Ass. _____

*faute
jouant*O COELHINHO PITOMBA

Peça infantil de MILTON LUIZ

PERSONAGENS:Coelhinho Pitomba *COELHO*Dona Onça Matilda *ONÇA*Urso Ricardão *URSO*Papagaio Otavinho *COELHO*CENÁRIO ÚNICO: Trecho de floresta - *COELHO + CENÁRIO*

Cenário: Três entradas para a ~~boxia~~ floresta. Uma com detalhes da casa do Coelho, à esquerda. Outra com detalhes da casa da Onça, à direita. Ao centro, no fundo, fuga para o interior da floresta. No meio do palco, uma espécie de praça na floresta, vendo-se em primeiro plano, a boca de um poço, com telhadinho, roldana com lata para apanhar água, cordinha, etc. algumas árvores, plantas rasteiras.

PRÓLOGO

Ouve-se música de roda, em gravação, ou cantada ao vivo pelos atores, fora de cena. Pára de repente. Entram, o coelho, vindo de sua casa, o papagaio e o urso que surgem da fuga que dá para o interior da floresta. Cantam e dançam, fazendo ritmo com palmas. A música é à vontade do diretor.

COELHO - Eu gosto de couve
- De mim ninguém zomba-
Você que me ouve,
Me diga depressa:
Qual é o meu nome?
OS OUTROS- Coelhinho Pitomba?
COELHO - Como é que eu me chamo?
OS OUTROS- Coelhinho Pitomba!
COELHO - Sou muito esperto,
Da onça eu fujo,
Quando ela aparece,
Não fico por perto.
Qual é o meu nome?
OS OUTROS- Coelhinho Pitomba!
COELHO - Os dois amiguinhos,
Que trago comigo,
Se a onça aproxima,
Me dizem depressa:

URSO - Coelhinho sai dessa!
PAPAGAIO - Lá vem o perigo!
COELHO - Qual é o meu nome?
OS OUTROS- Coelhinho Pitomba!
COELHO - Como é que eu me chamo?
OS OUTROS- Coelhinho Pitomba!
(A platéia cumprimentando)
COELHO - Alô criançada! Como é mesmo o meu nome? (Espera resposta) (Urso começa a chupar pirulito colorido e o papagaio descasca uma banana) Pois é, o meu nome é Coelhinho Pitomba. Muito prazer em conhecer vocês todos. Sabem de uma coisa? Eu nasci aqui nes



- ta pracinha da floresta. COELHO - Vocês ouviram esse urro?..
Aqui eu almoço, janto vou Cruzes! E a dona Onça "atilda!
à escola, porque eu sou (outro urro)-Ela hoje
muito estudioso também, está mais furiosa do que -
brinco com dois amiguinhos nunca, tenho que fugir!(Ou
que eu tenho e...(Reflete) tro urro)- Até logo, meus a
Puca vida! Vocês viram co miguinhos!(sai correndo e
mo eu sou avoado? Cantei, entra em casa.Urso e Papa
dansei, pulei, disse um gaio ficam em cena e se es
montão de vezes o meu nó gueiram num canto do palco)
me, falei dos meus amigui ONÇA - (Sai de sua casa.Entra pu
nhos e me esqueci de apre lando e cantando)-(Furiosa)
sentá-los à vocês. Me des -Quem viu? Quem viu?Quem
culpem, está bem? Então, va viu?
mos começar. (Indica o Ur Um coelhinho que é uma bom
so)-Este gordão muito gu ba! (bis)
loso que está chupando um Um coelhinho chamado Pitom
pirulito, é o meu bom ami *ba?!go o Urso Ricardão. URSO - Pitomba?
PAPAGAIO-Coelhinho?
URSO - (Cantando e dançando) ONÇA -(urra)- Quem viu?
Sou gordinho e durmo de OS DOIS -(Com medo)- Pitomba...Coe
mais, lhinho...?
Mais no fundo, sou um bom ONÇA - (Urta)- Sem, quem viu?
rapaz! (bis) OS DOIS (Saindo)- Não não...vimos!
COELHO -(Indica o Papagaio)- E és (saem correndo)
te, é o bom Otavinho, o a ONÇA - (só. Enérgica)- Não impor
miguinho do papagaio. ta! Eu hei de encontrar o
PAPAGAIO -(idem)- Gosto de cantar e levado! E quando isso acon
de falar também. tecer...(mímica)...nhéco!.
não troco o meu puleiro, Ah, que delícia! Vou trans
nem por um vintém!(bis) formá-lo em guisado! (parte
COELHO - (à platéia)- Vocês gosta em direção à sua casa)
ram dos meus amiguinhos?! (pano rápido ou escuro)
Muito bem, agora nós vamos
brincar de roda com todos
você, que tal? Vamos can
tar "Atirei o pau no gato";
está bem?(Começam a cantar
em volta do pogo)(Quando
vão repetir a música, a On
ça urra ao fundo, de dentro
da sua casa)(Pânico)

Fim do Prólogo



PRIMEIRO ATO

(Abre-se o pano. A cena fica vazia por uns segundos. Aparece o urso pé ante pé, examina tudo com quem procura algo. Um tempo. Chama o papagaio.

URSO - Otavinho! Otavinho, pode vir, a dona onça já foi embora!

PAPAGAIO- (de dentro)- Tem certeza, Ricardão? Procura mais um pouquinho tá? Depois eu vou.

URSO- (grita para dentro)- Está bem. eu vou procurar mais. (procura / atrás do poço) Atraz do poço não está! (Olha cômicamente dentro da latinha. Bate várias vezes no fundo da mesma) Dentro da lata também não está! (gritando) Pode vir, Otavinho, ela foi embora sim.

PAPAGAIO- (Entra olhando em redor)- Ué, cadê p Pitomba?

URSO- Sei lá. Ele saiu na disparada assim que a dona onça chegou. Você/ sabe, o maior sonho da dona onça é fazer um guisado do Pitomba!

PAPAGAIO- Pois é, você não acha isso uma bobagem?

URSO- Eu acho. Mas você sabe como ela é teimosa.

PAPAGAIO- Agora, uma coisa eu também sei: o coelhinho é muito mais esperto do que ela.

URSO- É por isso que a dona onça fica cada dia mais furiosa.

PAPAGAIO- Ainda bem que ela nunca cismou de fazer guisado da gente...

URSO- A implicância dela é como o Pitomba.

PAPAGAIO- Deve ser porque ela não consegue pegá-lo nunca.

URSO- É, você tem razão. A dona onça pensa que é inteligente, mas o coelhinho é muito mais.

PAPAGAIO- Se é! (riem às gargalhadas) Ricardão, que tal a gente dar uma corrida até o outro lado da floresta?...

URSO- Ótimo! Estou louco para fazer exercício! (faz movimentos exagerados à guisa de ginástica, contando: Um, dois, etc.)

PAPAGAIO- Ah, eu também quero brincar! Vamos pular carniça?

URSO- Ótimo! Vamos, sim, abaixe aí. (o papagaio se abaixa. O urso toma/ distância e faz a primeira tentativa prá pular o papagaio. Não consegue. Faz a segunda. Idem. Na terceira, os dois se esbarracham no chão. exaustos).

URSO- Puxa, como estou cansado! É melhor a gente dar um passeio pela floresta.

PAPAGAIO- Vamos convidar o Pitomba?

URSO- Vamos, sim. Vou bater na porta dele. (chamando e batendo palmas)

Coelhinho Pitomba! (silêncio) Coelhinho Pitomba! (silêncio) Acho que/ ele não está!



PAPAGAIO- (Tomando a frente)- Está sim. Duvido que ele saia de casa sem a gente.(vai chamar)- Coelhoinho Pitomba? Coelhoinho Pitomba?... (pausa)-Será que não está mesmo?!...(os dois ficam distraídos)

COELHO (Pula em cena, saindo de casa, gritando ao mesmo tempo)- Quem é que está me chamando?! (os dois se assustam)

OS OUTROS (Voltam-se. Depois do susto)- Nós, você não ouviu?

PAPAGAIO- Porque não respondeu?

COELHO (Tomando cena)- Vocês pensam que eu sou bôbo, é? Se a dona Onça estivesse por perto, ouvisse a minha voz e soubesse que eu estava em casa, pronto! Adeus sossêgo! Ela ia ficar me vigiando o tempo todo!

URSO - Ela foi embora. Não tem perigo!

PAPAGAIO- Coelhoinho, quer passear com a gente? Vamos dar uma corrida até o outro lado da floresta?...

COELHO- E se a dona Onça aparecer? Lá longe, no meio da floresta, é mais difícil eu fugir dela. Não vou, não.

URSO- Puxa vida, Pitomba, você nem parece nosso amigo. Nós não dissemos que ela foi embora?!

PAPAGAIO- Foi, sim. Olha aqui, eu juro! (Gesto de juramento)

URSO- Eu também juro.(gesto igual)

COELHO- Está bem, eu vou com vocês. Mas se ela aparecer, eu fico de mal por toda a vida.

OS OUTROS- Certo. Então vamos.

COELHO- Esperem um pouquinho. Vou aproveitar e encher o meu baldinho no poço da dona Onça, Assim, se ela aparecer de repente, eu tenho bastante água guardada. Vou buscar o baldinho.(sai)

PAPAGAIO (gritando prá dentro)-Não demore, sim, Pitomba?

URSO- Queremos passear bastante.

COELHO (De dentro)- Eu volto logo.Esperem um pouquinho.

PAPAGAIO (A sós com o urso)- Ricardão, quem sabe, um dia, a gente podia fazer uma coisa muito boa?

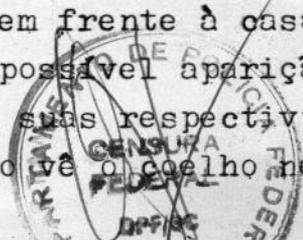
URSO- Que coisa muito boa? (pensa)- Ah, já sei.Comprar um montão de doces e comer todo!

PAPAGAIO-Não.

URSO- Ou então, 50 litros de mel bem docinho.Eu adoro mel!(mastiga em seco)

PAPAGAIO- Não é nada disso, seu guloso.(pausado e explicado)- Quem sabe se a gente podia fazer a dona onça e o coelhoinho ficarem bons amigos?!

URSO- Ah, duvido muito. Você sabe que...(interrompendo ao ouvir o urro da onça dentro de casa)(os dois se colocam de costas em frente à casa do coelho, tentando avisá-lo, com mímicas exageradas, da possível aparição da onça)(Ao mesmo tempo o coelho e a onça aparecem em suas respectivas portas. Os dois continuam o jogo da mímica. A onça não vê o coelho nem



ele a ela. O coelho, no entanto, é visto pela platéia)

COELHO (Entra rápido na casa)- Ah, esqueci o balde! (desaparece)

ONÇA (Que ficou em cena espantada, sem entender as gesticulações do urso e do papagaio)- Ah, vocês estão aí? (reparando mais)- Maiso que é isso? Nunca vi coisa mais estranha! Vocês enlouqueceram?!...

URSO (Gesticulando e tentando disfarçar)-Não é nada, dona oncinha.É que eu e o Otavinho estamos brincando de surdo-mudo!...(exagera mais nos gestos)

ONÇA - Surdo-mudo? Então como é que você está falando?

URSO (Gaguejando)- É que... é que... eu... eu... sou...sou o surdo.O Otavinho é que é o mudo... não é Otavinho?

PAPAGAIO (resmungando, imitando mudo)-Hum, hum, hum!

URSO (Rápido)- Viu? Viu?

ONÇA- Pois sim, vocês não me enganam. Tenho certeza de que estão escondendo alguma coisa. Ah, mas eu vou descobrir. Vou sim.(saída falsa)

COELHO (Sem ver a onça, nem os sinais dos dois, aparece na porta e grita)
-Pessoal!!! (dá com a onça que ainda não acabou de sair, esconde-se atrás do papagaio)

ONÇA (Volta-se furiosa dos dois, estranhando aquele grito)- Quem gritou?

-Eu ouvi alguém gritar!

URSO (Tremendo de medo)- A senhora está cismada, dona Oncinha.Ninguém gritou.

ONÇA- Eu ouvi muito bem alguém gritar assim: pessoal!

URSO- A senhora ouviu mesmo?

ONÇA- Claro. E não vou embora enquanto não descobrir quem gritou.

URSO (Como quem teve uma idéia)- Ah, dona oncinha, já sei quem gritou!

ONÇA- Quem foi?

URSO (Depressa)- O papagaio, o papagaio. Foi ele quem gritou! (reações do papagaio)

ONÇA- Foi, é? Muito bem. Então eu quero ouvir êle gritar de novo.

URSO- Mas dona onça... (à platéia)-Ih! E agora, como é que vai ser?!...

ONÇA- Ande, vamos, seu urso espertinho, estou esperando!

URSO- Está esperando, é? Está bem, (medroso)- Otavinho grita "pessoal" de novo prá don onça ouvir!...

PAPAGAIO (Resmunda nervoso sem saber o que fazer)-Hum! Hum!...

ONÇA (Furiosa)- Já estou perdendo a paciência!

PAPAGAIO (Respira fundo, resmunda alto como quem vai falar)

COELHO (Atrás do papagaio, grita ao mesmo tempo)-Pessoal!...

URSO (Feliz) - Está vendo como foi êle quem gritou?!...(Papagaio abre os braços e balança o corpo procurando esconder mais o coelho)

ONÇA (Que esteve o tempo todo olhando o papagaio)-Vocês pensam que me enganam, é?

URSO- Mas quem está querendo enganar a senhora?

ONÇA (Premeditada)- Foi êle quem gritou, não foi?



URSO- Foi. A senhora mesma ouviu.

ONÇA- Ah, que gracinhas!... Muito bem. Então se foi mesmo o papagaio - quem gritou, como é que ele não mexeu com a boca?

URSO (Pensa rápido)- É porque ele é mudo!

ONÇA- Mudo? Então como é que eu ouvi a voz dele?

URSO (Pensa rápido)- É porque é mudo ventríloquo!

ONÇA- Ventríloquo?... O que é isso?...

URSO- Ventríloquo é uma pe soa que fala pelo peito com a boca fechada.

ONÇA- Ah é? (repara)- E por que é que ele está com os braços abertos?

URSO- É porque nós estamos brincando de surdo-mudo e ele é um mudo que pensa que é um passarinho!

ONÇA- Eu, hein?!.. Que brincadeira mais bôba! Vou embora!

URSO- Adeusinho, dona Onça! (Onça sai)- Pode se mecer, Pitomba, ela já foi embora! (papagaio e coelho se movimentam).

COELHO- Meninos, que susto! Que onça mais teimosa, não queria acreditar em vocês, não foi mesmo?

PAPAGAIO- Você nos deu um trabalhão!

COELHO- É, mas o susto que eu levei não foi pequeno. Bem, deixem eu encher o meu baldinho!

PAPAGAIO- Depressa, coelhinho!

ONÇA- (Voz de dentro) - Vocês me enganaram, seus moleques! (pânico.O/ coelho, sem saber o que fazer, mete o balde na cabeça e se agacha atrás do poço, protegido pelo urso que tapa a visão da onça) (entra a onça).

URSO- (Ao vê-la, fingido)-Olá, dona oncinha!..

PAPAGAIO- (idem)- Há quanto tempo!...

URSO- Já estávamos morrendo de saudades!..

ONÇA- (Estranhando)- Eu vi vocês dois conversando com mais alguém!

URSO- Nós? Não é possível! Pode ver se tem mais alguém aqui!

ONÇA- Vou ver mesmo! (Começa a procurar em volta do poço, enquanto o papagaio e o urso acompanham os seus movimentos e o urso sempre tendo o coelho sob sua proteção. Quando estão voltando à posição inicial, o balde cai na frente do poço. Coelho continua escondido) É, não tem mais ninguém mesmo! (Vê o balde caído) Achei!!!

URSO E PAPAGAIO- (Sem perceber que ela se refere ao balde)- Mossa!!!

ONÇA- Você s , hein?!

URSO E PAPAGAIO- Nós, o que?!

ONÇA- Espertinhos! Sabiam que o meu balde estava aqui e não me disse nada!

URSO E PAPAGAIO- (Alívio)-Ah...

ONÇA- (Parte em direção ao balde)- Vou correndo guardar o pobrezinho!



URSO- (Temendo que ela veja o coelho, corta)- Não dona onça. A senhora, está enganada! Esse balde é meu!

PAPAGAIO- É, sim, dona onça, eu sou testemunha!

ONÇA- Então, onde é que está o meu? Já o procurei por toda parte.

URSO- Vai ver, a senhora o esqueceu na floresta. (os dois fazem marcas em volta da onça tentando impedir que ela se aproxime do balde, que cai perto do coelho).

PAPAGAIO- Ah! Agora me lembro!...Ontem, a senhora foi com ele na casa / da dona girafa!

ONÇA- Mas esse aí é igualzinho ao meu! Eu conheço pela alça Vou ver. (parte)

URSO- (Cortando) - Dona onça! (ela pára) Que cor é a alça do seu?

ONÇA- (Diz uma cor que não seja a do baldinho que está no chão) anda mais em direção ao balde).

URSO- A desse aí é... (diz a cor verdadeira) (ela pára).

ONÇA- (empurrando o urso)- Deixa eu ver, sáia da frente! (pega o balde rápido e conclui) É, a alça deste é de outra cor! entrega o balde ao urso que o recoloca no chão) (onça toma cena, de costas para os dois, falando distraída) Mas que coisa gozada, é tão parecido! (aos dois, sem os olhos) De quem é mesmo esse balde?

COELHO- (Grita de trás do poço) (disfarça a voz)- Meu!

ONÇA- (Volta-se furiosa)- Quem falou?

OS DOIS- Ninguém, dona onça!

ONÇA- Vocês estão zombando de mim? Quem falou?

URSO- Mas quem está zombando da senhora? Ninguém falou.

ONÇA- Bem, por esta vez passa. (Vai saindo pela platéia).

COELHO- (Põe a cabeça acima do poço e grita com voz disfarçada)- Dona onça malhada! (esconde de novo) (os dois fazem "psiu")

ONÇA- (Volta furiosa) (aos dois) - Quem me chamou de onça malhada? Eu/ detesto apelidos!

URSO- (Riso amarelo) - E a senhora não é uma onça malhada?!

ONÇA- Não senhor, seu bôlo-fôfo! (Dá-lhe uma palmada na barriga) Eu sou uma onça pintada! Há muita diferença!.. (desfila vaidosa)

URSO E PAPAGAIO- (aproveitam que ela conversou e gritam batendo palmas) - Muito bem! Já ganhou! Rainha da Floresta!

ONÇA- (Grita furiosa) - Não disfarcem, não! Eu quero saber quem me chamou de onça malhada?!

URSO- Ninguém, dona onça. Puxa, como a senhora é desconfiada!

PAPAGAIO- É sim, dona onça, e eu acho que a senhora está ficando maluca!

ONÇA- O que, seu atrevido?!..(Corre atrás do papagaio, em círculos. O urso por sua vez, corre atrás da onça gritando "perdoa" ele, dona onça"-

URSO- (Grita furiosa) - Não disfarcem, não! Eu quero saber quem me chamou de onça malhada?!

Falas livres. Tudo em volta do poço. O coelho, para não ficar à descoberto, corre atrás do urso, meio agachado. Quando completam a primeira volta em torno do poço, o coelho consegue dar uma palmada na onça. Ela pensa que foi o urso. Se volta e muda a direção da corrida. Desta vez o coelho se agarra nas costas do urso e é obrigado a correr de costas. Em dado momento, o papagaio e o urso descem para a platéia. O coelho consegue se esconder de novo atrás do poço. A onça prefere / descer também, agora perseguindo sempre o urso. O coelho, ao se ver sozinho sai do esconderijo e fica torcendo do meio do palco. Grita pelo urso e pelo papagaio para que voltem. Coelho ajuda papagaio a subir. Urso não consegue subir e cai. A onça sempre perseguindo os dois. Forma-se a maior confusão no palco. Por força de "marca", há um momento / em que o coelho e a onça se encontram cara à cara).

ONÇA- (Ao deparar com o coelho, dramática)- Coelhoinho Pitomba!!!

COELHO- (Idem)- Dona Dona Matilda!(Onça avança. O coelho dribla onça em volta do poço. Fazem esse jogo enquanto funcionar. De repente, o coelho tropeça e a onça finalmente consegue agarrá-lo)

ONÇA- Peguei!!! (canta enquanto amarra o coelho no poço) O coelho é esperto- Mas eu sou muito mais,(bis) Samba, samba, samba, coelho - na panela da Matildinha!...(bis) música de samba lélé) (apanha / rápido um caderninho com lápis) Bem, vejamos agora uma receita de grizado de coelho! (anotado) Um caldeirão bem cheio de água fervendo..

COELHO- Água fervendo não, dona onça. Água morna é melhor! (urso e / papagaio estão planejando alguma coisa. Marcas).

ONÇA- Não me interrompa!

COELHO- Então põe água gelada! Assim, eu bebo a água!

ONÇA- (Continua)- Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO- Pimenta não, dona onça, me dá alergia...

ONÇA- E daí?

COELHO- Eu vou ficar espirrando dentro da panela!

ONÇA- Eu tanpo a panela!

COELHO- Eu viro " pipoca"!

ONÇA- Cale-se!(continua) Cinco latinhas de pimenta do reino...

COELHO- (Espirra forte)- Atchiiim!!!

URSO E PAPAGAIO- Saúde!

COELHO- Obrigado!

ONÇA- (conclusiva)- três comprimidos contra espirro! (continua) Sete colheres de sal grosso...

COELHO- Sal grosso? Por que a senhora não põe açúcar? Eu gosto mais / de açúcar!



ONÇA- (distraída) - Ah, é! Eu também gosto mais de açúcar!...(tom)/
(caiem si) Não me confunda, açúcar é para: sobremessa! (continua) /
Duas xícaras de vinagre, alho, pimentão, tomate, salsa...(pensa) -
Acho que é só!

URSO- (Que já chegou a um acôrso com o papagaio)- Dona onça, a senho-
ra esqueceu a cebola!

ONÇA- (Vai ao urso que está longe do local onde está o coelho)-Ah, é
mesmo! Quatro cebolas grandes... em rodelas ou picadinhas?...(enquan-
to isso, o papagaio vai de mansinho e desamarra o coelho e volta para
o seu lugar)

URSO- (Continuando)- Azeitonas...(Olha pra ver se o coelho já fugiu)

ONÇA-(Anota)- Quatro latas de azeitonas...

URSO- (Vê que o coelho já foi desamarraado)- Agora já está bom, dona/
onça!

ONÇA- Ótimo! Vamos ao guisado! (Vira-se).

COELHO- (À parte de sua casa) -Dona onça Matilda, uh!uh! (foge)

ONÇA- (Parte na direção do coelho, mas o urso e o papagaio lhe barram
o caminho... Onça sai furiosa para sua casa).

PANO RÁPIDO

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Mesmo cenário. Abre-se o pano. O papagaio está em cena, dormindo ao /
lado do poço. Ronca alto e se mexe como quem está tendo um pesadêlo.

URSO- (Entra tristonho e cabisbaixo. Vê o papagaio)-Otavinho! Otavi-
nho! acorde Otavinho!

PAPAGAIO- (Fala dormindo)- Não, não seu lóbo, a corda, não!

URSO- (Sacode o papagaio)- Acorde, Otavinho! Acorde!

PAPAGAIO- (Sobressaltado)- Af, que susto! Que pesadêlo horrível!

URSO- Você já pensou, Otavinho?!... Ninguém vai resistir!...três menses/
é muito tempo.

PAPAGAIO- É sim. O Coelhoinho Pitomba nem ligou! Disse que sabia como/
resolver o problema! É o que ele pensa!

ONÇA- ¶ Aparece feliz, cantarolando. Traz dois pedaços de tábuas, mar-
teirinhos pregos, veste um avental com bolsos) (Finge que não vê os /
dois (cantarola) Oh, que dia tão feliz! Trá-lá-lá-lá! Trá-lá-lá-lá!
(aos dois, como se os visse agora) Olá, querida nhos, que lindo dia
não é? (canta baixo).

URSO- É, mas isso agora não importa. Estamos muito preocupados.

ONÇA- Preocupados com o quê, meus amorzinhos?

PAPAGAIO- Então, a senhora ainda não sabe?

ONÇA- O que é que eu ainda não sei?

URSO- Da sêca, da sêca, dona onça. O professor Coruja disse que duran-
te três menses não vai chover nadinha. E todos os rios vão secar.

ONÇA- É verdade? Ora não faz mal.



PAPAGAIO- Não faz mal?! E onde nós vamos beber água?

ONÇA- Vocês, não sei. Quanto à mim, sou a única na floresta que tenho poço em casa. E ~~ele~~ é bem grande e bem fundo! Com licença, tenho ^{muito} o que fazer. (Começa a pregar as tábuas na boca do poço)

URSO- Prá que essas tábuas, dona onça?

ONÇA- Porque de hoje em diante, ninguém mais vai apanhar água no poço da onça Matilde. Bem, com licença, preciso trabalhar. (Cantarola/ alto. Os dois saem cabisbaixos).

ONÇA- (Continua fazendo cena. Pára súbito. Pensativo)- Espere m!... Mas que estúpida que eu sou!.. Se proibir de apanharem água no meu poço, jamais conseguirei executar o meu plano: pegar o Coelho Pitomba! Lógico! Os rios já estão quase sem água e eu sou a única pessoa na floresta que tem um poço..... (pausa) Mas esperem.....Ah, é isso mesmo?

Onça Matilda, você é formidável!..... (Chama musical) Meus amiguinhos, onde estão vocês?!..... Ricardão! Otavinho!..... Venham aqui um instante!..... Tenho uma grande notícia para todos!.....

(Entrando com o papagaio)- A senhora chamou a gente?

ONÇA- Chamei sim.

PAPAGAIO- O que é que a senhora quer?

ONÇA- Sabem? Estive pensando bem: se vocês não tiverem onde beber água, naturalmente irão embora para outra floresta.

OS FOIS- Claro!

ONÇA- Pois é. Então, o que me adianta ter um poço tão grande, tão fundo e só para mim?!

URSO- Mas a senhora disse que ninguém....

ONÇA- Eu disse, mas agora não digo mais. (Tirando as táboas) Estão vendo? Vou fazer uma boa fogueira com essas táboas. O poço da onça Matilda agora é de todo mundo!

URSO- Que bom! Otavinho, vamos apanhar nossos baldes. (sem correndo).

ONÇA- (Cantarola misteriosa, fazendo caras) (os dois voltam com os baldes. A onça ajuda os dois. Vão saindo) - E, por favor, digam ao Pitomba que venha apanhar água também. Não precisa ter medo.

URSO- Está bem, dona onça. Nós diremos sim. E muito obrigado.

PAPAGAIO- Nós vamos agora na casa do Pitomba prá avisar a ele. Até logo dona onça. (Os dois entram na casa do coelho. O urso tem dificuldades porque é gordo. Balança, mas entra).

ONÇA- (Sd) - E agora.... uma surpresa para o nosso coelhinho! Esperem só! (Sai) (aparecem o urso, o papagaio e o coelho).

URSO- (Vem puxando o coelho que está com medo) - Pode vir, Pitomba. Não tem ninguém.

COELHO- Eu ainda não estou convencido. Conheço bem a dona onça.

URSO- Olha só como ela até retirou as táboas que estavam tapando o poço! Olha só como ela até retirou as táboas que estavam tapando o poço!



COELHO- (Observa) - Ah, é verdade! Será que ela mudou mesmo?

URSO- Nem tenha dúvidas! Sabe por que? A dona onça ficou com medo de nós todos irmos embora e ela ficar sòzinha aqui na floresta!

PAPAGAIO- Ela agora está tão boazinha, que até nos ajudou a encher os nossos baldes.

COELHO- Então ela mudou mesmo!!.....

URSO- Estamos dizendo!

COELHO- Parece mentira... (onça aparece, vê os três e se esconde).

URSO- Eu e Otavinho vamos contar prá todo mundo a boa nova. Assim, ninguém precisa ficar com medo da sêca.

COELHO- Isso mesmo. Assim que eu encher o meu balde, vou encontrar com vocês. (Os dois saem em direção à floresta e o coelho prá sua casa).

ONÇA- (Aparece. Cantarola é dá pulinhos de alegria)- Ah, enfim o grande momento! Mãos à obra! (Tira do bolso duas enormes cenouras e um longo fio de Nylon envólto em fôlhas. Amarra as cenouras numa ponta, prêsas a um ganchinho de arame, segura na outra ponta e vai correndo se esconder em sua casa, ao ouvir um ruído qualquer vindo da casa do coelhinho. Antes colocou a ponta com as cenouras no meio da praça, perto do pocinho)

COELHO- (Entra feliz trazendo o baldinho) - Ainda bem que a dona onça resolveu ficar boazinha. Tenho certeza que assim ela vai conseguir arranjar muitos amiguinhos. O pessoal da floresta nem vai acreditar. (Vai encher o balde e depara com as cenouras) Ora, vejam só que lindas cenouras! (Vai abaixar, recua para o outro lado) Será que não pertencem à alguém? (Nesse momento, do seu esconderijo, a onça dá um puxão no fio sem que o coelho veja) Mas quem deixaria duas cenouras tão lindas aqui no meio da praça?! Ninguém, é claro. (Mesmo jôgo) Bem, se o dono aparecer de repente, eu devolvo as cenouras, não é mesmo?

(A Onça dá mais um puxão) Ah, elas estão com fôlha e tudo. Devem ter nascido aqui por engano! (Mesmo jôgo. Onça idem) Esperem, será que tem alguém olhando?

COELHO (Olha em redor) - Não, ninguém! (Vai decidido apanhar as cenouras) (nisso, a onça se atrapalha nos seus movimentos e continua puxando lentamente o fio, crente que o coelho não está vendo. Coelho observa espantado) - Ué, a cenoura está andando sòzinha?! Será que é cenoura mágica?..... (Onça pára de puxar) (Reação da platéia) "é da onça! é da dona onça!) Coelho faz mímica de quem percebeu que as cenouras mudaram de lugar e conclui que é mais um truque da onça. Gesto de silêncio prá criançada. Fazendo caras de suspense, retira as cenouras do ganchinho e sai pé a. te pé prá sua casa).

ONÇA- (Alheia ao que se passou, dá mais um puxão. Outro. ~~percebe~~ o silêncio. Puxa com força e surge em cena ao mesmo tempo que deu o puxão para abocanhar o coelho que ela supõe estar tentando apanhar as cenouras. Constata que as cenouras desapareceram. Sapateia furiosa)- Esse coelho me paga!!! (Sai bufando prá casa).



URSO- (Com o papagaio, voltando do passeio)- Você viu, Otavinho, A dona Girafa ficou tão contente com a notícia que até resolveu fazer um vestido novo, só prá vir apanhar água no poço da dona onça.

PAPAGAIO- E, mas só à muito custo que a lebre Vandéca acreditou na história.

URSO- Ora, porque e la é prima do Pitomba! (Entra a onça bufando e trazendo uma enorme espingarda).

ONÇA- (Aos dois)- Saíam da frente, não quero ver ninguém! Estou de mau humor! (Coloca-se em guarda na frente do poço).

URSO- Ué, que foi que houve, dona onça?

ONÇA- (furiosa)- Já disse que estou de mau humor!

PAPAGAIO- Estamos tendo...

URSO- E prá que essa espingarda?

ONÇA- Prá que? Ah, foi bom (Dá com a espingarda na cabeça do urso) você você perguntar!

PAPAGAIO- Calma, dona Onça.

ONÇA- Essa espingarda é o meu primeiro aviso!

URSO- Aviso de que? (O coelho aparece, sem ser visto, e se esconde para ouvir)

ONÇA- Aviso de que ninguém mais vai apanhar água no meu poço! Quem aparece leva chumbo!...(Coelho sai).

PAPAGAIO- Mas a senhora tinha dito...

ONÇA- Tinha dito, mas agora não estou dizendo mais!

URSO- E qual vai ser o segundo aviso?

ONÇA- (Urrando) Um canhão!!!

PAPAGAIO- Por favor, Ricardão, não pergunta qual vai ser o terceiro.

URSO- (Saindo com o papagaio)- E agora, o que vai ser de nós?

ONÇA- (Só. Triunfante)- Agora o Pitomba vai ver! Vou me vingar de tudo! De tudo! (Ouve-se, fora de cena, um cantaralar estranho. A onça fica a postos)Que será isso? Que voz mais esquisita? (Ouve) Não consigo reconhecer essa voz...De quem será?

COELHO- (Entra " vestido" de árvore, Roupão de morim ou luizine marron/escuro, cortado inteiro da cabeça aos pés. Mangas compridas. Buracos para serem as orelhas, os olhos e a boca. Folhas verdes (pencas de samambaia funcionam) costuradas na cabeça, nos braços e até a metade do tronco. Traz o balde meio encoberto de folhas. Solfeja com a voz estranhíssima. Vai direto ao poço. A roupa de árvore encobre totalmente o coelho, ficando apenas as orelhas de fora) (coelho entra fingindo que não vê a onça. Canta com a música de " Eu fui no toróró" , dança espalhafatosamente forçando a onça a correr pelo palco).



Eu venho da floresta
Estou cansada de andar
Procuro um pocinho
Prá minha sede matar
Onde é que tem?
Onde é que tem?
Um pouquinho d'água
Prá mim dar meu bem!

Ah, eu estou tão cansadinha, estou andando há três dias e três noites procurando um pocinho e nada de encontrar. (Repete o fim da música) Acho que vou me sentar um pouquinho prá descansar... (Com meneios de velha, senta-se junto ao público).

ONÇA- Ei, quem é você?

COELHO- (Vem à ela)- Eu sou uma pobre árvore cheia de sede.

ONÇA- Árvore?! Eu nunca vi árvore andar e falar.

COELHO- A senhora desculpe a falta de modéstia, mas é que eu sou uma árvore muito inteligente.

ONÇA- Ah, é? Meus parabéns! Com licença, estou muito ocupada.

COELHO- Acho melhor eu ir embora. Já perdi a esperança de encontrar um poço nesta floresta. (Finge que só agora vê o poço da onça) Oh, um poço! Que sorte! Um poço bem perto de mim e eu nem tinha visto! Será que não é uma miragem?

ONÇA- Não, é meu poço!

COELHO- Com licença, minha gentil senhora, posso encher o meu balde? (Ainda pega, pegando a cordinha com a lata).

ONÇA- (Dá com a espigarda)- Alto lá! Ninguém, nem mesmo uma árvore, pode apanhar água no poço da onça Matilda!

COELHO- Não! A senhora se chama Matilda? Que lindo nome! (Estende a mão) Muito prazer, dona Matilda.

ONÇA- (Aponta a espigarda)- Não quero intimidade!

COELHO- Desculpe a pergunta, mas por que é que a senhora está tão zangada?

ONÇA- Zangada? Eu estou mais do zangada!

COELHO- Talvez eu possa ajudar... Quer que eu segure a espigarda para a senhora?

ONÇA- Nada disso! Afaste-se!

COELHO- Mas a senhora está zangada com quem?

ONÇA- Com todo mundo! Principalmente com esse pestinha do Pitomba.

COELHO- (Disfarça)- Pitomba- Que nome gozado! Não conheço ninguém com esse nome. Quem é Pitomba?

ONÇA- É um coelho que vive me fazendo de bôba, mas hoje eu vou acabar e com a farra dele!



COELHO- Dona Matilda, eu tive uma idéia: eu fico aqui tomando conta do / seu poço, enquanto issa, a senhora vai procurar esse tal de Pitomba e se vinga de tudo. Em troca, a senhora deixa eu apanhar água. Que tal?

ONÇA- Nada feito. Eu mesma quero ficar vigiando o meu poço.

COELHO- Mas a senhora, vai ficar muito cansada.

ONÇA- Não faz mal. (Intrigada) Mas por que é que a senhora está tão interessada em me ajudar?

COELHO- É porque eu não posso voltar pra casa sem levar água para as outras árvores. E a senhora sabe o que vai acontecer se nós, as árvores, não tivermos água para beber?

ONÇA- Sei, sim. Vocês vão ficar com mais sede ainda.

COELHO- Não é isso. Nós vamos ficar tão franquinhas que nem vamos poder produzir frutas gostosas pra alimentar os bichos da floresta.

ONÇA- Não vai ter mais fruta nenhuma?

COELHO- Nenhuma!

ONÇA- Nem jabuticabas?

COELHO- Nem jabuticabas, nem melancias!

ONÇA- Que pena, eu sou louca por jabuticabas.

COELHO- Pois é, até as jabuticabeiras vão secar se não tiverem água pra beber! (Onça vai ficando preocupada) E ainda tem mais: as nossas folhas vão cair todinhas, uma por uma. E aí, quando a senhora estiver debaixo do sol, suando de calor, bufando com a língua de fóra, nós não vamos poder fazer nem uma sombrinha pra proteger a senhora.

ONÇA- (Mais preocupada) - Ih, é tão bom comer jabuticabas..... debaixo de uma sombra bem grande, então, nem se fala. Puxa, eu nem tinha pensado nisso. Água faz mesmo muita falta, não é? Então está bem dona Árvore a senhora venceu! Pode vir apanhar água todos os dias. Mas só a senhora, está bem? E não conte a ninguém, ouviu?

COELHO- Pode confiar em mim, dona Matilda! (Enche o balde).

ONÇA- E se a senhora quiser, pode trazer umas jabuticabas pra mim....

COELHO- Umas não, amanhã a senhora vai ganhar uma cesta cheia de jabuticabas e bem fresquinhas.

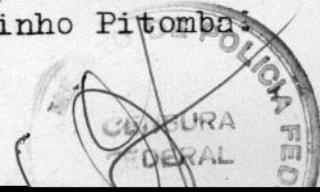
ONÇA- A senhora é muito bondosa!

COELHO- (Saindo) - Até amanhã, dona onça, muito obrigadinha.

ONÇA (Dando "Adeusinhos") - Não se esqueça das jabuticabas! (Coelho sai. Ouve-se fortes ruídos na cochia) (Grito pra dentro) Cuidado pra senhora não cair!?

COELHO- (De dentro) - Agora é tarde querida já me esborrachei toda!

ONÇA- (Ri. À platéia) - É sempre bom a gente ter uma árvore por perto nos dias de calor. E aquela foi muito gentil.... (Pausa. Sorri) Agora estou me lembrando.... (Começa a rir).... ela tinha umas orelhas tão engraçadas....(Ri mais) (para espantada) Eu disse orelhas? (Frisa) Eu disse orelhas?!..... (Desesperada) Não!!! Era o coelhinho Pitomba.



(Chora. Nesse momento, aparecem o urso e o papagaio que se escondem prá observar a cena) (A onça fala lenta e tristemente) Matilda, minha pobrezinha, tenho a impressão de que você vai passar a vida inteira perseguindo o coelhinho Pitomba! (Outro tom) É mesmo? (Tom) Claro! E nunca, nunquinha, você vai conseguir fazer aquele tão sonhado guisado! Buááá (Sai chorando) (O urso e o papagaio tomam a cena).

URSO- Você ouviu isso?

PAPAGAIO- Claro que ouvi. não sou surdo. (Choro do coelhinho na coxia. Os dois se escondem).

COELHO- (Entrando)- Coelhinho Pitomba, você é muito esperto! Mas no fundo, no fundo, é um bobão muito grande! (Outro tom) Atrevido, eu? Mas eu sou você! Viu como você é bobão? (Tom) Então eu sou mesmo bobão!.....

(Tom) Coelhinho Pitomba, você acha que é divertido não fazer outra coisa a não ser viver fugindo e fugindo da onça Matilda? (Tom) Eu não acho divertido, não, mas se eu não fugir da dona onça, eu viro guisado! (Pensa) Ah, tive uma idéia!..... Vou me mudar prá uma floresta bem longe daqui, convido os meus dois amiguinhos, aí fico livre da dona onça por toda a vida! Vou arrumar minha malinha!..... (Sai).

URSO- (Volta com o papagaio) - Você ouviu isso, também?

URSO- E agora?

PAPAGAIO- E agora? Você se lembra quando eu disse uma vez que nós dois podíamos fazer uma negócio muito bom?

URSO- Deixa eu pensar. (Pausa) Ah, me lembro sim! Você disse que a dona onça e o coelhinho deviam ser amigos!

PAPAGAIO- Isso mesmo! Você notou os dois estão preocupados?

URSO- É claro que notei! (Doutoral) Otavinho, você é um gênio! Vamos acabar com a briga dos dois! (À platéia) Querem ver? Vocês querem que eles dois fiquem amiguinhos?! (Espera resposta) Atenção! (Chamando) Dona onça Matilda?!

ONÇA- (De dentro)- Quem ousa interromper a minha tristeza?

URSO- Venha cá um instantinho.... por favor...

ONÇA- (Entra, chorosa) - Eu não quero viver a vida inteira perseguindo o Coelhinho Pitomba! (Chora mais).

URSO- Calma, dona onça, não precisa chorar tanto. Nós já resolvemos tudo!

ONÇA- Resolveram tudo, como?

URSO- Que tal a senhora e o coelhinho se tornarem bons amiguinhos?!

ONÇA- Eu, amiga do coelhinho? E o meu guisado?

URSO- Ora, dona onça, existe uma porção de guisados muito gostosos, sem ser de coelho! Escuta: todo mundo sabe que guisado de cenoura com carne seca é o melhor quitute que existe.

PAPAGAIO- É sim, dona onça, eu já provei. É tão gostoso!

ONÇA- É mesmo?

PAPAGAIO- Depois nós damos a receita para a senhora.



ONÇA- Então eu vou experimentar! (tristonha)-Mas como é que o Coelho vai acreditar que eu quero ser amiguiinha dele?

URSO- Deixe por nossa conta. Fique escondida atrás do poço.(Onça Obedece)

PAPAGAIO- Posso chamar o coelhinho?

URSO - Pode, pode.

PAPAGAIO(à platéia)- Então, todos nós vamos chamar o coelhinho Pitomba! Já! (Dando ritmo à criançada)-Coelhinho Pitomba! Coelho Pitomba, etc. (Forma-se enorme gritaria)

COELHO (Pula em cena)- Que gritaria é essa na minha porta?

PAPAGAIO- Nós queremos brincar com você.

COELHO- Nossa! Pensei que fôsse um terremoto!... (outro tom)- Como é que vocês podem pensar em brincar, quando eu, pobre de mim! - só tenho que viver fugindo e fugindo da onça Matilda.(Chora)

URSO- Ora, Pitomba, não chore mais. Se você quiser, não precisa mais fugir da dona Onça, e vamos brincar todos juntos!

COELHO- Você é muito gozado, Ricardão. Como é que nós vamos brincar - todos juntos, se a dona onça não descansa enquanto não comer um guisado do coelho Pitomba?&

PAPAGAIO- Seu bôbo, ela está louca prá ser sua amiguiinha!

COELHO- Dona onça quer ser minha amiguiinha?

URSO - É, sim. Quer que eu te dê uma prova?

COELHO- Que prova?

URSO- Eu vou chamar a dona onça, preste atenção.

COELHO- Vai chamar a dona onça? Então, deixe eu me esconder atrás de você? (Esconde-se atrás do urso)

URSO- Atenção! (Chama)- Dona onça Matilda! Qual é o prato que a senhora gosta mais?

ONÇA (De trás do poço)- Guisado de cenoura com carne seca!

COELHO- Será que eu ouvi direito?

ONÇA (Idem)- Ouviu sim!

PAPAGAIO- Então, Pitomba, podemos trazer a dona onça?

COELHO- Não sei, não. (Pergunta à platéia)- Que é que vocês acham? Eu e a dona onça devemos ser amiguiinhos? Vocês acham que sim? Então, está bem podem trazer a dona onça.

PAPAGAIO- Dona onça, pode vir! (A onça vem fazendo "charme". Pisca-pisca para o coelho. Ele responde igual)

COELHO- Hum, ela está tão esquisita!

ONÇA - Seu Coelhinho Pitomba! Uh!... Uh!...(Faz um trejeito de bailarina)

COELHO- Eu acho que ela vai dançar ballet!

PAPAGAIO(Corrigindo)-Não coelhinho, ela está de botas!



COELHO- É mesmo. Faz a pose de novo, dona onça.

ONÇA- Seu Coelhinho Pitomba! Uh!... Uh!... (Exagera os trejeitos)

COELHO- Ah, é yê, yê, yê, yê! (Faz passos de dança, galanteador)- Dona Matilda, uh!... uh!... (Ela aproxima, os dois dão as mãos e falam ao mesmo tempo)

ONÇA E COELHO- Vamos ser amiguinhos?

URSO (Tomando cena)- E assim termina!

PAPAGAIO (Idem)- A história engraçada!

ONÇA (Aponta o coelho)- Do coelhinho Pitomba!

COELHO (Aponta a onça)- E da oncinha pintada! (Os personagens dão as mãos e se inclinam em agradecimento)- Um momento! Dona Oncinha, que tal se nós todos cantássemos a musiquinha do Coelhinho Pitomba? (Todos pulam e batem palmas)

ONÇA- Que bom! Que bom! (Reflete)- Mas acontece que eu não sei a letra da música!

COELHO- Não tem importância. Nós cantamos uma vez sozinho, depois a hora acompanha a gente está bem?

ONÇA- Ótimo! Podem começar. Vou prestar atenção.

COELHO- (Canta com o urso e o papagaio a música do coelhinho)- E er... dona onça, já aprendeu?

ONÇA- Já, escute só. (Canta sozinho os dois primeiros versos em seguida, todos cantam, com ritmo de palmas) (No momento em que a letra é: "Como é o meu nome? Coelhinho Pitomba! Como é que eu me chamo? Coelhinho Pitomba!" A onça se destaca do grupo e sapateia enfurecida no proscênio)

OS OUTROS (Ficam assustados e se afastam)

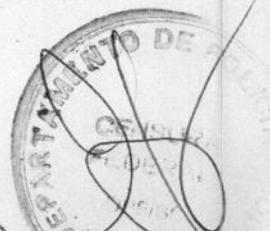
ONÇA (Autoritária)- Que negócio é esse?!

COELHO (Sem compreender)- Que foi que houve, dona onça?

ONÇA (Explicativa)- Como é que eu me chamo?

TODOS - Ah, é! Fazem reverência em volta da dona onça)- Dona onça Matilda! (Saem de cena de mão dadas cantando a música do prólogo)

FIM DA PEÇA





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendência Regional em Santa Catarina
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 15/84-SCDP/SC

Fpólis, 09.07.84

TEXTO: "O COELHINHO PITOMBA"

AUTOR: MILTON LUIZ

GÊNERO: INFANTIL

CLASSIFICAÇÃO: CENSURA LIVRE

Ambientada no que seria uma floresta, a peça apresenta como personagens, um coelhinho chamado Pitomba, uma onça, um urso e um papagaio.

A trama desenvolve-se em torno do coelhinho muito esperto, que vive perseguido pela dona onça, sendo que essa deseja mesmo é comê-lo em forma de guisado. Está bem elaborada, apresentando-se com uma dinâmica bastante alegre, pois insere um número razoável de canções, o que é do agrado do público infantil. A idéia central, seria a de que a inteligência e a esperteza, podem vencer a força e a selvageria.

Entendemos, que s.m.j. deva ser expedido certificado de censura livre, para o texto em questão.

MARIA DE LOURDES ALMEIDA
TÉCNICA DE CENSURA
MAT. 2.415.812

TEATRO

TÍTULO O COELHINHO PITOMBA.

AUTOR: MILTON LUIZ.

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE.

Praça SR/SC

Obs.: _____

DF. 16 / 07 / 84 /

[Signature]
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C

*Senhor Chefe do Serviço de Censura
A presente peça foi liberada já várias
vezes com chancela LIVRE. O parecer do texto
atual indica "livre" também.*

*Com base nestes fatos e condicionan-
do a liberação ao exame do ensaio
geral, opinio pela manutenção da-
quela classificação, ou seja: LIVRE.*

A sua consideração.

BSB, 23/07/84

[Signature]
TC Mat. 1977

Brasília-DF

de

de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP,
tendo em vista tratar-se de _____ para
o qual os censores proferem a classificação
etária de LIVRE
Brasília-DF, 23 de 07 de 19 84

Em _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em 23/07/1984

[Signature]

Solange M. T. Fernandes
Diretora da DCDP



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	3.889	EMIÇÃO	23 DE JULHO DE 1984	VALIDADE	23 DE JULHO DE 1989
----------------	-------	--------	---------------------	----------	---------------------

TÍTULO " O COELHINHO PITOMBA "

AUTOR (ES) MILTON LUIZ

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
 Diretora da DCDP
 ASSINATURA

TÍTULO: " O COELHINHO PITOMBA

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

CERTIFICADO Nº 3.889

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: JOSÉ CARLOS RICARDO

FLORIANÓPOLIS/SC

DECISÃO: L I V R E. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Nei de Oliveira
NEI DE OLIVEIRA
 Chefe do SC /DCDP
 ASSINATURA

Brasília, 23 DE JULHO DE 19 84.

RMS

24 de julho de 1984.

1.267/84-SE/DCDP

SC

"SENHOR DAS AMÉRICAS, de autoria de Hermelino Arruda Neto e
"O COELHINHO PITOMBA, de Milton Luiz.

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 310

19960

30 JUN 15 24 88 000000

FLCP

DE RIO NR 5550

30

30/1030

ENCAMINHADO A
CURRICA

DCDP/BSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

RD NR 171/88 - SCDP/SR/DPF/RJ DE 290688 - SOL INFO OQÇ PEÇAS TEA-
TRAIS "O COELHINHO PITOMBA" VG AUTORIA MILTON LUIZ ET "A IN-
FIDELIDADE AO ALCANCE DE TODOS" VG AUTORIA LAURO CESAR MUNIZ PT

SR/RJ

NNNN
TR POR NG

S

Recebi às 9:40
em 08/07/88 (guia 553)
mat. 6190636

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0036, p. 312

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

PRÉAMBULO	Espécie: OFICIAL	Número.....	Data:.....	Nº 0 JUL 10 00 03 000000
	Origem.....	Palavras.....	Hora:.....	
ENDEREÇO	SCDP/SR/RJO/RJ			POSIÇÃO:
				QUITAÇÃO HRS: OPR: <i>[Signature]</i>
TEXTO A TRANSMITIR Nº265/DCDP de 08 - 07 - 98 RERA NRS 168 ET 171/SCDP/RJ 290688 VG INFO PEÇAS "O INSPECTOR GERAL" LIG 10 ANOS CERT VAL 081189 J.I. TEMA TICA RELATIVAMENTE COMPLEXA PTVG "O COELHINHO PITOMBA" CLASSF LIVRE CERT VAL 230789 PTVG "A INFIDELIDADE AO ALCANCE DE TODOS" LIG 14 ANOS CERT VAL 080699 J.I MALICIA ET IRREVERENCIA PT DCDP				
Assinatura ou rubrica do expedidor. <i>[Signature]</i> <i>Helena. Evaron. Domingos</i> Chefe do SC - DCDP				DPF-84